

The background of the cover is a photograph of a woman from the chest up, wearing a white, off-the-shoulder dress with ruffled sleeves. She is holding a large, light-colored parasol. The scene is set outdoors with green foliage and yellow flowers in the background. In the foreground, there are several bright red poppies. The title 'Um amor escandaloso' is written in a large, green, cursive font across the middle of the image. Below the title, the author's name 'MEG CABOT' is written in a smaller, black, serif font, followed by 'ESCREVENDO COMO' and 'PATRICIA CABOT' in the same serif font.

*Um
amor
escandaloso*

MEG CABOT ESCREVENDO COMO
PATRICIA CABOT



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



*Um
amor
escandaloso*

MEG CABOT ESCRREVENDO COMO
PATRICIA CABOT

Um Amor Escandaloso

Título original

A LITTLE SCANDAL

Copyright © 2000 by Meg Cabot escrevendo como Patricia Cabot

Formatação do Epub: **Star Books Digital**

Para Benjamin

Parte Um

Capítulo um



Londres, abril 1870

– Eu não vou– Ela torceu em suas mãos. – Eu disse antes. Largue-me!

– Estou dizendo que vai!

Ele estava cansado de tentar raciocinar com ela. Às vezes parecia que era tudo o que fazia nos últimos 17 anos era argumentar com ela.

– Deixe-me! – Gritou ela contorcendo-se para soltar-se.

– Você vai... – Disse ele, sua voz profunda nada mais do que um rosnado ameaçador que fez o laçao que os esperava do lado da carruagem, levantar-se do banco e revirar os olhos.

– Não, gritou ela, – revirando-se com mais força.

Foi tão ágil quanto um gato e ele foi forçado a segurar seu braço envolto em seda para impedir a fuga.

– Eu disse para me soltar!

Ele suspirou. Bem. Deveria ter suspeitado que chegaria a isso. Uma hora antes, Burke estava fazendo novamente um novo nó na gravata diante do espelho, Duncan era um valete excelente, mas tornou-se mais difícil com a idade e totalmente relutante para as nuances da moda, e Burke foi obrigado a desfazer o seu trabalho, quando senhorita Pitt entrou na sala em um estado de extrema agitação.

– Milorde! – Ela estava com o rosto coberto de lágrimas: – Ela é impossível, não ouve Ninguém? Ninguém, ninguém, pode aceitar ser tratado dessa maneira. Fica além de minhas forças.

Dizendo isto e colocando a mão na boca, a Srta. Pitt deixou a sala de repente. Burke concluiu que a Srta. Pitt pedira demissão. Constrangido, ele voltou sua atenção para o laço da gravata, mas sem muita convicção, pois não tinha mais qualquer necessidade de cuidar de sua aparência. Ao contrário do que era esperado, teria que acompanhar Isabel ao baile de lady Peagrove, em vez de passar a noite com a incomparável Sara Woodhart.

– Que o diabo leve todas!

E a causa de todos os males estava se contorcendo tentando mordê-lo. Ele esperava que nenhum de seus vizinhos estivesse olhando pela janela porque esse tipo de cena era constrangedor. Tudo era diferente quando Isabel era criança, mas agora...

Agora ele queria mais e mais frequentemente acomodar-se confortavelmente em sua biblioteca

e ficar na frente da lareira com um cigarro.

Sim, ele queria mais do que a companhia da incomparável Senhora Woodhart. Bom senhor! Que horror! Então era verdade? Ele estava ficando velho? Duncan tinha dito isso, em mais de uma ocasião. Não explicitamente, é claro, um bom valete nunca daria a entender que seu senhor não estava mais no auge da mocidade. Mas outro dia, o ladino teve a coragem de entregar um colete de flanela. Flanela! Como se Burke em vez de 36 anos tivesse setenta e seis. Como um doente e não um homem robusto, cuja companhia procuravam as mulheres mais lindas de Londres, incluindo a Sra. Woodhart, a mais solicitada. Enfim, naquele dia, Burke recebeu uma boa lição.

Agora era a hora que Isabel também recebesse uma. E ele não estava brincando.

– E eu digo que vai.

Ao dizer isso e com a habilidade adquirida com a prática, colocou-a no ombro e a levantou como se fosse um saco de farinha.

Isabel gritava tão alto que parecia rasgar o espesso nevoeiro que cobria Park Lane, e certamente com sorte, toda Londres. Com esse nevoeiro, levaria horas para chegar à mansão Peagrove. Como se Isabel não fosse suficiente histérica! O que poderia acontecer para piorar? Talvez uma bala na cabeça ou uma faca no coração.

Um momento depois, pareceu que a segunda possibilidade estava prestes a ser concedido. Só que em vez de uma faca, o intruso, que tinha aparecido do nevoeiro como se do nada, estava apontando a ponta de um guarda-chuva na direção de seu coração.

– Eu imploro que me perdoe, senhora, – disse Burke para a proprietária do guarda-chuva falando com calma, pois ele tinha fama de ter o sangue quente – Mas você se importaria de baixar essa coisa? Vou em direção a carruagem que me espera e está atrapalhando o caminho.

– Um passo a mais e você corre o risco de reduzir perigosamente suas chances de paternidade de um herdeiro, – disse a proprietária do guarda-chuva, com uma voz surpreendentemente séria para uma mulher tão magra.

Burke olhou para seu lacaio. Seria sua imaginação ou estava sendo questionado na porta de sua casa por uma completa estranha? Pior ainda, uma completa estranha, que parecia uma menina... apenas o tipo de garota que Burke evitava cuidadosamente, nas reuniões sociais.

E quem poderia culpá-lo? Na maioria das vezes, quando iniciava uma conversa com essas criaturas, a mãe, coberta de joias, aparecia de repente, Deus sabia de onde, para recuperar sua jovem, educadamente, mas com firmeza e conduziu-a para longe dele.

Desta vez, porém não havia uma mãe à vista, ela estava sozinha, o que era uma loucura em uma noite tão escura. Onde estava sua dama de companhia? Tais jovens deveriam ter uma companhia, nem que fosse apenas para que não ameaçassem as pessoas com a ponta de um

guarda-chuva.

Bem. Se ela fosse um homem, Burke simplesmente o teria jogado ao chão com um soco, antes de passar sobre seu corpo inerte e continuar seu caminho. Caso fosse necessário, teria o prazer de colocar uma bala entre os olhos.

Mas longe de ser um homem, era uma mulher pequena, e esticaria o braço o suficiente para tirá-la do seu caminho sem fazer o menor esforço. Não, colocar as mãos em cima de uma mulher, especialmente alguém tão jovem, causa todo o tipo de complicação.

O que deveria fazer?

Perry, a quem Burke pediu ajuda com o olhar, não o socorreu. Ele também olhou para a estranha com olhos arregalados. Não para o guarda-chuva que estava apontado para seu empregador, mas para um dos tornozelos muito finos que pareceu sob a bainha da saia, que tinha subido um pouco devido à posição de esgrimista que tomou.

Idiota! Burke iria garantir que o despedissem pela manhã mesmo.

– Deixe-a no chão imediatamente, – disse a jovem.

– Escuta... – começou com um tom muito mais conciliador do que foi capaz. – Não há necessidade de furar-me. Veja, eu sou...

– Eu me importo a mínima, – ela o interrompeu rapidamente, – Você vai colocar a garota no chão e poderá considerar-se sortudo se eu não vou chamar a polícia, mas ainda posso fazer isso. Nunca vi na minha vida, nada tão escandaloso. Um homem abusando de uma jovem que deve ter apenas metade da sua idade!

– Abusar! – Repetiu Burke prestes a soltar sua carga pela surpresa: – Como atreve a sugerir tal coisa...? – Você realmente acha que...

Para seu grande desgosto, Isabel, que estava assistindo tudo em um silêncio suspeito, desde que a bruxa começou a ameaçá-lo, levantou a cabeça coberta pelo capuz e começou a gemer:

– Por favor, senhorita, ajude-me. Está me fazendo muito mal....

A ponta do guarda-chuva foi fortemente apoiada em cima da lapela do casaco, na direção do coração. A garota virou a cabeça para o laçao:

– Ei você! Não pode ficar aí sem fazer nada, seu idiota ignorante. Chame um policial!

Perry ficou mudo. Ele olhou para o exasperado James, com o rosto contorcido como estivesse pensando, dividido entre a lealdade ao seu senhor e o desejo de não contrariar a desconhecida.

– P.. Mas, ele me despedirá senhorita.

– Você? – Ela repetiu, abrindo os olhos cinza que já estavam enormes, escolha o que você prefere, ser demitido ou ser colocado na cadeia por cúmplice de estupro e intimidação?

– Porque, senhorita... – choramingou Perry.

Isabel, que conseguiu controlar-se, começou a tremer cada vez mais forte por cima do ombro

de Burke e seu espartilho foi incapaz de conter os espasmos violentos quando ela começou a rir. Burke ficou pálido sob sua cartola. Jogou o braço para trás com a clara intenção de ganhar impulso para a discussão pura e simples.

Essa foi a gota que encheu o copo, decidiu Burke.

– Ouça, – disse. E Isabel deslizou do ombro de Burke para ficar ao lado dele. – Embora não saiba como chegamos a uma situação tão grotesca e também na porta de minha casa, asseguro que tudo é completamente respeitável. Acontece que essa menina é minha filha.

O guarda chuva não se mexeu um centímetro. Nem mesmo um milímetro.

– Não venha com histórias, – falou a intratável desconhecida.

Burke olhou em torno procurando algo que pudesse ser utilizado como um projétil. Ele estava à beira da loucura. O que fez ao Bom Deus para merecer isto? Tudo o que queria era casar Isabel com um jovem educado jovem, que não dilapidaria o seu dote. Queria ser livre para passar uma noite tranquila, com uma bela mulher como Sarah Woodhart. Ou um livro. Isso era pedir muito da vida?

Parecia que os torturadores estavam andando armados com guarda-chuvas pelas ruas de Londres.

Então Perry abriu a boca e disse pela primeira vez em sua vida, algo significativo:

– Ehh... Senhorita! A garota é realmente filha dele.

Incapaz de se conter por mais tempo, Isabel começou a gargalhar e seu riso ecoou por toda a rua.

– Eu sinto muito, – exclamou feliz. – Mas foi tão divertido ver você ameaçar meu pai com um guarda-chuva! Eu não pude evitar.

Desta vez o guarda-chuva hesitou.

– Se este homem é seu pai, por que em nome do céu, gritou? – Ela disse com as sobrancelhas levantadas. – Não entendi.

– Por quê? – Repetiu Isabel revirando os olhos como se a resposta fosse óbvia, porque ele está me obrigando a ir ao baile dos Peagrove.

Para espanto de Burke, a mulher, essa estranha totalmente louca, aceitou a explicação com sincera piedade. Ele viu o guarda-chuva abaixar lentamente até que a ponta tocou o chão.

– Santo Deus! Você não pode levá-la! Isabel puxou a manga de Burke com força.

– Você vê papai?

Agora Burke tinha certeza que a qualquer momento, teria um ataque. O que estava acontecendo estava fora do seu entendimento. Poucos minutos antes a mulher ameaçou chamar a polícia e agora estava tranquilamente discutindo entretenimento da alta sociedade com sua filha, como se elas estivessem falando em uma loja e não no meio de Park Lane, às nove horas da noite,

uma noite com uma névoa e ainda difícil de respirar.

– É uma coisa sem sentido, – disse. – Lady Peagrove convidou o dobro de pessoas do que sua casa é capaz de acomodar, e há apenas parasitas e primos provincianos.

– Eu sabia, – disse Isabel batendo com o pé no tapete, que Perry desenrolado para que seu vestido não sujasse com lama quando fosse subir na carruagem. – Eu não parei de repetir isso, mas ele não quer me escutar.

Com a clara impressão de que elas estavam falando dele, como se não estivesse presente, Burke ficou mais irritado do que nunca.

– Ele só escuta a senhorita Pitt, – continuou Isabel. – Ela tinha alguma noção absurda de ir à casa dos Peagrove.

– Quem é a senhorita Pitt? – perguntou a estranha.

Antes que Burke pudesse dizer uma palavra, sua filha respondeu:

– Minha dama de companhia, ou a minha ex-dama de companhia, caso prefira chamar. Pelo menos era, porque renunciou.

– Dama de companhia? E por que diabos tem uma dama de companhia?

– Porque a mãe dela morreu, caso queira realmente saber de tudo, – respondeu acidamente Burke– Agora, minha senhora, nos dê licença...

– Tão rápido! Não! – disse Isabel, – isso não é tudo. Minha mãe morreu, sim, mas ele impôs uma acompanhante porque nunca preocupou-se em levar-me a qualquer lugar – disse ela para a desconhecida. – Ele quer passar mais tempo com a Sra. Woodhart.

A mão de Burke apertou o braço de Isabel.

– Perry, a porta por favor.

O criado, que estava ouvindo a conversa com mais atenção do que nunca, estremeceu violentamente depois de ouvir as instruções de Burke.

– Hum... Milorde?

Burke pensou se um pontapé na bunda iria fazê-lo parecer um bruto. Provavelmente sim.

– A porta, – ele rosou. – Abra a porta da carruagem. Imediatamente.

O criado apressou-se a obedecer infeliz. Durante esse tempo, para irritação de Burke, Isabel continuou tagarelando.

– Eu cansei de explicar que não queria ir, mas acha que ele me ouve? De jeito nenhum!

– O baile de Lady Ashford é hoje à noite? – Perguntou a jovem mulher casualmente apoiada em seu guarda-chuva– Bem, é isso, então. Você simplesmente não pode perder o baile de lady Ashforth.

– Sim, mas é tudo um complô, veja você, para me manter longe do homem que eu amo...

– Para a carruagem, – interrompeu Burke friamente.

Ficou muito orgulhoso de si mesmo. Mas ainda não tinha conseguido colocá-la na carruagem, como foi a sua primeira intenção. Ele estava aprendendo a controlar seus ataques de raiva e Deus era testemunha que há algumas semanas atrás isso não foi uma tarefa fácil. Mas, embora com dificuldade, ele estava conseguindo. Sim e ele também poderia se livrar da intrusa e seu guarda-chuva sem derramar uma única gota de sangue e obter mais uma vitória.

– Mas, pai, você já ouviu falar desta moça. A festa dos Peagrove não...

– Para a carruagem!

Isabel tentou voltar, mas ele foi mais rápido. Como um flash, agarrou-a e a levantou colocando-a no Phaeton. Gentilmente, sim, até mesmo a bruxa e seu guarda-chuva não poderia dizer o contrário.

Quando o último centímetro da barra do vestido havia desaparecido dentro da cabine, virou-se para a mulher surpreendida.

– Boa noite, – disse ele.

Dito isso, ele entrou na carruagem, gritando para Perry pegar a estrada, e o laçao apressou-se a fazer.

Sentado em frente a ele, Isabel ficou em silêncio.

– Realmente, papai, você não precisava ser tão rude.

– Rude! – Ele soltou uma risada sem humor, – isto é realmente perfeito! E suponho que você foi muito educada com uma desconhecida e seu guarda-chuva, a ponto de ameaçar chamar a polícia, como se eu fosse um criminoso que escapou da prisão.

– Não é uma perfeita desconhecida, – disse Isabel, que mexia nos quilômetros de cetim branco do seu vestido. – É a senhorita Mayhew. Eu a encontrei uma ou duas vezes.

– Senhor Deus! Será que essa criatura vive em Park Lane? Eu não conheço nenhum Mayhews. Em qual casa ela trabalha?

– Na casa dos Sledge. Ela é governanta de todos aqueles meninos miseráveis.

– Ah, – murmurou Burke ligeiramente mais calmo.

E não ficou surpreso de não a ter reconhecido. Em todo o caso poderia ficar feliz com uma coisa: essa mulher era apenas uma empregada, e ela não iria dizer para todas as pessoas que Burke Traherne, Marquês de Wingate, não tinha autoridade sobre a filha.

E caso ela comentasse, ninguém acreditaria. Então ele perguntou com indignação:

– Mas se você já sabia, como ela poderia não saber que era minha filha e imaginou que você estava sendo sequestrada?

– Ela trabalha a pouco tempo lá. – disse Isabel puxando suas luvas, – Onde você poderia tê-la visto? Na igreja, claro que não, porque você chega em casa só de madrugada aos sábados.

Burke olhou-a sob a luz da lâmpada de óleo da carruagem. Não era o assunto certo para uma

filha falar com seu pai. Ele provavelmente casou muito jovem. Seu pai o avisou sobre as consequências. E seu pai não estava errado. As filhas de outros homens - homens mais velhos, que, ao contrário dele, havia esperado ultrapassarem os 20 anos - não falavam tão levemente. Ou pelo menos, Burke supunha que não. Ou pelo menos isso significava e como não tinha muitos amigos também, sem dúvida por causa de seu passado duvidoso e sua reputação que veio junto com ele.

Mas se ele tivesse mais amigos do sexo masculino, certo que sua filha seria dócil e delicada como a garota de seus sonhos, e não aquela criatura rebelde que saiu do internato para jovens que frequentou até um mês e meio atrás.

– Isabel, – perguntou ele tão calmamente como podia, – o que você fez a senhorita Pitt?

Ela mergulhou na contemplação do teto.

– Se a carruagem parar na frente da casa dos Peagrove, eu vou sair correndo. – Ela advertiu.

– Isabel! – repetiu com admirável paciência, – a senhorita Pitt é a quinta dama de companhia que eu consegui para você nas últimas cinco semanas. Você pode me dizer o que há contra ela? Ela foi muito bem recomendada pela senhora Chittenhouse.

– Lady Chittenhouse! Será que ela sabe alguma coisa? Nenhuma de suas filhas nunca precisou de uma escolta. Nenhum homem em seu juízo perfeito teria a coragem de aproximar-se delas. Eu nunca conheci a criaturas mais repulsivas, e até parece que elas não sabem o que é sabão. Estou surpresa que elas tenham se casado.

Burke ignorou o comentário.

– Lady Chittenhouse escreveu uma carta de recomendação elogiando muito a senhorita Pitt.

– Sério? E mencionou na carta que a senhorita Pitt, além de ser incrivelmente chata, com sua tagarelice sem fim sobre suas sobrinhas e sobrinhos preciosos, tem uma tendência de cuspir quando fala, principalmente quando está tentando corrigir o que ela chama de "*meu escandaloso comportamento*." Será que ela mencionou isso? Se você não gostava da senhorita Pitt por que você não me pediu para contratar outra?, Disse Burke tão educado como poderia, dado que sentia vontade de estrangular Isabel.

– Se você achou a senhorita tão ofensiva – disse Burke, tão delicadamente quanto podia, considerando o fato de que ele ansiava por estrangulá-la, – por que você não veio a mim e me pediu para contratar alguém?

– Porque você contrataria alguém ainda pior, – disse Isabel olhando a névoa nas ruas através da porta de vidro, – E eu não tenho o privilégio de estar presente nas entrevistas que faz para contratá-las.

Seu tom de voz, totalmente ousado, o fez sorrir.

– E quem escolheria você, Isabel? Presumo que alguém como Miss Mayhew.

– O que você tem contra? Em todo caso, é mais agradável olhar para ela do que para a horrível senhorita Pitt.

– Você não precisa de alguém agradável para olhar, mas sim de uma pessoa seria capaz de impedi-la de ir atrás daquele Saunders miserável.

No momento em que proferiu essas palavras, ele percebeu que havia cometido um erro.

– Geoffrey não é um bandido! O que você sabe, papai, se tivesse o trabalho de gastar alguns minutos para conhecê-lo.

Burke revirou os olhos, e virou seu próprio olhar em direção à janela e olhou o céu. Infelizmente, eles já estavam sendo bloqueados pela circulação de vendedores de fitas, mendigos e prostitutas. A escória usual que enchiam as ruas de Londres durante a noite e que estendiam as mãos sujas e surradas pelo trabalho e pela miséria. Burke não conseguiu reprimir um suspiro. Não foi como ele havia planejado passar a noite. Nesse momento deveria estar em seu camarote no teatro. Mas agora ele teria sorte caso conseguisse alcançar a porta dos atores para encontrar Sara no meio da multidão de fãs que iam prestar homenagem a seu talento.

Pelo menos era isso que ela gostava de pensar. Burke porém sabia muito bem que eles não iam ao teatro para admirar suas habilidades como atriz, mas algo muito diferente...

– Não preciso conhecer o Sr. Saunders, Isabel. Eu sei de tudo relacionado a ele e posso dizer que é inútil ele atrever-se a pisar na entrada da nossa casa, pois sairá de lá com uma bala no corpo.

– Papai, – disse Isabel, com um soluço – Se você puder me ouvir...

– Já ouvi bastante bobagem sobre o assunto do Sr. Saunders. Por favor, não mencione esse nome novamente na minha presença.

Isso parecia suficientemente ameaçador. Assim era como um pai deveria conversar com sua filha: sem rodeios.

– Agora, iremos para a casa dos Peagrove, e acredito que Saunders não foi convidado, – achou por bem acrescentar.

Isabel emitiu um soluço pela segunda vez, mais forte do que a primeira vez e declarou:

– Quer dizer, que você está indo para casa dos Peagrove, mas eu vou para casa de Lady Ashford.

E antes que Burke pudesse entender o que estava acontecendo, Isabel lançou-se para a porta, abrindo-a com uma pancada num estilo que teria invejado Sara Woodhart e deixou a carruagem.

Burke ficou subitamente sozinho na carruagem. Que Deus proteja as meninas enamoradas! Definitivamente não era assim que ele havia planejado passar a noite.

Endireitando o chapéu, saiu pela porta que estava aberta e correu atrás de sua filha pela rua cheia de gente.

Capítulo dois



Quando Kate Mayhew entrou na cozinha, onde um enorme fogo estava queimando na lareira, Posie, uma das meninas juntou-se a ela com um farfalhar de saias.

– Oh, senhorita, – exclamou, antes que tivesse tempo de fechar a porta, Nunca vai adivinhar!

– Henry colocou outra cobra no bolso da camisa do seu pai! – Kate sugeriu tirando suas luvas antes de desabotoar o casaco.

– Não.

– Jonathan voltou a dizer palavrão na frente de sua mãe.

– Que palavrão?

– Você sabe, aquele que começa com m.

– Oh não, senhorita! Não é isso. Alguém a está esperando no salão.

– Eu espero que seja o conde, – disse pendurando seu chapéu em um gancho ao lado da porta.

– Teria que me encontrar no concerto e passei uma hora procurando por ele em toda parte.

– Ele enganou-se de local, – disse Posie trotando atrás de Kate, que estava andando em torno da cozinha. – E o senhor Sledge acabará fazendo um buraco no piso, de tanto andar a pé em frente da porta do salão.

Kate parou em frente de um espelho na parte inferior da escada, pendurado lá especialmente para que as criadas pudessem ajustarem antes de cruzar a porta almofadada que dava acesso ao resto da casa. Ela tentou sem muito sucesso afastar a madeixa de cabelo que caía sobre a testa. O ar fresco da primavera tingiu de vermelho suas faces e não foi necessário colocar um pouco de cor. Como vingança, o nariz estava brilhando e ela teve que usar dedo de farinha, do saco na despensa e que esfregou-se bem, fez o truque admirável.

– Pobre Freddy, – ela disse. – Quanto tempo ele está aqui?

– Ele chegou quando você saiu, – disse Posie olhando no espelho. Kate suspirou.

– Sim! Sra. Sledge está irritada?

– Claro que não! Quando suas amigas da associação perguntarem de quem era a carruagem estacionada em frente à sua casa, vai sentir muito orgulho em dizer que pertence ao conde de Palmer.

– Que veio visitar a governanta de seus filhos – Disse Kate colocando o medalhão na gola de renda de sua blusa.

– Isso é o que ela vai dizer, mas elas vão pensar que foi ela quem foi honrada com sua visita.

A porta estofada abriu-se e Phillips o mordomo, apareceu no topo da escada. Posie só teve tempo para atirar-se atrás da enorme mesa de madeira e começar a limpar completamente alguns tachos de cobre que estavam lá.

Kate, no entanto, não teve tanta sorte.

– Senhorita Mayhew– Descendo a escada estreita, com grande descaramento, – acredito que já mencionei várias vezes, que você nunca deve entrar pela porta dos fundos. Como governanta das crianças permitem usar a entrada principal.

Kate estava prestes a responder que não encontrava nenhuma vantagem em usar a porta da frente, pois teria a oportunidade de dar de cara com ele. Convencida de que era melhor não expressar essa opinião em voz alta, percebeu que Phillips mal podia conter-se.

– Se você tivesse feito isso, teria percebido que o conde Palmer está no salão esperando por você, há quase duas horas.

– Sinto muito senhor Phillips, Lorde Palmer prometeu encontrar-me hoje em um recital, mas não nos vimos...

– No futuro, senhorita Mayhew – disse o homem com a rigidez de um robô, – quando você convidar pessoas com título para esta casa, deverá informar-me para que eu possa decantar o conhaque adequado com a devida antecedência.

Ele parecia realmente irritado e furioso por ter que servir um conhaque de segunda linha ao conde. Um mordomo com a categoria de Phillips nunca poderia recuperar-se disso.

E ele não perdoaria Kate. Qualquer esperança de entendimento entre os dois havia terminado definitivamente. E isso não era a primeira mancada dela. Começou, quando ela levou seu gato, o que era uma ofensa aos olhos de Phillips. Mas, não contente por ter introduzido na casa uma criatura horrível, útil apenas para caçar ratos no porão, agora atrevia-se a humilhá-lo.

Talvez fosse mais prudente começar a procurar um novo emprego.

– Realmente Sr. Phillips, eu não podia adivinhar que...

– Não sou eu a quem deve pedir desculpas, senhorita Mayhew, mas sim ao conde. Eu não sabia o que mais fazer para entretê-lo, enquanto você estava passeando.

Ela franziu o cenho. Não era culpa dela, afinal, se Freddy estava confuso ao ponto de não ser capaz de lembrar um endereço e depois decidir esperar na sala dos Sledge. Ela sentia-se no direito de desfrutar de sua tarde de folga.

Mas era inútil discutir com Phillips.

Levantando as saias, subiu as escadas sem parar.

O Sr. Sledge realmente andava sobre o tapete oriental em frente a porta do salão com o risco de fazer um buraco. Quando ele a viu, correu para ela.

– Senhorita Mayhew, finalmente você está aqui! O conde Palmer... está lá. Está à espera.

Entreguei o jornal de hoje, que felizmente não havia lido ainda. Eu acho que isso o está ajudando a esperar.

Kate sorriu para seu chefe. Cyrus Sledge, apesar de seu nome infeliz, não era um homem mau. Ele era apenas um homem bastante monótono, se casou com uma prima feia, sem suspeitar que um dia ela herdaria uma fortuna que permitiria contratar uma governanta por tempo integral e manter um monte de missionários e centenas de nativos em Papua Nova Guiné.

– Você acha que o conde está interessado em folhetos sobre a missão? Notei que os jovens mais ilustres raramente se preocupam com os pobres. Pensam apenas em jogo e ir ao teatro. Eu me pergunto se é uma questão de ignorância. Claro, caso não saiba das terríveis condições de vida dos pobres, caso não tenha sensibilidade para o tema...

– Estou de acordo com você, Sr. Sledge. Eu vou falar com ele. Tenho certeza que ficará muito interessado.

O Sr. Sledge, geralmente muito pálido, corou de prazer.

– Realmente senhorita Mayhew? Você realmente acha?

– Claro, – disse Kate, pegando no seu braço e afastando-o da porta da sala. – Você e a Sra. Sledge devem fornecer a ele um pacote de folhetos e vou pedir que ele leia esta noite, e na sua próxima visita você pode perguntar sobre eles.

O Sr. Sledge ficou sem fôlego.

– Que ideia maravilhosa, – exclamou: – Eu vou dizer a Sra. Sledge imediatamente. Temos uma série de novidades, especialmente as más condições em que as mulheres de Papua trazem seus filhos para o mundo e sobre o admirável trabalho a ser realizado pelo reverendo Billings para melhorar as coisas.

– Oh, – Kate disse. – Isso vai ser perfeito para o conde, sem dúvida.

O Sr. Sledge começou a esfregar as mãos e Kate reprimiu uma gargalhada quando ele abriu a porta do salão.

– Bem, Freddy, eu o coloquei em apuros! O Sr. Sledge foi buscar seus amados panfletos.

Um homem alto e loiro afastou-se da lareira com cara de culpado e ela logo percebeu o motivo. Ele fez um bom uso do jornal de seu chefe fazendo bolas de papel e jogando no fogo. Já tinha acabado com páginas dedicadas as notícias da sociedade e estava começando com a parte financeira, quando ela entrou no salão.

Kate moveu a cabeça.

– Freddy! Você está pior do que Jonathan Sledge de apenas cinco anos. Fred Bishop, nono conde de Palmer, ergueu o queixo.

– Tive que me entreter com alguma coisa enquanto estava esperando, Katie.

– Você não poderia ler o jornal em vez de dividi-lo em pedaços? – Em vão ela inclinou-se para

tentar recuperar o que sobrou do jornal.

– Ler essa coisa chata sobre a agitação na Índia e tudo mais? De jeito nenhum! O que aconteceu com você Kate? Espero por horas. Fui para a igreja e não aconteceu nenhum recital. Estava lá somente a esposa do vigário, uma criatura desagradável que ocupou-se da remoção dos cartazes antigos das paredes. Quando perguntei a que horas seria o recital de Mahler, ela respondeu de uma forma muito desagradável. Parecia um pedaço de madeira seca.

– Confundi-se novamente de igreja, E não foi Mahler, foi Bach, – corrigiu Kate caindo em uma cadeira. – A polonaise⁴¹ foi adorável.

– Eu não aprecio a Polonaise – o Conde de Palmer disse, muito violentamente.

– Freddy, – Kate fingiu estar chocada.

– Eu não me importo – Freddy lançou-se sobre a cadeira em frente dela. – Eu perdi o show e agora é tarde demais para levá-la para jantar. Esses idiotas dos Sledge, vão sair de casa e você não vai poder fazer o mesmo. E terá uma tarde livre somente dentro de uma semana. Assim, não aprecio a Polonaise!

Kate riu de novo.

– É sua própria culpa, você sabe. Quando você vai começar a anotar os endereços de modo a se lembrar deles?

O conde mudou sua atitude dizendo com humor:

– Se você parasse de ser tão teimosa e aceitasse a casar-se comigo, eu não teria necessidade de me lembrar de qualquer endereço, porque você estaria sempre ao meu lado para lembrar.

Ela fez uma careta.

– Está indo na direção certa. Eu não acho que existe em toda Londres uma única mulher que possa resistir a um homem que a tenha chamado de teimosa.

Freddy puxava em uma das extremidades de seu espesso bigode dourado.

– Você sabe o que quero dizer. Por que você é tão teimosa, Kate?

– Eu não sou teimosa, Freddy. Eu te amo, mas não como uma mulher deve amar seu marido. Quer dizer, não estou apaixonada por você.

– E o que você sabe disso? Nunca apaixonou-se antes.

– Não, – ela admitiu: – Mas os livros que eu li e...

Freddy fez um barulho rude.

– Você e seus livros!

– Você deve tentar ler um, poderá gostar.

– Eu duvido. Enfim, o que importa se você está ou não apaixonado por mim? Eu estou apaixonado por você, e isso é tudo o que importa. Você sempre pode aprender a me amar, – disse apaixonadamente. – As mulheres fazem isso o tempo todo. E você deve ser melhor do que a

maioria das esposas dos meus amigos. Você é rápida nos estudos, depois de tudo. Todo mundo disse que nunca iria durar um minuto esse negócio de governanta e você o faz com incrível eficiência.

– Quem disse? – Kate ficou furiosa.

O conde afastou a questão com um gesto.

– Eu sei fazer com que me queiram certo? Virgínia Chittenhouse estava louca por mim na última primavera. Ela gritou em desespero quando eu disse que meu coração pertencia a você, mesmo que não tenha um tostão e que seu caráter tenha azedado com o passar dos anos.

– Você não devia ter se livrado da Virgínia Chittenhouse, – Kate calmamente respondeu: – Ela não é amarga e herdou cinquenta mil libras. O Conde de Palmer levantou-se abruptamente.

– Eu não dou a mínima pelas cinquenta mil. É você que eu quero Katherine Mayhew!

Kate estreitou os olhos com suspeita.

– Quantos copos de conhaque bebeu enquanto esperava por mim, Freddy?

– Vai sair do seu trabalho imediatamente e fugir comigo para Paris.

– Senhor! Chegaríamos aos tapas antes de chegar a Calais. Espero sinceramente que esteja bêbado. É a única explicação que me ocorre pelo seu estranho comportamento.

Derrotado, o conde deixou-se cair contra a poltrona.

– Eu não estou bêbado. O estúpido Sr. Sledge não parou de perguntar de cinco em cinco minutos se eu precisava de alguma coisa. E ele tentou falar sobre seus perus da Nova Guiné.

– Papua da Nova Guiné, – Kate disse, corrigindo-o com um sorriso.

– Bem, isso não importa. Onde você estava Kate? O recital terminou às nove.

– Voltei o mais rápido que pude. Eu tive que tomar o ônibus, você sabe, eu não pude vir na sua carruagem porque você esqueceu e não apareceu.

Ela o olhou com desaprovação e procurou um meio de escapar de uma nova proposta de casamento.

– Ah! Eu quase me esqueci, – ela disse: – Eu testemunhei uma cena extraordinária quando voltava. Foi aqui perto, em Park Lane. Um homem com uma jovem sobre os ombros tentava colocá-la em uma carruagem.

O Conde de Palmer mexeu-se na cadeira e seu rosto ficou sério.

– O que você está inventando agora para evitar a questão do casamento? Não me engana Kate. Desta vez estou totalmente decidido. Eu até disse à minha mãe. Ela respondeu que se eu insistisse em fazer o papel de tolo não poderia ajudar-me.

Kate continuou como se não tivesse ouvido nada:

– Eu juro que eu estou dizendo a verdade. Eu não pude acreditar. Tive de ameaçar o homem com a ponta do guarda-chuva para que voltasse a deixar a jovem no chão.

Os olhos de Freddy se estreitaram.

– Era um árabe?

– Não! que ideia! Ele era um cavalheiro, pelo menos é o que disse. Pelo traje de noite que vestia e o laçao que os acompanhava, parecia. Ele era alto, com ombros muito largos, cabelos pretos e pele áspera, castanho...

– Um árabe! – persistiu ele.

– Não, Freddy, não era, – ela falou com impaciência.

– Como pode ter tanta certeza?

– Ele falava um Inglês perfeito, sem sotaque e seu laçao o chamava de "Milorde". Tinha os olhos verdes mais extraordinários que eu já tenha visto. Os árabes têm olhos escuros, disso me lembro. Os dele eram claros e brilhavam como os de um gato.

– Parece que você percebeu bem, – comentou um enrijecido Freddy.

– Evidentemente. Eu estava a dois passos de distância e vi muito bem, apesar da espessa neblina. Além disso, as luzes da casa dele iluminavam tudo.

– Que casa?

– A segunda saindo daqui, um pouco abaixo, à esquerda. O Conde de Palmer imediatamente relaxou.

– Ah! Era Traherne.

– Perdão?

– Traherne. Ele estabeleceu-se na casa antiga dos Kellogg's para a temporada, a primeira de sua filha.

– Sim. A jovem que ele tratava de forma tão abusiva disse que era sua filha. À primeira vista até parece alguém com caráter.

– O nome dela é Isabel, – disse Freddy abafando um bocejo. – Ela é tão selvagem como seu pai, pelo que entendi. Teve um desempenho na ópera outra noite, quando pulou no pescoço de um cavaleiro sem um tostão. Foi muito constrangedor, até mesmo para um observador como eu. Não é de admirar que Traherne seja um pouco brusco com ela.

– Eu nunca ouvi falar do Sr. Traherne. É verdade que já faz algum tempo que eu não tenho vida social, mas...

– Não é Traherne. É Wingate. Burke Traherne é o segundo Marquês de Wingate. Ou o terceiro, não me lembro.

– Wingate? Esse nome parece familiar.

– E com razão. Houve um escândalo famoso, vejamos...você devia estar na escola. Eu mesmo ainda estava em Eton. Seus pais e os meus falaram sobre o assunto no almoço. Coisas como essa estão necessariamente sujeitas a...

– Que coisas?

Kate nunca foi amante de rumores e mais ainda quando não era o assunto dela. Mas os olhos verdes do Marquês a marcaram.

– O divórcio de Wingate. Nós falamos sobre isso durante meses e foi primeira página dos jornais. Não que eu tenha lido, mas não se pode deixar de ver as manchetes dos jornais quando está nas primeiras páginas.

– Um divórcio? Não, você deve estar errado. A menina, Isabel, disse-me que sua mãe tinha morrido.

– Isso é verdade. Ela morreu sem um tostão no continente, após Traherne levá-la ao tribunal com o amante.

– Seu amante? – Ela perguntou incapaz de esconder seu interesse. – Freddy – insistiu ela ao perceber que ele permanecia em silêncio – Vai continuar?

– Sim! Um verdadeiro escândalo, – disse baixinho. – Traherne casou muito jovem com a única filha do Duque de Wallace, um casamento por amor. Seu nome era Elizabeth, se bem me lembro. Em resumo, parece que era um amor só sentido por ele. Apenas um ano após o nascimento de Isabel, Traherne surpreendeu sua esposa nos braços de um poeta irlandês, em uma festa realizada em sua casa. O Marquês jogou o seu adversário por uma das janelas do segundo andar e no dia seguinte, foi procurar seu advogado.

– Bom Deus. Será que ele morreu?

– Traherne? Claro que não. Tenho certeza de quem você viu esta noite, foi ele. Nós o entendemos. Todo anfitrião respeitável o convida para sua mesa. Mas acho que vai retornar para a sociedade, se quiser casar a bruxa da sua filha.

Kate respirou fundo. Sua velha amizade com o conde de Palmer tinha dado uma paciência à prova de bombas.

– Eu estava me referindo *se o amante* da mulher dele morreu depois que Wingate o jogou pela janela.

– Ah, não! Não é assim. Depois de recuperar-se ele casou-se com Elizabeth. Isso depois do divórcio. É claro que eles tiveram de abandonar a Inglaterra. Ninguém queria ter relações com eles depois deste caso, nem mesmo seus familiares.

– E a criança?

– A criança? Isabel, você quer dizer? Bem, Traherne a educou. Nunca teria permitido que sua esposa, bem, sua ex-mulher cuidasse dela. Eu me lembro que logo depois, o velho Wallace, pai de Elizabeth, foi visitar sua neta, mas Traherne proibiu. Não foi muito caridoso de sua parte.

– De fato. Que história horrível!

– Oh! Ah, ainda não terminou. Não sabe o pior.

– Eu não quero saber, Freddy, muito obrigada.

– Você está errada, é bem suculenta.

– Eu não gosto de fofoca, você sabe, muito menos quando faz referência à alta sociedade.

Nada parece mais chata do que pessoas ricas.

Freddy sorriu, satisfeito.

– Gosto de discutir com você, Katie. Eu me lembro dos bons tempos.

– Bem, não vamos discutir mais, porque não há nada mais a dizer como sobre os privilégios da boa educação que os ricos receberam e se comportam como... como arruaceiros de classe baixa.

– Você está sendo muito dura com o pobre Traherne. Acho que ele nunca recuperou-se da traição de sua esposa. Tornou-se um homem amargo e fechado em si mesmo, muito diferente da pessoa que já foi um dia.

– No entanto, parecia cheio de vigor, – observou Kate pensando na facilidade com que ele levantou sua filha, que estava longe de ser pequena.

– Em qualquer caso não falta a ele companhia feminina. Sara Woodhart é sua última amante. Atuou em Macbeth no mês passado.

Kate tirou de sua mente o corpo atlético do marquês.

– Sim, sua filha mencionou uma Woodhart e o estava condenando porque ele tinha mais vontade de ver essa mulher do que de levá-la ao baile.

– Traherne contratou não sei quantas senhoras como damas de companhia para Isabel, mas não teve muito sucesso.

– Ele deveria casar-se novamente, em última análise sairia mais barato e tenho certeza que com todos estes anos de sofrimento social, encontraria uma mulher estúpida e suficientemente ambiciosa para fechar os olhos para o pendor dele para as atrizes.

– Ele não quer ouvir falar de casamento. Todo mundo sabe disso. Diz que o casamento arruinou a sua vida e não está disposto a casar-se novamente.

– Muito original, – disse Kate, – Um nobre, rico e bonito que jura nunca mais colocar um anel em seu dedo. Ele deve ter todas as jovens elegíveis em Londres, tentando dissuadi-lo.

Freddy deu um sorriso. Inclinou-se sobre ela e acariciou a mão.

– Viu? No final tudo correu bem. Você foi perfeita, Kate, eu estou orgulhoso de você.

Ela olhou para ele sem entender e depois pulou da cadeira.

– Não é justo, – disse ela, virando as costas de repente, muito rígida.

– Por quê? Nossa fofoca foi muito agradável. Por um momento pensei ter voltado aos velhos tempos.

– Fique quieto. – Disse ela em voz baixa, – nunca poderá ser novamente como nos velhos

tempos.

Freddy a olhou com uma curiosidade que transformou-se em preocupação.

– Kate não desenterra tudo...

– E o que mais eu posso fazer – Ela conseguiu falar sem tremer.

– Katie, deixa...

– Eu não posso evitar. Eu penso nisso constantemente. A outra noite, mesmo...

– Mesmo o quê?

– Nada, – disse ela voltando-se com os olhos muito brilhantes.

– Kate. – Insistiu ele em contraste com o tom grave que queria evitar – Diga-me.

Incapaz de lidar com o olhar do conde, ela encolheu os ombros.

– Eu acho que o vi.

– Quem?

– Daniel Craven! – Falou ela. – Eu acho que vi Daniel Craven.

Ela não chegou a terminar a frase e Freddy já havia pulado de sua cadeira aproximando-se dela em dois passos e pegando suas mãos.

– Kate, nós já conversamos sobre isso.

– Eu sei, eu sei, mas eu não posso evitar, Freddy.

– Você viu alguém parecido com ele, isso é tudo.

– Não.

Kate soltou a mão e caminhou até a janela mais próxima, puxou a cortina e olhou sem ver, a rua envolta em névoa.

– Eu sei que era ele. Além do mais, Freddy, ele estava me seguindo.

– Seguiu você? Em que direção?

– Veio aqui, em Park Lane. Eu estava com as crianças.

– Daniel Craven! – repetiu Freddy com ceticismo. – Daniel Craven, a quem ninguém viu em Londres, em sete anos, a seguiu ao longo desta rua?

– Eu sei que parece absurdo, – Kate admitiu deixando cair a cortina e voltando para perto do fogo – Você acha que eu estou louca? Talvez esteja...

– Não é que eu não acredito em você, Kate. – disse Fred. – É só que...

– É só o quê? – Ela perguntou sem olhar.

– Bem, eu admito que possa ser Daniel Craven. Mas não acredito que continua a pensar que tem algo a ver com a morte dos pais dele. Pensei que tinha resolvido tudo isso. O que você está imaginando? Que depois de sete anos, retornou para matá-la também?

Ela levantou a cabeça com decisão.

– Sim, é isso que eu acho. Desculpe caso isso o aborreça.

– Ah não, Kate! Eu não vejo dessa forma. Faria qualquer coisa por você, sabe disso, mas todas essas coisas estúpidas que foram ditas sobre Daniel...

Ela sentou-se novamente na cadeira e parecia nervosa.

– É verdade Freddy. Todos pensaram que eu inventei tudo e esqueci-me que você compartilha essa opinião.

– Olha, você sempre teve muita imaginação. Isso não é um defeito. Tenho certeza que ajuda muito nesse negócio de cuidar de crianças, mas...

– Tudo bem, – Kate disse, fechando os olhos, cansada – Tudo bem. Eu não poderia ter visto Daniel Craven. Eu não vou mencioná-lo novamente. – interrompeu Kate – Mas você Freddy, vai parar de me pedir em casamento. Não suporto que você faça isso sabe? Quero dizer, além do fato de que eu não estou apaixonado por você, você sabe que eu não quero ter nada a ver com todas essas pessoas...

– Essas pessoas? A sociedade educada, você quer dizer?

– Pessoalmente, eu nunca vi nada de educado neles. Nenhuma palavra de cortesia. Meu Deus, Freddy, tenho certeza que Cyrus Sledge e todos seus guineenses teria me tratado com mais compaixão do que sua mãe - ou todas aquelas pessoas que se diziam meus amigos - que nunca fez. E passaram um tempo falando nas minhas costas, dizendo que assumi a responsabilidade por aquilo que meu pai fez. Uma sociedade educada...

– Inferno sangrento, – disse o conde caminhando pela sala com os punhos cerrados nos bolsos.

Ele ficou atrás de uma mesa pesada com aves empalhadas em caixas de vidro.

– Eu vim passar uma noite agradável com você para distraí-la. Como é que se faz para fazer você esquecer o que aconteceu com seus pais, sempre falamos deles?

Kate virou-se em seu assento e olhou para ele com um pequeno sorriso nos seus lábios.

– E é você que pergunta? No entanto, a resposta é óbvia. Nós estamos nesta sala, porque eu estou sozinha no mundo. Freddy, eu não posso ir para sua casa com medo do que sua mãe possa dizer. Eu sou a prova viva que Deus castiga os filhos pelos pecados dos pais.

– Eu pensei que você não gostasse da Bíblia Você sempre disse que as personagens femininas da bíblia eram de pouco interesse.

– Pelo amor de Deus! Foi uma referência a Eurípides, não a Bíblia. Você nunca ouviu isso quando estava na escola?

Freddy evitou responder.

– Eu queria quebrar alguma coisa, – disse ele.

– Então é melhor você ir embora. Não quero ser despedida por sua causa. Os Sledges são um pouco chatos, mas muito simpáticos, não são como meus patrões anteriores, pelo contrário.

– Inferno sangrento! – Disse Freddy.

Naquele momento a porta abriu-se e o Sr. Sledge entrou. Ele parecia muito nervoso.

– Lorde Palmer. – Ele disse acenando os folhetos: – Leve um destes antes de sair, se desejar. Estou certo de que um jovem como você deve interessar pela situação dos papuas da Nova Guiné.

Quando Kate viu o olhar de Freddy, foi rápida em intervir.

– Sr. Sledge, Lorde Palmer não está muito bem. Ele tem uma dor de cabeça terrível. Um outro dia...

– Enxaqueca? – Cyrus Sledge disse a Freddy com os olhos entrecerrados, – você sabe como os papuas da Nova Guiné curam as dores de cabeça, Milorde? Eles mastigam a casca de uma determinada árvore, em seguida cospe os pedaços mastigados em uma panela grande onde deixam fermentar durante vários dias de calor...

– Kate... – Freddy disse em uma voz estrangulada.

– Está tudo bem, – ela tranquilizou Freddy, colocando uma mão apaziguadora em seu braço. Me desculpe, Sr. Sledge, vou acompanhar o conde até a porta.

– Ele disse 'mastigar' cascas, Kate... Senhor!

Ele foi direto para Phillips, que o estava aguardando com seu chapéu, manto e bengala.

– Até a próxima semana, certo? Passe para me pegar às sete e meia, – disse ela.

Freddy assentiu.

– Sim, é melhor do que tentar encontrar o lugar.

– Eu acho que sim. De qualquer forma você nunca se dá ao trabalho de anotar o endereço. Boa noite, Freddy. Quero dizer, lorde Palmer, – ela corrigiu ao capturar o olhar de Phillips.

Phillips tinha acabado de fechar a porta atrás do conde, quando a Sra. Sledge apareceu no topo das escadas.

– Ele levou os folhetos?

– Não, – respondeu Ciro, infelizmente.

– Sim, senhor Sledge. Kate não pode deixar de intervir quando observou que ele parecia desapontado – Certamente você não viu, mas eu peguei um monte da pilha que o senhor deixou sobre a mesa na entrada e coloquei no bolso do conde.

– Então ele vai ver hoje à noite antes de dormir quando tirar a roupa, – exclamou Sra. Sledge.

– E vai ler os folhetos antes de dormir, acrescentou alegremente: Quando dormir, o conde sonhara com os papuas da Nova Guiné. Não está certo Srta. Mayhew?

– Eu não sei o que mais poderia sonhar, – afirmou Kate com a maior seriedade. O Sr. e Sra. Sledge retiraram-se felizes para o seu quarto, pensando na mais nova pessoa a apoiar os milagres do reverendo Billings.

– Miss Mayhew? – Rosnou Phillips, uma vez sozinho com ela.

– Sim, Sr. Phillips?

– Quando falamos há algum tempo na área de serviço...

– Sim Sr. Phillips – Ela repetiu desconfiando que o mordomo queria se desculpar.

– Eu esqueci de mencionar uma coisa. Eu gostaria que no futuro fosse mais gentil e trancasse seu animal em seu quarto. Esta manhã, eu encontrei uma bola de cabelo em um dos meus sapatos.

Então Phillips virou-se e caminhou em direção à porta de trás.

De repente, sentindo-se muito cansada, Kate decidiu que a partir desse momento permaneceria todas as noites trancada no quarto com um livro.

Capítulo três



Foi bem depois da meia-noite quando Burke chamou por Sara Woodhart no apartamento em Dorchester. Por que ela estava demorando tanto para responder? Raramente deixava o teatro antes das onze da noite e não poderia estar na cama. Ele pegou o seu relógio de bolso do bolso do colete, e olhou-o sob a luz fraca do átrio do prédio.

Bem, tudo bem, já passava das três da manhã, mas Sarah nunca foi para a cama antes das cinco horas. De qualquer forma, foi ele quem a manteve acordada até a madrugada, nas últimas semanas.

Mas quando a porta finalmente se abriu, não era o rosto coberto de pó e faces vermelhas de sua amante que apareceu, mas sim o de sua criada, Lilly, que disse, piscando e esfregando os olhos com espanto um pouco mais do que a ocasião justificava, Burke pensou.

– Milorde! É você?

– Sim, Lilly, – disse Burke tentando ser paciente – Quem esperava? O Santa Claus?

– Oh, não, Milorde, – Lilly disse, olhando por cima do ombro, para o apartamento às escuras.

– Santa Claus não. Mas você também. Eu não o esperava. Hoje não.

– Por que não Lilly? Mrs. Woodhart está doente?

– Não, Milorde. Mas, como vossa Senhoria não foi ao teatro...

– Sim?

– Bem, pensamos que não viesse hoje à noite, isso é tudo.

– Bem, você estava errada. Eu estou aqui. Agora, você vai deixar-me entrar Lilly, ou vou ter de passar a noite nesta porta cheia de correntes de ar?

Lilly olhou novamente para atrás de si.

– Oh, ... é claro que pode entrar. Mas a senhora é... Woodhart está dormindo. A caixa de veludo em seu bolso era uma garantia de que Sara não se importaria de ser tirada da cama no meio da noite. Ele ia dar a pulseira para ela no mês de seu aniversário, então pensou em encomendar a seu joalheiro um colar e brincos combinando para a ocasião. A experiência o tinha ensinado que os diamantes eram o caminho mais curto para o coração das mulheres.

– B... bem. Você pode esperar enquanto eu vou verificar se consigo acordá-la? Quando ela voltou, estava um pouco cansada. Além disso, você sabe que ela insiste que você a veja nos dias certos.

– Muito bem Lilly, eu aguardo. Mas posso esperar lá dentro?

Lilly consentiu, mas com relutância e acendeu uma luz ao lado do sofá e Burke foi instalado como se estivesse em casa, o que era o caso, de fato, pois era ele quem pagava o aluguel do apartamento. E quem, entre outras coisas, tinha comprado aquele sofá.

Sara teria que falar com Lilly. Era cada vez mais difícil encontrar pessoal competente. A Senhorita Pitt foi apenas um exemplo. Lady Chittenhouse talvez pudesse recomendar outra criada. Só teria que dizer que era para Isabel.

Burke estava sentado meditando nas sombras. Bastava pensar na senhorita Pitt e ficava com raiva. E tudo aconteceu por causa desta mulher. Se ela não tivesse abandonado o cargo, não teria passado a noite discutindo com Isabel. Discutindo? A quem estava enganando? Passou a maior parte do tempo correndo atrás dela. Saltando da carruagem para correr depois de ter tropeçado em uma poça de água lamacenta e fedida e molhado as calças e os sapatos. Ambos tiveram de voltar para casa para trocar de roupa antes de aparecer em frente a Lady Peagrove, que infelizmente para ele, era tão insuportável como disse a jovem do guarda-chuva. O seu salão era frequentado apenas por parasitas e primos de província. Não era nem um bom lugar, para honrar com sua presença.

Como ele poderia deixar sua filha dançar com um destes papagaios, ou pior ainda, como ele estava pensando em casar Isabel com um deles? Outro pai, que exibiu a mesma expressão desconfiada, disse as pessoas que o que valia a pena era ir à casa de lady Ashford.

Como ele poderia saber? Supunha-se que um homem não soubesse dessas coisas e que foi precisamente por isso que ele contratou todas estas damas de companhia. Era sua culpa se provaram ser uma mais estúpida que a outra? Além disso, a sensação de que sua filha não precisava de uma dama de companhia, mas sim de um atleta, estava cada vez mais confirmada. Depois de tê-la perseguido por toda Piccadilly, ele finalmente a agarrou em Trafalgar Square e só porque ela parou para tomar fôlego, completamente visível em seu vestido branco entre as prostitutas e os vendedores de flores.

E como ela reagiu? Chorando de rir. Como se a extenuante corrida tivesse sido uma brincadeira.

Se ao menos a senhorita Pitt...

E esta jovem mulher, com seu guarda-chuva. Foi tudo culpa dela, também. Ela e sua boca infernal. Se ela não tivesse nada sobre a festa dos Peagrove...

Não havia uma lei obrigando as governantas e damas de companhia a segurar a sua língua? Talvez ele pudesse achar uma que tivesse perdido a língua em um trágico acidente.

Mas uma acompanhante silenciosa não seria útil com Isabel.

Como poderia ele encontrar outra? Colocar um anúncio? Isso levaria dias e dias até a entrevista e não será fácil encontrar viúvas enlutadas e solteironas direitas. Também deveria

verificar suas referências e isso tomava muito tempo, principalmente quando elas mentiam.

E todas elas mentiam.

Um homem como ele, no auge da vida, com tantas coisas para fazer do que perder tanto tempo recrutando senhoras e verificando que sua filha só pensa em fugir para se reunir com Saunders, aquele miserável. Isso não era uma diversão para ele.

Não é à toa que Sarah tinha ido dormir. Realmente valeria a pena esperar? Mas o que estava acontecendo com ele? É claro que ele merecia isso!

Embora... Não podia deixar de ficar surpreso com o fato de que ela já estivesse dormindo. Tanto quanto ele sabia, atrizes e cantores raramente dormiam antes do amanhecer e nunca acordavam antes do meio dia. Sara nunca foi uma exceção à regra. Claro! Isso porque a deixou esperando, talvez fosse essa sua forma de vingança...

Então ele viu as botas.

Nem sequer se preocuparam em escondê-las. Lilly talvez não soubesse que elas estivessem lá. Na sombra das cortinas da janela da porta, aparecia um par de botas bem enceradas. Burke nem teve que levantar-se do sofá para saber que era de um homem alto e musculoso.

Ele suspirou.

Outra infiel. Só faltava isso. Se não fosse tão sensível, perguntaria para si mesmo se era sua culpa. Mas, desde a fatídica noite que surpreendeu o verme do O'Shawnessey abraçando Elizabeth, ele teve certeza de que as mulheres são criaturas inconstantes e nunca levam a sério um compromisso.

Seria possível que o problema fosse ele? No passado já foi acusado de ser um homem frio e insensível. E se fosse verdade?

Não havia dúvida. Naquela noite de inverno, dezesseis anos atrás, Elizabeth partiu e pisou em seu coração sem piedade.

Mas agora não sentia tristeza... apesar da presença das botas.

A porta abriu-se de repente e a Sra. Woodhart fez sua entrada. Resplandecente em um negligée diáfano que ele a presenteou, com seus longos cabelos de ébano soltos em cascata.

– Meu querido, – gritou com a voz gutural que a tornou a queridinha de Londres, – Aí está você! O que o atrasou?

Burke olhou para a criatura adorável na porta de entrada e depois para as botas que ela não podia ver de onde estava.

– Isabel! – Disse simplesmente.

– Oh não! Mais uma vez? O que ela fez desta vez? Espero que não tenha sido o horrível Saunders. Você sabe que ele deve milhares de libras? Ouvi dizer que ele jogou e não há nada pior do que um jogador, exceto, talvez, um jogador que não paga suas dívidas. Infelizmente parece-me

que este é o caso do nosso Saunders.

Burke levantou-se.

– Você terá que fazer alguma coisa, – continuou Sarah.

Ela era alta e quando elevava um pouco a cabeça já estava na altura dos olhos de Burke. Houve um tempo em que achava seu queixo empinado encantador, mas esta noite, ele viu uma área vermelha em seu pescoço de alabastro e no decote do negligée.

– Francamente, Burke, você deixa ela fazer o que quer. Você não pode deixá-la tomar as rédeas. Deve mostrar que é você quem manda.

Burke lentamente começou a tirar as luvas, dedo por dedo.

– O problema com essas acompanhantes que você continuar contratando, é que fazem o que Isabel quer, por medo de serem demitidas— Sara continuou falando com o mesmo tom calmo.

Nunca cedia a raiva, nem mesmo ao mau humor. Isso fazia parte do seu charme.

– Você tem que encontrar alguém que se faça respeitar.

– Afaste-se, Sara.

A Sra. Woodhart de repente pareceu vir à tona. E riu timidamente.

– Oh! Burke! Lilly não disse nada para você? Eu tenho uma coceira na garganta e tenho medo de ter tomado frio. Eu fui direto para a cama logo que voltei, depois de beber um copo grande de chá com mel. É melhor não chegar perto de mim também. Talvez seja uma doença contagiosa. O doutor Peters disse que eu deveria descansar a voz, só assim terei alguma chance de atuar amanhã à noite.

– Fique de lado. Há algo que eu gostaria de fazer antes de ir. Depois, você pode descansar. – Disse Burke.

Sara olhou para trás em direção ao quarto.

– Francamente, Burke, – disse ela um pouco forte demais, – não vejo por que você insiste em entrar no quarto. Se eu disser que não estou no meu melhor...

– Eu esqueci algo na última vez que vim aqui. Ele disse calmamente. Sara deu de ombros.

– Faça o que quiser, – disse com um tom que implicava que ele só teria o que merecia.

– Obrigado.

Passando por ela, capturou uma aura de perfume que um químico local criou e destinava-se a ser comercializado sob o nome de "Sara, a melhor atriz, em Londres. Estranhamente, Burke lembrou da madressilva que crescia ao longo do celeiro quando ele era pequeno. Uma fragrância que não desagradava, mas queria saber realmente era o cheiro de Sara.

Para além da luz vermelha da lareira, o quarto estava mergulhado na escuridão. A enorme cama de dossel estava vazia, mas os travesseiros mostravam traços visíveis de duas cabeças. As roupas de Sara estavam espalhadas pelo chão. A mulher nunca foi ordenada. Burke não viu

qualquer roupa de homem entre as ligas e os chinelos de cetim.

Mas ele viu uma sombra através da janela francesa com vista para o terraço.

– Oh mãe, – Sara foi trás de Burke enquanto este dirigia-se a janela e pousou a mão no trinco.

Abriu a janela de par em par e viu um homem tremendo, com um pé na perna da calça e outro fora. O homem ficou literalmente paralisado quando viu Burke e depois lançou um olhar rápido em suas costas para a rua, que ficava há vários andares abaixo.

E engoliu em seco, bastante audível. Burke riu, embora sem qualquer humor.

– Não se preocupe. Eu não vou atirá-lo para baixo.

O desconhecido, um jovem de aproximadamente 20 anos, no máximo, murmurou entre os lábios roxos.

– Nós... você... Não vá... a...

– Meus dias de jogar os homens através de janelas e varandas já passou há muito tempo.

– R... Realmente, Milorde?

– Realmente. A raiva vem da paixão, sabe? E nada me excita, em anos. Eventualmente, você vai chegar à mesma conclusão.

O homem parecia infinitamente aliviado.

– Mas não quer dizer que eu não vá exigir reparação, – continuou Burke em tom de conversa – Espero que amanhã de manhã... dentro de algumas horas. Digamos que amanhã ao crepúsculo? No final do parque. Eu deixo você escolher as armas. Pistolas ou espadas?

O homem estava sem camisa e seu coração batia tão forte que Burke teve a impressão de que poderia vê-lo batendo contra suas costelas.

– Milorde, – disse tremendo – Se eu quisesse...

– Pistolas? – Burke duvidou que seu rival fosse bom em esgrima.

Há muito tempo, ele considerou um destes elementos essenciais na educação de um cavalheiro, mas agora a arte da esgrima parecia estar perdida, e Burke ficou desolado por isso.

– Encontre uma testemunha, eu vou cuidar de um médico. Boa noite.

Ele entrou novamente no quarto e viu que Sara estava deitada em cima da cama gemendo e ofegante.

– Oh, por favor, Burke, – exclamou levantando seu belo rosto banhado em lágrimas: – É um equívoco! Ele me obrigou! Somente o convidei para tomar um aperitivo e ele aproveitou-se para abusar de mim.

Ele inclinou a cabeça enquanto colocava as luvas. Por um momento pensou em usá-la para atingir o homem, mas não teve coragem de fazê-lo. Mas por vingança, caso tivesse seu chicote, teria um grande prazer em dar uns golpes na bunda redonda de Sara. Ela merecia isso.

– Por favor, Sara. Seus rompantes teatrais certamente merecem aplausos no palco, mas perde

seu tempo comigo. Caso alguém aqui tenha sido forçado certamente foi aquele pobre jovem, então pare de chorar e ouça.

– Burke! Você sabe que eu o amo,! Só você!! Ele suspirou.

– Eu pedi para me ouvir, Sara. O apartamento está pago até o final do mês, mas no dia primeiro, você deve sair.

Ela deixou escapar um soluço e ele pensou, que se tivesse posto a mesma intensidade ao interpretar lady Macbeth poderia ter agradado os críticos melhor. Uma vez que o público amou mais seu físico que suas habilidades como atriz.

Não era este o caso dele também?

– Você pode ficar com as joias e com a carruagem. – Percebeu que estava ficando indulgente com a idade. Há apenas um ano atrás, não teria deixado a carruagem. – Pode ficar também com as roupas, chapéus e outros adereços.

O que mais deu a ela? Pensou. Não se lembrava corretamente.

– Bem, – concluiu olhando o colchão e batendo com os punhos nele. – Boa noite, Sara.

Ele deixou o quarto, pegou o chapéu e Lilly disse com os olhos apertados, com uma segurança surpreendente para a pequena caipira que era:

– Se você estivesse aqui esta noite, Milorde, em vez de ficar passeando, isso nunca teria acontecido. Refiro-me aos dois lá em cima.

Percebendo que era uma dedução sábia, Burke ergueu as sobrancelhas.

– Sinto muito, Lilly, mas não estava passeando, como você disse, de forma encantadora. Eu estava lidando com minha filha.

Ela balançou a cabeça, visivelmente infeliz, porque a sua estadia numa casa elegante, estava em fase de conclusão.

– Há pessoas que você pode contratar para cuidar da menina, você sabe, Milorde, – disse ela amargamente, antes de fechar a porta na cara dele.

Parado na porta da entrada do apartamento que ele mesmo pagava o aluguel, Burke refletia nas palavras da criada. "*Você pode contratar pessoas para cuidar da menina*". Ele estava em posição de saber. O que ela não sabia era quantas senhoras desfaziam suas malas no quarto ao lado de Isabel, arrumando-as alguns dias depois e chorando na maior parte do tempo. Qual mulher na Inglaterra poderia ficar com sua filha mais de uma semana?

Ele perguntou isso para sua filha ao retornar da festa dos Peagrove, e ela respondeu sem hesitar:

– Alguém como a senhorita Mayhew.

Sim, Burke pensou, Se era a senhorita Mayhew que queria, ela a teria.

Capítulo quatro



Kate deixou lady Babbie sobre a mesa e suspirou.

– O que eu faço com você?

Lady Babbie observava com seus grandes olhos verdes cintilantes.

– Você está fazendo tudo para que nos despeçam, de tanto deixar ratos decapitados no travesseiro de Phillips e bolas de pelos em seus sapatos. Você tem que parar com isso. Está tornando minha vida impossível.

Lady Babbie abriu a boca e deu um bocejo enorme, revelando seus minúsculos dentes brancos e a língua rosa.

– Se ao menos entendesse o que estou dizendo!

Ouviu passos atrás da porta da sala de aulas. Kate prometeu a Phillips que deixaria lady Babbie trancada em seu quarto então, rapidamente pegou o gato e ficou escondida debaixo da mesa, apesar dos protestos do gato.

Felizmente, era só Posie ofegante por ter subido ao terceiro andar.

– Ufa, – disse Kate, visivelmente aliviada. Tirando a gata brava de debaixo da mesa– É você. Você me assustou. Eu tinha certeza que era Fusspot^[2].

– Senhorita, acho que nunca... nunca – Posie gaguejou encostada na porta enquanto tentava recuperar o fôlego.

Lady Babbie rosnou, o que era um mau presságio e Kate foi obrigada a colocá-la no chão para evitar represálias.

– Vai, demônio, – disse ela com carinho para o animal, que saiu balançando o rabo com orgulho. – Será pior para você se o Sr. Phillips persegui-la com uma jarra de água na próxima vez que fizer uma visita a ele.

Lady Babbie foi para perto da lareira e começou a se lavar muito bem com a língua. Kate olhou para o pequeno relógio pendurado em sua blusa.

– Os meninos retornaram da aula de equitação? Eu pensei que ainda tivesse meia hora pelo menos e ia pedir para a cozinheira o meu chá.

– Não, não é sobre as crianças, – disse Posie finalmente recuperando o uso da palavra, – é um cavalheiro que está aqui e quer vê-la. Está a sua espera na biblioteca, onde permanece mal-humorado porque a senhora Sledge está falando em melhorar o destino dos papuas.

– Um cavalheiro. – Kate ficou surpreendida e tirou um fio de cabelo de cima do rosto. O que

Freddy está fazendo aqui no meio do dia? Ele sabe muito bem que tenho folga só as terças-feiras.

Posie balançou a cabeça.

– Não, não, senhorita, – falou Posie com os olhos brilhantes de entusiasmo. – alto, muito alto, moreno, olhos parecidos com os de Lady Babbie. Eu me pergunto se ele não é aquele homem que você disse que tratou mal a própria filha, outra noite na rua.

– O quê? – Kate viu-se em seus pés antes mesmo que estivesse ciente de que se levantou. – Você quer dizer lorde Wingate?

– É isso aí, – disse Posie estalando os dedos– Esse é o nome que usou. Wingate, sim.

– Lorde Wingate? Aqui? Para me ver?

– Sim, senhorita. Ah! entregou a Phillips seu cartão perguntando se você estava em casa, como se a dona da casa fosse você. Deveria ter visto o rosto Fusspot! – Ela riu– Ele parecia estar à beira de um ataque. Correu para avisar o sr Sledge e o sr Sledge disse: *Bem, Phillips, o que está esperando para ir buscá-la? Não pode ficar aí parado.* Sim, você deveria ter visto a cara do Fusspot!

– Meu Deus – sussurrou Kate escovando os pelos que o gato deixou grudados em sua saia, – que pode ele querer de mim?

– Talvez você tenha feito um buraco no casaco dele com o guarda-chuva e ele veio cobrar.

Kate já estava na escada e estacou congelada.

– Bate na madeira! Eu não tenho dinheiro para comprar um casaco. Só a gravata dele vale mais do que o que eu ganho em um ano.

Posie afagou o braço.

– Não se preocupe, caso o casaco dele tenha furado, pergunte a senhora Jennings se pode arrumar. É uma costureira muito boa. Lembra-se como conseguiu costurar os casacos das crianças que foram queimados com as castanhas quentes? Certamente nem mesmo notaram a diferença.

Um pouco consolada, Kate desceu lentamente para o primeiro andar. Só viu um motivo que poderia fazer com que o marquês fosse à casa do Sr. Sledge: indignado com as acusações que ela havia lançado sobre ele há quase uma semana, foi a sua procura para pedir a demissão dela, imediatamente. Seria obrigada a deixar Park

Lane caso não conseguisse se explicar.

Mas quando chegou à porta da biblioteca, seu chefe estava esperando impacientemente na companhia da Sra. Sledge e do Sr. Phillips.

– Bem, senhorita Mayhew, – murmurou Sledge sem correr o risco de ser ouvido pelo Marquês. – Nós não sabíamos que você conhecia lorde Wingate.

– Acontece que... eu...

– Lorde Wingate é um homem muito rico, Miss Mayhew, – interrompeu ele tentando em vão,

manter sua dignidade apesar da sua extrema agitação, – Ele não tem uma reputação apropriada para se tornar o patrono oficial do Rev. Billings - O Senhor Wingate tem um passado movimentado, você sabe -, mas é tão rico, que uma pequena doação seria suficiente para fornecer aos papuas da Nova Guiné, livros de oração para o próximo ano.

– Eu acho que lorde Wingate chegou para fazer uma doação, deve ser isso. Deve ter perguntado pelo senhor, não por mim. Isso foi um engano.

– Não há nenhum erro– Phillips falou arrogantemente. Perguntou por você, chamou seu nome, senhorita Mayhew.

– Oh, Senhor, estou perdida! – Disse Kate.

– Seja qual for o motivo de sua visita, tente dar a ele esses folhetos, – disse Sledge colocando os papéis na mão de Kate antes de Phillips abrir a porta da biblioteca. Eu sei que lorde Wingate é um intelectual. Estuda direito e lê os filósofos. Estes folhetos devem interessá-lo.

Antes de Kate falar uma palavra, Phillips abriu a porta.

– A senhorita Mayhew, Milorde.

Ela foi empurrada para dentro da biblioteca, empurrada literalmente por uma mão firme em suas costas.

Infelizmente enganchou os pés na borda do tapete oriental e deixou cair os folhetos. O homem que estava esperando por ela olhando para o fogo, virou-se. Ela só o tinha visto na escuridão da noite, e esse fato suavizou seus traços esculpidos com um cinzel, mas dentro da sala, parecia muito mais impressionante.

Ultrapassava sua altura em mais de um pé. Seus ombros eram incrivelmente largos e seu olhar cruzou com o dela com uma intensidade alarmante.

Kate abaixou o olhar rapidamente, na esperança de que ele não notasse seu desconforto.

– Você está procurando um guarda-chuva para furar-me, senhorita Mayhew? Ela o escutou e estremeceu ao som daquela voz familiar, mas muito diferente do rugido profundo e ameaçador que lembrava. A diversão tinha substituído o tom de reprovação, mas ainda era intimidador.

– Você deve saber que eu sou tão boa com um atizador como com um guarda-chuva, – disse ela olhando para cima.

Se a sua erupção o surpreendeu, não demonstrou.

– Obrigado por me dizer, – respondeu secamente. – Mas eu prefiro deixar esta casa sem que me perfure a pele. Você sabe quem sou eu?

Kate cruzou as mãos atrás das costas e colocou a expressão tímida que estava ensaiando há muito tempo diante do espelho, quando ela percebeu, após a morte de seus pais, que só poderia sobreviver graças à sua inteligência.

– Claro, Milorde. Você é Burke Traherne, o Marquês de Wingate.

– De fato. Lembra-se que insultou-me no outro dia, com algumas surpreendentes suposições. Você se lembra?

– Sim, Milorde, eu me lembro. Ele levantou uma sobrancelha.

– E não pediu desculpas.

– Peço desculpas, Milorde, caso o tenha ofendido. Mas você estava com um aspecto suspeito e naturalmente eu teria que tirar certas conclusões.

– Naturalmente? você me confundiu com... " *Um abusador vil de mulheres inocentes, correndo à solta em Park Lane?* Você deparar com esse tipo de coisa, muitas vezes em sua peregrinação pelo bairro, senhorita Mayhew?

Kate deu de ombros quase imperceptível.

– Não era eu que tinha uma mulher gritando por cima do meu ombro, Milorde.

– Eu expliquei que era minha filha.

– Sim, mas por que deveria ter acreditado na palavra de um homem que eu acredito que estava agindo como um patife dominante?

O senhor Wingate pigarreou.

– Sim, claro... Bem, você acha que pode deixar as suas suspeitas sobre o meu caráter de lado tempo suficiente para ouvir uma proposta?

– Uma proposta?

Kate ficou aliviada, afinal não ia pedir sua cabeça. Ufa!

– Provavelmente, você queira falar com o Sr. Sledge e oferecer donativos para o reverendo Billings, e ajudar os papuas da Nova Guiné. Quer que eu vá buscá-lo, Milorde?

– Claro que não!

O Senhor Wingate ficou observando Kate com curiosidade, uma curiosidade um pouco mais intensa do que o normal, e isso fez com que ela olhasse para chão. Mas ela não fez isso. Enquanto ele a olhava, ela observava seus braços musculosos sob o leve tecido do casaco, braços perfeitamente capaz de atirar um homem através de uma janela, e sentiu como se ele fosse fazer isso novamente.

Ela também observou os sulcos profundos em sua boca descendo sobre ambos os lados do nariz. Uma boca extremamente sensual que parecia não ter mantido as marcas de amargura do casamento fracassado. Por cerca de um minuto quase simpatizou com ele, apesar de como havia tratado sua esposa. Mas homens como o Marquês de Wingate não merecem que ninguém tenha pena deles.

– Eu não dou a mínima para esses papuas, – disse ele voltando à realidade, – é uma seguidora do Reverendo Billings, senhorita Mayhew?

Kate não podia deixar de rir.

– Claro que não! Ele veio jantar aqui uma vez...

Ela fez uma pausa, percebendo que não poderia dizer a esse homem que naquela noite, depois de esvaziar sozinho uma garrafa de vinho, o Reverendo Billings tentou prendê-la na despensa para iniciá-la nos ritos de casamento dos papuas da Nova Guiné. Kate deu um golpe na cabeça do reverendo com a bandeja de bolo e ele rapidamente foi para casa sem dar nenhuma explicação para seus benfeitores, que tinham visto esse estranho comportamento dele como uma demonstração de sua genialidade.

Se o Senhor Wingate havia percebido que ela não terminara a frase, não pediu que continuasse. Em vez disso, ele disse, parecendo aliviado:

– Bem, muito melhor. Eu espero que você me perdoe, senhorita Mayhew, por não ter escrito uma nota antes para me apresentar, mas pensei que fosse melhor expor o motivo da minha visita frente a frente, dado que o nosso primeiro encontro não foi tão convencional.

Seus olhos a fitavam com tal intensidade que ela estava quase saindo da sala. Felizmente, pegou a tempo na ponta de uma estante de mogno onde estava um atlas.

– Em suma, me pergunto se você pode considerar deixar o seu emprego atual nesta casa para tornar-se dama de companhia de minha filha Isabel, a quem já conhece, se entendi corretamente.

Kate estreitou as pálpebras e inclinou-se um pouco mais sobre a estante.

– Eu acho que posso oferecer comodidade... pelo menos igual ao que está acostumada aqui, – Ele olhou ao redor da sala com uma expressão de preocupação. Embora luxuosamente mobilada e equipada com os clássicos, a biblioteca era a sala menos frequentada da casa e pouco convidativa. – E eu dobro seu salário.

Kate sentiu o queixo cair. Era perfeitamente ficar rude com a boca aberta - algo que ela tinha tentado, sem sucesso ensinar aos filhos dos Sledge. O que estava acontecendo era simplesmente fantástico. Extraordinário...

Espere até que ela dizer a Freddy!

– Oh, – ela disse. – Obrigada, Milorde, mas é... impossível.

Agora foi a vez do Marquês permanecer em silêncio. Olhou para ela sem dúvida destinado a fazê-la sentir-se mais insignificante do que uma migalha de pão esquecida sobre uma mesa. Mas determinada a não ficar impressionada, ela ergueu o queixo.

Seus olhos de gato queimando com a intensidade de um forno incandescente a fitavam.

– Por que? – perguntou ele devagar, com uma paciência que desmentia sua expressão.

Kate colocou a mão livre sobre o coração, como pudesse proteger-se desse olhar agudo. Mas o gesto não tinha a menor chance de protegê-la de nada.

Claro que ela poderia explicar o real motivo de sua rejeição. A verdade é que não havia só uma, mas várias. Além do fato de que ele gozava de uma reputação odiosa - talvez ele mesmo não

soubesse de que ela tinha ouvido que ele atirou e quase matou um homem em Hyde Park, em um duelo, e havia rumores, sobre algo a ver com Sara Woodhart – e que ele era o ser fisicamente mais intimidador que ela já conheceu.

Inegavelmente atraente, não realmente sedutor. Freddy, por exemplo, era muito mais bonito do que ele, com seu cabelo louro e cacheado. O tipo clássico do Inglês perfeito, tanto na aparência como no seu caráter sem cérebro. Burke Traherne, entretanto, era algo como um cigano, com traços duros que não tinham nada de irregulares, mas não foram feitos para agradar. Um rosto cativante, equipado com um toque de ferocidade e crueldade.

– Eu... eu não posso, isso é tudo.

– E eu pergunto novamente: por quê?

Não poderia conformar-se com o "*não*"? Ela ficou surpresa, perplexa e irritada ao mesmo tempo. Então percebeu que o Marques não era um homem a quem poderiam negar alguma coisa. O diabo o levasse! O que ela faria?

Respirou fundo para falar, mas o Marquês antecipou-se.

– Qual é o seu salário anual, senhorita Mayhew?

Esta questão suscitou um pouco de esperança nela. A solução era bastante simples: bastava dizer algo demasiado caro para ele.

– Uma centena de libras por ano, – disse contando uma quantidade muito elevada.

– Perfeito, – disse baixinho, – eu ofereço o dobro.

Capítulo cinco



Por um momento, Burke pensou que a garota fosse desmaiar. Ela agarrou-se na beira da estante com tanta força que seus dedos estavam brancos, tão brancos como seu rosto quando ela entrou na biblioteca. Recuperou um pouco de cor à medida que conversavam, mas agora, mais uma vez pálida como um lençol, ela murmurou:

– Duzentas libras? Duzentas libras?

– Sim, – Burke disse com firmeza: – Eu acho razoável.

Não parecia, é claro. Ele pagava a senhorita Pitt £ 30 libras, bem como a todas as que a precederam. Ficou claro que a jovem estava mentindo. Era absolutamente impossível para Sledge contratá-la por uma centena de libras por ano. Bem, ele poderia pagar, mas ele não era do tipo que gastar esse tipo de dinheiro em algo tão trivial como a educação de seus filhos. Mas não hesitava em dar esse montante de olhos fechados, para missionários insignificantes.

Mas ficou claro - por qualquer razão, e Burke, tendo chegado à conclusão de que nunca entenderia as mulheres, não ia se incomodar se perguntando muito sobre isso – a senhorita Mayhew não queria trabalhar para ele. Então, se ele tinha que pagar £ 200 libras ao ano, então por Deus, ele pagaria.

E não lamentava está despesa. Depois de uma pequena pesquisa, ele concluiu que essa mulher era a solução ideal para o seu problema. Era mais jovem do que pensava, e não devia ter menos de 20 anos, e isso pareceu uma garantia de que era incompatível com sua condição social. Na igreja, por exemplo, ele com esforço, acompanhou Isabel só para ver a Srta. Mayhew no exercício de suas funções e percebeu que os filhos dos Sledges, que não teriam mais que seis e sete anos, permaneceram completamente tranquilos. Lembrando-se de Isabel com a mesma idade, Burke foi forçado a tirar o chapéu para a governanta. Na rua, ela respondeu educadamente para as pessoas que a cumprimentaram, mas com frieza e distância, e não teria estranhado caso ela fosse uma duquesa. Sobriamente vestida e sempre impecavelmente limpa. E, ao atacá-lo com seu guarda-chuva quando pensava que Isabel estava em perigo, apresentou provas de que no seu papel de dama de companhia, seria corajosa e eficiente.

Sim, apesar da sua pouca idade, Katherine Mayhew parecia a funcionária ideal. Havia apenas uma coisa que fugira ao seu olhar até o momento em que ela entrou na biblioteca de Cyrus Sledge: Era incrivelmente bonita.

Linda não, a sua pequena estatura impedia que a colocasse na categoria de mulheres lindas,

mas Isabel estava certa ao dizer que a senhorita Mayhew era agradável aos olhos. Na verdade, Burke achou difícil olhar para longe dela, mas normalmente Kate não teria atraído a sua atenção. Ele preferia as mulheres morenas e altas e ela era baixa e loira. Mas a cor de mel de seu cabelo ficava muito bem e a franja que caía sobre a testa mostrava seus enormes olhos cinzas, rodeados de pestanas escuras.

Quanto a seu vestuário como governanta, a blusa e a saia sem adornos, realçavam a extrema estreiteza de sua cintura com as proporções perfeitas, não tinha muito a preencher parte da frente da blusa, o que ela tinha era, pelo menos, em perfeita proporção com o resto dela.

Foi a sua boca, no entanto, que Burke achou difícil de ignorar. Como o resto de sua pessoa, era muito pequena, parecida com a boca de uma criança. Mais atraentes eram seus lábios curvados e surpreendentemente expressivos. Naquele momento, eles estavam separados e ela olhava-o com espanto. Viu uma fileira de dentes pequenos e a ponta da língua rosa era uma visão encantadora.

Perguntou a si mesmo se estava muito cansado. Nunca encontrou até aquele momento, nenhum prazer em ver o interior de uma boca de ninguém, para dizer o mínimo.

– Senhorita Mayhew, – falou ao final, porque ela não parecia disposta a sair de seu silêncio, – Você está bem?

Kate assentiu com a cabeça sem dizer uma palavra.

– Há qualquer coisa que eu possa fazer por você? Quer água? Um copo de vinho? Talvez deva sentar-se.

Desta vez, ela balançou a cabeça. Confuso mas determinado, Burke continuou:

– Bem, se você for levar as coisas para minha casa, enviarei meu laçao, Parry Bates. Quanto tempo você precisa para embalar suas coisas? Poderia estar pronta hoje à tarde? Isabel insiste em ir a um baile, não sei aonde e seria melhor começar imediatamente. Na verdade, posso enviar uma criada para ajudá-la.

A boca pequena rosa bateu como impulsionada por uma mola.

– É impossível, – exclamou de repente.

Ele acreditou que havia um tom de medo na voz dela. Mas por quê?

– Bem..., – disse Burke: – Eu suponho que você insiste em ficar algum tempo com Sledge até eles encontrarem uma substituta é isso? Eu entendo. Qual o tempo de aviso prévio? Uma semana de antecedência? Espero que não sejam duas.

– Eu...

Novamente ela sacudiu a cabeça e o movimento soltou pequenas mechas que escaparam de seu coque. Suaves ondulações que lembravam algas marinhas.

– Sinto muito, Milorde.

O timbre de sua voz parecia tão agradável como o resto de sua pessoa. Mas essa impressão desapareceu quando ela acrescentou:

– Acho que é impossível trabalhar para o senhor, desculpe.

Burke não se mexeu, nem mesmo levantou um dedo. Mas a senhorita Mayhew refugiou-se atrás da estante, como se colocasse uma barreira entre eles.

– Não se zangue, por favor, Milorde.

Burke olhou para ela. Ele não estava zangado. Exasperado, talvez, mas não menos irritado. Há muito tempo decidiu não ter tais sentimentos, porque sabia que era uma coisa difícil de dominar. Só Geoffrey Saunders e Isabel o levaram a ficar nervoso uma vez.

– Não estou zangado, – disse fazendo esforço para parecer calmo – Absolutamente não.

– Eu não acredito em você. Você está muito zangado.

– Mas não estou. – Burke tomou uma respiração profunda– Senhorita Mayhew, teve a sensação de que eu poderia levantar a mão para você?

– Milorde tem certa reputação de ser violento.

Burke sentiu que realmente gostaria de quebrar alguma coisa, talvez essa estante na qual ela estava apoiada. Tinha um desejo louco de pegar a estante com as duas mãos e enviá-la voando para fora da janela. Então lembrou-se que havia renunciado a tais excessos e controlou-se.

– Eu receio estar sendo ofendido por sua observação, senhorita. Na verdade eu já briguei com homens, mas nunca na minha vida bati em uma mulher.

Os dedos dela relaxaram na beirada da estante.

– Sinto muito, Milorde, mas quando eu disse que não trabalharia para você, ficou com um olhar... assustador.

– Tem medo de mim? – disse irritado: – Essa é a razão para não aceitar a oferta? Não estava tão assustada naquela noite ao tentar plantar um guarda-chuva no meu peito. Por que a mudança repentina de atitude? Talvez alguém tenha dito algo sobre o meu passado?

– Não, – ela respondeu rapidamente.

– Bem, se você pensou que eu estava abusando de mulheres indefesas, agora você deve pensar diferente.

– Como você conduz seus negócios pessoais não são assuntos meus, Milorde.

– Sem dúvida, mas já tem uma opinião pré formada sobre mim. Será que o fato de que sou divorciado é a causa de sua desaprovação, senhorita Mayhew?

Ela abaixou os olhos.

– Eu gostaria que respondesse. Em uma relação profissional, a honestidade é muito desejável por ambas as partes. Repito a pergunta: Será que você desaprova o meu divórcio?

– Há muitas coisas que eu desaprovo na forma de homens como você e sua vida, lorde

Wingate.

– Isso, pelo menos tem o mérito de verdade. Aqueles que falaram sobre a minha vida não tiveram nenhuma consideração, é claro.

– Lorde Wingate, eu disse que sua vida particular não me interessa, – disse.

– Por que levou isso em consideração na outra noite? Porque eu era completamente desconhecido?

A senhorita Mayhew levantou o pequeno queixo insolente.

– Eu pensei que uma garota estivesse em perigo. Recordou com um brilho nos seus olhos belicosos.

– Oh, sim, claro! E devo acreditar que você seja forte o suficiente para deter um homem da minha altura com sua sombrinha?

– Imaginei que deveria pelo menos tentar. Não poderia olhar para mim mesma caso tivesse passado sem intervir.

Um arrepio percorreu a espinha do Marquês, causada pelo alívio de ter finalmente encontrado uma dama de companhia responsável para agradar Isabel. Não tinha nada a ver com o fato de que ele a tivesse descoberto a poucos passos de sua casa, uma pessoa muito boa, muito honesta. E por último, encantadora.

Mas suas inesperadas palavras o fizeram cair na gargalhada.

– Senhorita Mayhew, se eu pagar £ 300 libras por ano, você aceitaria trabalhar para mim?

Ela o olhou intrigada.

– Mas... não!

– Por que não em nome do céu? – Então um pensamento terrível ocorreu. Deveria ter ocorrido a ele antes.

– Você está comprometida, senhorita?

– Perdão?

Pacientemente ele repetiu.

– Você é uma jovem atraente, apesar de um pouco estranha. Eu suponho que você possua pretendentes. Já possui algum pretendente?

– Certamente que não, – respondeu ela, como se a ideia fosse absurda.

– Então por que hesita? Você está apaixonada por Cyrus Sledge? Por isso não suporta a ideia de sair?

Foi à vez dela de rir e essa risada causou em Burke um efeito curioso. De repente, parecia que 36 anos não era uma idade tão avançada para novas perspectivas, além da vestir um pijama de flanela e ficar lendo à noite.

Talvez uma loucura tenha se apoderado dele. Não havia outra explicação para isso, realmente.

Seu criado, sem dúvida estava correto, e Burke estava ficando velho. Mas naquele momento, pareceu a coisa mais perfeitamente natural do mundo reduzir a distância entre ele e a senhorita Mayhew, pegá-la pela cintura e depositar um beijo em seus lábios risonhos.

Ou pelo menos, é o que ele pretendia fazer. E conseguiu a maior parte disso, pegando-a de surpresa, e puxando-a facilmente contra ele. Mas quando se inclinou para beijá-la, Kate pegou o atlas e deu um golpe na cabeça. O golpe não foi forte, mas a surpresa o forçou a soltá-la.

Ela aproveitou a oportunidade para sair correndo da sala, deixando a porta aberta e o marquês sozinho na biblioteca de Cyrus Sledge.

Depois veio o inevitável. Burke pegou o atlas e o atirou com todas as suas forças através da janela.

Capítulo seis



Kate não parou de correr até que ela chegou à sala de aula. Uma vez na segurança relativa de seu refúgio, pegou Lady Babbie diante do fogo e escondeu o rosto em seu pelo caminhando para cima e para baixo na sala.

– Oh, Senhor, Por favor, não deixe que eu não seja demitida! Por favor, não me coloque na rua. Eu não tenho outro lugar para ir. Por favor, por favor, por favor.

Fez a mesma oração quando o reverendo Billings saltou sobre ela na despensa. Com a diferença que então ela bateu nele com a bandeja de bolo porque o reverendo causava náuseas, enquanto o golpe que deu no marquês foi por outra coisa.

Posie entrou no quarto, e muito excitada perguntou;

– O que o Marquês queria?

Kate soltou o gato porque ele pulava em seus braços.

– Oh! Posie, Estou em apuros!

Posie balançou a cabeça.

– Então ele queria era um casaco novo. É muito nojento! São todos iguais. Eles fingem ser cavalheiros, mas são gananciosos. Ouça senhorita, eu tenho algum dinheiro guardado, posso emprestar alguma coisa caso precise.

Kate deixou-se cair na cadeira que estava em frente à lareira.

– Ele não veio por seu casaco, Posie. Queria contratar-me como dama de companhia para sua filha, que está em sua primeira temporada. E ofereceu-me duas... não, três centenas de libras por ano. Eu me recusei.

Em três passos, Posie ficou ao seu lado. Ela pegou a mão de Kate com firmeza.

– Eu menti para você. Eu suspeitava que ele não veio por seu casaco. Eu a vi subir as escadas e então ouvi um barulho na biblioteca. Eu acho que ele quebrou algo. Sledge e Fusspot foram correndo para lá. Eu acho que o Marquês ainda está lá para negociar o assunto com o Sr. Sledge. Tem tempo ainda para interceptá-lo antes que ele mude de opinião. Vá rápido! Precisa ir rápido ou ele vai embora.

Kate tirou as mãos da jovem criada.

– Eu não posso.

Posie olhou com espanto para ela.

– Você não pode o quê? Não pode viver como uma rainha com 300 libras por ano? Você sabe

quanto dinheiro é isso senhorita? Necessita de uma vida inteira para ganhar esse dinheiro.

– Posie, você não entende.

– É verdade, eu não entendo. Eu tenho que dizer isso, senhorita: eu gosto de você muito mais do que todas as que lidaram com as crianças antes, mas se não for imediatamente dizer ao marquês que aceita o cargo, nunca mais falarei com você.

– Posie– Kate gemeu apertando a cabeça entre as mãos, – eu não posso trabalhar como dama de companhia aqui em Londres.

– Mas por quê?

Como ela poderia explicar? Ninguém sabia de seu passado. Se alguém tivesse perguntado como ela conhecia Freddy e porque razão misteriosa eram tão bons amigos... Mas ninguém fez nenhuma pergunta. Na casa dos Sledges ninguém era curioso.

Era necessário dizer que ela não escolheu os Sledge aleatoriamente. Como todas as famílias para quem ela havia trabalhado antes, os Sledges não pertenciam à alta sociedade, apesar de serem ricos. Normalmente eles não eram convidados para festas importantes. Não iam ao teatro ou em corridas. Seus amigos eram pessoas que não lembravam do nome Mayhew mesmo que ela possuísse uma mina de diamantes.

Isso foi exatamente o que Kate queria dizer. Quanto mais tranquila fosse a vida de seus patrões, mais chances ela teria em preservar o anonimato que zelosamente cuidara por sete longos anos. Às vezes ela acompanhava as crianças em alguma festa de aniversário, mas mesmo nestes casos, as chances de que fosse reconhecida era mínima, porque normalmente nestas festas, só encontrava governantas como ela.

Ao contrário, ser dama de companhia para a filha de um marquês a mergulharia de volta ao ambiente em que antes frequentava. Entrar em casas onde antes era uma convidada, retornaria a conversar com velhos amigos, velhos conhecidos... para não mencionar os seus antigos inimigos.

E ela voltaria a enfrentar os insultos, comentários dolorosos e olhares desconfiados.

Não. Ela livrou-se de todos e sobreviveu, mas Kate não era forte o suficiente para reviver o calvário que havia sofrido.

E desprezava profundamente as pessoas da alta sociedade, sua hipocrisia, seu esnobismo e sua astúcia. Aqueles que, como o Marquês, pensavam que poderia tratar seres humanos como agradasse, com a desculpa de que possuíam dinheiro. Aqueles que levaram o seu pai à ruína. Aqueles que afastaram-se dela com indiferença.

Todos, exceto Freddy. A beleza simples de Freddy, que ficou com ela, mesmo durante os momentos mais duros. Ele nunca faltou e sua amizade permaneceu intacta, apesar de todas as vicissitudes. Sim, ele era o único que não a deixou de fora.

Não queria voltar a este mundo odioso por todo o dinheiro do mundo.

– Eu não posso. – Repetiu levantando a cabeça – Você não percebe que eu seria obrigada a frequentar jantares, bailes...

– Sim. – Zombou Posie – Que horror! Você pode até mesmo ser forçada a comer caviar e beber champanha todas as noites! E ainda ganhar três centenas em um ano. É incrível o que as pessoas podem oferecer a uma mulher nesses tempos.

– Você não entende. As coisas não são como parecem. O Marquês e outros como ele, não se parecem conosco, nem mesmo os Sledges. Eles são pessoas horríveis. Todas. Não sabem o que é lealdade ou decência. Só pensam neles e no seu precioso dinheiro. Eles podem arruinar a vida de alguém apenas com um sopro no lugar certo. Se falamos a verdade, isso não tem nenhuma importância. Mas quanto a eles, bastam dizer alguma coisa, que a outros vai parecer que é a verdade;

Posie a olhou de uma forma irônica.

– Se um homem me pagasse três centenas em um ano, eu não me importaria a mínima para o que os outros pensassem de mim.

– Essas coisas nos machucam Posie, acredite em mim. Kate levantou-se e caminhou pelo quarto.

– Especialmente quando tudo é mentira.

– É só você não prestar atenção, – disse Posie.

Kate parou e ficou olhando para Posie. Ela que em sua curta vida, ainda não sofrera nenhuma dor e ainda cultivava ilusões. Sim, certamente tenha sentido um pouco de dor no coração, mas nada muito forte. Era a mais velha de uma feliz família de doze filhos e os pais ainda estavam vivos. Posie podia dar-se ao luxo de ser corajosa, não perdeu tudo que gostava. Não perdeu tudo como ela perdeu. Kate sorriu. Não era próprio dela cair em depressão por qualquer besteira.

– De qualquer forma, mesmo que mudasse de ideia, concordando em trabalhar para o Marquês e cair no mundo, ele não vai mais me querer. Eu bati nele, Posie.

– Você... o quê?

– Eu bati na cabeça dele com o atlas. Ele tentou me beijar, como o reverendo Billings.

Posie ficou aturdida por um momento e depois, agarrou Kate pela cintura e a arrastou à força para a porta.

– Não é tarde demais. Ele ainda deve estar aqui. Você vai pedir desculpas e vai embora com ele.

– Desculpar-me? Posie! Está doente da cabeça. Ouviu o que eu disse? Tentei...

– Trezentas libras, senhorita Kate. Isso é tudo que importa. Você entende? Agora, saia e faça o que eu digo. Se eu fosse você até ficaria de joelhos. Vamos!

– Posie, – protestou Kate oferecendo resistência. – Lorde Wingate não é o tipo de homem que

perdoa uma mulher que deu nele um golpe na cabeça. Mas... se você tivesse visto o olhar no rosto dele, – continuou ela com um sorriso – Eu admito que não é divertido perder 300 libras, mas a verdade...

– Sem "mas". São 300! E com 300 libras, você pode viver muitos anos e pagar muitas contas.

A voz de Posie foi ficando mais aguda, e Kate estremeceu pondo a mão em seu braço.

– Oh, – exclamou de repente pálida. – Posie meu Deus! Eu não estava me lembrando disso... Me esqueci. Mas 300 libras... pagaria o aluguel por um longo tempo.

Posie não sabia absolutamente o que Kate estava falando, mas percebeu que seu juízo havia voltado e isso era tudo que importava.

– E também um cara rico como ele deve ter mais de um atlas em casa. Você só tem que colocar um na cabeça dele cada vez que começar a ficar ousado, se caso não tenha entendido a mensagem.

Kate teve a sensação de que uma mão fria apertava seu coração.

– Você acha que ele foi embora?

– Vamos nos certificar.

Elas deixaram a sala de forma tão rápida que a cauda de Lady Babbie, bateu com força sobre a mesa. O gato rosnou com raiva antes de retornar para cima dos papéis que Kate esqueceu em cima da mesa.



No lobby, o Marquês de Wingate dava um cheque para o Senhor Sledge encaminhar ao rev. Billings. Essa foi a compensação que o Sr. Sledge pediu pelo vidro quebrado. O vidro maldito estava custando mais que o dobro do seu valor, mas o que ele podia fazer? Não estava ele tentando roubar a funcionaria de seu vizinho? Ele não poderia, em sã consciência piorar a situação recusando-se a pagar por algo que foi quebrado.

O pior era que Sledge não fez qualquer pergunta sobre as razões que o levaram a fazer aquilo, mesmo sobre os motivos da sua visita. Não perguntaram sobre a Srta. Mayhew ou qualquer outra coisa a não ser sobre os papuas da Nova Guiné. Até mesmo seus filhos, que entraram na sala no momento em que estava assinando o cheque, chamaram a atenção deles. Bem, talvez um pouco. Eles apenas os lembraram que teriam que limpar seus sapatos antes de entrar, sem um único gesto de carinho a não ser a ordem para a criança que batia com o chicote em seu irmão, que parasse com aquilo.

Na verdade, foi Burke, que teve vontade de pegar o chicote.

– Você pode ferir o olho de seu irmão com o chicote, – disse Burke, dando uma risada cheia

de desprezo. Estava convencido, então que a senhorita Mayhew era um anjo. Quem mais aguentaria aqueles diabinhos?

Um anjo ou uma bruxa. Dada a sua dor de cabeça, ele optava pela segunda coisa.

Assim que pensou em Kate, de repente, ela surgiu nas escadas. Ninguém havia notado a presença dela. O Sr. Sledge estava falando sobre as vítimas naquele país maldito que Burke não queria mais ouvir pronunciar o nome ou enlouqueceria. Sua esposa estava explicando para as mulheres que ocupavam a sala que não precisavam levantar-se porque era apenas o Marquês de Wingate, um frequentador regular da casa. Com a cara de mais de um dia sem pão, o mordomo passou com uma pá cheia de cacos de vidro, enquanto as crianças chutavam-se uns aos outros com suas botas enlameadas.

No entanto, apesar do barulho insuportável, Burke ouviu a voz da senhorita Mayhew que da escada, falou com ele por cima de todas essas pessoas que estavam reunidas na entrada.

– Lorde Wingate, eu aceito a sua oferta... se ela ainda estiver de pé.

Burke olhou estupefato para Kate. Por que ela havia mudado de ideia? Burke não imaginava o porquê, mas suspeitava que a criada de cabelos vermelhos por trás dela tinha algo a ver. Ela estava com uma mão nas costas da senhorita Mayhew e era óbvio que a estava empurrando.

Em todo o caso, não era sua intenção pedir explicações para aquela mudança de opinião.

Na verdade, não gostou nada do jeito que ela rejeitou a oferta. Sentiu-se insultado e desapontado. Mas ele não podia esquecer que era apenas uma empregada, e que ela não sabia nada de certos costumes.

Aquela mulher odiava os homens, era a única explicação possível para o seu comportamento. Nunca foi rejeitado por uma mulher e Burke sentiu-se um pouco envergonhado por esta experiência estranha.

Mas uma inimiga dos homens seria uma companheira ideal para Lady Isabel. Então, lentamente, abaixou a voz profunda declarando com isso que não tinha problemas de ouvido:

– Eu me sinto muito honrado, senhorita Mayhew. Posso enviar os meus criados hoje à noite?

Ela apenas assentiu com a cabeça. Enfim, o barulho havia se tornado tão ensurdecedor que agora ele não a teria ouvido.

Lançou a ela um último olhar apreciativo, pois, decididamente, ela era muito agradável de se ver. Era uma pena que odiasse os homens. Em seguida, recuperou seu casaco e o chapéu, porque o mordomo parecia estar ocupado e não havia nenhum lacaios a vista e deixou a casa, aliviado por ser capaz de vislumbrar o futuro de Isabel com melhores perspectivas. E tudo pela módica quantia de £ 300 libras.

É verdade, havia a questão do golpe na testa, mas era melhor ignorar. Comportou-se de forma imperdoável com a senhorita Mayhew e isso nunca voltaria a acontecer.

Pelo menos antes, poderia verificar se não havia um grande livro nas proximidades.

Capítulo sete



Kate subiu as escadas de pedra com a garganta tão apertada pelo medo, que ela mal podia respirar. Por favor, ela orou, fazei com que esteja destrancada, Senhor, eu peço.

Nem teve tempo para tocar na maçaneta da porta quando ela abriu-se largamente. Vincennes o mordomo de Lorde Wingate, olhou para ela intrigado.

– Senhorita Mayhew Como vai você? – disse ele, agradavelmente – Est...

Mas Kate não estava com vontade de brincar e entrou na casa correndo fechando a porta atrás dela.

Vincennes olhou para ela, perplexo.

– Eu espero que você tenha tido tempo para chegar ao correio antes dele fechar. Kate quase não ouviu o que ele disse. Correu para a sala e foi direto para a janela e puxou as cortinas. As luzes da sala ainda não estavam acesas.

– Vincennes, – disse ela olhando para a rua. Você pode ver aquele homem ali na esquina? Debaixo do lampião.

O mordomo olhou obedientemente para o lugar indicado na rua. Estava chovendo.

– Sim, senhorita.

Então não era a sua imaginação!

– Desculpe-me senhorita, mas você tem alguma razão para temer o senhor Jenkins?

– O senhor Jenkins? Quem é o senhor Jenkins?

– O homem que você está vendo.

– Você o conhece? – Ela perguntou surpresa

– Claro, é o médico. Faz muitas visitas nesta área.

Kate sentiu o rosto ficar vermelho e deixou cair a cortina.

– Eu sou estúpida, eu pensei... que fosse outra pessoa.

– Não é de se admirar, senhorita, com uma névoa como esta...

Kate estava preocupada enquanto subia as escadas para chegar a seu quarto. Freddy estava certo, ela possuía muita imaginação. Que diabos faria Daniel Craven de pé em uma esquina, embaixo de chuva em Londres, onde durante sete anos ninguém o tinha visto?. Ela estava ficando um pouco ridícula. Mais do que isso: ela estava ficando histérica.

Mas ao chegar à porta de seu quarto e viu que ela estava ligeiramente aberta, tendo a certeza que a fechou antes de sair, a suspeita apareceu novamente. Vincennes a teria alertado caso alguém

tivesse ido vê-la. E é claro que ele não deixaria um visitante entrar em seu quarto. Não, só poderia ser uma criada ou...

Ela abriu a porta e ficou paralisada ao descobrir Lady Isabel Traherne de bruços em sua cama com os pés para cima e acariciando Lady Babbie.

– Não sabia que você tinha um gato, Senhorita Mayhew, – disse quando viu Kate na porta.

Como custou a ela manter escondida a presença de Lady Babbie! Lutara uma batalha real com a gata para que ela ficasse em sua cesta e tudo para nada.

Em todo caso, isso serviu como uma lição. No futuro, fecharia com chave seu quarto.

– Não confie nela, senhorita, da mordidas quando está de mau humor.

Como para provar que estava errada, o gato estava deixando Isabel coçar suas orelhas sem protestar.

– Ouça como ronrona! Eu sempre sonhei em ter um gato, mas meu pai pensa que como sou incapaz de cuidar de plantas, que dirá de um animal. Qual é seu nome?

Kate, desconfortável, limpou a garganta enquanto desfazia os laços do chapéu.

– Lady Babbie.

– Como? Eu não ouvi.

– Lady Babbie – repetiu um pouco mais alto. Isabel olhou para ela com curiosidade.

– É um nome estranho. É alguém que você conhece?

– Não exatamente, – afirmou Kate, tirando o chapéu e ajeitando o cabelo no espelho.

Vendo a decepção de Isabel, fez um esforço para continuar.

– Eu tinha dez anos quando dei este nome. Naquele tempo eu achava que era um nome muito elegante, Deus sabe o porquê. Isso é tudo o que posso dizer em minha defesa.

– Quando você tinha dez anos..., – comentou Isabel acariciando o animal sob o queixo, – então ela deve ser muito velha.

Kate voltou para a tarefa de arrumar os livros que estava fazendo uma hora antes, de ir ao correio enviar uma carta.

– Apenas treze anos, – Kate disse, não sem alguma indignação.

– Então você tem 23 anos?

Isabel perdeu o interesse no gato e rolou para trás. Contemplando a camada de gaze branca, com pequenas flores verdes e rosas no dossel da cama, acrescentou:

– Eu pensei que você fosse muito mais jovem.

– Nem sou muito velha com 23 anos, certo?

– Por que não se casou ainda? – perguntou Isabel deitando de bruços com o queixo apoiado nas mãos– Você é bonita e pequena, e eu me pergunto como ainda não está nas mãos de um homem. – Ninguém fez uma proposta?

Isabel tinha o cabelo preso de qualquer forma e só tinha um vestido de seda sobre a roupa interior. Ela lembrou-se de Posie, que costumava falar com ela durante a noite com uma aparência semelhante. Kate olhou para o livro que estava prestes a colocar na prateleira ao lado da lareira.

– Ficar nas suas mãos? Claro que não.

– Não? Se casar com ele....

– Ninguém por quem estivesse apaixonada.

– Não? Ele quis casar com outra pessoa? Kate pôs o livro em seu lugar.

– Quem?

– O homem por quem estava apaixonada.

– Eu disse que nunca amei ninguém.

– Como? – Isabel sentou-se surpresa, – Nunca? Senhorita Mayhew! Eu só tenho dezessete anos e me apaixonei umas cinco vezes, duas delas no ano passado.

– Impressionante, – disse Kate tirando outro livro da caixa de Phillips, que trouxe para o novo emprego, porque estava feliz em se livrar dele. – Eu acho que não foi muito seletiva em suas afeições.

– Isso parece. Meu pai não disse que eu sou louca?

Kate, que não viu o Marques uma única vez desde a sua última conversa no saguão dos Sledge, não teve oportunidade de conversar sobre os altos e baixos da vida amorosa de sua filha. O Sr. Sledge ficou irritado quando soube que ela os deixaria e a Sra. Sledge ficou de cama por dois dias. Kate escreveu para o Marquês anunciando que estava aguardando enquanto os Sledge encontrava uma substituta. Não foi ele quem respondeu, mas sua governanta, Mrs. Cleary, informando que poderia levar o tempo necessário.

Mas ficou contente ao saber o quanto os Sledges precisavam dela depois que Sra. Sledge cobriu o Marquês de insultos, acusando-o de roubar sua serviçal e depois, ela experimentou um certo prazer ao sair da casa pequena e sobrecarregada de mobílias. A única pessoa que sentiria falta era de Posie e contra todas as probabilidades, as crianças. Elas haviam derramado lágrimas copiosas ao saber que Kate estava saindo e com a promessa de que não iam torturar a nova governanta colocando espinhos e caracóis nas folhas de chá.

Só a reação de Freddy ofuscou sua alegria quando deixou o emprego. Literalmente atordoado, custou um bom tempo para achar novamente a voz.

– Lorde Wingate? – Ele repetiu quase sufocando.

Estavam chegando perto do parque. Freddy insistiu em levá-la em seu novo Phaeton, quando ela teria preferido sentar-se calmamente em uma mesa em alguma casa de chá.

– Lorde Wingate? Você quis dizer Burke Traherne? O mesmo que você atacou com o guarda-

chuva?

– O mesmo. Freddy! Observe por onde vai! Já esteve prestes a atropelar um cão.

– Você vai viver na casa de Traherne e cuidar de sua filha?

– Sim, Freddy. Por trezentas libras por ano. Note que talvez não seja um ano inteiro, porque provavelmente Lady Isabel estará casada antes de terminar a temporada. Freddy, você precisa ir tão rápido?

– Mas eu disse a você sobre ele, Katie! O divórcio dele, do tipo que jogou p...

– Sim, eu sei. Jogou o amante de sua esposa pela janela. Lorde Wingate parece sentir uma inclinação para coisas dessa natureza. Quando eu disse que não queria trabalhar para ele, jogou um atlas pela janela.

– Maldição! Não é de admirar!

Nesse ponto da conversa, Kate lamentou tê-lo informado sobre sua decisão, mas ele descobriria de qualquer maneira. Se Freddy fosse mais compreensivo...

– Eu não gosto disso, – ele disse: – Além do fato de que você será forçada a viver sob seu teto, ficará em uma situação difícil. Pense Kate, você vai ser forçada a acompanhar esta jovem para onde você foi convidada há alguns anos atrás. Com a diferença de que agora não será uma convidada, mas a empregada dela.

– Alguns anos? Sete anos Freddy. Ninguém vai se lembrar.

– Acho que sim Kate! Você estava na boca de todos, por culpa....

– Sete anos, – ela cortou, Agora eu sou uma velha senhora.

– Você não mudou nada Kate, acredite em mim. Todo mundo vai reconhecê-la...

– Ninguém percebe uma dama de companhia.

– ... E recomeçarão estas perguntas e os olhares de piedade que tanto odeia. Todas as mulheres vão falar de você: *Adivinhe quem veio à minha casa ontem à noite, Kate a filha de Mayhem. Mas agora ela é dama de companhia, pobre...*

– Eu não sabia que você era tão talentoso na arte da imitação, Freddy. Era a voz de lady Hildengard, certo?

– Você não poderá suportar. Você odeia essas mulheres.

– Freddy, você está esquecendo uma coisa: 300 libras é muito dinheiro. Você sabe que meu pai não me deixou nada, a não ser dívidas.

– Você não é responsável pelas dívidas de seu pai, – lembrou ele.

– Não, mas eu não posso deixar de me sentir responsável pelas pessoas que ele deixou sem dinheiro. Você sabe que Nancy não tem um centavo.

– Nancy! – Explodiu Freddy. – É ela? A sua antiga babá?

– Sim, – Kate disse baixinho. Trezentas libras dará para alugar uma casinha para ela durante

vários anos. Eu não posso dizer não, Freddy.

– Também não se pode dizer sim! – Fulminou-a com um olhar e puxou as rédeas para deter os cavalos. – Kate, você não irá trabalhar para Burke Traherne, está fora de questão.

– Ah! E suponho que vai pagar o aluguel de Nancy.

– Eu faria isso, se me permitisse.

– Não, eu mesma quero cuidar de Nancy.

– Eu vou descobrir seu endereço e eu vou dizer a ela o que você está fazendo, ameaçou.

Kate riu.

– E o que você vai dizer, Freddy? Que eu aceitei um trabalho onde eu vou ganhar nove vezes mais do que ganhava antes? Eu concordei em ser a dama de companhia da filha de lorde Wingate e não voltarei atrás. É um trabalho perfeitamente respeitável. Mesmo Nancy concordaria. Não é como se eu tivesse concordado em ser sua amante ou algo assim.

– Maldição, Kate! – explodiu segurando sua mão e apertando-a firmemente, – Aquele homem tem um temperamento violento. Na semana passada quase colocou uma bala em um pobre coitado por causa de Woodhart. É um degenerado, depravado. Claro que a contratou apenas para corromper e quando estiver cansado de você a levará para as ruas. Falta consciência está entendendo?

Kate o observou com alguma surpresa, antes de rir. Freddy ficou ainda mais irritado, o que intensificou a hilaridade dela.

– Oh, Freddy! Você realmente acha? – Ela voltou a ficar séria. – Sempre sonhei que corromperia um degenerado. E eu sou paga por ele. Não estou com sorte?

– Não é divertido Kate. Eu a advirto, Traherne...

– Sim, sim, sim, – interrompeu ela soltando a mão dele para dar um tapinha – Ele é horrível. Eu percebi isso e prometo tomar cuidado.

– Você vai ser cuidadosa? Mas o problema não é isso. E se...

– Agora, Freddy não é como se o Senhor Wingate tivesse mostrado algum interesse por mim nesse sentido.

Claro que ela não contou o motivo por ter dado um golpe na cabeça do marques com um atlas.

– Ele tem a Srta. Woodhart para distraí-lo, Como posso ser atraente para ele quando tem uma mulher como essa?

Freddy murmurou algo que ela não entendeu.

– E mesmo que fosse muito degenerado, – ela continuou tentando convencer Freddy, ao mesmo tempo que tentava convencer a si mesma, – você deve admitir que ele está preocupado com a felicidade de sua filha. Um homem que ama sua filha não pode ser tão terrível.

– Kate...

– E quanto a corromper-me, o Marquês me contratou para ter as noites livres e dedicar-se a seus passatempos enquanto eu cuida da filha dele. O que você acha disso?

Vencido, Freddy caiu contra o banco do Phaeton.

– Kate, por que você não se casa comigo? Tudo seria muito mais fácil.

Ela o fitou com os olhos entrecerrados. Adorava tanto a companhia de Freddy que até esquecia que ele sentia mais do que amizade por ela. Em seguida, com um sentimento de culpa pensou que ao aceitar tomar chá ou andar de carruagem com ele, tudo o que ela fazia era dar falsas esperanças. O que não era muito honesto de sua parte.

Ele continuava sendo o melhor amigo dela, e era tudo o que restava de sua vida anterior. Infelizmente nada poderia ser de maneira diferente.

Kate suspirou.

– Não, Freddy, isso não simplifica nada. Nada mesmo.

Não havia lugar para ela nesse mundo, nesse mundo onde antes movimentava-se com desenvoltura e equilíbrio. Como ela seria capaz de retornar depois do que as pessoas tinham dito e provavelmente ainda diziam, sobre seu pai? Como é que poderia suportar a hipocrisia daqueles seres ignorantes, pedantes e vazios, aqueles que adoravam espalhar rumores infames? Preferia morrer.

E mesmo que tivesse a força para enfrentar o mundo que ela havia deixado para trás, não poderia, em sua consciência, casar-se com Freddy. Não o amava. Imagine casar-se com ele apesar de tudo e de repente perceber, que havia acontecido como a mãe de Isabel, que amava outro. Não, não faria a Freddy o que Elizabeth Traherne tinha feito para o Marquês, o que foi um verdadeiro desastre.

Voltando ao presente, olhou para o quarto. Nunca viu quarto mais bonito desde a morte de seus pais. Desde que exercia o cargo de dama de companhia. Um papel branco decorado com pequenos buquês de rosa e verde cobrindo as paredes e combinando com as cortinas da cama de dossel. As cadeiras eram estofadas em veludo verde. O banheiro era branco com cantos dourados e sob um grande espelho. Nada a ver com o quarto congelante da casa dos Sledges, por culpa da parcimônia com que o mordomo Phillips distribuía o carvão.

Quanto ao resto da casa... Kate nunca observou antes algo mais confortável e elegante. Desde os quadros até as velas dos candelabros, tudo era de excelente qualidade e gosto requintado.

E ela estava sendo paga £ 300 por ano para viver neste luxo!

– Seu pai não mencionou esse cavaleiro, – disse para a menina deitada em sua cama tão confortavelmente como Lady Babbie.

– Sir Geoffrey ia morrer de rir se escutasse isso, – disse Isabel, com um sorriso. Diga-me,

senhorita Mayhew você realmente leu todos esses livros?

Kate olhou para a caixa a seus pés.

– Sim, claro.

– Por que os guarda? Quer dizer, você já os leu, não é?

– Porque alguns livros são tão interessantes que faz com que a gente os queira ler novamente,
– disse Kate pegando o exemplar de Orgulho e Preconceito. Nós passamos a amá-los. Tornam-se algo como uma família.

– Como uma família?

– Sim, como uma relação de confiança e amor que você não pode abandonar. Quando você pega um livro para ler acontece como... visitar sua tia favorita ou aconchegar-se nos braços de seu amado avô.

Dada a expressão cética de Isabel, Kate disse:

– Eu acho que para você não é a mesma coisa, Lady Isabel. Você tem um pai que a ama e certamente também têm avós. Para mim, infelizmente os livros é tudo o que me resta. A vantagem é que não podem pedir dinheiro emprestado, – brincou, percebendo de repente que ela estava tendo piedade de si mesma. – A única coisa que pode acontecer é esquecê-lo no ônibus e confesso que já aconteceu isso uma ou duas vezes comigo.

Isabel franziu o nariz.

– Senhorita Mayhew, é uma sorte que você seja tão bonita. Isso permite esquecer que você é muito diferente. Eu nunca li um livro. Quero dizer um livro que gostasse de ler novamente.

– Não? Nem mesmo esse? – Disse Kate apontando para o livro Orgulho e Preconceito.

– Meu Deus, – Isabel olhou de soslaio para a capa. – Papai está sempre tentando me forçar a ler esse livro.

– E deveria fazer isso. Você gostará dele. Fala de jovens com a sua idade que se apaixonam.

– Sim? Eu pensei que fosse uma história de guerra.

– Que guerra? E de onde tirou essa ideia?

Isabel levantou-se pegando o volume e começou a folheá-lo, o que Kate pensou ser um bom sinal.

– Papai sempre lê livros, basicamente os de guerra, direito ou coisas ainda mais chatas.

Kate estava mexendo na caixa.

– Sim? Será que seu pai gosta de ler?

– Isso é tudo o que ele faz, quando não sai com as mulheres odiosas como aquela senhora Woodhart.

Kate tossiu desconfortável, mas Isabel não fez nenhum caso.

– Às vezes eu até penso que se não fosse pelas mulheres como ela, meu pai nunca sairia de

casa. Quando chegamos a Wingate Abbey ele não tirava o nariz de seus livros, exceto para ir passear a cavalo de vez em quando. É embaraçoso.

– Embaraçoso? – Repetiu Kate.

– Bem, é o único que se comporta assim. Quando eu estava na escola, os pais das meninas, iam caçar ou pescar. Nunca o meu. Ele está sempre em casa com um livro nas mãos. Eu já disse várias vezes que deveria sair mais. O que acontece é que ele está ficando velho, senhorita Mayhew. Acaba de completar 36 anos. Ele nunca vai encontrar alguém, a este ritmo, e sossegar.

– Mas eu pensei que já tivesse encontrado alguém, – disse Kate inocentemente

– Você não mencionou uma Sra. Woodhart?

– Ele não pode se casar com Sara Woodhart! Ela é uma atriz. De qualquer forma já é casada.

– Ah.

– O problema é que não resta muito tempo para ele. Em breve vou me casar com Geoffrey e meu pai ficará completamente sozinho.

– Sério? Geoffrey e você?

– Sim. Eu preciso encontrar para meu pai uma mulher bonita e amável o mais breve possível. Mas não uma mulher como aquela senhora Woodhart. Uma mulher... como você, senhorita Mayhew.

Kate estava prestes a rebentar-se de rir. A ideia de que o Marquês de Wingate pudesse casar-se com a dama de companhia da filha era grotesco.

Além disso, Freddy não disse que depois de sua primeira experiência desastrosa com o casamento, Traherne não queria mais ouvir falar sobre isso? Preferia mudar de assunto.

– O Sr. Saunders pediu sua mão, lady Isabel?

– Ainda não. Na verdade, ele não teve uma chance, meu pai está sempre em cima da gente.

Olhando para os lados, ela disse:

– Mas talvez agora com você aqui, senhorita Mayhew...

Kate ia responder que sua intenção não era ir contra os desejos de seu patrão, que pagava muito bem a ela para cuidar de sua única filha, quando o chefe em questão surgiu, depois de bater na porta que foi deixada aberta.

– Ah, senhorita Mayhew, – ele disse.

Ele estava com um livro na mão com um dedo entre as páginas marcando onde a leitura foi interrompida.

– Perdoem a minha intromissão, mas eu acho que Isabel e você vão sair hoje à noite.

Kate assentiu com a cabeça, evitando cruzar o olhar com os brilhantes olhos verdes do Marquês. Isabel herdou os mesmos olhos verde-esmeralda dele, mas como sua pele era pálida tornava o olhar dela muito menos impressionante.

Mas também não olhou em seus olhos, porque a última vez que ela se aventurou a fazer isso, deu um golpe na cabeça dele com um atlas e anteriormente o ameaçou com um guarda-chuva. Não tiveram a oportunidade de conversar em paz, ao final das contas.

– Sim, Milorde, – respondeu um pouco seca – Vamos sair para jantar com lady Allen antes de ir para a festa da baronesa Hiversham.

– E amanhã almoçaremos com Lorde e lady Blake antes de ir às compras com suas filhas odiosas, – interrompeu Isabel acenando os convites. – Depois almoçaremos na casa dos Bailey, faremos compras novamente e talvez faremos algumas visitas para nos inteirar de quem ficou noiva e quem ainda não. Voltaremos para casa, trocamos de roupa para jantar com o Senhor e Sra. Crowley e depois vamos assistir a opera e um jogo de cartas na casa de Eloise Bancroft. Vamos dormir apenas algumas horas, porque no início da manhã nos espera os horríveis Chittenhouse para um passeio a cavalo. O almoço não sei onde...

– Isabel, – disse o Marquês lentamente. – Talvez você preferisse voltar para a Abbey Wingate?

– Voltar para Abbey Wingate? Claro que não! O que eu vou fazer lá se Geoffrey está aqui?

– Eu entendi pelo tom de sua voz, que você aborreceu-se de Londres. Isabel deixou cair os braços para os lados de seu corpo, cerrando os punhos.

– Isso é o que você gostaria. Não é? – Disse levantando a cabeça bruscamente e fazendo voar seus cachos. – Você faria qualquer coisa para impedir que eu veja Geoffrey.

Kate pensou ter visto um olhar de surpresa no rosto do marquês.

– Pelo contrário, – disse este – Eu pensei que talvez você apreciasse um descanso no campo para recuperar a energia que é a sua característica.

Isabel suspirou indignada e furiosa, saiu e bateu a porta. Kate e o Marquês ficaram sozinhos no quarto.

Capítulo oito



Kate, horrorizada, olhou para a porta fechada, como se olhando para ela o tempo suficiente pudesse abri-la novamente e restaurar algum decoro com a situação.

Lorde Wingate, no entanto, parecia não sentir tal desconforto. Kate pensou com desgosto. Ele caiu em uma das poltronas ao lado do fogo e começou a olhar as chamas.

– Veja você o que eu enfrento todos os dias, – disse ele com sua voz profunda, sem nunca desviar o olhar do fogo, – Os amores de juventude são um adversários consideráveis, senhorita Mayhew.

Kate girou a cabeça da porta para ele antes de retornar à sua posição original. Imaginou se a Sra. Cleary, a governanta, passasse por lá e ouvisse a voz do Marquês no quarto da nova dama de companhia da filha. Ou pior ainda, se Vincennes o mordomo. Até o momento este não tinha tomado uma antipatia por Kate apesar do seu comportamento um pouco estranho. Mas não sabia ainda da existência de Lady Babbie. Da mesma forma que ela não sabia que seu senhorio tinha se convidado para manter uma pequena conversa no quarto dela.

– Isabel – Lorde Wingate prosseguiu, tão casualmente como se estivessem discutindo o tempo em Bath, – acredita estar apaixonada por esse jovem Geoffrey Saunders; Mas eles não foram feitos um para o outro. Saunders é o segundo filho da família, não herdará nem um centavo e vive do que seu irmão achar que deve dar. Deveria estar estudando, mas teve que fugir de Oxford por não pagar suas dívidas de jogo. Eu não sei como ele vive agora, acho que da filantropia de alguns.

Finalmente, ele virou o rosto

– Precisamos afastar Isabel a qualquer preço, deste jovem.

Kate, virou-se em sua direção enquanto ele falava, ficando paralisada por seu olhar penetrante. Engoliu em seco com dificuldade. Lorde Wingate enchia o enorme espaço da cadeira enquanto estava sentado. Fazendo Kate dolorosamente conscientes de um fato que ela estava esperando para esquecer... que Burke Traherne, o terceiro Marquês de Wingate, era verdadeiramente uma figura notável de homem.

Inexplicavelmente recordou-se que a Sra. Cleary deu um cheque de cinquenta libras naquela manhã.

"*Um adiantamento*", explicou a mulher gordinha, para as despesas que podem ocorrer com a mudança de trabalho.

Surpresa e feliz, Kate foi ao banco em seguida e enviou tudo para sua antiga babá, Nanny Hinkle.

A princípio presumiu que seu patrão daria dois meses de vencimento para que pudesse renovar o seu guarda-roupa e não ficasse constrangida aparecendo com roupas usadas. Felizmente as roupas de sua primeira temporada estavam quase novas e adaptavam-se perfeitamente ao seu novo papel, uma vez arejadas, solicitaria a senhora Jennings para cortar as saias para ficar mais na moda e também reduzir os decotes que eram muito ousados para uma dama de companhia. Também deveriam ser tingidas porque a maioria dos vestidos eram brancos. Aos 23 anos estava velha demais para vestir branco.

Agora, ela perguntou para si mesma se esse adiantamento não foi a maneira que o marquês encontrou para ter a certeza de que ela não sairia da casa. Porque ela nunca poderia devolver tanto dinheiro. Escaldado pelas damas de companhia anteriores de Isabel, ele só poderia tentar prendê-la dessa maneira.

E a fuga foi o primeiro pensamento que passou por sua cabeça quando o Marquês lançou seu olhar verde nos olhos dela. Virou-se para a porta com a intenção de seguir os passos de Isabel. Mas, quando ela colocou a mão na maçaneta, a voz do Marquês fez com que seu bom senso retornasse.

– Senhorita Mayhew?

Senhor! O que ela estava pensando? Kate Mayhew nunca havia fugido antes de ninguém, exceto talvez daquelas sombras na rua, porque pensava que seriam de Daniel Craven, mas certamente nunca de nenhum Marquês autoritário, mesmo daqueles que foram dotados com um olhar penetrante.

Assim, em vez de fugir, reuniu toda sua coragem e só abriu a porta para que outras pessoas pudessem perceber que o dono da casa simplesmente estava visitando sua nova empregada.

Inclusive conseguiu manter os olhos nele sem corar e falando calmamente.

– É natural que coloque objeções a esse jovem, Milorde. Quer o melhor para sua filha. Mas me pergunto: proibir Isabel de ver Geoffrey será a melhor maneira de lidar com a situação.

– Desculpe-me, mas acho que sei como cuidar de minha própria filha.

– Tenho certeza de que este era o mesmo pensamento que tiveram os pais de Julieta, quando a proibiram de ver Romeu.

Lorde Wingate levantou uma sobrancelha, uma expressão indecifrável no rosto.

– Há muito tempo não falo com alguém que cite Shakespeare.

– Então não estranhará se recordar também a tragédia de Abelardo e Eloisa. Com certeza Fulbert, o tio de Heloísa, sentiu a mesma relutância em relação a Abelardo, que você pelo Sr. Saunders.

– Sabe? Eu sinto uma certa simpatia pelo tio Fulbert, – disse o marquês com um sorriso: – Eu não me importaria se Saunders tivesse a mesma sorte que Abelardo.

– Eu acho que Romeu e Julieta, Abelardo e Eloisa tiveram um destino trágico, porque sua família interferiu no romance deles.

– Deus, senhorita Mayhew! Isabel não está prestes a cometer suicídio e muito menos refugiar-se em um convento. Embora, francamente, prefiro o convento ao invés de um casamento com aquele vagabundo.

– Senhor Wingate, tanto a história como a literatura nos ensina que proibir um adolescente é a melhor maneira de fazer do mistério um atrativo aos olhos deles. Sua antipatia por Saunders poderá simplesmente, torná-lo mais interessante.

– E o que você sugere? Que permita que minha filha se atire nos braços desse canalha?

Kate separou os braços.

– Que mal poderia vir algumas danças com ele? Quanto mais tempo ela passar com ele, mais chances terá de ver suas falhas.

– E se não for assim? E caso ela apaixonar-se mais por ele e eu acabe sendo um avô antes que eu perceba?

Kate ficou corada e ficou feliz por estar perto do fogo, cujo calor poderia explicar a vermelhidão de seu rosto.

– Eu duvido que as coisas cheguem a esse ponto, Milorde. Acho que Isabel tem bom senso e um caráter forte. Não permitirá que isto aconteça.

Lorde Wingate bufou, e afundou-se mais profundamente na cadeira.

– Não sabe muito sobre adolescentes não é?

– Porque acha que não sei? – Kate respondeu de forma mais acentuada do que queria.

Burke com seus olhos esmeralda a fitaram de cima abaixo.

– Obviamente, você é muito diferente de Isabel.

– Obviamente, sua filha desfruta de uma riqueza e posição social que eu nunca tive e mais uma vez, eu digo....

Ela parou confusa quando viu que lorde Wingate estava rindo. Até então nunca ouviu ele rir. Desde a primeira vez que o viu, ele estava mal-humorado, mas agora com essa alegria, de repente, parecia muito mais jovem. Percebeu também que sua gravata estava desfeita, de modo que quando Burke jogou a cabeça para trás, ela pode ver a abertura da camisa. Essa visão era fascinante. Que diabos estava acontecendo?

Kate corou até as orelhas quando percebeu que ele parou de rir e ficou olhando para ela.

– Eu não estava se referindo a sua falta de riqueza e status, senhorita Mayhew, – disse ele, ainda sorrindo. – mas o fato de que você é mais atraente do que minha filha nunca vai ser, e que

you provavelmente foi quando tinha a idade de Isabel, também. Você sabe que a atividade física compensa a ausência de bens. Ao contrário do que acontece com Isabel, os admiradores devem cortejar você por outras razões além do dinheiro.

De repente, Kate desejava que tivesse mantido a porta fechada depois de tudo, e apressou-se a corrigir este erro antes de virar-se para o Marquês.

– Shhh! Isabel pode ouvir.

– E então? Ela sabe que não é bonita. Infelizmente, ela herdou a minha aparência.

Ele puxou um relógio do bolso do colete e começou a dar corda.

– E a inteligência herdou de sua mãe, – continuou ele.

– Como pode menosprezar sua filha dessa maneira? – disse Kate indignada chegando mais perto da cadeira onde ele estava sentado. – Lady Isabel é muito bonita.

– Ela tem um bom caráter, que é diferente. Pessoas como ela são cheias de energia. Também a enviei para as melhores escolas, mas só conseguiu aprender alguns passos de dança. Não tem nenhuma beleza ou inteligência, senhorita Mayhew. Você entende agora porque não posso comparar sua adolescência com a de Isabel? – Concluiu, repondo o relógio em seu lugar.

Então, percebendo que ele estava sentado e ela de pé, pulou e apontou para a cadeira que estava diante dele.

– Eu estou sendo rude. Sente-se por favor. Ela olhou para a porta.

– Tenho medo de...

– Sente-se!

Surpreendida pelo tom repentinamente brusco, sentou-se apertando as mãos sobre os joelhos.

– Assim é melhor, – disse ele voltando para o seu lugar. – Você é muito pequena, senhorita Mayhew, e meu pescoço começou a doer.

Sem saber como responder a isso, Kate voltou ao assunto anterior.

– Eu realmente acredito, Milorde, que Lady Isabel deveria ter permissão para ver o Sr. Saunders, pelo menos na minha presença. Que absurdo pode acontecer se eu estiver com eles?

– Estou surpreso com você. A noite que nos conhecemos, meu comportamento, completamente inocente, despertou as suas suspeitas ao ponto de querer chamar a polícia, e agora você é ingênua o suficiente para acreditar que um casal que pode não estar prestando atenção...

Ele parou e deu um outro olhar afiado, então mexeu-se desconfortavelmente na cadeira.

– Bem, não importa. Só sei que eu era pouco mais velho do que Isabel quando comecei a conquistar sua mãe e asseguro que um casal pode fazer todo tipo de absurdo, mesmo quando acompanhados.

– Talvez seja esse o problema, – ela o interrompeu.

– Problema, senhorita Mayhew?

- Você tem medo que sua filha cometa o mesmo erro que você.
- Claro que sim! E devo confessar que digo que parece... estranho, estar aqui falando sobre o meu casamento com a mulher que contratei como uma companhia para minha filha.
- Mas você esquece um ponto importante, lorde Wingate.
- O quê?
- Por pior que tenha sido seu casamento, bem, você cuidou do resultado. Não pode reclamar que sua filha ignore seus avisos, quando ela sabe que se você tivesse ouvido seu pai, ela não teria nascido.

A cadeira rangeu quando ele inclinou-se para trás duramente. Ele parecia realmente surpreso e Kate perguntou a si mesma se ela foi longe demais. Ela abaixou os olhos e repetiu mentalmente: 300 libras, 300 libras por um ano...

- Milorde... – começou de novo disposta a pedir desculpas.
- Senhorita Mayhew: – disse Burke.

Ele a jogaria pela janela? No quarto havia três janelas e todas estavam em frente ao jardim, que ficava dois andares abaixo. Com o degelo da primavera o solo devia estar muito suave, evitando assim a queda mortal. Na melhor das hipóteses só quebraria alguns ossos.

- Brandindo um guarda-chuva, um atlas ou apenas palavras, você sabe explicar, com uma clareza tremenda, – continuou ele com sua voz profunda.

– Lorde Wingate, eu...

- Não, senhorita, – disse levantando-se novamente, – Você está certa, proibir Isabel de ver Saunders não deu nenhum resultado.

Kate levantou-se, por sua vez.

- Lorde Wingate... – Ela começou, mas sua voz sumiu um segundo mais tarde, quando percebeu que estava dirigindo aos botões de prata do colete de Burke Traherne.

Era tão grande que foi obrigada a esticar o pescoço para olhar nos olhos dele. Imediatamente arrependeu-se, pois todas as sensações que sentiu há uma semana na biblioteca do Sr. Sledge, reapareceu: a surpresa de estar tão próxima à largura do peito, dos braços poderosos e cheios de músculos, do odor perturbador de sua pele que mesclava a sabão e tabaco e a visão de seus lábios tão sensuais, que pareciam incongruentes neste rosto tão duro.

Mas o pior foi o calor que emanava de seu corpo e a fez desejar fundir-se com ele, cair contra ele e esquecer o resto do mundo. Sim, ela queria perder-se naquela virilidade incrível.

Então lembrou-se do horror que causou esses pensamentos a ela naquele dia, quando enfurecida, pegou o atlas e...

E ali estava ela, tão intensamente ciente de sua presença como quando ele a abraçou naquele dia. Só que desta vez, ele não a estava tocando.

De repente, não sentiu as suas pernas e rapidamente sentou-se para evitar uma queda.

O marquês ficou imóvel. Simplesmente olhava para ela, isso achava Kate, porque ela não teve coragem de olhar para cima.

Então, como se os pensamentos dele tivessem seguido o mesmo caminho que os dela, disse:

– Eu acho que devo um pedido de desculpas, senhorita Mayhew, pelo incidente infeliz na biblioteca dos Sledge.

Vermelha como um tomate, Kate olhou para o fogo.

– Ambos temos de pedir desculpas, – ela conseguiu dizer, – de modo que não vamos mais falar sobre isso.

– Temo de que fui o único que se comportou de forma imperdoável. Você tinha todo o direito de me rejeitar.

– Mas eu deveria ter agido de forma... um pouco menos brusca. Portanto, você também deve me desculpar.

Ele limpou a garganta.

– Mas, como seu patrão, asseguro que nunca mais vai acontecer isso. Ela ficou surpresa, mas Burke parecia sincero. Claro que era apenas um sentimento e que a honestidade não era exatamente uma virtude que abundava entre as pessoas da alta sociedade. A única coisa que ele estava fazendo era dizer o que achava adequado às circunstâncias.

Ou não?

A verdade é que ele parecia um homem honesto. Poderia ser um cavalheiro leal?

Não. Se havia um fenômeno deste em todo o mundo, o que duvidava, certamente não era ele. Kate não conseguia esquecer aquela tarde na biblioteca quando foi tratada como se ela estivesse destinada a satisfazer os desejos sexuais dele.

Mas, querendo acreditar em sua capacidade de fazer um novo começo, ela levantou-se e estendeu a mão enquanto ele a olhava nos olhos.

– E eu vou assegurar por todos os meios que estiver ao meu alcance para que não se encontre com um neto, antes que esteja pronto para ser um avô, lorde Wingate.

Uma expressão estranha, semelhante aquela que fez um pouco antes de beijá-la, assumiu o rosto do marquês. Ela sabiamente recuou um passo.

Mas ele apenas apertou sua mão e depois seguiu em direção à porta. Pouco antes de sair, ele parou em seco, com a visão de Babbie alongando todas as unhas, no travesseiro de Kate.

– Bom Deus! – Ele disse.

Ela nem sequer teve tempo para se desculpar pela presença do animal.

– Espero que isso não seja uma fêmea, – disse ele. Kate ergueu as sobrancelhas.

– Sim, ela é. Por quê?

– Agora eu entendo por que o gato de Vincennes fareja por todos os cantos. É melhor manter esta porta fechada, senhorita Mayhew, a menos que queira ser avó mais cedo.

E ele saiu.

Capítulo nove



Foi assim que, após seis semanas, Burke Traherne finalmente teve uma noite só para ele. Uma noite para fazer o que quisesse. Foi tão inesperado que não estava acreditando na sua boa sorte.

Uma vez que Isabel havia terminado a escola, tentou de todas as maneiras fazê-la refletir, enchendo-a de mimos, ameaças e castigos. Tudo em vão. Tempestades de choro tornou-se um ocorrência comum, forçando-o a usar uma linguagem que não usava desde seus dias de adolescente, quando o diretor da escola batia nele com um chicote até que perdesse o hábito de praguejar. Bastou uma menina de 17 anos começar a sua primeira temporada para que retornasse à essa prática deplorável.

Agora, finalmente, voltou o silêncio. Um silêncio perfeito. Inesperado. Um silêncio que ninguém quebrava.

Teve um sentimento estranho, quase irreal. Bastou a liderança suave, mas firme da senhorita Mayhew e Isabel saiu de casa sem um único protesto. Até deu nele um beijo de despedida!

– Boa noite, papai bobão, – disse Isabel rindo. – E obrigada por me deixar ver Geoffrey. Divirta-se com os seus entediantes livros antigos.

Foi suficiente deixá-la ver esse velhaco do Saunders para obter a paz de espírito que agora desfrutava?

Não. Com as damas de companhia anteriores as lutas foram contínuas. Mesmo a escolha da roupa ou o penteado causava um conflito.

Em contrapartida, esta noite, sua filha havia aceitado o vestido sem uma palavra e nunca seus cabelos estiveram tão bem penteados. Graças, sem dúvida a senhorita Mayhew. Não havia nenhuma outra explicação possível.

Agora ele estava livre. Livre para desfrutar de seus velhos livros chatos.

E isso era exatamente o que estava fazendo. Decidiu preencher uma lacuna em sua mente e abriu um de Fenimore Cooper que deveria ter lido quando era menino. Afundado em almofadas macias ao lado do fogo, estava gostando de seu conforto enquanto ouvia a chuva lá fora. Na mesinha ao lado dele estava um copo de whisky e havia deixado instruções com Vincennes que não fosse perturbado sob qualquer pretexto. Nem com notícias de suas muitas possessões ultramarinas - Possuía negócios na África e nas Américas -, ou devido a problemas domésticos, e menos ainda pela Sra. Woodhart.

Determinada a recuperar seus favores, Sara tomou o hábito de enviar notas a qualquer hora

do dia ou da noite. Como o mensageiro recebeu ordens para aguardar uma resposta, não importasse a demora, isso afetava o bom funcionamento da casa, até que ele decidia devolver as cartas fechadas, ou rabiscar uma resposta curta. Na verdade, as cartas continham apenas um monte de besteiras. Na tentativa de que ele ficasse com pena dela e obter o seu perdão, por vezes, a carta estava borrada pelo que imaginava serem lágrimas.

Mas Burke acreditava que não havia nada a perdoar. Às vezes ele até pensava que deveria dar graças a Sara por sua inconstância. Graças a ela, agora gozava de uma paz deliciosa. Também não lamentava o dinheiro que está paz havia custado. Para alguns, 300 libras era uma soma considerável, mas para ele que possuía milhões, era uma ninharia.

E a paz era inestimável.

Burke mergulhou no livro começando pelo prefácio, que geralmente todo mundo ignorava. Mas naquela noite não estava com pressa. Era uma noite toda sua. Na verdade, esperava muitas noites como esta porque não encontrou até o momento, uma substituta para Sra. Woodhart. Ele não tinha pressa para encontrar uma nova amante. Amantes eram coisas boas, era verdade, como este uísque que naquele momento estava bebendo lentamente.

Ele olhou para o livro e depois perdeu-se na contemplação das chamas. Além disso, por que teria que encontrar outra amante? Ele poderia tentar uma mudança como o celibato. Esta ideia encaixa-se com o prazer de hoje saboreando a solidão e a paz. Mesmo após os meses depois da terrível descoberta de Elizabeth nos braços de seu irlandês, ele viajou pelo continente coletando aventuras com dançarinas e uma ou duas sopranos sempre que se apresentava a ocasião.

A verdade é que ele estava cansado de amantes. Claro, elas eram boas em suas próprias funções e ele sempre seria sensível à delicadeza de um tornozelo ou a um ombro pálido. Mas, embora elas dessem permissão para satisfazer certas necessidades, também eram uma fonte de problemas.

Uma de suas características é que gostavam de variedade. Se as atrizes como Sara Woodhart eram mestres fingindo interesse no homem que a mantinha, bailarinas e cantoras nem se incomodavam em fazer isso, elas ficaram acostumadas com adulações e outras coisas. Mas Burke gastava muito dinheiro com elas e por isso exigia que elas bem poderiam ao menos fingir que o amava.

E todas sempre o levaram à violência em algum momento, e isso acabou sendo um incômodo. Logo que fazia com que um rival caísse fora, precisava proteger-se de certos membros das famílias que ficaram indignados porque ele recusava-se a casar com sua irmã, filha ou prima, ou sobrinha, conforme o caso. A reputação de seu caráter de origem vulcânica, já causou problemas suficientes e ele precisava evitar tais situações. De modo que no momento não sentia vontade de ter outra amante.

Ele tomou outro gole de uísque, colocou o copo sobre a mesa e começou a ler a segunda página do prefácio. Sim, não queria nada que não fosse essa tranquilidade que curtia naquele momento, e estava disposto a fazê-la durar o maior tempo possível.

Mas, não tardou muito a pensar que era muita tranquilidade.

Não que ele apreciasse as explosões de Isabel ou a cadeia de renúncias de damas de companhia é claro. Mas ele estava... acostumado, por assim dizer, a ouvir algum barulho na casa, por exemplo. Isabel foi um bebê barulhento e inquieto. O divórcio mudou toda a sua vida, mas uma coisa permaneceu a mesma: Isabel e sua incrível capacidade de encher uma casa de qualquer tamanho com sua presença. Quantas vezes a repreendeu para que ficasse quieta? Quantas babás foram demitidas porque não conseguiram acalmar sua filha?

E agora ele tinha o que queria, uma casa silenciosa. Ele perdeu o entusiasmo causado pelos gritos, brigas e explosões de raiva.

Tudo estava tão silencioso que podia ouvir o tic-tac do relógio de pêndulo que estava na lareira. Esse tic-tac era quase ensurdecedor. Havia alguma coisa errada com o mecanismo.

Quanto ao som da chuva batendo nas janelas, só poderia ser uma tempestade lá fora, caso contrário não seria possível ouvir tanto barulho.

Como não deixava de pensar em Isabel desde que ela saiu, ele passou a lembrar da metamorfose incrível que aconteceu com sua filha. A alegria em saber que foi autorizada a ver Geoffrey Saunders, mudou tudo nela, ao ponto de parecer quase bonita. Quase. Embelezada com um dos muitos vestidos brancos, que ele havia comprado, entrou em seu quarto para agradecer e enquanto isso, a senhorita Mayhew esperava na porta. Uma senhorita Mayhew muito diferente daquela com o qual manteve uma conversa interessante, uma hora mais cedo. Aquela era encantadora, com sua blusa branca simples e saia, porém, esta outra estava uma beleza vestida de seda cinza, cujo corte perfeito realçava a cintura estreita e a redondez do pequeno e firme seio.

Apesar de que, nada do que ela usava era indecente, mesmo com o decote modesto, os homens iam despi-la com os olhos. Pelo menos os homens como ele. Mas qualquer que fosse a atração que sentisse por ela, não devia perder a cabeça como havia acontecido na biblioteca dos Sledge. Nada poderia comprometer a paz valiosa recentemente conquistada.

Mesmo que a memória de Kate vestida de seda cinza o perseguisse. Além disso, outros homens, provavelmente, sentiriam o mesmo fascínio por ela.

Mas o que ele estava fazendo, além de pensar sobre a dama de companhia da filha em vez de aproveitar a noite de solidão?

Duncan estava certo, começava a ficar velho.

Decididamente virou a terceira página. Este prefácio era muito interessante. A partir de agora, ao ler um livro sempre começaria por ali. Se havia prefácio, era para ser lido, certo? Por que

nunca pensou em ler um prefácio até hoje?

E porque o relógio de pêndulo fazia aquele maldito ruído? Amanhã diria a Sra. Cleary para limpar o maquinário, pois devia estar cheio de sujeira.

As damas de companhia não dançam nos bailes. Sentam-se junto com as mães, viúvas e solteironas que ninguém gosta de ver. Mas elas é quem estavam no comando. Elas asseguravam-se de que suas protegidas não fossem vítimas de uma atenção indesejada e não iam desaparecer com seus fãs no jardim ou nos quartos.

Porém não havia nenhuma razão que proibisse um homem de dançar com uma dama de companhia. Além disso a senhorita Mayhew era muito jovem e alguém a notaria. Mas quem não notaria essa bela mulher loira com o vestido de seda cinza?

E se esse alguém a tirasse para dançar? Seria muito indelicadeza da senhorita Mayhew rejeitar quando ficou claro que não estava comprometida. Mas ela não foi rude com ele? A verdade é que a maneira como ela desafiava as regras fazia parte do seu charme.

Como a boca pequena e rosa.

Também poderia responder a essa pessoa, que não dançaria porque ela foi contratada pelo Marquês de Wingate como uma acompanhante para sua filha, e que estava no baile apenas para realizar essa tarefa e não poderia dançar com os indivíduos pálidos que a espiavam do outro canto do salão. Sim, é isso que ela responderia, decidiu Burke.

E a senhorita Mayhew era uma mulher bem comportada pois ela não deixou a porta aberta enquanto ele estava falando com ela? Ele sabia que muito poucas mulheres preocupavam-se com esses detalhes, ao contrário, teriam aproveitado a oportunidade para pular em seus braços.

Mas a senhorita Mayhew não... Na verdade...

Na verdade, ele não sabia o que esperar e imaginava que ela poderia até sentir uma certa antipatia por ele.

Mas era impossível. Ela perdoou seu momento de fraqueza na biblioteca de Cyrus Sledge. Eles até mesmo apertaram as mãos e seu aperto de mão firme e sincero não deixou margem para dúvidas. Ela não o odiava. Nada disso.

No entanto...

Suponhamos que o indivíduo não seja alto. Nós estamos falando sobre alguém que a convide para dançar. Suponhamos que um conde italiano resolva tirá-la para dançar.

Uma pessoa alegre e charmosa e a senhorita Mayhew, que era um pouco inocente se deixaria seduzir. Seria muito fácil para um cavalheiro rico e bonito e com um sotaque, seduzir uma jovem como ela caso quisesse. Certamente ele estava esperando a oportunidade de melhorar sua posição, talvez naquele momento um parasita sem escrúpulos estava prometendo a lua a Kate e....

– Duncan! – gritou ele. – Prepare o meu traje de noite! Eu quero sair.

Ele estava comportando-se ridiculamente. Como um velho idiota, disse isso Isabel. A senhorita Mayhew não ia fugir com um conde italiano, nem da Prússia ou da Eslováquia.

Mas ele sabia o suficiente sobre as paixões dos homens para ter a certeza de que não era de todo impossível que alguns deles tentariam sua sorte. Tudo bem, a senhorita Mayhew conseguiu viver até agora sem sua ajuda. E como possuía mais juízo do que a maioria das mulheres, não caiu ainda nas garras de nenhum canalha. Mas certamente ela nunca pertenceu a alta sociedade e portanto, ignorava que muitos cavalheiros de aparência impecável poderiam não ter escrúpulos. E como havia sido ele que a forçou a entrar para nesse ambiente podre, era seu dever protegê-la. A falta de acompanhante por assim dizer, um companheiro, fazia falta a ela.

Enquanto aguardava o phaeton, decidiu que ia simplesmente dar uma olhada para ver como ela estava comportando-se. Caso tudo estivesse correndo bem, depois passaria no seu clube.

Caso ela precisasse, ele estaria lá.

Além disso, poderia confirmar se a teoria de Kate sobre Isabel e Saunders estava correta.

Afinal, olhar como ela o olhou, a noite até prometia ser proveitosa.

Capítulo dez



Kate estava perfeitamente consciente do cavalheiro olhando em sua direção desde que ela entrou no salão. Mas decididamente Kate recusava-se a acreditar que fosse Daniel Craven. Já imaginou tê-lo visto antes e era mais que suficiente, não faria o papel de idiota duas vezes. Há muito tempo que o homem aparecia em seus piores sonhos e só de pensar nisso, ficou arrepiada, mas ela não podia vê-lo em todos os lugares ou outros iriam pensar que era louca.

Então, certamente, o homem que olhava para ela parecia alguém familiar. Isso sempre acontecia. Tentou ficar longe da pista de dança, mas ela viu pelo menos uma dúzia de rostos conhecidos. Até aquele momento evitou refugiar-se por trás das árvores e das colunas, mas era apenas uma questão de tempo antes que a descobrissem. Eles logo gritariam: "*Kate Mayhem! O que você está fazendo aqui? 'Seu pai foi o homem que...?'*"

Kate puxou a cadeira para perto da matrona de cabelos grisalhos que estava sentada diante dela, não porque pensou que iniciaria uma conversa - falar com uma simples acompanhante, pelo amor de Deus -, mas porque o alto penteado da mulher oferecia uma camuflagem perfeita.

Conseguiu vislumbrar Isabel e achou esquisito ela estar comportando-se de forma escandalosa... O jantar foi um pesadelo, Isabel não quis falar com o senhor sentado ao seu lado com a desculpa de que seu coração estava prestes a explodir com a perspectiva de ver o Sr. Saunders. Kate respondeu que não era um bom motivo para desprezar um duque e um barão, pelo menos ela poderia ter perguntado se eles estavam gostando da comida. Mas nada, ela não havia despregado os lábios.

Então, quando elas voltaram para a casa da Baronesa, Isabel literalmente jogou o xale para Kate antes de precipitar-se para o salão de baile, onde pendurou-se num loiro alto e não separou-se dele. Kate concluiu que o loiro em questão era Geoffrey Saunders.

Ela teve a sensação de tê-lo visto antes, em sua primeira temporada, mas talvez estivesse confundindo com seu irmão mais velho, e que se pareciam muito, com base nas conversas das matronas sentadas na frente dela.

Saunders teria a idade de Kate e ele estava muito sexy com seus cabelos loiros encaracolados e uma espada reluzente na cintura. Esse detalhe mostrava alguma ostentação já que não usava o uniforme do exército. Kate entendia por que uma garota tão jovem e inexperiente como Isabel havia caído sob o feitiço de um personagem como esse. Ela não parecia interessada em qualquer outro cavalheiro.

Como eles estavam conversando sozinhos. Isabel não podia continuar sendo ridicularizada perante o mundo inteiro. Não admira que seu pai a proibiu de ver aquele homem. Senhor! Naquele momento, ela estava brincando com essa espada grotesca. A filha de um marquês!

E não era um marques qualquer, mas sim o mais famoso de Londres. Talvez isso explique porque as mães de família ao seu redor ignoraram o comportamento deplorável de Isabel. Não esperavam nada de alguém cujos pais tiveram evidentemente um divórcio memorável.

– Bem, – falou de repente, uma voz atrás dela: – Você vai me ignorar toda a noite, Kate?

Ela virou-se rapidamente.

– Freddy!

Ele curvou-se galantemente.

– Eu mesmo. Venho a mais de dez minutos tentando chamar sua atenção. Por que afastava a vista sistematicamente? Tenho certeza que me viu.

Kate corou. Ela não podia admitir que o confundiu com Daniel Craven. Observando que as matronas prestavam atenção na conversa deles, levantou-se e afastou-se com o conde, deixando para trás um mar de saias roxo e prata.

– Eu já o tinha visto, – admitiu, quando estavam suficientemente longe do lugar que, quando tinha a idade de Isabel, chamava de "*o canto das solteironas*".

Naquela época estava longe de suspeitar que um dia estaria sentada entre elas.

– Mais precisamente, vi alguém me olhando, mas... Eu não achei que poderia ser você. O que está fazendo aqui, Freddy? Não odiava esse tipo de entretenimento?

– Certamente, – respondeu colocando com raiva as luvas – Mas minha mãe insistiu para que eu viesse.

Kate olhou em volta nervosamente.

– Ela está aqui? Freddy, é melhor que não nos veja juntos, você sabe o que ela pensa de mim.

– Eu não me importo. Eu não tenho medo dela.

– Você deveria, é ela quem controla o seu dinheiro.

– Só até eu completar trinta anos. Depois serei livre para gastar o dinheiro de meu avô como quiser.

– Estou preocupada sem qualquer motivo, – murmurou Kate dando de ombros.

– Por que me reconheceria? Eu vi um monte de conhecidos e ninguém me reconheceu.

Freddy a olhou com ceticismo.

– Desculpe-me Kate, eu acho que foi reconhecida, mas preferiram ignorá-la. Você não mudou sabe? Ainda é a mulher mais linda do baile.

– Vamos lá Freddy. – Ela disse dando um tapa amigável.

Em seguida, deu um pequeno grito quando viu alguém do outro lado do salão.

– Meu Deus! Será que é realmente Emmaline St.Peters? Ainda não conseguiu encontrar um marido?

Freddy seguiu seu olhar.

– A velha Emma? Claro que não. Não há ninguém bom o suficiente para ela. Esta é a sua oitava temporada... eu acho.

– A décima – Kate corrigiu – é dois anos mais velha que eu. Freddy, não devemos falar dela pelas costas, não é muito agradável para nós, mas... como ainda pode usar branco?

– A propósito, eu já não tinha visto esse vestido com uma outra cor diferente? – Perguntou ele, olhando fixamente o vestido dela.

– O que você quer dizer?

Freddy pegou em suas mãos e se afastou para vê-la com um olho crítico.

– Lady Ashford. Vinte e sete de junho de 1863. Você dançou comigo uma vez e então disse eu tinha destruído os pés de Amy Heterling. Fiquei arrasado quando descobri.

Kate suspirou.

– Sim, – Ele continuou falando. – Você vê como eu a amo loucamente. Eu gostava mais quando era branco. O que você fez com o decote? Eu gostava mais quando...

– Ele foi modificado, acrescentou Kate. – Não é apropriado para uma dama de companhia usar um decote maior do que o de sua protegida.

Freddy suspirou.

– É um crime destruir uma criação de Worth dessa maneira. Falando de destruição, eu acho que Worth gostaria de ver no que ficou transformado o seu vestido, tendo em conta a sua história.

O belo rosto dela, mudou de expressão.

– Kate, me desculpe. Sinto muito. Eu não queria...

Ela deu um tapinha no ombro dele.

– Vamos Freddy! Sei que estava brincando.

– Eu sei, eu sei, – disse, triste: – Mas não foi divertido. Tenho certeza de que todas as suas coisas cheiravam mal... depois... depois...

Ela abriu o leque e cobriu sua boca.

– Não diga mais nada, – ela ordenou com ar de autoridade, – não fale sobre estas coisas num salão de baile.

Quando afastou o leque, Freddy ainda estava com uma expressão de arrependimento.

– Pelo menos me permita pedir desculpas, me conceda esta dança.

– Você enlouqueceu, – disse Kate, – Quer me deixar em apuros na minha primeira aparição em público? Eu tenho que olhar Lady Isabel e não ficar flertando com um velho pretendente.

– O que você quer dizer com "*velho*"?

– Já sabe de sobra.

Em seguida, Kate ouviu um grito e virou-se para reconhecer a voz de Isabel. Geoffrey Saunders fingia que a atravessa com sua espada. Algo que causou a antipatia imediata de Kate. Mas, francamente, não podia tolerar esses absurdos por mais tempo.

– Desculpe-me, Freddy. Tenho medo de ter que cometer um assassinato. Ele agarrou o braço dela.

– Não é assim que deve reagir.

– Perdão? O que você quer dizer? Freddy, não posso deixá-la assim. Ela está fazendo uma cena.

– Vai ser muito pior se a sua dama de companhia intervir para dar um puxão de orelhas diante de todo o mundo. Há uma maneira melhor. Vem. Você chega nela a partir da esquerda e eu provooco uma distração pela direita.

Kate não tinha ideia do que ele planejava fazer, mas seguiu as suas instruções. Isabel estava no meio de um grupo de jovens e embora não fosse a mais bonita das jovens, sem dúvida era a mais engraçada. O entusiasmo fazia muitas vezes esquecer o aspecto físico.

A expressão reprovadora de Kate claramente não surtiu o efeito desejado. Ao invés de recuar, Isabel aproximou-se dela, pegando sua mão e a levou para o centro do grupo, apesar de seus protestos.

– Geoffrey, é ela! Graças à bela senhorita Mayhew, finalmente posso falar com você. Não acha que ela é um anjo, Geoffrey? Um anjo, pequeno e precioso. Eu gosto muito dela e você também vai gostar.

E o Sr. Saunders respondeu:

– Seu desejo é uma ordem Lady Isabel, como sempre.

E para surpresa de Kate, ele curvou-se, pegou sua mão e a beijou.

– Não é um encanto, Geoffrey? – insistiu Isabel. – Senhorita Mayhew, eu estou muito feliz que você viva comigo. Eu sou a mulher mais feliz do mundo!

Saunders ainda não havia soltado a mão de Kate e a observava atentamente e ela não pôde deixar de notar os olhos azuis extraordinários. Um detalhe que certamente foi irresistível para Isabel.

Kate sabia o que ele ia perguntar antes de fazê-lo.

– Eu não a vi em algum lugar, Miss Mayhew?

– Duvido, Sr. Saunders. – Respondeu sorrindo, mas removendo a mão que Saunders foi rápido em soltar.

Então ela virou-se para Isabel.

– Lady Isabel, eu gostaria de falar com você, por favor.

– Agora não, senhorita Mayhew.

– Sim, agora milady, – disse Kate com firmeza agarrando-a pelo braço. Neste momento Freddy deu um tapa nas costas do jovem Saunders.

– Saunders, velho amigo, – ele gritou. – Eu estou contente em vê-lo! Há muito tempo não nos vemos, não é?

Geoffrey ficou visivelmente pálido sob o bigode.

– Lorde Palmer – disse, muito menos arrogante do que um momento antes com Kate. – É um prazer vê-lo.

– Não creio que se lembre da última vez que nos encontramos, – continuou Freddy passando um braço pelos ombros dele. – Estava na casa de campo de Claymore. Choveu durante toda a semana e tivemos que ficar dentro da casa jogando cartas. Consegue lembrar agora? Se bem me lembro, na segunda-feira de manhã me devia um monte de dinheiro.

Enquanto falava, ele arrastou o outro mais e mais sob o olhar sombrio de Isabel. Esta última não protestou quando Kate a levou para um canto.

– Lady Isabel. Mostra de forma muito evidente o carinho que sente por este homem. Isso é muito imprudente. – Isabel começou a colocar alguns cachos de cabelo que haviam escapado do penteado.

– E? – Respondeu ela com os olhos ainda fixos em seu namorado.

– Isso tem que acabar, – disse Kate posicionando o corpete de sua protegida.

– Você está enganada ao ser tão transparente com esse jovem cavalheiro. A melhor maneira de conquistar o coração deste homem é deixá-lo com incerteza.

Os grandes olhos verdes de Isabel, iguais aos de seu pai, caíram imediatamente sobre Kate.

– Mas como chegará perto de mim se ele não souber que gosto dele?

– Muito mais facilmente.

– Vamos lá, – disse Isabel impaciente: – Se você ama alguém, tem que deixá-lo saber.

– Claro que sim. Mas depois que ele se declarar.

– E como vai se declarar se não o incentivo a fazer isso?

– Incentivando a outros pretendentes, menos a ele, por exemplo. A temporada está começando e é muito cedo para escolher um ou outro.

– Mas Geoffrey é o único que presta atenção em mim, senhorita Mayhew.

– Porque todo mundo sabe que é o seu favorito e que não se interessa pelos outros. Não vai me dizer que foi o único que a pediu para dançar esta noite.

– Bem... não. Mas ele reservou todas as danças, logo que me viu, e mesmo quando Sir William me pediu...

– E não pôde aceitar. No futuro reserve somente a primeira dança e última para o Sr. Saunders. Não mais.

– Mas, senhorita Mayhew...

– Você quer que o Sr. Saunders peça a sua mão?

– Sim!

– Então deve agir de outro modo. Não facilite as coisas para ele. Se ele acreditar que já a conquistou, se aborrecerá e irá correndo para outra que será um desafio maior para ele.

– Ficaré aborrecido? Que horror! – Disse Isabel, empalidecendo. – Não suportarei que Geoffrey me ache chata. – Acrescentou ela dando um olhar apaixonado na direção do jovem.

Freddy continuava falando com amabilidade, mas Saunders parecia irritado. Voltando para o lado de Kate, o conde deu um olhar interrogativo e bateu nas costas de seu novo parceiro, anunciando em voz alta:

– Bem, eu estou contente que tudo ficou arrumado. Foi apenas um mal entendido entre amigos. Acontece muitas vezes, não é isso, Kate?

Ela colocou sua expressão mais cínica.

– Receio, lorde Palmer, que não saiba o que está falando, – disse dando um ênfase ao nome de seu amigo, esperando que fizesse o mesmo em vez de chamá-la por Kate.

– Bah, – disse Freddy voltando-se para Isabel, que estava adorando Geoffrey.

– Diga-me, milady: – disse isso tão alto que ela deu um pequeno suspiro – Você gostaria que eu a levasse para dançar? Estou com vontade de dançar uma ou duas músicas.

Isabel olhou para os dois homens alternadamente com os olhos apertados.

– Mas... eu prometi... – então seus olhos encontraram os de Kate. – Mas... bem... sim, obrigada lorde Palmer. Aceito encantada.

Para grande satisfação de Kate, o rosto de Geoffrey Saunders alongou-se consideravelmente, quando o conde ofereceu o braço a Isabel e a levou para a pista. Mas ele parecia mais surpreso do que magoado. Bastante satisfeita com ela mesma, abriu o leque e abanou-se rapidamente.

– Está muito quente aqui, não acha Sr. Saunders?

Refeito da surpresa, Geoffrey respondeu num tom claramente irritado:

– Diga-me, senhorita Mayhew...

Fingindo surpresa, ela ergueu as sobrancelhas.

– Sim, Sr. Saunders?

Ela notou as longas pestanas do Don Juan. Ele sabia como usá-las porque movia as pálpebras inocentemente.

– Você não parece com nenhuma das ex-damas de companhia de Lady Isabel. É mais jovem e mais... agradável aos olhos.

Acompanhou as últimas palavras com um olhar apreciativo com a clara intenção de ruborizá-la. E teve o efeito desejado porque ela começou a mover furiosamente o leque para esfriar as faces vermelhas. Que insolência! Ela resmungou baixinho.

– E muito mais astuta, – ele continuou: – Mas acontece que eu não sou completamente estúpido.

Ele parou, como se esperando por algo que ela respondesse como. *"Claro que não, Sr. Saunders. Isso é óbvio!"*

– O que tento dizer, senhorita Mayhew, é que... bem, aqui você pode ganhar dinheiro... Eu tenho certeza que podemos planejar algo para nos dar aos dois... algum conforto.

– De verdade?

– De verdade. – Respondeu ele.

Apareceu um criado com uma bandeja e Saunders pegou dois copos com Champanhe. Kate rejeitou o copo que ele ofereceu a ela. Ele deu de ombros e manteve ambos os copos.

– Posso perguntar quanto você ganha, Kate? Não se importa que a chame de Kate?

– Eu me importo sim. Eu não sei por que deveria dizer o meu salário. Ignorando a sua franqueza, ele continuou:

– Eu posso dizer a quantidade: 25 libras por ano, não é?

Na pista, Freddy girava Isabel com habilidade. Ela parecia encantada. Seu rosto ficou rosado e ocasionalmente ria de alguma coisa que o conde dizia.

– Vinte e cinco libras por ano, – repetiu Saunders– Você sabe qual o montante da fortuna do Marquês de Wingate, senhorita Mayhew? Você tem alguma ideia?

– Não, mas tenho certeza que você vai me dizer.

– Mais de um milhão de libras. – Disse ele colocando os dois copos vazios na bandeja de um criado. – Ele tem propriedades e empresas no Caribe, África e América do Sul, e paga generosamente a você 25 libras por ano. Não fica irritada com isso, Miss Mayhew?

A dança acabou. O conde estava inclinando-se para Lady Isabel, que também inclinava-se elegantemente.

– O que me enfurece, Saunders, é a sua impertinência. Ele sorriu.

– Você é inteligente senhorita Mayhew, e eu gosto de mulheres inteligentes. Nós dois poderíamos tirar proveito de nossos atrativos.

Kate ia responder que nunca fariam qualquer coisa juntos, porque ela não tinha intenção de voltar a vê-lo, quando duas coisas a impediram.

A primeiro foi a chegada de Freddy e Isabel retornando da pista de dança. Ele segurou Kate pela cintura, dizendo em voz alta:

– Eu tenho a dança no sangue! Dança comigo, Katie, você não tem escolha. Ela ia ordenar a

ele que parasse de ser idiota, quando, pelo canto do olho, percebeu uma sombra alta avançando na direção deles. Convencida de que tratava-se de alguém que a reconheceu apesar do vestido, virou-se para o recém-chegado preparada para enfrentar o inevitável.

Mas as palavras morreram em sua garganta. Na verdade, sabia quem era o homem diante dela. Era o Marquês de Wingate.

Capítulo onze



– Senhor Wingate.

Ela falou o nome dele com uma voz tão fraca que pensou que Freddy não a tinha ouvido e principalmente considerando que a orquestra contratada pela baronesa estava tocando alto.

Ela estava errada. Freddy a ouviu e a soltou de tal forma que ela perdeu o equilíbrio; Enquanto se recuperava, afastando uma mecha de cabelo que caiu sobre os olhos, os homens olhavam-se fixamente.

– Bishop. – Exclamou Wingate.

– Traherne, – disse Freddy no mesmo tom.

Kate ficou entre eles, e embora seu coração estivesse batendo forte, disse alegremente:

– Lorde Wingate! Que surpresa! Não esperava vê-lo aqui esta noite.

– De fato, isso me pareceu, – respondeu o marquês, ainda olhando para Freddy.

– Eu sei que conhece o Sr. Saunders, mas não sabia que também conhecia o Conde de Palmer, – ela continuou.

– O conde de Palmer e eu compartilhamos algumas aventuras juntos....

Para a surpresa de Kate, Freddy riu.

– Aventuras! – repetiu – Você pode chamar assim se desejar. Fico feliz em vê-lo novamente, – acrescentou oferecendo sua mão a Traherne.

– O prazer é todo meu, – respondeu Wingate pegando a mão dele um pouco mais forte do que o necessário para que o gesto pudesse ser considerado amigável. Um silêncio constrangedor seguiu a troca de palavras. Sentia que o olhar do marquês estava fixo sobre ela agora, mas Kate não tentou enfrentar o olhar dele e começou a pensar. Eu vou matar você! Ela pensou com raiva. Eu vou matar Freddy. Tudo é culpa dele. Eu o avisei que as damas de companhia não dançavam. Wingate vai despedir-me e agora vou ter que devolver o dinheiro que me adiantou. Foi Isabel quem quebrou o silêncio.

– Pai você sabia que lorde Palmer tem dois cavalos correndo em Ascot este ano? Burke recebeu a notícia com uma calma admirável.

– Realmente? – Perguntou educadamente.

– Sim, é verdade. Provenientes de criadores Americanos.

– Percebi que lorde Palmer tem alguma coisa contra os cavalos Ingleses, – disse o marquês, ainda olhando para Kate, que estava tirando um relógio da bolsa e olhava o mesmo com atenção.

– Nada disso: – protestou Freddy. – Acontece que um amigo meu tem uma excelente escola de equitação em Kentucky e comercializa verdadeiros puro-sangue, então eu pensei que...

– Ah! – Isabel o interrompeu para dirigir-se a Saunders: – Você não disse que acabou de comprar um puro-sangue? Ele também vêm de Kentucky?

– Na verdade eu prefiro o cavalo árabe, – disse Geoffrey Saunders com uma autoconfiança que a Kate parecia imprudente nas atuais circunstâncias.

– Árabes? – Repetiu Freddy. – Eu acho que está brincando!

– Nada disso Milorde, – disse Saunders levantando o queixo.

Seguiu-se um animado debate sobre se os melhores cavalos eram os ingleses os americanos ou os árabes. Aproveitando a distração inesperada, Kate partiu com a intenção de beber um copo de Champanhe. Precisava de algo para aguentar a viagem de volta que previa ser muito desagradável.

Lorde Wingate, infelizmente, não parecia disposto a esperar o retorno para repreendê-la. Preferia fazer isso aqui, pensou ela, observando os dedos fechados em torno de seu braço. Eu vou matá-lo realmente, pensou ela, referindo-se Freddy.

Ela virou-se com um suspiro.

– Lorde Wingate, eu vou explicar tudo. Foi uma brincadeira...

Mas ele não a estava olhando.

– Senhorita Mayhew, este homem a incomodou?

Seguindo o olhar de Burke, Kate percebeu que ele estava olhando para Freddy.

– Na realidade não. Veja...

– Eu vejo muito bem. Eu temia que alguma coisa ia acabar acontecendo. Dizendo isso, a soltou e começou a retirar as luvas cuidadosamente.

– Lorde Wingate! – subitamente alarmada disse: – Você está errado, eu...

– Sim, eu entendo, só espero que aceite minhas desculpas pela forma insultante como a tratou este homem. Eu esperava que sua reputação tivesse persuadido as senhoras de Londres a evitá-lo, mas talvez a baronesa não tenha ouvido falar sobre o seu caso escandaloso mais recente.

Espantada ao descobrir que Freddy possuía uma amante e que o Marquês, que também desfrutou de uma reputação duvidosa a este respeito, parecia achar escandaloso, os olhos de Kate se estreitaram.

– Sim? Em Londres?

Wingate fez um gesto impaciente, Parecia que o assunto o aborrecesse.

– Sim, uma soprano austríaca.

Uma soprano austríaca? Freddy? Enquanto ele ficava jurando o seu amor por ela? Durante esse tempo ele era o amante de uma soprano austríaca?

Não. Ela não podia acreditar.

– Deve tê-lo confundido com outro, Milorde. É impossível ser Freddy. O marquês ficou estático, segurando a segunda luva removida.

– Freddy? – ele repetiu.

Kate percebeu seu erro tarde demais.

– Isso... Eu quero dizer, lorde Palmer, é claro.

Agora, ele olhava para ela apertando os olhos. Bem, havia coisas mais desagradáveis que o olhar do Marquês de Wingate. Não sabia o que poderia ser, mas certamente havia.

No entanto, manter os olhos que pareciam brasas acesas - embora não tivesse ideia de que tipo de brasa poderia ser verde - posto nela, era uma experiência das mais preocupantes.

Se o marquês percebeu o desconforto dela, não demonstrou.

– Você disse Freddy. Ouvi claramente. É verdade que aqui há um ruído parecido com o do inferno e eu estou ficando velho, mas ainda tenho uma audição muito boa. Recordo, senhorita Mayhew, que outro dia na biblioteca dos Sledge, você disse que não estava comprometida.

Cada vez Kate ficava mais assombrada com a volta que a conversa estava tomando.

– Bem, sim... claro, lorde Wingate. Eu não sou.

Ele olhou na direção de Freddy e naquele instante, percebeu que referiam-se a ele. Colocou no rosto uma expressão despreocupada.

– Não deveria fazer caso de Freddy, Milorde. Só estava me divertindo. Eu pensei que ele poderia convencer sua filha de que George Saunders não era o único homem no mundo. É claro que eu não sabia nada sobre... mm.... A reputação que você mencionou.

– Você começou novamente! – Disse ele. Abanando-se como se tivesse visto uma mosca.

Kate olhou em torno, mas não viu nenhuma mosca.

– O que começo de novo, meu senhor?

– Você o chamou novamente de Freddy, senhorita Mayhew. É a segunda vez que o faz. E eu não sonhei. Você ainda insiste em que está livre?

– Eu estou livre! Eu...

– Não existe uma relação romântica entre você e lorde Palmer?

– Não para mim.

– Ah, – disse em um tom que demonstrava que suas suspeitas eram justificadas, de modo que ela se arrependeu imediatamente de sua resposta: – Então, há alguma chance de que o conde sinta algo por você?

Furiosa por ter caído na armadilha, e ainda mais furiosa com o conde por tê-la colocado na mesma, disse:

– Eu não posso saber o que os outros pensam ou querem Milorde. Eu só posso falar do que

sinto e apenas o amor que eu tenho para com os velhos amigos. Nossos pais foram amigos. Quando você chegou eu estava brincando com Freddy como sempre fazia quando eu passava as férias em Palmer Park.

Sua voz sumiu quando ela percebeu que o marquês não acreditou numa palavra do que ela disse. Ficou ferida. Não porque ele achasse que estava mentindo - depois do que sua esposa fez, entendia aquela desconfiança pelas mulheres -, mas sim porque ele a obrigou a falar tudo sem pensar. Que necessidade tinha ela para contar os detalhes da sua vida? Ela que havia se felicitado por que ele ainda não havia perguntado nada sobre sua família ou sobre seu passado. E ela não pretendia dizer nada a não ser que fosse forçada a fazê-lo, mas a julgar pela sua expressão seria necessário fornecer uma versão encurtada.

Felizmente Isabel correu para eles com o cinto voando solto atrás dela.

– Senhorita Mayhew! Poderia prender essa coisa? Solta-se continuamente e as pessoas pisam.

Ela virou de costas para Kate, que amarrou a fita.

– Não é um grande baile, Papai? Estou me divertindo muito, você não?

– Muito.

– Não é o que parece. Aliás eu acho que você está sendo muito descortês parado aí, quando sabe que a senhorita Mayhew não tem par. Você deveria levá-la para dançar.

Kate puxou o nó com mais força do que necessário.

– Lady Isabel, seja razoável. Eu não vim para dançar, e sim cuidar de você. Isabel ignorou.

– E é melhor apressar-se ou não sobrar uma dança livre.

– Vamos, lady Isabel, honestamente, não posso pensar de onde você vem com esse absurdo.

– Primeiro Lorde Palmer e agora este senhor tão atraente, – continuou impassível a jovem, apontando para um homem que estava olhando abertamente na direção dela – Ele não parou de olhar para você durante mais de cinco minutos, senhorita Mayhew. Está enfeitiçado, com certeza.

Kate seguiu seu olhar e congelou. Incapaz de fazer um movimento, seu coração começou a bater descontroladamente em seu peito e pensou que fosse desmaiar. Havia acontecido apenas uma vez em sua vida e a última vez que ela o viu antes de passar para a inconsciência foi este homem. Pelo menos é isso que ela sempre acreditou.

Quando ela recobrou a consciência, as pessoas estavam reunidas em torno dela dizendo que ela estava enganada. Ninguém tinha visto Daniel Craven em qualquer lugar, e ele não tinha nada a ver com o incêndio que matou seus pais.

Agora, sete anos depois, ainda não encontrou uma boa razão para duvidar destas palavras, mas não entendia porque lembrava-se de seu rosto tão claramente. Ele sumiu como a fumaça, como a névoa. Poderia fazer com que as coisas fossem diferentes. Quando ela saiu correndo de seu quarto para descobrir que o corredor que levava ao quarto de seus pais estava em chamas, não foi

o que ela acreditava ter visto nas sombras. Ele era apenas uma invenção da sua imaginação.

Fumaça. Fogo. A cortina impenetrável que a impediu de chegar à porta de seus pais. Acuado e desesperado, começou a gritar mais alto. Incapaz de socorrê-los, caiu em um ataque incontrollável de tosse. Mas, recusou-se a sair, entrando no fogo até que algo o deteve. Algo ou alguém.... Alguém que a conhecia, disse o seu nome antes de levá-la para longe das chamas. Daniel Craven. Ela tinha certeza que era ele.

Mas ele não estava na Inglaterra neste momento, garantiram mais tarde. Seu nome estava na lista de passageiros de um navio que partiu para a África do Sul na semana anterior. Então ele não poderia tê-la ajudado. Ela nunca saberia e pensou que era melhor assim. Mas houve rumores sobre aquela noite, coisas terríveis que não poderia, nem queria acreditar. A única coisa que ninguém disse, mesmo em voz baixa, era o nome de Daniel Craven. Ninguém além de Kate. E naquele momento, ele estava lá diante dela, olhando como se fosse o pássaro fênix renascido das cinzas.

– Olha, – disse Isabel. – Ele está vindo para cá. É muito atraente, senhorita Mayhew. Quem é? Um de seus antigos pretendentes?

– Não exatamente, – afirmou ela categoricamente.

Capítulo doze



– Mas se não é Kate Mayhew!

Ela tremeu com apreensão ao ouvir aquela voz.

Como podia? Como ele atrevia-se a chegar perto dela calmamente, com aquela desenvoltura que o caracterizava? Como atrevia-se a pronunciar o seu nome como se nada tivesse acontecido desde a última vez que o tinha visto? Onde foi isso? Ela parecia lembrar-se de que foi durante um jantar em sua casa alguns dias antes do incêndio.

– Disseram-me que tinha se afastado, ou algo assim. – Continuou a voz que encolhia seu estômago.

Ele inclinou-se e deu um beijo na face de Kate.

Ela não disse nada, mas por dentro foi consumida pela raiva. É claro que era ele que ela viu várias vezes a seguindo. Senhor!

Ela olhou para o chão e não ao Marquês, mas este devia ter no rosto uma expressão de surpresa, pois escutou Daniel dizer:

– Não se preocupe, Kate e eu somos velhos amigos. Não é verdade Kate? Agora me apresente a essas pessoas como uma boa garota.

Levantou seus olhos e encontrou os olhos azuis de Daniel Craven e disse com um tom que surpreendeu a si mesma por sua frieza:

– Eu não sabia que havia retornado para a Inglaterra, Sr. Craven.

Ele encolheu os ombros com indiferença. Ele era alto, um típico Inglês como Freddy, mas seu cabelo era de um loiro mais escuro e não usava bigode. Magro e ao mesmo tempo ágil e musculoso, ele parecia fora do lugar em um salão de baile, podia imaginá-lo mais facilmente montado em um cavalo ou caçando rinocerontes na África. Mas era uma impressão enganosa: apesar das aparências, Daniel era um empresário muito inteligente e conhecia a natureza humana.

– Sim, – ele disse com aquele sorriso que sete anos antes havia comovido mais de um coração feminino incluindo, ainda que brevemente, o de Kate. – Acabo de voltar de Botsuana. A África é um país terrivelmente quente. Simplesmente horrível!

– Esteve na África do Sul? – Disse Geoffrey Saunders, que acabava de reunir-se com eles, – e o que estava fazendo lá?

Craven deu um sorriso como uma cobra, pelo menos, parecia a Kate, e expressava uma grande bondade. Esse era seu lado mais perigoso: Para um observador pouco avisado, parecia humano,

capaz de sentir emoções como a compaixão e o remorso.

Mas ela conhecia o seu outro lado.

– Diamantes. Especificamente, uma mina de diamantes, – respondeu olhando para ela com uma expressão de desculpa... – Não muito grande como eu pensava que fosse no início, mas perto, muito perto.

Ela inclinou a cabeça. Claro que era. Daniel Craven persuadiu seu pai a investir... mas longe o suficiente para que os diamantes não pudessem ser encontrados por ela própria.

– O que você está fazendo aqui, Katie – Daniel continuou segurando as mãos dela: Eu posso ainda chamá-la de Katie ou devo dizer "milady"? Eu me lembro desse jovem, qual é mesmo seu nome? Esse jovem conde tão encantador com você. Já devem estar casados certo?

Ele parou de repente.

– O que foi Katie? Você ficou branca como um lençol. E está tremendo?

Para total surpresa de Kate, lorde Wingate estendeu a mão e arrancou os dedos suavemente, mas firmemente, das de Daniel.

– A senhorita Mayhew não se encontra bem como você pode ver. Se nos der licença.

A intervenção do Marquês assustou Craven, como se percebesse neste instante a sua presença.

– Espere... Kate e eu fomos...

Kate não ouviu o que ele disse em seguida porque lorde Wingate a arrastou para fora do salão de baile com a facilidade de um homem acostumado a fugir de lugares lotados. Enfim, foi uma sorte que ele estivesse segurando o braço dela, e ele foi rápido, caso contrário ela teria tropeçado.

Finalmente, uma porta abriu-se e uma rajada de ar frio atingiu o rosto de Kate. Eles foram para um terraço de pedra, com vista para os jardins mergulhados na escuridão. Podia-se ouvir o chilrear de grilos, mas teria que prestar atenção para ouvir acima da música alta.

Grilos! Kate pensou. No coração de Londres.

De repente as pernas já não a sustentaram e caiu em um banco, respirando pesadamente, com a cabeça baixa.

Tinha parado de chover. As rosas trepadeiras que cobriam a parede do terraço emitiam uma doce fragrância.

– Tome, beba isso, – disse lorde Wingate, colocando um copo debaixo do seu nariz.

– Não, eu estou...

– Beba.

Seu tom era tão autoritário que ela não ousava desobedecer. Ela levou o cálice aos lábios. Era um vinho Bordeaux e ela bebeu até a última gota.

– Agora está melhor, – disse ele recuperando o copo vazio.

Então, antes que ela percebesse o que Burke estava fazendo, ele tirou o casaco e o colocou

sobre seus ombros. O peso do vestuário e sobretudo seu calor, a pegou de surpresa.

– Não, eu não estou com frio.

– Está tremendo.

Ele sentou-se ao seu lado.

Na verdade, ela estava tremendo, e embora o calor a confortasse, embora o odor que desprendia, uma mistura perturbadora de roupa limpa e tabaco, a fez lembrar do desconforto que sentiu quando ele a tomou em seus braços na biblioteca, para beijá-la.

Mas isso não aconteceria novamente, porque ele a colocaria na rua depois do que aconteceu. Não contente por ter destruído sua vida uma vez, Daniel Craven estava fazendo isso de novo.

A voz de Isabel era claramente audível, mesmo a esta distância tão grande. Ao ouvi-la, Kate tensa, se preparou para se levantar novamente, e, pelo menos, numa tentativa de exercer as funções para qual lorde Wingate a contratou...Mas ele colocou a mão em seu braço.

– Vamos esquecer Isabel com Saunders por um momento, não vai acontecer nada. Enquanto a ouvimos, sabemos onde ela está, e além disso acho que você e eu temos coisas mais importantes a tratar.

– Eu não posso devolver as cinquenta libras que passou para mim, lorde Wingate. Já usei.

No feixe de luz que atravessava as portas e janelas ela podia ver uma expressão indecifrável em seus olhos.

– Não creio que tenha pedido que me devolvesse o dinheiro.

– Mas se vai despedir-me...

– Também não disse que vou demiti-la.

Ela piscou para ele. Dentro do salão, podia ouvir Isabel a gritar:

– Eu pensei que... que...

– Confesso que gostaria de entender como uma garota como você, com uma vida supostamente tranquila, possa conhecer tantos homens...

– Apenas dois, – ela interrompeu. – Dois cavalheiros E eu expliquei que um deles, Lorde Palmer, é um velho amigo da família.

– Ah, sim! De fato. E o outro?

– Era um sócio de negócios do meu pai.

– Um sócio.

– Sim.

– De seu pai.

– Sim.

– Um sócio de seu pai, que você estava olhando como se fosse um fantasma. Kate engoliu em seco.

– Foi há muito tempo... eu nunca mais o vi... e não esperava encontrá-lo aqui. Deixou a Inglaterra por muito tempo.

– Sim, eu entendo. Na África do Sul, acredito que ele disse. À procura de uma mina de diamantes, não é? Seu pai mantinha boas relações, relacionava-se com condes e com donos de minas de diamante, senhorita Mayhew.

Kate deu um salto e ficou de pé. Mas suas pernas continuaram tremendo, pior para ela. Como ela poderia ter sido idiota o suficiente para acreditar que o marquês não era como os outros? Ela havia sido enganada por sua bondade, por um copo de vinho e pelo abrigo que pendurou em seus ombros.

– Eu agradeceria se não usasse esse tom, irônico comigo, lorde Wingate. Eu não sou mentirosa como você parece pensar. Se acha é porque sua...

– Sente-se, senhorita Mayhew, – disse com um suspiro.

– Não.

Ela estava à beira das lágrimas, mas continuou:

– Eu não fico com qualquer um que duvide de minha palavra.

– Não tenho dúvidas de sua palavra. Pelo contrário, acho que é muito possível que os pais de uma governanta - porque era uma governanta quando a encontrei - eram amigos de um conde. Eu acho que, como você, seu pai era professor e como tal, era associado com os pais de seus alunos. Mas... a julgar pela sua expressão, parece que eu estou errado.

Constrangida e surpresa ao ver que apesar de tudo o que tinha sofrido, ainda se importava com que os outros pensavam dela, Kate tomou um tom menos arrogante.

– Não, não está errado. Bem, não exatamente.

– Isso me tranquiliza, – disse levantando-se também – Mas isso não explica o seu olhar de puro terror quando o homem apareceu.

Kate sentiu-se corar. Agora que Daniel Craven já não era uma ameaça, criticava-se por seu comportamento tão estúpido. Ela pensou que era ridículo pensar que ele a havia seguido. Ele estava em casa na noite em que seus pais morreram e ele foi o culpado. Mas não foi visto em nenhuma parte, seus olhos claros estavam fixos nela, ela percebeu sua estupidez. Daniel Craven foi certamente um canalha, um libertino e mulherengo, mas não um assassino. Era muito preguiçoso para se envolver em algo tão complicado como assassinato.

Ela então tentou encontrar uma explicação lógica para o seu comportamento, para não mencionar a verdadeira razão.

– É só que... a última vez que vi o Sr. Craven, meus pais ainda estavam vivos. Ele e meu pai eram bons amigos, mas... não ficou para assistir ao funeral. Assim, parecia uma impertinência de sua parte que falasse com tanta familiaridade.... E diante de você, para começar. Além disso eu

tinha certeza que ia me despedir depois do que aconteceu com Freddy e eu fiquei nervosa.

– Nervosa, – repetiu o marquês, franzindo a testa. – Não me deu a impressão de ser uma pessoa nervosa, senhorita Mayhew.

Em qualquer caso, a expressão indefinível nos olhos dele a deixava mais nervosa.

– Ao contrário do que parece acreditar, eu não sou um ogro e estou triste por saber que seus pais morreram. Quando isso aconteceu?

– Sete anos atrás.

– Posso perguntar como eles morreram?

– Houve um incêndio.

Fogo. Essa palavra sempre a fazia tremer. Encolheu-se mais no abrigo. Então, para sua maior confusão, o Marquês levantou o seu queixo com os dedos, e a obrigou a enfrentá-lo.

– Estranho, – disse ele como se estivesse falando para si mesmo.

– Perdão?

– Você tem um rosto maravilhosamente expressivo, – ele murmurou, – e é incapaz de esconder suas emoções. Tem uma natureza bastante alegre, mas ao lembrar-se do incêndio, o que eu vi nos seus olhos deixou-me surpreso.

– E o que viu nos meus olhos, lorde Wingate?

Fizera a pergunta por curiosidade, sem intenção de provocá-lo. Esperava não parecer assustada. Kate não podia suportar a covardia, mas estava consciente de não ser muito corajosa para ver de novo Daniel Craven.

Só podia parecer que ela estava triste. Ela ainda estava sentindo muito a falta de seus pais.

A pergunta ficou sem resposta quando a porta abriu-se e Isabel apareceu.

– Ah! Você está aqui! Eu olhei em toda parte. Sir Roger vai começar. Você vem? Quando ela apareceu, o marquês retirou sua mão rapidamente e Kate virou o rosto. O casaco escorregou de seus ombros. Ela o pegou e o devolveu para seu dono.

– Obrigada, lorde Wingate. Agora estou melhor.

Ele pegou sem dizer nada, mas Isabel não teve o mesmo tato.

– Não se preocupe, senhorita Mayhew. O homem que a fez ficar pálida, saiu depois que papai a levou para fora. Quem era ele? Um antigo namorado? É muito atraente. Não sei porque não se casou com ele.

Voltando a colocar seu casaco, o marquês pegou no braço de sua filha.

– Era um antigo conhecido sócio do pai da senhorita Mayhew, Isabel. Ela não o via há algum tempo. Quem é este sir Roger?.

– Vai começar em cinco minutos e todos tem que participar ou não será divertido. Você e a senhorita Mayhew tem que participar. Você vem papai, por favor?

Mais do que o calor do vinho, era o calor dos dedos do Marques em sua face que devolveram a Kate a energia como se tivesse aceso uma chama dentro dela.

– Você sabe que eu não posso acompanhá-la, lady Isabel. Mas é um prazer para mim sentar e vê-la dançar com seu pai.

– Eu? Com papai? Não, obrigada! Geoffrey já reservou esta dança. Papai, caso a senhorita Mayhew não dance com você terá que encontrar outro par.

Os lábios de lorde Wingate mostraram um sorriso enigmático.

– Eu vou ver o que posso fazer, – disse ele.

Um momento depois misturou-se com a multidão na pista. Isabel encontrou-se com Saunders e o Marquês foi abordado por uma mulher de joias que parou quando ele passou na frente dela.

– Wingate! Eu não sabia que você estava aqui. Quando você chegou? Como pode não ter vindo me cumprimentar?

Kate pareceu que a admiradora veio na hora certa e usou isso para desaparecer. Ela teve o suficiente do baile e precisava ficar sozinha por um tempo.

Mas quando chegou ao lugar das solteironas foi atingida por um penetrante olhar de Wingate a tinha seguido, apesar da corte das mulheres em torno dele.

Ele acenou com a mão e ele estava mais chateado do que o normal. Depois Kate corou violentamente por sua própria estupidez ao entender que o gesto significava apenas que ele a tinha visto e se esperava fugir dele, estava enganada.

Mas esse gesto foi mais importante do que parecia. Mostrava que pela primeira vez em muito tempo, ela não estava sozinha. Bem, Kate nunca esteve sozinha por completo, porque Freddy sempre estava com ela, mas nem sempre. E agora que ela sabia da existência da soprano entendia o porquê ele não estava sempre presente. Em qualquer caso, tinha sido cercado por muitos fãs, não se preocupou em olhar.

O que a levou a perguntar por que lorde Wingate havia aparecido no baile, quando ele supostamente odiava esse tipo de coisa. Certamente não foi por causa de Isabel. A contratou apenas para tirá-lo dos aborrecimentos. Talvez tivesse dúvidas sobre sua capacidade de cuidar de sua filha e queria ter certeza de que ela trabalhasse bem.

A menos que ele tivesse deixado o agradável calor da sua casa nesta noite chuvosa por algum outro motivo.

Eu estava com medo de que alguma coisa acontecesse, ele disse. Do que ele tinha medo? Que não cumprisse a sua obrigação? Pelo menos é o que deve ter pensado quando a viu nos braços de Freddy.

Mas ele não a acusou de nada. Pelo contrário, pediu desculpas pelo ato de Freddy e logo quando chegou Daniel Craven, comportou-se de um modo protetor achando que ela estivesse

mal.

“Eu tive medo de que alguma coisa acontecesse”

Santo Deus! Ela endireitou-se como se tivesse levado uma picada de agulha nas costas.

Lorde Wingate tinha vindo por ela.

Inclusive naquele momento enquanto ainda cumprimentava as pessoas com um drinque na mão, a olhava fixamente. Estava olhando sua filha também, mas...

Mas fazia o mesmo com a dama de companhia de Isabel.

Isso era ridículo. Como pode um homem com uma reputação tão ruim tentar seduzir Kate Mayhew? Um homem que divorciou-se depois de tentar matar o amante de sua esposa. Um homem que ficou com o fruto de seu casamento para punir sua esposa. Um homem que tinha causado uma série de duelos e colecionou uma serie de aventuras por toda a Europa.

E ela? Kate Mayhew era uma jovem razoável e sensata. Por que razão misteriosa estava relacionando-se com um homem totalmente desprovido de moral como Burke Traherne? O que estava acontecendo?

Na verdade, sabia o que estava acontecendo. Há muito tempo ninguém importava-se com ela, era isso.

É claro que Freddy importava-se - quando se lembrava da sua existência, isto é, cada vez que a mãe dele saía da cidade - Mas o marquês veio por nenhuma outra razão a não ser saber como ela estava. E ainda pediu desculpas pela atitude de um de seus pares.

E passou um longo, longo tempo desde que alguém tivesse pedido a ela a menor desculpa.

Era bobagem, mas voltou a ter o sentimento de que pertencia a algo como uma família. Sim, uma família de carne e osso.

Nunca teve esse sentimento para com as pessoas com que havia trabalhado após a morte de seus pais. Nem os Piedsmont, nem os Heathwell, muito menos com os Sledge. Em sua profissão não era prudente criar ligações muito estreitas. Os filhos cresceriam e um dia eles não precisariam mais de uma governanta ou dama de companhia. Isso já aconteceu com Kate, apesar da brevidade de sua carreira. Ela apenas devia manter o sorriso e procurar um novo emprego. O que mais ela poderia fazer?

É claro que ela poderia casar-se com Freddy. E ainda poderia fazer isso... desde que concordasse em viver com a mãe dele.

E, com a soprano, é claro.

Mas ela não estava preparada para abandonar a esperança de encontrar o homem de sua vida, que certamente não era Freddy.

Era verdade que já estava com 23 anos, o que reduzia as suas chances, mas não desistiu ainda. Depois de tudo, conheceu mulheres que encontraram o amor da sua vida com vinte ou trinta

anos. Então, por que ela não?

Ela teria que continuar a trabalhar para ganhar a vida, considerando cada novo dia como mais uma nova possibilidade de encontrar o amor. Todos os livros que leu mostraram que as pessoas que encontrasse deveriam ter duas qualidades: paciência e coração. Qualidades que acreditava possuir. O amor estava à espera de Kate Mayhew ao virar a esquina. Ela simplesmente tinha que encontrar o caminho certo.

Na esquina certa.

Enquanto esperava, o que encontrou foi uma família. Uma família destruída, certamente, mas uma família depois de tudo.

Isso era um bálsamo para seu coração e foi bom voltar a experimentar um sentimento tão reconfortante.

Embora ela estivesse com medo de acostumar-se com isso...

Capítulo treze



– Não, eu pedi pedaços de laranja, pêssgo não, – exclamou Lady Isabel Traherne atirando-se contra os travesseiros.

Ela assoou o nariz vermelho bem forte.

Ofendida, Brigitte a criada de Lady Isabel, lançou um breve olhar para Kate. Desde que Isabel ficou doente, ela dedicou sua existência para distraí-la e diverti-la, mas sem sucesso.

Kate, por outro lado, achou extremamente difícil não rir dos caprichos da jovem. Adquiriu alguma experiência na arte de não ceder à hilaridade.

Há uma semana Isabel apanhou um resfriado que ficava cada vez mais forte, mas mesmo com o aumento da irritabilidade da paciente não alterou o sentido de estar em casa. Desde que ela não gastasse o tempo para ir a ópera, para dançar, jogar cartas ou ir às compras à procura do chapéu perfeito, Kate teve tempo para conhecer o resto dos empregados da casa e desenvolver uma crescente simpatia por eles.

A governanta, Mrs. Cleary, era uma mulher inteligente e sensata, que parecia adorar Kate por sua capacidade de disciplinar Isabel. O mordomo, Vincennes, era o oposto de Phillips. Ele era um excelente adversário para jogar xadrez e sempre nos momentos de descanso queria jogar com ela. Até mesmo Brigitte, a criada francesa que passava o tempo rindo e fofocando, era uma boa companhia e muito feliz por falar um pouco de francês com Kate que entendia um pouco desta língua.

A única pessoa que ela não sabia o que pensar era o Marquês. A verdade é que o via muito pouco para um homem que segundo sua filha, preferia ficar em casa com um bom livro, a verdade é que quase nunca estava lá. Enquanto durou a doença de Isabel, Kate foi várias vezes à biblioteca para encontrar alguma coisa para distraí-la e nunca havia encontrado com o marques. Mas ele não foi mais ver Kate nos bailes, os quais ela tinha ido com Isabel, antes que ela ficasse doente.

A presença dele na casa não mais a incomodava, ao contrário, desde que viu Daniel Craven ficara mais calma. De um lado dizia a si mesma que Daniel não poderia ter nada a ver com a trágica morte de seus pais, mas por outro lado, ela estava convencida do contrário. Tentou ignorar as suas suspeitas, relegando ao esquecimento, mas foi impossível, especialmente quando em seus sonhos Daniel Craven aparecia em meio a uma explosão de chamas.

Mas ela acreditava que estava curada dos pesadelos que a assombravam incessantemente a

partir da morte de seus pais, há sete anos. Mas quando tornou a ver Craven, os pesadelos retornaram.

Felizmente ela não voltou a vê-lo. Agora que sabia que Craven estava de volta a Inglaterra, buscava constantemente por ele com o olhar, mas parecia que ele não era convidado para as mesmas festa que a filha do marquês de Wingate. Melhor. Ela não portou-se adequadamente quando o viu naquela vez, mas agora esperava fazer melhor quando tornasse a vê-lo, mas quanto menos olhasse para Daniel Craven, melhor era.

Este não era o jeito que sentia, no entanto, sobre outro cavalheiro que parecia estar evitando-a. Ela sabia perfeitamente bem que deveria ter mantido a boca fechada sobre a soprano de Freddy, mas de alguma forma, uma noite, simplesmente saiu.

Nessa noite, Freddy e ela observavam Isabel dançando, enquanto ao seu lado, Geoffrey Saunders reclamava de que Isabel não parou de aceitar convites de todos os cavalheiros para dançar, quando tinha prometido a ele todas as danças.

Ao comprovar a confusão do jovem, Kate levantou a taça de champanhe dizendo:

– Você sabe o que todos dizem:" *As mulheres são seres volúveis e caprichosos* "

Freddy enviou um olhar engraçado.

– Isso não é uma citação da bíblia, é?

– Deus! não! É de Virgílio.

– Kate! – continuou dizendo Freddy: – Traherne está aqui, atrás daqueles vasos com palmeiras. Parece que está observando você. Está observando você sim. Incrível, não é?

– Mas eu acho que é você a quem ele vigia, – respondeu dando de ombros: – Não é você que está sempre tentando fazer a filha dele dançar uma quadrilha?

– Só porque você se recusa, defendeu-se. Ele disse alguma coisa sobre mim na noite em que dancei com Isabel?

– Quer dizer, no dia que você queria obrigar-me a dançar?

– Sim. Desculpe, eu não sei o que aconteceu comigo.

– Não. O Marques não disse nada sobre a forma como me tratou.

Kate não disse nada sobre o retorno de Daniel Craven. Freddy não o viu, e isso foi bom, pois era um daqueles que acreditavam que suas alucinações eram causadas pela fumaça do incêndio. Então, ele acrescentou maliciosamente:

– Mas lorde Wingate perguntou o que você estava fazendo aqui e concluiu que ela deveria estar ocupada em outro lugar.

– Quem? Minha mãe? – Freddy perguntou.

– Não. Sua soprano austríaca.

Ele ficou mudo de espanto e depois dirigiu um olhar furioso para o Marquês.

– Deixe-o ir para o inferno! Escute Kate, ela não significa nada para mim, eu juro. Ela só é para... bem, se você tivesse me dado alguma esperança... Eu nunca... Eu vou matá-lo! – Rosnou novamente, lançando um olhar assassino na direção do marquês.

Kate deu um toque com o leque.

– Vamos, Freddy, por favor. Fiquei feliz em saber que você não perde tempo comigo. É verdade que o meu ego foi duramente atingido e estou desapontada porque você não me contou. Eu acreditava que não havia segredos entre nós. – Apesar de... pensou com alguma culpa. – Mas eu acho que superarei.

Freddy, chocado, não disse mais nada, mas agravou a situação praticamente desaparecendo de sua vida. Ele evitou todas as reuniões onde poderia encontrá-la e nunca mais voltou para visitá-la aos domingos, no seu dia de folga.

Kate, surpresa, concluiu que a soprano era mais importante para ele do que ele havia comentado.

Quanto a lorde Wingate, por estranho que pareça, desde que a filha ficou doente, parecia fugir de casa. Todas as manhãs após o café, subia para ver como Isabel passou a noite e depois saía, retornando bem tarde, e só isso. O resto do tempo, estava fora e Kate achava que tinha encontrado uma substituta para a Senhora Woodhart com quem havia terminado. Inteirou-se por Isabel, que na opinião de Kate, sabia muito da vida amorosa de seu pai, mais do que era possível. Também alegrou-se com a briga do marques com sua amante e esperava que nenhuma outra mantivesse um relacionamento com ele, porque, segundo Isabel, estava na hora dele casar-se novamente, e quanto mais cedo melhor, porque Geoffrey Saunders não ia demorar muito a declarar-se.

A perspectiva de um hipotético casamento do marquês foi visto com ceticismo pelos outros habitantes da casa. Os criados o ouviram reclamar mais de uma vez sobre o casamento e quando alguém confessava seu desejo de casar, o marques sempre tentava dissuadi-lo. Para ele era o caminho mais seguro para ocorrer um desastre e poderia ser contada nos dedos de uma mão as pessoas que encontraram felicidade.

Segundo o valete do marquês, este último passou o tempo no clube e não à procura de um novo amor.

Até então, Kate nunca aprovou as fofocas da cozinha, mas todas as vezes que ela ouvia dizer o nome do marquês, prestava atenção. A Sra. Cleary contou que na véspera de Natal em que tinha nevado muito em Wingate Abbey a afetou particularmente. A governanta não quis arriscar-se a ir para a missa do galo, com medo de escorregar na estrada. Na manhã do dia seguinte, ela ouviu o som de uma pá e aproximou-se da janela; Viu o dono da casa retirando a neve pessoalmente, para limpar o caminho. Então, ele deu o dia de folga para todo o pessoal.

– Ele não quis ouvir uma palavra de agradecimento, – a Sra. Cleary comentou– E ele não frequentava a Igreja. Mas o marques sempre prevalecia sobre a outra pessoa, mas nunca mostrava. É muito discreto e atencioso. Alguns dizem que ele tem um temperamento violento, – acrescentou, baixando a voz. – E é verdade que às vezes é o próprio diabo, senhorita Mayhew. Mas só quando está com raiva. O resto do tempo é o melhor dos homens. O melhor!

Kate pensou que as governantas eram muitas vezes exageradas porque estavam há muito tempo de serviço para uma pessoa e desenvolviam certo carinho pelo seu patrão, mas os outros criados confirmaram o que ela disse. Todos consideravam o pai de Isabel, portador de uma generosidade infalível e grande bondade. O melhor dos homens, como disse a Sra. Cleary.

Com a exceção do humor, no entanto, todos eles consideravam que o marques mudava muito, tanto que aconselharam que Kate evitasse falar sobre problemas potencialmente perigosos, especialmente aqueles relacionados com o casamento do marquês.

Kate tomou nota disso, mas não sabia quando poderia abordar qualquer um dos dois temas espinhosos. Na verdade, vivia em sua casa por mais ou menos um mês e nunca teve a chance de sentar à mesa com ele, exceto uma vez no café da manhã e ficou claro que o marquês teria preferido ficar apenas a ler tranquilamente o jornal. No entanto, cortês, tinha tentado, sem sucesso, ter uma conversa. Finalmente, quando terminou o jejum, retirou-se sob qualquer pretexto.

Kate, claro, entendeu que ele a estava evitando. Intuição feminina. A mesma intuição que a fez perceber que quando ela ia às festas com sua filha, ele a seguia. Misteriosamente, o fato de evitá-la a afetou. Kate não acreditava que o Senhor Wingate estava apaixonado por ela, apesar do que aconteceu na biblioteca dos Sledge, mas sim, imaginava que ele a apreciava... até que ele começou a abandonar sua própria casa.

Em todo caso, nem todos os homens eram tão instáveis, a julgar pela carta que Brigitte trouxe em uma bandeja, enquanto carregava um prato de pêssegos franzindo os lábios.

– Talvez com isso o sorriso de milady retorne. Com certeza é uma carta de amor. Isabel gemia sem abrir os olhos.

– Tenho uma dor de cabeça! Deixe isso na mesa de cabeceira junto com as outras, por favor, senhorita Mayhew.

Kate fechou o livro de Charles Dickens que estava lendo em voz alta. Ela havia terminado de ler Orgulho e Preconceito. Levantou-se e reconheceu a caligrafia no envelope.

– É do Sr. Saunders.

Isabel sentou-se na cama com a energia renovada.

– De Geoffrey? Sério? Dá-me, senhorita, Dá-me isso. Kate entregou e Isabel abriu a carta avidamente.

- Quanta falta eu sinto dele! – disse lendo rapidamente o conteúdo da carta.
- Diz que está ansioso para me ver.
- Caso fosse o contrário eu teria estranhado.
- Mas suponha que ele faça algo desesperado por causa da ansiedade. Ele disse que faria uma loucura. Eu posso responder neste momento? Por favor, diga sim.
- Eu não sei. Quantas você já enviou esta semana?
- Quatro. Ele sempre me pergunta por que não respondi a qualquer ameaça. Disse que vai suicidar-se caso eu não responda essa.

Kate suspirou.

– Bem, escreva uma nota explicando que está doente e... mas o que você está fazendo? – Exclamou, quando viu que Isabel estava tentando sair da cama e correr para a mesa. – Volte imediatamente para a cama! Você ouviu o que disse o médico.

– Como posso me preocupar com o que disse o médico, quando meu querido Geoffrey está sofrendo por mim?

– Você deve, porque se a constipação piorar poderá ficar muito mais tempo na cama. E então, imagine o que pode fazer o Senhor Saunders.

Isabel caiu para trás sobre os travesseiros.

– Você está certa. Querida senhorita Mayhew o que eu faria sem você? Você está sempre certa.

– Sim, e é melhor não esquecer. Não se mova, vou apanhar papel para escrever e desta vez, tome cuidado para não despejar a tinta sobre as folhas.

Não deu nem dois passos quando Brigitte exclamou quando uma bola de pelo arranhava suas saias.

– Senhorita! Senhorita! A gata!

Kate foi imediatamente atrás de Lady Babbie. Ultimamente ela estava muito infiel após ter cedido à corrupção. Isabel dava leite e nata e preferia dormir na cama dela em vez de ir para a cama de Kate que por isso não sentia-se ofendida. Ela sabia que, quando Isabel melhorasse, esqueceria Lady Babbie e esta voltaria para o quarto de sua dona.

Enquanto esse dia não chegava, era um problema fazer com que a gata ficasse no quarto da doente, a porta estava sempre aberta e ela via a oportunidade de passear pela casa. Desta vez a gata foi para as salas privadas de lorde Wingate cujo acesso era estritamente proibido.

Kate correu atrás dela e quase a pegou ao passar pela porta que estava entreaberta, provavelmente por culpa do valete do marques, que estava procurando um dos coletes de Burke que havia desaparecido. Um colete de flanela. Duncan não percebeu porque, não observava essas coisas.

Kate empurrou a porta e olhou para dentro na esperança de ver Lady Babbie antes que

Duncan percebesse sua presença.

Mas o ajudante do marques não estava lá. Então entrou no quarto, e era a primeira vez que fazia aquilo. Era um quarto tão grande que a impressionou e esqueceu por um momento da gata.

Era três vezes maior que o seu e possuía uma enorme lareira com uma impressionante coleção de espadas penduradas na parede acima dela. Colocadas à sua frente, estavam algumas poltronas de couro confortáveis e um sofá. Na outra ponta havia uma cama enorme com dossel de cortinas azuis que combinavam com as janelas com vista para o parque e com o tapete em que Kate pisava.

Apesar da imponência do lugar, sentiu uma grande compaixão com respeito ao proprietário. O quarto era muito grande para uma só pessoa. Ele devia sentir-se ainda mais sozinho, e isso explicava por que a maior parte do tempo, ele estava fora.

De repente, ouviu o som de água. Ela virou-se e viu uma porta entreaberta e mais adiante, um espelho.

– Duncan?

O sangue gelou em suas veias. Era a voz de lorde Wingate.

– Duncan onde você colocou as toalhas?

Foi quando Kate viu com um arrepio, algo tão perturbador que girou sobre seus calcanhares e correu sem parar até chegar ao seu quarto onde fechou bem a porta com a chave.

Poucos minutos depois, alguém bateu na porta.

– Senhorita Mayhew. Senhorita Mayhew? Você está aí? – Perguntou Duncan, irritado.

Recuperando-se o melhor que pôde, Kate virou a chave na fechadura e abriu a porta. Pouco. Apenas alguns centímetros, mas o suficiente para ver o valete do marquês no corredor. Parecia estar completamente exasperado e trazia Lady Babbie pingando água, na mão e longe de seu corpo.

– Senhorita Mayhew, – repetiu ele com um olhar de dignidade ofendida entregando a gata. – Você, poderia no futuro, manter essa criatura em seu quarto? Eu a encontrei bebendo a água do marquês.

Kate recuperou o animal e estava prestes a fechar a porta quando Duncan perguntou, preocupado:

– Senhorita Mayhew? Você não parece estar muito bem; Quer que envie a Sra. Cleary? Porque com o devido respeito, parece que acabou de ver um fantasma.

Não foi um fantasma que Kate viu. Muito pelo contrário. Era uma pessoa de carne e osso, e muito vivo.

Dedicou a Duncan um débil sorriso.

– Não, obrigada. Eu me sinto bem.

E Kate fechou a porta apoiando-se depois sobre ela, sem perceber que Lady Babbie protestava furiosamente para libertar-se.

O que ela viu, naturalmente, não era nada mais do que lorde Wingate como sua mãe o trouxe ao mundo.

Capítulo catorze



Ambos estavam na biblioteca do Sr. Sledge, vestidos da mesma maneira como no dia que lorde Wingate fez a incrível oferta, iluminados pela mesma luz que filtrava através do vidro. E como naquele dia, lorde Wingate segurou a cintura de Kate puxando-a para ele.

A diferença é que desta vez, ela não se defendeu. Não colocou um dedo no atlas, que estava a seu lado. Nem mesmo olhou para ele. Em vez disso, enlaçou os braços ao redor do pescoço de lorde Wingate e oferecia os lábios de uma maneira escandalosa.

Não a preocupava nada do que poderia acontecer.

Então o marquês uniu sua boca com a dela e isso foi exatamente o que Kate estava esperando. O que levou semanas sonhando.

E quando ele a abraçou mais forte, pressionando-a contra seu corpo musculoso, sentiu o forte calor que emanava das profundezas de si mesma. Com muito prazer. Tão contente que parecia completamente natural deixar as mãos vagar pelos músculos de aço sob o casaco. Sua pele estava sob seus dedos. O pelo em seu peito. A firmeza de sua barriga e mais para abaixo... mais abaixo...a firmeza de suas nádegas.

Em seguida, ambos ficaram nus, deitados no sofá de couro de Cyrus Sledge, agarrando-se e com as línguas entrelaçadas.

Naquele momento ela acordou arfando com uma mão entre suas coxas.

E não foi só isso. Não só a sua mão estava lá, pressionando o ponto sensível de sua anatomia, mas também percebeu que estava molhada.

E haviam gotas de suor entre os seios.

Sentada na cama, tentando recuperar a respiração, esquadrinhou o quarto escuro. Tudo parecia em ordem, exatamente como havia deitado há poucas horas antes.

Sim, tudo parecia normal... exceto ela.

Desde que viu lorde Wingate nu no banheiro, não era mais a mesma. Ela nunca tinha visto um homem nu, com exceção de uma pintura ou talvez, uma escultura. Mas a realidade era muito diferente. A arte não reproduz o pelo..., em algumas áreas e... e... com certeza os artistas sentiam inveja pois nunca tiveram como modelo, homens como o marquês, que excedia em muitos termos... em termos do comprimento de algumas... coisas especificamente masculinas.

Lorde Wingate era certamente um homem alto, mas lembrava de muitas pinturas e estátuas que representavam igualmente homens altos e fortes, mas as coisas não eram assim... enormes.

Kate viu todo o corpo dele, exceto a cabeça, mas isso não importava porque a cabeça já tinha visto. O que não desejava que a perseguisse era o resto de seu corpo.

Ele estava em frente ao espelho que refletia seu peito largo e os pelos encaracolados ao redor dos mamilos cor de cobre, seu estômago liso e musculoso. Duas covinhas marcando a parte inferior das costas, suas nádegas eram brancas e firmes e.. os pelos engrossavam-se no que, segundo Kate, os pintores nunca reproduziram com tais dimensões, certamente não encontraram o modelo certo.

Desde então, essa visão a perseguia, mesmo nos sonhos, apesar de todos seus esforços para esquecê-la. Ela esperava que lendo em voz alta para Isabel, a distraísse, mas não. Mesmo lendo Dickens, ainda pensava sobre isso.

Isabel chamou a atenção de Kate várias vezes, alertando-a quando pulava uma página entre outras coisas. E era verdade.

– Você está bem senhorita Mayhew? – Ela perguntou preocupada.

– É claro! – Kate respondeu muito rapidamente, – Por quê?

– Parece estar em outro lugar e tem as faces vermelhas.

Kate colocou as mãos no rosto e percebeu que seus dedos pareciam frios quando comparados ao rosto.

– É por causa do calor. Devemos manter as janelas fechadas para que você não sinta frio.

– Pode estar ficando doente também, – falou Isabel parecendo encantada com essa possibilidade. – Talvez seja a minha vez de cuidar de você, senhorita Mayhew. Seria divertido!

– Isso não é muito caridoso de sua parte, – respondeu Kate divertida. Quando, pouco depois, preparava-se para deitar e viu seu reflexo no espelho, percebeu que Isabel estava certa. Suas faces estavam coradas e os olhos muito brilhantes.

Brilhavam por aquilo que ela havia descoberto. Nunca mais poderia olhar o marquês nos olhos, agora que ela sabia que seu peito estava coberto de pelos negros, e formavam um triângulo que descia até o seu ventre, terminando entre as pernas onde formava uma espécie de ninho protegendo... protegendo a coisa mais extraordinária do mundo. Como ela seria capaz de sentar-se à mesa com ele, sabendo o que estava escondido debaixo de sua roupa? Essa pele dourada, os braços musculosos, as costas esculturais...

Era uma situação insustentável!

Conseguiu dormir, apesar destes pensamentos perturbadores, mas acordou no meio da noite coberta de suor, como se tivesse corrido até perder o fôlego. E ela tirou a camisola sem perceber.

Mas esses detalhes não eram tão perturbadoras como aquele sonho e a mão que descobriu metida entre suas pernas ao acordar.

E o pior de tudo foi a sensível pulsação que permanecia neste lugar apesar de ter sido rápida

em retirar a mão e se tornou uma espécie de ardor.

Sentou na cama e seus cabelos caíram sobre seus ombros. Sacudiu a cabeça para clarear as ideias.

Então, algo bateu no vidro da janela e ela quase gritou de susto.

O vidro não estava quebrado, mas uma segunda pedra o atingiu e então percebeu que foi aquele barulho que a despertou. Pensou que seria um morcego, mas depois percebeu que alguém estava atirando pedras em sua janela.

Levantou-se lembrando-se a tempo que a camisola estava em cima do travesseiro. Colocou-a rapidamente e dirigiu-se para outra janela que foi deixada aberta porque a temperatura da noite estava agradável.

As três janelas de seu quarto se abriam para um jardim cheio de flores na parte de trás da casa, na qual havia um coreto e um pequeno lago com uma fonte. Era um lugar muito tranquilo, onde gostava de passar o tempo enquanto tomava café ou chá, quando Isabel não precisava dela.

Apoiando-se na beirada da janela viu a silhueta de um homem loiro ao lado de uma árvore. Ela recostou-se imediatamente com o coração batendo forte.

Ela não tinha visto o rosto, mas só poderia ser Daniel Craven.

Como conseguiu saber quais eram as suas janelas? E como ele entrou no jardim de lorde Wingate? Não sabia, mas tinha certeza de uma coisa: ele a havia encontrado.

E a destruiria.

Não sabia como, mas faria isso de uma forma ou de outra, como fez duas vezes no passado, quando o relacionamento foi amigável, até que ele desapareceu com todo o seu dinheiro.

E até a noite do incêndio, é claro.

O que ele queria? Ou melhor, o que queria dela? Houve um tempo, sete anos antes, em que ela e várias de suas amigas, admiravam o jovem e belo sócio de seu pai. E ainda chegou a crer, com a inocência de uma colegial, que ele gostava de flertar com ela.

Se perguntou se era por isso que ele desejava vê-la. Ou melhor, talvez ele acreditasse que poderia recomençar de onde as coisas foram interrompidas há muito tempo, como se nada tivesse acontecido.

Se Daniel soubesse que já não o admirava e em momentos de fraqueza suspeitava que era o culpado pela morte de seus pais!

Não, ele estava querendo algo diferente. Daniel Craven era um grande manipulador e ela não fazia ideia do que poderia ser útil para ele agora. Ela não possuía dinheiro. Talvez ele planejasse enganar lorde Wingate assim como enganou seu pai e fazer dela sua cúmplice.

Bem, se fosse esse o caso...

Outra pedra atingiu o vidro mais forte do que antes. Kate estremeceu com a certeza de que o

barulho ia acordar todo mundo, incluindo Isabel que dormia no quarto ao lado. O que ela poderia fazer? Se lorde Wingate descobrisse o que estava acontecendo, seria demitida. Uma senhora de sociedade decente não devia receber visitas noturnas de um cavalheiro.

Veio outro golpe, desta vez mais violento, era um milagre que o vidro não tivesse quebrado ainda.

Ela não teve escolha. Se não descesse ele ia acordar a casa inteira. Engolindo em seco, colocou roupão e chinelos e em seguida, abriu a porta. O corredor estava deserto, o que era normal às três da manhã. Com um pouco de sorte, livraria-se dele e voltaria sem que ninguém soubesse de nada.

Havia dois acessos possíveis para o jardim, um pela biblioteca e o outro pela sala de café da manhã. Kate escolheu a primeira opção. A casa estava envolta em trevas. Não precisava de vela porque a lua proporcionava luz suficiente. Ela atravessou o escritório de lorde Wingate e abriu a porta.

Então ela viu o intruso e ficou paralisada. Não era Daniel Craven.

– Sr. Saunders! – Gritou, com os punhos na cintura enquanto ele preparava-se para jogar outra pedra na janela.

Surpreendido, deixou cair a pedra e virou-se para ela.

– Senhorita... senhorita Mayhew? É você?

– Claro que sou eu!

Sentiu um alívio enorme. Graças a Deus não era Daniel Craven. Enquanto seu coração recuperava o ritmo normal, repreendeu-se por estar errada. Tinha voltado a entrar em pânico. Não via nenhum motivo, para Craven tentar vê-la novamente.

Como Geoffrey Saunders não tinha vindo por ela.

Kate desceu os degraus que conduzia ao jardim, com a camisola de renda bordada transparente como um halo diáfano que a rodeava.

– Sr. Saunders, Como ousa vir aqui em plena noite?

Ele a olhava fixamente o que o fez parecer idiota. Naquele momento não parecia nada atraente, parecia atordoadado.

– Eu... eu...

– Se você estava procurando Lady Isabel, digo para aprender a ter melhor pontaria.

Ele levantou os olhos para o andar superior.

– Acaso me enganei de quarto?

– Isso parece.

Kate não teria sido tão cortante caso não o tivesse confundido com Daniel Craven e se ele não a tivesse despertado. Naquela hora, ela estava muito mal humorada.

– Que vergonha! Como você pode entrar na casa de lorde Wingate à noite como um ladrão?
Ele sorriu para ela. Geoffrey Saunders era muito lisonjeiro.

– O que eu posso dizer – Ele respondeu com um encolher de ombros: – Eu sou um homem apaixonado, senhorita Mayhew, e eu estou à sua mercê. Há quase uma semana eu não tenho ouvido falar dela. Me esqueceram, como um velho par de sapatos?

Kate resmungou franzindo a testa.

– Sr. Saunders, você deveria ter dito que estava bêbado. Poupe-me a comédia. Lady Isabel pegou gripe e passou cinco dias na cama.

Seu rosto ficou iluminado.

– É uma gripe? Droga, garota, você é muito generosa por me dizer. Outra pessoa teria me deixado na ignorância... e eu disse a você e eu fazemos uma boa equipe.

Seus olhos vagaram sobre a sua camisola.

– Posso acrescentar que a roupa que usa é extraordinária? Deveria ter colocado para ir na casa da baronesa, todos os homens teriam girado ao seu redor e não saberiam como manter uma distância.

Kate pensou em dar um tapa nele, mas simplesmente cruzou os braços sobre seu peito enquanto ele tentava olhar acima do decote. Acrescentou mais pano em todos os vestidos de baile, mas não pensou que fosse necessário fazer o mesmo com a camisola, porque imaginou que ninguém a veria vestida daquela maneira.

– Sr. Saunders, saia desta casa imediatamente. Se eu achar que tentará entrar em contato novamente desta forma com lady Isabel, vou dizer a lorde Wingate.

– Eu espero que você não faça isto vestida assim porque tenho a impressão que o lorde Wingate será incapaz como eu, de prestar atenção às suas palavras, se...

– Nesse caso, acho melhor prestar mais atenção a isso – e abaixando-se pisou em seu pé com toda sua força. Como usava saltos altos e pontudos, teve o prazer de vê-lo estremecer de dor e segurar o pé com ambas as mãos.

– Considere isso uma pequena amostra do que poderia fazer lorde Wingate caso ele fique sabendo de sua intrusão e de seu comportamento, – disse com toda a arrogância de que era capaz: – De fato, acho que ele colocaria um tiro entre seus olhos e deve saber que não vou derramar uma única lágrima em seu funeral.

Com isso, ela virou-se e voltou a subir para o terraço, deixando Saunders pulando em um pé tentando não gritar.

Uma vez com segurança atrás da porta fechada, observou-o por um momento, assegurando-se que o tinha assustado o suficiente para que escalasse o muro do jardim e desaparecesse dali.

Com homens desesperados nunca sabia o que poderiam fazer, e ela preferiu aguardar até que

ele tivesse saído.

Naquele momento ela ouviu a tranca da porta da biblioteca e virou o corpo sobressaltada.

Lorde Wingate estava entrando com uma vela na mão.

Capítulo quinze



– Lorde Wingate – disse quando encontrou novamente o uso da palavra.

Ele a olhou com espanto, ela percebeu tarde demais, que ele não a tinha visto e poderia ter passado despercebida se tivesse permanecido em silêncio.

Por outro lado, se fosse pega tentando fugir, ele teria suspeitado que ela escondia alguma coisa. E assim foi.

– Senhorita Mayhew?

Ele levantou o candelabro para vê-la o lado da porta. Abriu mais os olhos e largou a maçaneta.

– Senhorita Mayhew, – repetiu ele em tom de espanto, como se ela fosse a última coisa no mundo que esperava ver em sua casa, onde ela morava há várias semanas, – o que...

– ... você faz na biblioteca às três da manhã? – Em seu estupor ele foi incapaz de terminar a frase e ficou ali, imóvel, fitando-a.... Era sem dúvida um encontro inesperado, especialmente quando os dois estavam em vestes de dormir, mas a surpresa de Burke parecia desproporcional. Afinal, ela não estava sem roupas.

Esse pensamento a lembrou da última vez que viu lorde Wingate e seu rosto ficou completamente vermelho. Deus, o sonho! Ela quase esqueceu. E olha que eles estavam agora sozinhos em uma biblioteca. Não era a mesma coisa que no sonho, mas não se importou. E ambos usavam menos roupa do que a primeira vez.

Lembrando-se de que ele esperava uma resposta, ela disse a primeira coisa que passou pela sua cabeça.

– Minha gata.

A perplexidade de Wingate parecia maior.

– Sua gata senhorita Mayhew?

Ela fez um esforço para falar com toda a lucidez que sobrou, ou seja, não muito.

– Sim, ouvi alguns gatos lutando no jardim e eu pensei que lady...

As palavras morreram quando ela a lembrou-se que nunca tinha dito ao marquês o nome ridículo que havia colocado na pobre gata. Kate pigarreou e corrigiu:

– Que estavam atacando minha gata.

À luz da vela, ele viu que lorde Wingate arqueou as sobrancelhas. A luz dava uma aparência bastante aterradora, com sua pele morena, cabelo preto e feições delicadas. Assustador... e quase

diabólico.

– E então?

A questão, levantada em um tom autoritário, arrancou-a de seu devaneio.

– Então? – Ela perguntou estupidamente.

– Então, não era a sua gata? – Disse ele, fazendo um esforço para ser paciente. Kate olhou por cima do ombro e segurou um gemido. O idiota do Geoffrey não tinha encontrado nada melhor para fazer do que sentar em um banco e remover a sua bota para ver os dedos, esperando sem dúvida que estivessem quebrados. Que idiota! Acaso estava esperando que metessem uma bala na sua cabeça? Porque isso é o que aconteceria se o marquês o visse lá.

– Não, – disse ela, finalmente, voltando-se para Traherne com uma risada. – Felizmente ela não estava lá.

Afastou-se da porta para distrair a atenção do marques.

– E você, Milorde? O que o traz aqui a esta hora da noite?

Como ela esperava, ele a seguiu com os olhos, mas com alguma cautela, como imaginasse que estivesse louca. Talvez esperando que a qualquer momento, tomasse posse do atizador para quebrar sua cabeça.

– Eu descí, – começou ele com cuidado, – porque não conseguia dormir e o livro que estou lendo agora... não é muito relaxante.

– Não?

Ainda preocupada caso ele pensasse em olhar para o jardim, aproximou-se dele e pegou o livro que ele estava segurando.

– O Último dos Moicanos. Eu entendo o que você quer dizer.

Os olhos dele estavam fixos em seu rosto, e que, dadas as circunstâncias, a Kate parecia perfeito.

– A verdade é que está custando-me a lê-lo. Eu não passei do prefácio.

– O prefácio – Ela repetiu, franzindo o nariz – Por que se incomoda em ler o prefácio?

Seu espanto parecia aumentar à medida que ela falava, mas agora que conseguiu desviar sua atenção para longe o suficiente da porta, ela não estava importando-se de que ele a imaginasse uma ignorante que pulava o prefácio. Ele estendeu a mão e agarrou o livro.

– Você precisa de algo para sentir sono, Milorde? Eu sei exatamente o que você precisa. Onde está o S?

Sob a luz das velas, os olhos do marquês pareciam mais verdes do que nunca.

– Está o quê?

– O S. Eu acho que os livros estão em ordem alfabética, – disse ela apontando para as prateleiras.

– Oh, sim! Desta forma, – respondeu apontando para os que estavam à direita da lareira.

– Perfeito.

Ela passou a mão debaixo do braço de Burke e o arrastou para o lugar indicado, uma jogada ousada, sem dúvida, mas absolutamente necessária. Ele não resistiu e ela disse que, possivelmente, a noite terminaria sem derramamento de sangue.

– Agora..., – disse ela passando os volumes colocados nas prateleiras que iam do chão ao teto.

– Poderia aumentar a luz um pouco, Milorde? Isso é melhor. Sal, Serra, SC, estamos quase. Um pouco mais alto, por favor. Meu Deus, eu temo que tenha que subir um pouco.

Tirou a mão de seu braço e pegou a escada de rodinhas.

– Pode segurar isso? – disse entregando os moicanos – Obrigada. Enrolando as mangas da camisola ela subiu os primeiros degraus.

– Senhorita Mayhew, – disse ele puxando o livro e, segurando seu cotovelo, – eu sou perfeitamente capaz de conseguir minhas leituras sozinho.

– Não fique preocupado comigo, Milorde.

La no alto, espreitou aliviada o jardim e descobriu que o Sr. Saunders colocava a bota e o chapéu. Que homem mais idiota!

– Eu nunca tive medo de altura, – disse ela dirigindo sua atenção para as fileiras de livros.

O marquês não havia soltado o seu cotovelo, mas agora ela estava tão alto que ele mal conseguia segurá-lo.

– Eu vejo, – respondeu ele secamente – Mas eu me sentiria melhor...

– Aqui está, – disse Kate. – Ivahoe de Sir Walter Scott. Ideal para insônia. As cenas com Rebbeca são divertidas, mas o resto é chato como nunca. É exatamente o que você precisa.

– Sim, bem, eu li, senhorita Mayhew. – Tornou-se impaciente. – Agora desça antes que quebre um osso...

Um último olhar para o jardim permitiu que ela comprovasse que Saunders havia saído. Ela deu um suspiro de alívio enquanto perguntava para si mesma por que razão queria proteger um idiota.

– É melhor ainda que o tenha lido, – disse, começando a descer, – assim dormirá antes.

– Graças infinitas a sua ajuda, – disse ele aumentando a pressão de sua mão no cotovelo, ... – Cuidado senhorita Mayhew está a ponto de pisar em cima do robe...

– Mas eu não vou fazer isso, – disse ela levemente.

Mas isso é exatamente o que aconteceu depois. Notando que ia perder o equilíbrio, sua primeira reação foi tentar segurar-se a um livro, mas era uma primeira edição, e muito valiosa. Ela ainda teve tempo para pensar sobre o problema em que se meteu e esperava que sua camisola não levantasse enquanto caísse, porque, naturalmente, não usava nada por baixo.

Mas caiu, e no último segundo agarrou-se ao marquês.

Para isso, ele teve que abandonar as velas que caíram no chão com barulho. Com o choque as velas se apagaram e ficaram no escuro. Kate não esperou que os seus olhos se adaptassem à escuridão, já que havia muito pouco a fazer, e seu rosto já estava pressionado contra o peito de lorde Wingate. O mesmo peito que admirou de uma forma vergonhosa refletido no espelho. Mas, assim tão perto, era muito mais interessante. Certamente, não viu muito, mas cheirava.

Burke usava um robe de cetim e uma camisa por baixo de um tecido igualmente macio. E fino. Tanto que ela podia sentir através dela o tufo de cabelo que cobria o peito.

Pelos espessos que tremeram suavemente quando ela inclinou-se um pouco, e sentiu o bater do seu coração através dos músculos de aço que estava encostado no rosto. Eles eram tão duros como ela havia imaginado. E seus braços de atleta que a fizeram sonhar, tão forte quanto ela pensou que seriam, a rodeavam suportando seu peso como se ela tivesse o peso de uma pluma.

Além disso, quando ele fez um leve movimento, um pouco, pôde sentir sua coxa, poderosa e escultural. E então um pouco para a esquerda, havia uma coisa que era quase tão dura quanto o resto de sua anatomia. Ela sabia porque tinha acidentalmente tocado sua perna, enquanto procurava um apoio.

Levantando os olhos, encontrou os lábios dele a poucos centímetros do dela. E seus olhos verdes, bem visíveis, apesar da penumbra.

E então ela percebeu que estava perdida.

Vendo sua expressão, Kate pensou que Burke ia beijá-la. A estreitava fortemente em seus braços e os dois corpos estavam tão intimamente ligados quanto possível. Tudo o que ela teria que fazer era levantar as pernas e rodear sua cintura. Então, seria como no seu sonho, só que eles não estavam nus.

Deus do céu! O que ela estava pensando? Corando violentamente, esperou que o luar não estivesse brilhante o suficiente para mostrar isso. Como poderia estar recordando um sonho tão constrangedor em um momento como este? Teria que recompor-se... Bem, ele ia beijá-la. Devia deixá-lo fazer isso? Ela não tinha nas mãos o atlas e ele sabia disso. Ele ia beijá-la. Ele tinha que beijá-la.

Estava perdida em seus pensamentos quando algo estranho aconteceu. Uma sensação estranha, o toque entre as pernas que a incomodou quando teve aquele sonho, de repente tornou-se vivo. Então, de repente, descobriu que estava completamente encharcada nesse ponto.

Ela não era a única que estava afetada deste modo. O calor que emanava do marquês intensificou-se. E essa... essa coisa que um momento antes parecia tão fraca, de repente ficou dura como uma rocha. A ponta foi contra o seu quadril.

Era como se ela estivesse sonhando de novo, com a diferença que agora tudo era realidade e

ela não tinha certeza se queria que isso se realizasse ou não. Por um lado o desejava ardentemente. Mas...

Mas a questão deixou de importar, porque sem dizer uma palavra, o marques a colocou no chão e a soltou.

– Está bem senhorita Mayhew, – perguntou educadamente.

Se estava tudo bem? Todo seu corpo doía, especialmente em locais que tinham estado em contato com ele. Em vez de beijá-la quando estava prestes a fazer, no último momento ele retirou-se. E agora ele perguntava se ela estava bem?

“Não, eu não estou nada bem!”

– Sim, – respondeu. – Estou bem, obrigada.

– Não deveria subir em escadas vestida desta maneira.

– Não.

– Pois bem.

Ele pegou o livro que estava segurando e pegou o candelabro.

– Eu agradeço a sua recomendação sobre a leitura. Agora, seria melhor nos retirarmos para nossos quartos. É tarde. Ou cedo, dependendo de como você olha. Kate inclinou a cabeça e o convidou a precedê-la. Ao longo do caminho, lorde Wingate aproveitou a oportunidade para manifestar a sua satisfação com a mudança que se abatera sobre sua filha. Perguntado se ela estava confortável em casa e se ela precisava de alguma coisa.

“Sim. Preciso de você”, pensou ela.

– Não, – disse em voz alta: – Obrigada.

Logo encontrou-se em seu quarto e o marquês se foi. Viu-se sozinha de novo...

Não, não. Lady Babbie estava como uma bola no pé da cama. Inconscientemente, Kate deixou cair o cinto de seu robe, tirou os sapatos e, antes de deslizar entre os lençóis, livrou-se de sua camisola. Deitou, com os olhos abertos, imaginando o que estava acontecendo. Como poderia permanecer nos braços do marquês e desejá-lo tão fortemente? Esqueceu que ele era um libertino e que dedicava-se a quebrar os corações das mulheres? Não foi isso que Freddy disse?

Como poderia oferecer os lábios de uma maneira tão chocante? Como estivesse implorando para ser beijada. Talvez tivesse ficado louca?

Sim, era o que parecia. Foi o fato de ver o corpo nu do marques que fez com que ela perdesse a cabeça. Foi só sentir o que havia sob o casaco de cetim e as elegantes calças para a sensível Katherine Mayhew tornar-se uma mulher dominada pelo desejo.

E com certeza, tinha dúvidas de que ele gostasse...

Bom, ele gostava. Mas ele não estava apaixonado por ela, de jeito nenhum! Ele a desejava. Nada mais que isso.

Com um suspiro, ela cobriu o rosto com os lençóis. Seria uma longa noite.

Capítulo dezesseis



A baronesa ergueu-se impertinente.

– É linda, Milorde. É realmente a garota mais bonita da noite. Seguindo os olhos da anciã, Burke não podia fazer nada a não ser assentir. A mulher estava certa. Não era a mais bonita naquela noite. Sempre foi.

– Tem tanta graça e encanto! Não ficará solteira por muito tempo, lorde Wingate, acredite em mim.

Como se ele não soubesse!

– Eu não posso deixar de pensar que meu filho Headley, seria o homem ideal para ela. Entre nós, nenhum dos dois intelectuais. Duvido que eles abriram um único livro desde que saíram da escola. Burke olhou com espanto para a baronesa e compreendeu, um tanto constrangido, que ela estava falando de Isabel, não de Katherine Mayhew.

Pensando bem, era lógico, Kate manteve-se isolada como exigia sua posição, e a Baronesa não se entretinha casando as damas de companhia. Então, estava falando desde o início de Isabel. Obviamente, a mulher não estava sã. Não que Isabel não possuísse um certo charme, mas a baronesa estava cega, porque não viu que a única que merecia tais elogios era a acompanhante de sua filha.

– Formariam um casal maravilhoso, – continuou ela a dizer, – e não vai acreditar, lorde Wingate, eu sou uma pessoa cheia de preconceitos, como muitos dos meus colegas. Eu acho que no seu caso, o divórcio foi a melhor solução.

Não, era ele que estava louco.

A loucura veio gradualmente, mas agora o dominava completamente. De que outra forma explicava a sua presença no baile? Não contratou a senhorita Mayhew para acompanhar Isabel a este tipo de entretenimento? Sim, era claro que era a demência. Havia começado a apoderar-se dele depois que, apesar da chuva torrencial, deixou sua confortável poltrona para vir e certificar-se de que ninguém molestaria a acompanhante de sua filha. Havia muitos seres inescrupulosos dispostos a abusar ou aproveitar de jovens inocentes. Esta iniciativa berrante só serviu para mostrar que ele não era o único que a admirava. E não ia ser o último.

– Claro, meu marido tem ideias completamente diferentes, você sabe. Mas eu acho que poderia começar a partilhar o meu ponto de vista...

Burke esperava sentir uma certa satisfação constatando que suas suspeitas tinham fundamento.

Havia surpreendido principalmente dois "cavalheiros" que a perseguiram com as suas atenções. Mas isso não explicava toda a raiva que isto havia causado nele.

Uma raiva pura que não experimentava há muitos anos.

Não perguntar a si mesmo, na mesma hora, o porquê do fato de saber que não era o único a achá-la linda o deixava com tanta raiva. No começo só disse a si mesmo que uma dama de companhia era perseguida por todos os Libertinos de Londres, não foi muito útil...

– Lorde Wingate– disse a Baronesa colocando a mão em seu braço como se tivesse adivinhado que não a estava escutando: – Deixe-me falar sobre o legado de Headley. Ele tem uma renda anual de 3.000 libras que deixou meu pobre pai. Não é certamente uma grande soma, mas o Barão pretende aumentar caso ele se case com uma mulher adequada. E sua filha, é claro, é extremamente adequada...

Será que ela estava dizendo a verdade quando afirmou que Freddy Bishop era apenas um amigo da família? Não há dúvida. Katherine Mayhew não costumava mentir. Mas o pai só poderia ter sido comerciante, ou professor. Ele não conseguia acreditar que tinham sido amigos de um conde. Ele mesmo era marques e não teve nenhum relacionamento fora do seu ambiente.

Quanto aos outros... Craven, quem era? Um sócio de seu pai? Ridículo. Por que então empalideceu quando o viu? Havia algo mais, e tinha toda a intenção de descobrir o que era.

E quanto a Bishop, acreditava ter adivinhado sobre o relacionamento deles. Se Bishop teve mesmo relações com a família de Kate, obviamente era pelo belos olhos dela. E acima de tudo, pela sua linda boca.

O próprio Burke tentou por todos os meios, esquecer aquela boca. Havia dedicado todo o tempo a evitar Kate, passando todos os seus dias e até algumas noites no clube e ele nunca gostou deste lugar.

Em todo caso, ele havia tido meios de escapar de sua casa, onde corria o risco de encontrar-se com a senhorita Mayhew em todos os momentos. A senhorita Mayhew, que sem saber o porquê, o atraía como as mariposas à luz.

Durante esse tempo, nunca faltaram ofertas. Sara Woodhart não havia renunciado a ele e muitas outras fizeram propostas. A esposa de um membro do Parlamento, uma bailarina e até mesmo uma princesa de virtude duvidosa, mas de sangue russo. Nada o havia interessado.

Essa falta de atração para os negócios da carne o estava preocupando antes de mais nada, porque não era que as mulheres não o atraíam, mas ele só queria uma.

E essa mulher era inacessível para ele.

Como podia um homem como ele, com uma reputação tão ruim, pensar que poderia corromper a acompanhante de sua filha? Era incrivelmente bonita. Terrivelmente sedutora.

Isso não tinha nada a ver com seu caráter. Era a sua aparência que o enfeitiçava, não a sua

bondade. Não. A bondade, nestes dias, deixou de ser considerada um traço importante para as jovens. Isso não impediu que a jovem em questão metesse uma moeda na mão das crianças vestidas em trapos na rua, ou carregar o pesado fardo de um idoso. Ele pôde comprovar em muitas ocasiões.

Sua paciência sem limites não aumentava a sua atração. Kate nunca teve uma palavra ruim para com sua filha.

Também não era o seu comportamento impecável. Era tão educada com os criados quanto com os aristocratas. Nem a sua surpreendente franqueza, a sua sensatez a toda prova. Nem nunca chorou ou fez o que apetecia. Nem seu sorriso, que às vezes vinha do quarto de Isabel.

Também não era porque, quando ele falava, sentia que ela o escutava e respondia com a qualidade mais importante de todas: a honestidade.

Por outro lado, como poderia acreditar nela, quando tantas mulheres haviam mentido para ele, a começar por sua própria esposa?

Não! Era só o seu físico e nada mais. Com certeza, ele nunca havia seduzido uma mulher tão pequena, tão loira e tão... virginal. Sem dúvida, algo nela o atraía como nenhuma mulher o atraía até hoje.

Devia ser por culpa da sua boca. Há alguns dias, só pensava naquela maldita boca. Bem, o fato de que a senhorita Mayhew parecia ter inclinação para perambular por toda a casa com a camisola quase transparente, talvez tivesse algo que ver. Como pode resistir a não deitá-la em seu escritório e possuí-la em dez maneiras diferentes? Era um completo mistério. Sem dúvida, ele ainda podia controlar-se.

Sem dúvida, não foi fácil. Teve uma enorme força de vontade para depositá-la no chão em silêncio depois que, milagrosamente, ela caiu em seus braços. Quando a essa boca, que o perseguia dia e noite desde a primeira vez que a viu, aproximou-se tanto dele, que estava prestes a ceder à tentação e beijá-la.

E ela teria deixado. Ele tinha certeza, porque ela estava com um livro na mão e em nenhum momento teve a intenção de ameaçá-lo.

E ainda, no último segundo decidiu não beijá-la. Por quê?

Porque estava louco. Completamente louco.

– E não precisa ficar preocupado, Milorde, – continuou a baronesa, – é verdade que tivemos alguns problemas financeiros... O Barão investiu em minas de diamantes na África, alguns anos atrás, e você sabe o que aconteceu. Mas o dote de sua filha permanecerá sendo dela. Somos bastante progressistas sabe? Mesmo o Barão começa a pensar que as mulheres são capazes de gerir suas próprias finanças... bem, com a ajuda de um contador, é claro.

– Baronesa Childress, – disse o Marquês de repente. Ela deu um sorriso confiante.

– Milorde?

– Se o seu filho... Headley, não é? Bem, Headley. Caso Headley tenha a infelicidade de abordar minha filha, lady Childress, apenas um pouco, eu o estriparei com minhas próprias mãos. Será que entendeu bem?

A baronesa empalideceu.

– Lorde Wingate... – exclamou inutilmente, porque ele a deixou ali plantada. Foi abrindo caminho no meio da multidão com os cotovelos, pois percebeu que a senhorita Mayhew não estava mais sozinha. Um homem, jovem e loiro, encontrava-se com ela. Era o Conde de Palmer, como ele queria... - e isso proporcionaria a ele um grande prazer - dar um soco e limpar os sapatos no seu rosto, sim era o outro, Craven. O homem cuja aparição tanto a afetou.

Burke não o conhecia. Ele sequer ouviu falar dele, o que era completamente normal na medida em que não conhecia muitas pessoas e há muito tempo não estava interessado em boatos. No entanto, ficaria feliz em intimidá-lo como ele merecia. A palidez e o nervosismo que mais uma vez ela estava sentindo, eram motivos suficientes para fazê-lo.

– Sim. – Estava ela dizendo com a sua voz rouca, tão particularmente sua, inesperada para alguém do seu tamanho, e que o perturbava mais do que ele poderia expressar em palavras.

– Sim, Lady Babbie sobreviveu. Ela foi encontrada em um armário quando o fogo foi extinto. Craven foi o primeiro a vê-lo e exclamou com um entusiasmo exagerado

– Veja, que surpresa Kate! Seu amigo está aqui. Katie rapidamente virou-se em sua cadeira.

– Oh, – disse ela, não só recuperando a cor, mas corando muito, surpreendendo o marquês. Levantou-se imediatamente e começou a esmagar o cordão de seda de seu vestido.

– Eu..., – ela gaguejou, – eu...

Burke a ignorou, tanto como era capaz de ignorar Katherine Mayhew e estendeu a mão para Craven.

– Parece que está se tornando um hábito. Acho que vou ter de me apresentar. Burke Traherne, Marquês de Wingate.

Craven apertou sua mão, mas com menos energia.

– Daniel Craven. – disse com um sorriso agradável.

Ele descansou a mão no banco atrás de Kate, e isso deixou Burke exasperado.

– Olhe, Kate. Mas por que se contentar com uma conde quando você pode ter um marquês, certo?

O rubor que queimou o rosto da senhorita Mayhew desapareceu. Pareceu cambalear, como se grosseria a tivesse batido na íntegra, mas, antes que Burke pudesse levantar o punho para bater no rosto de Craven, ela disse fracamente.

– Lorde Wingate é meu patrão, Daniel. Eu sou a acompanhante de sua filha, Isabel.

Craven viu o punho cerrado do Marquês.

– Desculpe. Eu não quis ofender ninguém, Milorde. Kate e eu somos velhos amigos. Eu só estava brincando...

– Eu não acredito que suas piadas agradem a senhorita Mayhew, Sr. Craven. E a mim ainda menos. Eu o aconselho a encontrar outra pessoa para brincar.

Craven era tão alto quanto Burke, e quase tão musculoso. Caso fossem brigar, era difícil prever quem seria o vencedor. Se não fosse porque o marquês nunca havia perdido uma única luta em sua vida, e a possibilidade de algo assim fosse acontecer nem sequer passou pela sua mente. Dava um grande prazer pensar em derrubar este insolente, mas uma luta no salão de lady Tetmiller não era a melhor maneira de encontrar um marido para Isabel. Por outro lado, talvez fosse o que ele precisava para aliviar a tensão que não o abandonava por várias semanas...

Em qualquer caso, Craven não fez nada para ajudar nesse sentido.

– Eu realmente lamento. Peço perdão, se pareci rude. Então pareceu encontrar um rosto familiar na multidão.

– Bem, lá está Barnes. Perdoe-me por deixá-los tão cedo.

E foi embora, para grande decepção de Burke e grande alívio de Kate.

– Senhorita Mayhew o que significa este homem para você? O alívio durou pouco. A questão voltou cheias de sombras.

– Eu disse, foi um sócio...

– De seu pai, sim.

Adivinhando que não ia descobrir mais nada sobre essa questão, ele acrescentou:

– Bem, se ele retornar para irritá-la, por favor avise-me.

– Avisá-lo? – Ela repetiu surpresa. – Mas por quê? Ele sorriu ante a ingenuidade dela.

– Eu desejo isso.

– Você não pode matá-lo, Milorde, – disse ela, revelando que era menos ingênua do que ele supunha.

– Não? Espero que me diga que está apaixonada por ele, senhorita, mas é evidente que está com medo desse homem.

– Não, eu não estou com medo, – ela tentou levantar o queixo. – E você não pode matá-lo.

– Sério?

Para seu pesar, ele percebeu o quão bem adaptava a sua expressão rebelde. Era a única jovem da noite que não estava usando fitas e rendas, joias ou veludo.

Ainda assim, era a mais bonita de todas.

Sem dúvida a mulher mais linda que ele já havia conhecido.

Assim, na noite em que ele a conheceu, quando o ameaçou com o guarda-chuva, ele deveria

ter fugido a toda velocidade.

– Seria um escândalo terrível e sua filha seria forçada a casar-se com Geoffrey Saunders, porque nenhum outro homem a desejaria.

Burke pensou nesta resposta, enquanto Kate parecia de repente muito interessada no conteúdo do seu vestido. Então ele percebeu que este era o seu primeiro encontro após o incidente na biblioteca uma semana antes, e supôs que ela estava perturbada por sua presença. Era normal. Ela era jovem e inexperiente. Era seu dever tranquilizá-la e fazê-la compreender que nada havia mudado entre eles.

Bem, quase nada.

– Eu acho que Isabel está bem, – ele continuou enquanto ela puxava um relógio de ouro no pequeno bolso e começou a olhar com mais atenção do que o necessário – Ela não se cansa de dançar?

– Oh não! – disse ela largando o relógio no bolso, mas ainda não se atrevendo a olhar para ele. – Esta tarde, o médico disse que ela estava completamente curada. Temo que sua devoção ao Sr. Saunders piorou.

– Eu vejo.

Por que não o olhava? Seu nervosismo era desconfortável. Se tivesse ficado em seu quarto lendo O Último dos Moicanos, não teria surpreendido a senhorita Mayhew em sua camisola, naquela noite, e agora ele sabia que o corset que ela usava, não fazia falta. Sua cintura era tão estreita que não necessitava de espartilho e os seios que agora estavam escondidos pela seda, certamente eram pequenos, mas perfeitos. Não os viu contra a luz - francamente que tipo de acompanhante passeava pela noite com uma camisola transparente? - mas os sentiu através do tecido fino. Suas pontas endurecidas haviam quase queimado a roupa. Desde então ficou imaginando o que sentiria caso pegasse na mão dela.

Naquele momento Kate estava brincando com um fio de sua luva. Estaria irritada com ele ou apenas cansada? Ele estava errado ao pensar que ela compartilhava seu desejo?

Ele não tinha dúvidas sobre sua virgindade, mas não sabia como seduzir uma virgem. E ele estava com medo de assustá-la. Sua experiência com Elizabeth não foi de qualquer utilidade neste ponto, porque, na sua noite de núpcias descobriu que não era tão pura quanto ele pensava e como sugeria o seu vestido de casamento branco.

Finalmente, ele disse:

– Senhorita Mayhew, tudo o que posso dizer é que se esse homem ou qualquer outro a incomodar, será um grande prazer para mim fazer com que ele pare.

Ela olhou para ele, mas apenas como alguém que o considerava um retardado mental...

– Lorde Wingate, eu disse que o Sr. Craven não significa nada para mim, é apenas um velho...

– Talvez, – ele abaixou-se e curvou-se para falar no seu ouvido por causa do barulho.

Ao fazê-lo, percebeu que sua orelha era linda, pequena e perfeitamente limpa, como o resto dela.

– Mas acho que as intenções dele para com você é mais que amigável. Antes que ela pudesse abrir a linda boca para responder, alguém puxou sua manga.

– Lorde Wingate, – perguntou uma voz familiar.

Recusando-se a terminar a sua conversa com a senhorita Mathew, balançou a cabeça, mas a mulher que estava puxando sua manga disse.

– Milorde Burke!

Reconheceu a forma de pronunciar seu nome. Ele ouviu muitas vezes sussurrado no travesseiro, em meio a lençóis amassados...

O sangue gelou em suas veias. O que ela estava fazendo ali? Claro que não foi convidada para um baile de debutantes. Era verdade que, às vezes, algumas anfitriãs convidavam qualquer um que estivesse na moda na época para garantir que a festa fosse bem sucedida.

Mesmo atrizes.

– Você não vai apresentar-me a sua nova amiga, Burke? – Perguntou Sara, deslizando a mão na dobra do seu braço.

Ele olhou para ela. Como sempre, Sara estava perfeitamente maquilada e usando um vestido extravagante. Quem pensaria que, sob este peito generoso e muito exposto "*batia um coração partido?*" como ela dizia, em suas notas?

Burke não, é claro. Então ele respondeu secamente, empurrando a mão de seu braço:

– Não.

Os olhos de Sara, enegrecidos com lápis, piscaram. Ela compôs uma expressão de um animal ferido que havia ensaiado várias vezes diante do espelho. Houve um tempo em que ele se divertia muito vendo-a treinar.

– Vamos Burke... É assim que trata uma velha amiga?

– É claro que não! – Disse a senhorita Mayhew, sem dar tempo para Burke responder – mas veja você, eu não sou a nova amiga de lorde Wingate, Sra. Woodhart. Eu sou a acompanhante de sua filha.

Uma nova expressão, que pareceu a Burke de suspeita, apareceu no rosto da atriz.

– Sua dama de companhia! Sério?

– Vi um cartaz de Macbeth com sua fotografia alguns meses atrás Sra. Woodhart. Então eu a reconheci.

– Uau, – exclamou ela arqueando exageradamente as sobrancelhas.

Isso não era um bom sinal, e Burke sabia. Isso significava que ela estava prestes a soltar

alguma impertinência. Para ajudar a senhoria Mayhew e evitar a si mesmo uma situação embaraçosa, rapidamente pegou no braço da atriz.

– Me daria o prazer dessa dança, Sra. Woodhart?

– É claro, Burke.

Mas, no entanto, não conseguiu arrastá-la para a pista com suficiente rapidez e isso deu tempo para falar, alto o suficiente para que Kate pudesse ouvir:

– Bem, agora eu sei o que o manteve ocupado nas últimas semanas, Burke...

Kate, claro, ouviu. Como todos os que os rodeavam. Isso é o que Sara queria. Ela considerava-se lesada, embora Burke a tenha lembrado mais de uma vez que era ela quem foi pega com outro. Ele sempre orgulhava-se de manter amizades com seus casos do passado, exceto, é claro, com sua esposa. Com Sarah, no entanto, isso não foi possível.

Ele não percebeu o ressentimento que ela ainda sentia, até que recebeu um tapa na cara, quando terminou a valsa. Ele havia acabado de dizer que não havia mais lugar para ela em sua vida e que caso ela se atrevesse a dirigir novamente a palavra em algum baile em que estivesse sua filha, ia cuidar pessoalmente para que o financiamento das obras em que atuava, acabassem.

A maioria dos convidados, e especialmente o anfitrião, testemunharam a cena, ou pelo menos ouviram o som da bofetada. E todo mundo viu como Sarah deixou o local com raiva e as saias agitando furiosamente da direita para a esquerda.

Incluindo Kate Mayhew.

Capítulo dezessete



Feito uma bola no canto da carruagem, Isabel disse com uma voz sonhadora: Geoffrey me disse que devia perguntar-me uma coisa.

Kate, sentada à sua frente, não respondeu. Sua mente estava em outro lugar.

– Pode me ouvir senhorita Mayhew? Eu disse que Geoffrey quer me perguntar algo.

– Sr. Saunders, – corrigiu mecanicamente Kate, – é muito vulgar chamar um homem por seu nome, a menos que seja da família.

– Tudo bem. O Sr. Saunders quer me perguntar uma coisa.

– Bem, – começou Kate, com certo esforço para esconder sua preocupação: – Mas por que ele não quis perguntar esta noite, se era tão importante? Teve uma chance. Você dançou com ele muitas vezes.

– Quatro.

– Isso é o que eu quero dizer. Foi mais de uma chance. Eu não posso deixar de pensar que a inteligência do jovem Saunders é um pouco limitada.

Isabel não se ofendeu por esse comentário.

– Eu acho que não fez esta noite, porque prefere um lugar mais romântico do que o baile de Lady Tetmiller, senhorita Mayhew.

Mais uma vez, Kate tardou para responder. Ficou pensando sobre um evento que havia ocorrido pouco antes de abandonar o baile. Daniel Craven, que sumiu depois que lorde Wingate o ameaçou, surgiu por trás de uma coluna e agarrou seu pulso sem tirar os olhos dela.

– Kate? – Perguntou com uma expressão preocupada, – Está tudo bem? Pela atitude de lorde Wingate deu-me a impressão de que... talvez...

Desta vez, ela não ficou surpresa com sua repentina aparição.

– Estou muito bem, Sr. Craven. Eu gostaria apenas de...

– Sr. Craven? – Sacudiu a mão dela – Eu me lembro da época em que era Daniel.

Olhando para as mãos dos dois unidas, ela respondeu:

– Eu me lembro, Sr. Craven, mas isso foi há muito tempo. Antes do incêndio, se não me engana a memória.

– Aquele fogo maldito! – Explodiu ele. – Como as coisas podem ter mudado a tal ponto que já não têm tempo para passar com seus velhos amigos?

Ela o observou com espanto.

– Vejamos, Sr. Craven, você deve saber que este fogo mudou tudo. Afinal, você estava lá não é?

Ele deixou cair as mãos de repente, como se as tivesse queimado.

– O que você quer dizer? – Perguntou, muito rapidamente, com seus olhos claros fixos nela, – eu não estava lá Kate. Eu não estava...

Ela não ouviu o resto já que Isabel, que havia perdido uma luva, a chamou. Agora, Kate perguntou para si mesma, muito angustiada, como ela poderia falar sobre a presença dele na noite do incêndio? O que ela estava pensando? Ele não estava lá. Tinha sonhado...

– Senhorita Mayhew, você não acha que os bailes de lady Tetmiller são particularmente pouco românticos? – Continuou Isabel.

– Românticos?

Kate voltou para o presente com esforço.

– Como eu estou velha demais para atrair a atenção de qualquer homem, eu acho que não estou qualificada para responder a essa pergunta.

– Em todo caso, eu conheço um, pelo menos, que está muito interessado em você, senhorita Mayhew... Mas vamos falar sobre mim, você se importa? Eu acho que Geoffrey vai me pedir para casar com ele.

– E onde você vai morar? Saunders deve mais dinheiro do que você tem, você sabe muito bem.

– Só tenho que convencer papai a pagar todas as suas dívidas, – disse Isabel, com um encolher de ombros – e Geoffrey e eu começaremos do zero.

– Seu pai preferia vê-la casada com um Papua da Nova Guiné, e não com Geoffrey Saunders.

– Isso vai mudar. Acho que depois de hoje à noite depois daquela cena embaraçosa, vai fazer o que eu quero.

Kate deliberadamente olhou pela janela.

– Eu não entendo o que você quer dizer, – ela mentiu.

– Agora, senhorita Mayhew, não finja que não viu nada. Sra. Woodhart bateu com tanta força que pode ser ouvido em Newcastle. Nunca na minha vida me senti tão envergonhada. Realmente. De acordo com os meus amigos, ele deve feito uma proposta tão lasciva que a ofendeu muito.

Kate levantou uma sobrancelha, voltando sua atenção para a garota.

– Lasciva?

– Sim. Essa não é uma palavra maravilhosa? Aprendi em um de seus livros, eu esqueci qual.

Kate voltou para a janela.

– Acho que eles estavam apenas discutindo. A Sra. Woodhart é uma atriz e acho que ela gosta de um pouco de teatro. Tenho certeza que não era nada "indecente".

– Eles não estavam discutindo. Papai a deixou há meses. Não teve nenhuma namorada desde que você chegou em casa.

Kate parecia estar subitamente interessada em uma carruagem que passava nas proximidades.

– Eu me pergunto como você pode estar ciente dessas coisas, – ela murmurou.

– Não é tão difícil: Duncan me disse.

– Você não devia ouvir as fofocas dos criados, Isabel.

– Mas tanto em casa como no resto de Londres, está claro para todos, que ele está apaixonado por você, senhorita Mayhew.

Kate olhou para ela horrorizada.

– Lady Isabel!

– O quê? É verdade.

Tal como estava, encolhida no seu canto, Isabel lembrou lady Babbie, quando acabava de pegar um rato especialmente apetitoso. Exceto que não ronronava.

– Você notou como a evita e em seguida aparece em qualquer lugar onde estamos. Ele não pode evitar e você sabe por quê? Porque você é irresistível. Como chocolate.

– Isabel! Peço que pare imediatamente de fazer piadas sobre isso. Não é respeitoso para com seu pai, ele é gentil comigo.

– Até mesmo a Sra. Cleary disse outro dia que não era típico dele faltar ao jantar – continuou Isabel como se não tivesse ouvido– Segundo ela, há mais de três meses ele não janta em casa. E é exatamente o tempo que você está comigo. Certamente a tem evitado porque só o fato de olhar para você, desperta nele um desejo irreprimível.

Compreendendo que quanto mais protestasse, mais Isabel insistiria, Kate disse apenas:

– De onde você tirou essa expressão? Em um de meus livros não foi, claro.

– Papai nunca esteve três meses sem uma amante. Seu recorde foi de seis semanas, mas só porque ele machucou-se quando caiu do cavalo. Se ele não estivesse apaixonado por você, já teria encontrado alguém para substituir a Sra. Woodhart.

– Estamos chegando a Park Lane, – disse Kate com um nó na garganta.

– Graças a Deus!

– Talvez pudéssemos fazer um casamento duplo, – continuou Isabel pensativa,

– Geoffrey e eu, meu pai e você. Não seria ótimo? Realizaremos uma grande festa. Vocês dois formam um belo casal. Você é tão pequena e sorridente, e ele tão alto e mal-humorado.

Kate pensou que não poderia evitar o problema por mais tempo.

– Isabel! Claro que você não deve estar falando sério. Você realmente não pode pensar que um homem na posição de seu pai sonharia sequer em casar-se com alguém como eu.

– Por que não? – Isabel respondeu com a maior seriedade do mundo, não é uma atriz ou... ou

uma bailarina.

– Os marqueses não se casam com acompanhantes de suas filhas, – disse Kate gravemente.

– Sim, eles fazem, quando o marquês em questão é o meu pai e a acompanhante é você, senhorita Mayhew.

A carruagem parou e Kate desceu correndo, deixando seu lugar para escapar da pequena cabine e dos comentários da jovem.

Apenas olhou para o criado que a ajudou a sair. Bom Deus! Será que ela pensa que lorde Wingate tem uma queda por mim?

Fez a mesma pergunta a si mesma quando, no hall de entrada, Vincennes gentilmente perguntou se ela precisava de alguma coisa.

Oh, não! Brigitte, não! Lamentou quando, na segurança do seu quarto, ela ouviu as risadas no quarto da criada ao lado.

Ela ficava nua na cama. Desde o dia em que surpreendeu lorde Wingate no banho, tinha deixado de usar camisola, já que invariavelmente, quando acordava, a camisola estava levantada até o pescoço. Então era melhor não colocá-la. Pela segunda vez, imaginou caso não fosse melhor esquecer de tudo e casar-se com Freddy. Assim, tudo seria muito mais fácil. Tudo bem, não o amava, mas começou a duvidar seriamente de que o amor fosse algo muito agradável. E, ele não tornou a pedir sua mão recentemente. O relacionamento deles esfriou um pouco desde que mencionou a soprano austríaca.

O problema, deixando de lado a mãe de Freddy, era que o casamento não decolaria se não tirasse lorde Wingate da cabeça. Ele nunca deixou de estar em seus pensamentos desde que o encontrou a noite na biblioteca, uma semana antes. Não seria certo casar com Freddy sabendo que ela estava apaixonado por outro... assumindo que o que ela sentia era amor pelo marquês. Kate não tinha certeza se era a palavra certa. A expressão de Isabel, "desejo ardente", parecia muito melhor.

Ela adormeceu mais rápido do que o habitual e sonhou com o marquês como acontecia toda noite, mas desta vez ambos subiam nus pelas escadas da biblioteca, quando acordou com um som familiar. Sentou-se rapidamente e voltou os olhos para a janela.

Sim, era o som de cascalho batendo no vidro. Será que mais uma vez, apesar das ameaças? Sem dúvida, ele queria fazer a Isabel sua proposta intolerável.

Bem, desta vez eu lamento! Chamaria lorde Wingate!

Ela puxou os lençóis e rapidamente colocou a camisola e o roupão, mas não achou digno acordar lorde Wingate. Seria inevitável que acontecesse um duelo, porque o marquês não era um homem que corrigia um problema parecido com uma repreensão simples.

Não, era melhor tratar disso ela mesma. Não acordaria o marquês. Lidaria com a situação

sozinha. Ela daria a Geoffrey Saunders outro lembrete do quão desagradável ela poderia tornar-se, quando adequadamente motivada. Mas quando ela abriu as portas francesas que dava para o jardim, ela descobriu que estava enganada.

Não era Geoffrey, e sim Daniel Craven.

– Finalmente você está aqui, – disse ele deixando cair as pedrinhas que ele estava prestes a jogar pela janela. – Graças a Deus. Eu estava com medo de estar atirando na janela errada.

Incapaz de fazer um som, Kate olhou para ele sem dizer nada. Ele devia estar bêbado, não havia outra explicação.

– Eu espero que você não esteja com raiva de mim, – continuou ele, limpando os dedos na calça, – eu perguntei ao rapaz que está apaixonado pela sua pequena dama Isabel, qual era a melhor maneira de contatá-la, sem encontrar-me com o ogro que tem por chefe. Não está brava, não é verdade?

Kate sacudiu a cabeça, não em resposta à pergunta, mas porque ela não podia acreditar.

– O que você está fazendo aqui? – Ela conseguiu finalmente perguntar.

– Não é óbvio, Kate? – Ele disse com um sorriso destinado a tranquilizá-la, mas que gelou seu sangue. – Eu precisava vir. Depois do que você disse hoje à noite...

– O que eu disse? Que diabos eu poderia dizer para você fazer algo tão... tão idiota?

– Idiota?

Seu sorriso desapareceu.

– Sou estúpido por querer vê-la, Kate?

– Pode ver-me durante o dia, como pessoas normais, batendo na porta. Mas o que você está fazendo é... loucura, Daniel. Eu preciso deste emprego. Você sabe muito bem o quanto eu preciso. O que você está procurando? Que eu seja despedida?

Ele pareceu relaxar um pouco.

– Claro que não. Mas você ouviu o seu lorde... Wingate. Não pense que eu gosto muito. Eu não acho que ele me deixará vê-la usando os métodos normais. O que você estava pensando quando aceitou trabalhar para um homem como ele, Kate?

– É um homem muito bom e eu rezo para que você guarde suas opiniões para si mesmo. Enfim, eu não tinha escolha. Alguns de nós são forçados a trabalhar para viver. Não possuo nenhuma mina de diamantes.

Ele cambaleou como se ela o tivesse esbofeteado.

– Kate... – começou com uma voz que queria ser carinhosa.

– Francamente, Daniel, seria melhor você ir embora.

– Kate! Como você pode dizer isso? Temos muitas coisas para conversar, você e eu. Por exemplo, eu nunca disse a você o quanto eu senti pelo que sucedeu... o que aconteceu entre seu

pai e eu. O que ele disse de mim não era verdade. Eu entendo que prefira acreditar nele, mas eu juro que eu não fiquei com o dinheiro de ninguém. Eu não culpo você por escolher-me como um bode expiatório e...

– Você está sugerindo que foi meu pai quem pegou? – Ela interrompeu friamente.

– Senhor, não! Eu não sei o que aconteceu com esse dinheiro. Eu juro, eu não sei. Foi sem dúvida um ato de covardia da minha parte para ir por esse caminho, mas... na hora pensei que era o melhor coisa que poderia fazer. Depois me arrependi, e não sei quanto. Como me arrependi de não estar ao seu lado depois... depois... depois do incêndio. Que terrível incêndio. Seu pai era um grande homem, Kate. Um grande homem... apesar do que todos pensam.

Enquanto ele falava, tinha se aproximado dela devagar e cuidadosamente. Ela, porém, voltou a colocar as costas contra um espaldar da janela.

– Você deve ir, Daniel.

– Eu não sabia que seu pai tornou-se o centro da questão. Quero dizer... Eu nunca teria pensado que ele fosse capaz de cometer suicídio e arrastasse a sua pobre mãe com ele.

Kate estava prestes a dizer na sua cara o que ela suspeitava. Na verdade, ela estava prestes a dizer, pronto para acusá-lo sem qualquer cuidado, e seu espírito estava dizendo que não estava errada, quando o rosto de Daniel, de repente, ficou descomposto.

Um segundo depois, ele virou-se e saiu correndo em direção à parede do fundo. Ela estava ali, querendo saber o que era aquilo que provocou o medo dele a esse ponto, quando ouviu atrás dela, a voz de seu chefe. Uma voz que tremia de raiva.

– Senhorita Mayhew; Eu posso falar com você um instante?

Capítulo dezoito



Kate virou-se assustada.

– Milorde Eu posso explicar...

Mas as palavras morreram em seus lábios. O marquês estava pálido, os lábios apertados, e os olhos brilhando como duas chamas.

Kate fez um som inarticulado, então alguma coisa saiu fora da escuridão, ela percebeu tarde demais que era a mão do marquês. Ele a agarrou pela cintura. Imediatamente lamentou-se por não ter fugido atrás de Daniel Craven.

Então ela percebeu que o nó da gravata dele estava desfeito e ele havia desabotoado quase todos os botões de sua camisa de forma que seu peito coberto com pelos pretos e curtos estava descoberto. Perguntou para si, estupidamente se ao tocá-los seriam suaves e os seus músculos seriam tão fortes como imaginava. No entanto, ela teve tempo de continuar a fazer perguntas a si mesma, já que ele a levantou do chão e entrou na casa.

Kate, que geralmente não sentia dificuldade para falar, perdeu o uso da palavra quando Burke fechou a porta com um chute. Então pegou-a pelos ombros, e girou-a para enfrentá-lo. A fúria em seu olhos era desproporcional.

– O que acabo de ver aí fora com você, senhorita Mathew, não era sua gata. Desculpe-me, mas eu acho que essa desculpa não será suficiente desta vez. Eu vi quem era, então não me insulte mentindo.

Apesar de cheirar a uísque, no entanto, ela não poderia dizer que ele estava bêbado. Pelo menos parecia que não. Ele falava normalmente e não cambaleava. Então, por que estava comportando-se como um marido ciumento?

– Deveria ter me dito que queria a companhia de homens, – ele continuou: – Eu não posso ser tão atraente como lorde Palmer, mas pelo menos você não será forçada a sair à noite para me ver.

Então lorde Wingate estava enganado. Ele pensava que era Freddy, que estava no jardim em vez de Daniel Craven. O cabelo louro de ambos no escuro, o levou à confusão.

O que ela poderia fazer? Em seu estado atual de raiva e provavelmente bêbado, certamente ele não acreditaria caso Kate contasse a verdade. Mas ela não teve tempo para encontrar uma solução porque, de repente, foi esmagada contra o marques ao mesmo tempo em que ele apoderava-se de seus lábios.

Kate sonhou muito com este momento, mas a realidade ultrapassou qualquer coisa que tinha

imaginado. Em seus sonhos, as suas costeletas não arranhavam seu rosto, os lábios não eram tão duros e insistentes e ele não introduzia a língua em sua boca com tanta ousadia.

Em seus sonhos, não a abraçava tão fortemente e suas mãos não caminhavam através do tecido fino de sua camisola. E nunca, nunca tão perto de seu seio.

Mas os sonhos eram assim. Às vezes a realidade era melhor.

Quando sentiu as mãos do marquês em seus seios, arregalou os olhos. O que ele estava fazendo?

Naturalmente, a resposta era óbvia. Ele estava começando a fazer amor. Com ferocidade.

E ela gostou.

Kate já foi beijada, mas não desse jeito, é claro. Ela nunca deixou nenhum homem a tocar do jeito que o marques estava fazendo. Nem sequer desejara. Para sua vergonha, ela descobriu que estava gostando. Até mesmo estava na ponta dos pés, enquanto colocava os braços em volta do pescoço de James, permitindo a carícia. E quando ele introduziu a língua em sua boca, saiu ao encontro. Que tipo de mulher permitia que um homem fizesse essas coisas vergonhosas?

A partir daí foi incapaz de manter um pensamento sensato, porque a mão que estava em torno de um de seus seios, começou a mover-se. Agora, ele apertava os seios com as mãos enquanto a beijava sem parar, meticulosamente explorando sua boca com a língua. Ela perdeu o fôlego e cambaleou porque estava na ponta dos pés.

Percebendo a sua situação, ele simplesmente resolveu o problema, deslizando as mãos sob as nádegas de Kate para levantá-la. Então, parecia completamente lógico para Kate cercar com as pernas a cintura dele, porque foi justamente o que ela fez em seu sonho.

Com a diferença de que no sonho, sempre despertava em seguida e não notava a coisa extremamente dura entre as pernas. Tampouco a apertava com entusiasmo, como ela desejava. Ele fez um som estranho, a meio caminho entre um gemido e uma suplica, só que a deixou mais excitada.

Em vista de que ele cobria todo o seu campo de visão, não percebeu para onde estava sendo levada até ele a colocasse sobre uma superfície dura e plana. A mesa. No seu sonho não era o lugar onde fizeram amor, mas até então estava começando a perceber que o sonho era pequeno em comparação com a realidade.

Especialmente quando o marquês, sem sair de seus lábios, levantou a camisola tirando-a sobre sua cabeça.

Então, para sua decepção, ele parou de beijá-la. Sob o luar, ela viu que a estava olhando, em pé, com a camisola na mão. Sem dúvida deveria estar tentando cobrir-se de alguma forma, afinal, estava completamente nua. Mas ela já havia visto Burke nu e o mínimo que ela podia fazer era retribuir o favor.

Além disso, gostava muito da forma como ele estava olhando para ela. Parecia incapaz de afastar o olhar para longe de seu corpo. Então ele afastou as mãos dela ligeiramente para trás onde ele pudesse olhá-la com prazer. Ele gemeu de novo, a camisola foi atirada no chão e novamente aproximou-se dela, mas não para beijar sua boca e sim um dos seus seios.

Surpresa, *Kate* assustou-se e quase perdeu o equilíbrio por causa do calor que aquele beijo espalhou por todo o corpo. Ela nunca experimentou nada parecido. A estranha sensação de impaciência, entre as pernas, surgiu com força quando a língua de Burke começou a dançar em torno de cada um de seus mamilos. Ela enfiou os dedos pelos cabelos dele jogando a cabeça para trás até que seus cabelos varreram a superfície da mesa. Na verdade, isso era muito bom...

Mas não foi nada comparado ao que ela sentiu quando o marquês passou os dedos entre as pernas dela. Quase caindo novamente, sentiu quando Burke colocou a mão atrás do seu pescoço segurando-a, enquanto os lábios dele percorriam sua garganta. Ao mesmo tempo pressionava o mesmo lugar onde ela mesmo havia pressionado no sonho. Espantada porque ele adivinhara o lugar onde exatamente queria ser tocada, abriu a boca para expressar sua surpresa, mas Burke silenciou-a com um beijo. Sua língua a invadiu e ela pensou que o problema não era tão importante, afinal.

Como vingança, o desejo de acariciar esses ombros que tinha visto furtivamente parecia muito mais urgente e enfiou a mão sob a camisa. A suavidade da pele, onde não estava coberto pelo perturbador pelo preto, a surpreendeu. Como se ele entendesse a sua curiosidade, apressado rasgou sua camisa, com força suficiente para ela ouvir o som do tecido.

Então tomou-a nos braços nus e a aproximou de seu corpo para beijá-la novamente até que ela ficou sem fôlego. O que *Kate* então notou entre as suas pernas, não era o dedo, mas toda a força de sua ereção. Ela podia sentir a força através de sua calça, com impaciência para livrar-se de seu confinamento. Ela decidiu libertá-la, mas não tinha a menor ideia de como abrir as calças de um homem. Passou a sua mão sobre a frente da calça, procurando uma abertura, Burke afastou-se subitamente ansioso, o que a fez pensar que o tivesse ferido. Então, James a olhou como se ele a tivesse surpreendido.

Pelo menos foi o que ela entendeu, porque era boa a expressão de seu rosto. Ele estava de costas para o canto, com o rosto escondido nas sombras. Após um momento *Kate* viu que ele mexeu as mãos. Então, como que por magia, as calças caíram ao chão. O marquês tomou-a de volta nos braços, e aquilo que ela queria libertar tão ansiosamente, estava pressionado entre suas pernas....

É quando *Kate* percebeu que as sensações que ela sentia no seu sonho, impaciência, sentimento de vazio... era o desejo insatisfeito de ser penetrada por ele. E se não estivesse errada, ele estava totalmente preparado para realizar essa missão.

Mais do que pronto. Ela não pedia muito, mas ele certamente não poderia reduzir o que a natureza havia dado a ele, e por isso não ia fazer de difícil neste momento.

Enfim, olhou para cima para perguntar se poderia fazer algo a respeito ou não, seus lábios desceu sobre os dela novamente, tornando impossível qualquer tipo de conversa. Então pareceu que... crescia ainda mais. Sim! Ela não podia acreditar.

Apertando os dedos, ela os passou de cima para baixo para ter certeza. Não havia nenhuma dúvida. A coisa estava ficando cada vez maior.

Antes que ela pudesse entender o que estava acontecendo, Burke a agarrou pela cintura puxando-a para a borda da mesa, até que ficaram unidos. Enquanto sua língua novamente invadia sua boca, posicionava-se entre as pernas dela.

No princípio, Kate recebeu com alegria. Finalmente ia preencher esse vazio, acalmando o fogo que a consumia. Ele era maravilhoso... Mas de repente uma dor aguda a fez pular, afastando sua boca e cravando as unhas nos ombros dele. Teve que morder o lábio para não chorar.

Era tarde demais. Ele a rasgou e agora, certamente morreria. Aterrorizada, ela agarrou-se a ele com os olhos cheios de lágrimas, certo de que iria para um outro mundo a qualquer momento. Ali mesmo, em seus braços.

Mas um segundo depois, a dor diminuiu um pouco.

– Senhorita Mayhew, – murmurou o marquês. Contra todas as probabilidades, ela riu.

– Eu acho que neste momento seria melhor começar a me chamar de Kate.

– Sim Kate, – disse ele fitando seus olhos.

Devia ter percebido suas lágrimas, porque tomou seu rosto nas mãos e passou os polegares pelo seu rosto.

– Maravilhosa Kate. – Sussurrou apoiando a testa na dela– Kate! – Repetiu novamente com uma nota de desespero na voz.

E então, como se não pudesse ajudar a si mesmo, como se estivesse tentando se conter, mas não conseguisse, entrou nela com mais profundidade.

Kate comprovou que já não doía, enquanto com as mãos ainda em torno de seu rosto, James novamente apoderou-se de seus lábios, como para sufocar um possível protesto. Nem sequer passou pela cabeça dela protestar, enquanto os movimentos de sua língua em sua boca conspiravam para fazer a cabeça dela girar. Não só não doía como ela estava gostando de tê-lo dentro dela. Mais do que bom. Parecia a coisa certa. Era maravilhoso. Mais do que maravilhoso. Foi o que estava esperando por toda a sua vida.

Em última análise, não ia morrer.

Não, decidiu um instante depois, quando Burke começou a mover-se, lentamente no início e depois cada vez mais rapidamente. Ela não ia morrer. Mas talvez ela já estivesse morta e ascendia

ao céu.

Isso é o que causou a sensação de tê-lo tão profundamente dentro de si. Ela circundou as nádegas dele com as pernas e agarrou-se a ele com toda sua força, como se fosse a única coisa coerente em um mundo cheio de confusão. Embora estivesse movimentando-se com uma espécie de selvageria, ela não o largou. Usando suas mãos para amortecer o contato de Kate sobre a mesa, Burke inclinou-se sobre o corpo de Kate, sem interromper o seu impulso.

E ela voltou a sentir o que sentiu quando havia colocado o dedo entre as pernas enquanto pensava nele. Mas não era a mesma coisa. Oh, não! Era mil vezes, dez mil vezes, mais intenso.

Era como se o céu explodisse em uma miríade de estrelas douradas...e ela estava caindo. Caindo...

Mas a queda era divina, deliciosa, lânguida. As asas dos anjos faziam carinhos em sua cabeça até os pés, em todos os lugares, uma e outra vez...

Então abriu os olhos. Estava deitada sobre a mesa de lorde Wingate, na biblioteca. O marquês ofegante, estava deitado em cima dela.

Oh, não! Sussurrou uma vozinha em sua mente.

Capítulo dezenove



– A partir de agora não será mais a acompanhante de Isabel, – declarou Wingate, deitado ao lado dela na cama de casal com dossel.

Kate olhou para o céu azul da cama, que quase tocava no teto alto, do quarto do marquês.

– Por quê?

Desde que havia tomado consciência do que haviam feito, ficou imaginando como ela poderia ter permitido uma coisa dessas acontecer.

– Bem, não quer ter as noites livres para passar comigo? – Perguntou lorde Wingate com a voz um pouco arrastada e rouca que adquiriu desde a primeira vez que fizeram amor, algumas horas mais cedo naquele dia.

– Ah... sim. Claro que sim.

– Há muitas coisas que quero ensinar para você.

Ele estava deitado ao seu lado com a cabeça apoiada em uma mão, enquanto com a outra afagava lentamente o quadril. Parecia incapaz de parar de tocá-la. Assim emaranhava os dedos pelo cabelo dela, acariciava seu rosto e segurava sua mão. Estava fazendo isso, desde que terminou a tormenta da primeira paixão na biblioteca, e então ela levantou o rosto, que até então estava escondido na curva do pescoço de Burke.

– Você é minha.

Nada mais. Apenas essas palavras simples: é minha.

Não que Kate estivesse esperando uma proposta de casamento ou uma declaração de amor, ou mesmo de agradecimento. Mas essas palavras tiveram um efeito curioso. Especialmente porque ele havia falado com uma convicção feroz, como um guerreiro selvagem reivindicando os seus despojos de guerra. Com a diferença que o marquês de Wingate, apesar de sua virilidade impressionante, não era um selvagem... mas, ocasionalmente, jogava objetos – ou pessoas – para fora da janela.

Em qualquer caso, Kate não queria ser considerada como uma presa. Certamente compartilhou a mesma satisfação que ele. Pelo menos no aspecto físico.

Emocionalmente, porém, estava convencida de que havia cometido o pior erro de sua vida.

Lorde Wingate não parecia ter esse problema. De fato, a partir do momento que declarou triunfalmente que agora ela pertencia, não parou mais de falar sobre o futuro. Um futuro em que Kate não seria mais a acompanhante da filha, mas... a amante do pai.

– Depois que terminarmos o jejum, começaremos a procurar uma propriedade. Eu ouvi dizer que existem belas casas em Cardington Crescent. Você gostaria de viver lá?

– Porque eu não posso ficar aqui?

– Bem, porque as pessoas vão comentar, Kate. Nós não queremos que Isabel saiba o que está acontecendo entre nós, não é?

Ela voltou a sua atenção para o teto da cama de dossel. Olhar para o corpo nu de Burke doía em sua alma. Ele parecia muito atraente e o desejava novamente, apesar de terem feito amor tantas vezes que perdeu a conta. Não só era um amante apaixonado e extremamente habilidoso, mas também era meigo, doce e afetuoso. Depois de proclamar que ela era "dele", apanhou-a sobre a mesa com infinito cuidado e a levou nos braços para o quarto.

Uma vez lá, ele mesmo preparou para ela um banho quente às três da manhã, porque não queria acordar os criados. Em seguida a lavou com ternura, antes de lavar-se também, como se quisesse apagar os vestígios do seu crime. Mas nem bem a enrolou em uma toalha, voltaram a sucumbir. Desta vez, na enorme cama enorme do seu senhório.

Repetindo várias vezes que era maravilhosa a beijava continuamente. Como ela poderia resistir? Como ela poderia ficar indiferente a estas atenções ilícitas, mas tão deliciosas?

Mas agora o que ele estava propondo não era um passeio requintado. Virou-se até estar deitada sobre seu estômago.

– Devo entender, lorde Wingate, que não voltarei a ver sua filha?

– Pelo amor de Deus, Kate! – Ele disse pegando uma mecha de cabelos loiros e deslizando entre seus lábios, – me chame de Burke.

– Nem mesmo poderei visitá-la, Burke? Ou passar uma tarde com ela?

Ele não respondeu. Encantado por ouvi-la pronunciar seu nome, puxou-a para perto e começou a beijá-la novamente. Os lábios de Kate estavam entorpecidos pela avalanche de beijos com que foi prodigalizada durante a noite, mas não podia rejeitá-lo. Quando ele a beijava esquecia de todo o resto.

Quando um pouco mais tarde ele a soltou, ela olhou para a luz das velas, e repetiu:

– Então, eu nunca mais verei sua filha, não é?

– Não seria apropriado dadas as circunstâncias, – disse ele percorrendo a garganta de Kate com um dedo. – Mas não se preocupe com Isabel, ela encontrará outra dama de companhia, para nós...para... podermos nos encontrar a noite... para...

Não necessitou pedir para terminar a frase, porque a terminou de forma mais eloquente: aprisionando um de seus mamilos com seus lábios. E movimentando com a língua o botão sensível.

Kate mergulhou os dedos em seus cabelos.

– Então eu vou ter que ficar o dia todo em casa esperando que você venha me ver a noite?

Ele disse algo que soou muito como "*Hmmm*," mas era difícil dizer, já que ele estava falando com a boca cheia.

– Provavelmente, me cansarei de ficar sozinha.

Ele levantou a cabeça e sorriu. E aquele sorriso era tão bonito que o coração de Kate bateu mais forte.

– Sozinha? Você não estará sozinha, porque eu vou contratar a melhor governanta de Londres para você. Sem mencionar o cozinheiro, o copeiro, lacaios e cocheiros. Já posso vê-la em seu Phaeton preto e amarelo. Gostaria de um Phaeton, Kate? Com um par de cavalos cinza para combinar com a cor dos seus olhos?

– Não há dúvida. Então não vou ter mais nada para fazer?

– É isso que está incomodando você? Ele riu e a beijou novamente.

– Você vai ter um monte de coisas para fazer, senhorita. Eu tratarei disso. Começando com a obrigação de me fazer tão feliz como esta noite. Este trabalho ocupará muito do seu tempo. Quanto a estar sozinha, não conte com isso, porque eu estarei com você sempre que puder. Mas caso você realmente tenha medo de ficar entediada, – ele continuou, apertando a ponta do nariz de Kate, talvez possa comprar uma loja de flores. Não! Melhor uma livraria! Isso seria perfeito para você que gosta de livros. Gostaria de cuidar de uma livraria, Kate? Tornar-se uma mulher de negócios?

Ela olhou, mas não conseguiu dar a resposta que estava na ponta da língua: "*Não, obrigado. Não quero tornar-me uma comerciante. O que eu quero é tornar-me sua esposa.*"

É claro, que ela não manifestou o seu desejo em voz alta, porque ele não tinha intenção de casar-se com ela. Nem agora, nem nunca.

E ela sabia disto muito antes. Freddy disse que o Marquês de Wingate jurou nunca mais casar-se novamente. Não era intenção dele colocar seu coração e seu nome em perigo uma segunda vez.

E, mesmo assim, caso ele tivesse proposto, ela não o teria aceitado. Como poderia?

– Tinha cometido a maior loucura da sua vida. Não o fato de fazer amor com ele, não. Isso era irrelevante.

O que ela fez foi muito, muito pior.

Ela sabia que estava apaixonada por ele. Que estúpida!

Durante anos, convenceu-se de que era incapaz de amar. Inclusive duvidava que existisse o amor. É claro que ela amava seus pais a sua própria maneira e também Freddy. Houve até um tempo em que ficou atraída por Daniel Craven.

Mas o entusiasmo de Isabel em falar com ardor e que a fazia encher folhas inteiras de poemas, ou, pior ainda, escrever canções, não, não era para ela. Ela era muito realista para chegar a isso.

Esse tipo de coisa só encontramos em livros. Mas o amor? O verdadeiro amor? Não havia tal coisa na vida real.

No entanto, havia acontecido. Ela encontrou o amor. Mas não parecia que isso fosse uma sorte. Ao contrário.

– Você está muito séria, – disse o marquês acariciando os lábios com um dedo – e nunca a vi tão séria. O que você está pensando?

Como ela poderia dizer? Faltava coragem. Se contasse que não poderia ficar com ele, e não podia aceitar o que ele estava propondo, tentaria convencê-la. E ela aceitaria porque Burke começaria a beijá-la novamente e esses beijos exerciam um poder terrível sobre seu corpo e sua mente.

Felizmente, ela não teve que responder, porque de repente, Burke exclamou:

– Que idiota eu sou! Você está cansada e deve estar se perguntando quando eu vou decidir deixá-la dormir. Então vamos dormir, – disse ele sentando-se para soprar as velas.

Deitando-se ao lado dela, puxou o corpo de Kate contra ele.

– Agora vamos dormir. Amanhã nos espera um dia muito cheio, Kate.

Ela permaneceu em silêncio com o rosto descansando em seu braço, o braço musculoso que nunca imaginou que um dia serviria como uma almofada. E manteve os olhos abertos, mesmo até um pouco mais tarde, quando ele murmurou seu nome, beijando-a na face. Muito docemente. Antes de adormecer.

Então ela começou a chorar, sem fazer qualquer ruído. Ela temia que as lágrimas que umedeciam os braços de Burke, o acordasse. Mas ele não se moveu. Sua respiração tornou-se mais rítmica e profunda.

Cerca de 20 minutos depois, Kate levantou o braço de Burke, onde estava apoiado, soltou-se e deslizou para fora da cama. Não encontrando sua camisola, voltou para seu quarto como estava, ou seja, nua.

Estava prestes a amanhecer e o cozinheiro logo estaria preparando o café da manhã. Kate não tinha muito tempo. Vestiu-se e pegou algumas coisas. Depois mandaria alguém para recolher o restante. Lady Babbie não gostou nada de que a colocassem em uma cesta uma hora mais cedo, mas Kate não teve outra escolha. Só esperava que os miados da gata não acordassem a casa inteira enquanto ela descia as escadas.

Uma vez na porta, virou-se para lançar um último olhar à sua volta. Na cama em que ela não havia dormido naquela noite, deixou uma carta endereçada a Lady Isabel. Certamente ela a encontraria quando entrasse no quarto para falar sobre o que fariam naquele dia. Quando Kate pensou nisso, seus olhos encheram-se de lágrimas. Então, saiu correndo fechando a porta atrás dela.

Eram apenas cinco da manhã, mas havia pessoas nas ruas e não foi difícil encontrar um carro para alugar.

Parte Dois

Capítulo vinte



No café da manhã, Burke sentou-se no seu lugar habitual na cabeceira da mesa, e pegou o jornal que Vincennes levou para ele e começou a ler. Dormiu muito pouco, mas estava em sua melhor forma.

Pouco depois apareceu Isabel, que caiu em uma cadeira no outro extremo da mesa. Ela parecia estar de mau humor.

Burke esperou alguns segundos para ver Kate aparecer, porque ela sempre chegava logo após sua filha, sentando-se entre eles. Mas depois de alguns minutos, não pôde deixar de perguntar:

– A senhorita Mayhew ainda está dormindo?

Sabendo muito bem que ele foi o responsável pelo cansaço dela, sorriu, sem sentir o menor remorso.

– Eu não sei. – Isabel disse friamente. – A senhorita Mayhew não está aqui. Ele quase engasgou com o café.

– Não está? – Ele repetiu, quando conseguiu falar outra vez. – O que você quer dizer?

Isabel distraída olhou para o prato de peixe que Vincennes estava colocando na frente dela com um floreio.

– Exatamente o que você ouviu: não está aqui. Foi forçada a deixar-nos. Não, eu não quero peixe, vou comer os ovos.

Burke deixou cair o jornal das mãos.

– Forçada a deixar-nos? O que quer dizer, Isabel? Isabel olhou para ele.

– Ela não deixou uma carta para você também?

– Não, – disse ele cada vez mais desconfortável. – Não deixou-me nenhuma carta.

Nem esperava que ela fizesse isso. Quando ele acordou sozinho no seu quarto, ele assumiu que ela foi para sua própria cama, a fim de evitar fofocas entre os criados. Em nenhum momento passou pela imaginação dele que ela...

Não, isso era impossível. Ela não poderia ter ido!

Isabel engoliu um bocado de ovo, fez uma careta e deixou cair o garfo.

– Bem, em sua nota para mim, ela explicou que foi obrigada a deixar-nos. Acaba de saber que um de seus parentes está muito doente. Eu me pergunto como ela pôde receber esta notícia se o carteiro ainda não veio.

Burke dirigiu-se ao mordomo.

– Vincennes, apareceu um mensageiro com uma carta para a senhorita Mayhew esta manhã?

– Não, Milorde.

– O que é ainda mais estranho– disse Isabel, – é que a senhorita Mayhew nunca mencionou nenhum parente. Comentou um dia que seus livros eram sua única família.

– Seus o quê?

– Seus livros. Porque nenhum membro de sua família está vivo. Por isso acho estranho que subitamente apareça um parente doente. Não há leite, Vincennes? Eu não quero creme de leite, eu quero leite.

– Ka... a senhorita Mayhew indica em sua carta quando ela pensa em voltar da... uh... visita ao familiar doente? – Burke perguntou com uma calma que o surpreendeu.

– Não, – disse Isabel mordendo uma torrada. – Mas imagino que não deva retornar logo, porque ela levou Lady Babbie.

– Lady quem? – disse Burke perplexo.

Isabel olhou-o, então, revirou os olhos.

– Sêrio, Papai! Você não sabe nada sobre a senhorita Mayhew?

Ele permaneceu em silêncio, chocado. Ele sabia o mais importante que teria que saber sobre ela. O modo ligeiramente insolente que tinha de arquear as sobrancelhas quando falava com ele, sem ser arrogante. Essa foi uma das coisas que o atraiu na primeira vez que a viu, apesar do guarda-chuva com o qual ela estava apontando. Também gostava da promessa secreta que ele via em seus olhos cinzentos, antes de seus lábios se unirem. O leve toque era suficiente para desencadear um incêndio sensual e apaixonado. Adorava penetrar em seu interior, ouvindo-a reprimir um grito, e depois ver que o acolhia abrindo-se completamente.

E quando ela pronunciou o nome dele, ele esqueceu de tudo. De tudo que conheceu antes dela, tudo o que foi ou deveria ser...

– Lady Babbie é sua gata, é claro, – continuou Isabel, felizmente ignorando o curso dos pensamentos de seu pai. – E como a levou, não vai voltar por algum tempo. Por outro lado não a culpo. Estou certa de que comportou-se de uma forma horrível com ela.

Esta observação levou a doces lembranças da noite. Ele balançou a cabeça.

– Quando? Quando eu me comportei de maneira horrível com ela?

– Ontem à noite, é claro. Quando você afugentou o Sr. Craven e ralhou com ela. Não foi por culpa dela que o Sr. Craven apareceu jogando pedrinhas contra a janela dela.

– Sr. Craven?

Burke levantou-se e apoiou os punhos na mesa.

– Daniel Craven? Que diabo ele veio fazer aqui? Isabel sacudiu os cachos negros.

– Vamos, papai, eu sei muito bem. Eu ouvi tudo. Ele também me acordou com as pedrinhas.

Sabe perfeitamente que ela ordenou que ele saísse. Ela não gosta dele. Francamente, não deveria ter gritado como você fez, e muito menos apanhá-la pelos cabelos e colocá-la para dentro de casa.

– Daniel Craven? – Burke resmungou. – Foi Daniel Craven, que estava no jardim com ela?

– Claro que sim! Quem pensou que fosse?

De repente, ele teve a sensação de que seus ossos estavam desintegrando-se. Apressado, tornou a sentar-se porque as pernas não o sustentariam.

Daniel Craven. Estava certo que era Bishop quem estava no jardim com Kate. Mas não, era Daniel Craven. Ele a acusou de... o quê exatamente? Não recordava agora. Em todo caso, ele suspeitou na hora, que Kate encontrou-se propositalmente com o Conde de Palmer no jardim.

Mas não era ele, mas Craven, esse homem que a enchia de terror cada vez que o encontrava. Como poderia acusá-la de...

E ela não fez nada, a partir do momento que ele começou a beijá-la, ela não disse nada.

O que não muda o fato de que ele a acusou de algo horrível, quando ela era completamente inocente.

E agora ela foi embora, só Deus sabe para onde.

– Não é necessário fazer essa cara, sabe? – Disse Isabel.

Burke olhou-a com seus olhos estreitados. Ela estava com o cotovelo na mesa e o queixo na mão, olhando-o com um sorriso gentil, enquanto mexia o chá.

– Tenho certeza de que ela o perdoará pelo que você disse na noite passada, papai. Algumas manhãs eu acordo com um humor horrível e ela sempre me perdoa.

Burke não sabia o que responder. Teve a sensação de que alguém acabou de abrir seu peito, arrancando o coração e o arremessando-o ao chão.

E até ontem à noite, nem sabia que possuía um coração.

– A senhorita Mayhew voltará em breve, – disse Isabel com confiança: – Não levou seus livros.

Burke passou o dia inteiro em casa, esperando, mas cada vez que Vincennes trazia uma bandeja de prata com algumas mensagens, procurava em vão por uma simples nota de Kate Mayhew. Ela não voltou nesse dia, nem enviou uma carta dizendo que onde estava nem quanto tempo ela permaneceria ausente.

O mesmo aconteceu no dia seguinte e no outro.

Até então, a primeira reação de Burke foi de surpresa e mágoa, depois ele mergulhou numa raiva intensa que não conseguia entender. Afinal, era como se Kate o tivesse roubado ou o abandonado com outro homem. Não, simplesmente desapareceu, sem uma única explicação. Como ela poderia ter feito isso depois de terem passado a noite juntos?

Ele nunca tinha visto nada parecido. Nunca. Como uma mulher poderia deixá-lo depois de uma noite como aquela? Era algo incompreensível.

A menos que... A menos que algo a tenha forçado. Claro que errou com relação a Daniel Craven. Um erro lamentável. Mas ela o perdoou quando seus lábios se encontraram, ele estava completamente certo disso.

Então, por quê? Por quê?

Comportou-se com ela como o mais atencioso dos amantes, o mais cuidadoso e carinhoso. Pelo menos na medida do possível, já que foi obrigado a tirar sua inocência. Depois disso, ele teve que controlar-se com uma enorme força de vontade. Teve que segurar o seu orgasmo, o maior tempo possível, com medo de assustá-la. Nunca antes foi tão intenso. E ela era muito jovem e pequena, e ele temia machucá-la.

No entanto, para sua grande surpresa, esta pequena fada, delicada e leve como uma pluma, mostrou ter muita sensualidade, e ser capaz de extraordinária paixão e abandono.

E agora ela se foi, apesar do imenso prazer que os dois haviam compartilhado, sua atenção, sua oferta para comprar uma casa, uma carruagem e uma livraria. Nunca foi tão generoso com suas amantes!

E nunca havia sentido por elas, até mesmo por sua esposa, o que sentia agora. Depois de cinco dias, Burke chamou os criados para um interrogatório. Mas, apesar da tristeza de todos eles, pelo desaparecimento de Kate, ninguém pode dar nenhuma informação sobre seu paradeiro. Todos confirmaram, que Kate não tinha parentes vivos. Então a Sra. Cleary foi enviada para casa de Cyrus Sledge, com a missão de fazer a mesma entrevista com os seus criados. Parecia absurdo questionar os vizinhos sobre um membro de sua equipe, mas não sabia como poderia agir. Enfim, não importava o que Cyrus Sledge pudesse pensar. Tudo o que ele queria era encontrar Kate.

Preocupado em não alarmar sua filha, esforçou-se para mantê-la afastada de suas investigações desesperadas. Felizmente, por causa de seu romance com Geoffrey Saunders, repetia de tempos em tempos que estava ansiosa pela companhia de Kate porque queria contar um monte de coisas para ela. Até mesmo chegou a desejar, que o parente misterioso morresse depressa, assim Kate poderia retornar em breve. Burke só tinha um motivo para ficar alegre: Isabel não manifestou nenhum desejo de ir para qualquer um dos inúmeros convites que recebeu, de modo que ele livrou-se de acompanhá-la. Isabel declarou que era um absurdo assistir qualquer baile não estando a senhorita Mayhew para ajudar a penteá-la. Caso Geoffrey a visse com uma espécie de couve-flor na cabeça, partiria aterrorizado.

Dez dias depois do desaparecimento de Kate, Burke passava pelo corredor, quando ouviu um barulho no quarto de Kate. A porta estava aberta.

Uma torrente de emoções o embargaram, o alívio porque finalmente ela havia retornado, a amargura que sentiu por Kate tê-lo deixado tão friamente, a antecipação deliciosa para ouvi-la

novamente dizendo seu nome...

Ele entrou no quarto, mas só estava a Sra. Cleary, acompanhada de um laçao que ajudava a colocar alguns livros em uma caixa de Kate. Ao ouvir o ruído de passos, a governanta olhou e para surpresa de Burke, a viu ficar vermelha. Nunca viu sua governanta corar antes.

– Ah, Milorde, – disse precipitadamente. – Eu sinto muito ter perturbado você. Ele olhou para a caixa, para os livros que o criado segurava na mão e para as faces vermelhas da Sra. Cleary.

– Onde ela está? – Ele falou baixinho e sem quebrar nada. Não, ele falou com muita tranquilidade.

A Sra. Cleary ajeitou-se.

– Milorde, eu recebi uma carta hoje de manhã. Estava prestes a mostrar para o senhor, – acrescentou, torcendo as mãos.

– Onde está?

– Para ele, o tom de sua voz ainda parecia calmo, mas não para a governanta que apressou-se a pegar um pedaço de papel no bolso do avental.

– Aqui está. – disse: Mas não está escrito pela senhorita Mayhew. Diz que não pode voltar a Londres por um longo tempo e que seria melhor contratar outra dama de companhia para Isabel.

Burke pegou a carta e começou a ler.

– Eu não sei como dizer, Milorde, porque imagino o quanto esta notícia vai afetar Lady Isabel. Ela adora a senhorita Mayhew e tenho certeza que o sentimento é recíproco. A senhorita Mayhew nunca teve uma palavra ruim para ela e você sabe como é difícil isso acontecer, tratando-se de garotas da idade dela... – disse a governanta.

Burke já não a escutava. Sua atenção estava fixa no endereço onde Kate implorava à Sra. Cleary para enviar o restante dos seus pertences.

– Lady Isabel vai sentir-se mal com esta notícia, – continuou a governanta, – eu receio Milorde.

Mas o marquês precipitadamente saiu do quarto.

Capítulo vinte e um



A criada abriu a porta olhou atentamente para o cartão de visita que Burke apresentava.

– Lorde Wingate para ver Lady Palmer. – disse ele.

– Sim, Milorde, vou ver se milady pode recebê-lo.

Ela levou Burke para uma sala onde ele ficou esperando, enquanto acariciava a ideia de demolir a casa pedra por pedra até encontrar Kate, mas provavelmente não era o melhor modo de agir.

A porta foi aberta alguns minutos mais tarde e entrou uma mulher idosa e robusta. Estava coberta de joias e vestindo-se fora de moda, mas com certeza vestir-se a última moda não era uma prioridade para ela. Devia ter aproximadamente 70 anos.

A condessa viúva foi até ele apoiada em uma bengala com punho de marfim.

– Lorde Wingate, eu mal podia acreditar nos meus olhos quando Virgínia entregou-me o seu cartão. Tem muita cara de pau jovem, apresentando-se assim em uma casa respeitável. Está ainda em desgraça, desde que divorciou-se de sua adorável esposa. Alguns malucos podem ter esquecido essa esquecer afronta moral, mas isso não é o meu caso. Eu diria que o divórcio é um pecado. Um pecado mortal. Seja qual for o número de amantes que a sua esposa teve.

Da boca de Burke saiu uma espécie de grunhido animal.

– Onde ela está?

– Onde está quem? – A viúva acenou sua bengala para ele. – Eu não sei o que você está falando.

– Você sabe muito bem o que eu estou falando. – respondeu com um desejo violento de estrangular a mulher, apesar de sua idade avançada. – Katherine Mayhew. Eu sei que ela está aqui. Eu li a carta na qual ela pediu que entregassem suas coisas neste endereço. Por favor, permita-me vê-la.

– Katherine Mayhew? – Repetiu a viúva realmente surpresa: – Você é tão estúpido a ponto de acreditar que apesar de ter concordado em ver um homem como você, que não pode descer mais baixo do que está, estaria disposta a abrir a porta da minha casa para a filha do homem que mandou meu marido para a sepultura? Você deve ser louco, lorde Wingate. Você certamente parece. Eu nunca vi qualquer cavalheiro tão desalinhado como você neste momento. Quanto tempo faz que não se arruma?

– Eu sei que ela está aqui. Eu estou disposto a procurar na sua casa até encontrá-la.

– Isso é o que veremos! Virgínia! Virgínia! A criada enfiou a cabeça pela porta.

– Vá buscar Jacobs! Eu quero que ponha esse desequilibrado para fora, imediatamente.

Um instante depois que a criada fechasse a porta, entrou o conde de Palmer, com uma expressão de desgosto.

– Por que está gritando desse jeito, mamãe? Não se ouve mais nada nesta casa.

Quando seus olhos caíram sobre o Marquês, ficou boquiaberto.

Sem hesitar, Burke andou o curto espaço que os separava e deu um soco no rosto que fez com que o conde caísse de costas, levando junto com ele uma pequena mesa e o vaso de flores que estava sobre ela. A viúva também gritou, antes de cair no chão, inconsciente. Sem a menor preocupação para com ela, Burke agarrou Bishop pela gola do casaco e o levantou do chão.

– Onde ela está? – Repetiu sacudindo-o com cada sílaba.

Mas o conde não estava tão inconsciente quanto parecia. Como resultado, deu um gancho de direita em Burke que bateu num armário cheio de estatuetas de porcelana, que voaram em todas as direções com um barulho ensurdecedor.

– Ela não está aqui, seu desgraçado! E mesmo que estivesse, você seria a última pessoa a vê-la.

Emergindo do que restou de uma multidão de pastores de porcelana de Dresden, Burke deu um soco sólido no nariz de Freddy. O sangue espirrou para o sofá azul.

– Ela está aqui, – repetiu o marquês respirando com dificuldade. Burke tinha uns dez anos mais do que o conde, mas ainda estava em boa forma para a luta. – Minha empregada recebeu uma carta de Kate, dizendo que suas coisas deveriam ser entregues neste endereço.

– De fato, – disse Bishop rodando em volta do marquês com cuidado. – Esta manhã recebi uma carta dela pedindo-me para guardar suas coisas por um tempo...

Burke chutou a poltrona que ficava entre o conde e ele. Ela aterrissou no buraco da lareira que, felizmente não estava acesa.

– História! Você diria qualquer coisa para ficar com ela.

– Não hesitaria em fazê-lo nem por um segundo, caso isso a protegesse de um animal como você.

Esta resposta ocasionou mais um golpe que mandou Freddy para o sofá. Burke pulou em cima dele, mas logo ficou arrependido porque Freddy dobrou os joelhos na hora certa e o fez voar pelos ares. O marquês caiu de costas, com um rugido de madeira quebrada.

Movendo-se com dificuldade, Freddy conseguiu rolar para o lado e conseguiu montar em cima do marques, agarrando-o pela garganta.

– Realmente, – continuou ele, – ela não está aqui. Deve estar louco para pensar o contrário. Minha mãe prefere receber Átila, o Huno, a Kate Mayhew.

Burke, que estava fazendo um verdadeiro esforço para escapar das garras de Freddy que

aparentemente estava decidido a enforcá-lo, ficou imóvel por um momento.

– Por quê?

– Por que? – Repetiu o conde entre dentes com esforço. – Você sabe muito bem porquê.

Cansado desse jogo, Burke socou-o na cabeça, jogando-o contra a parede onde ele ficou coberto de sangue e sem respiração, ofegando alto. Ferido menos gravemente, Burke arrastou-se para o lado dele e caiu ao seu lado.

Ambos estavam tentando recuperar o fôlego quando a porta abriu-se de repente. Um mordomo, acompanhado por dois criados enormes, entraram na sala.

– Milorde, – disse o mordomo, ao ver que a condessa estava desmaiada. – Precisa de ajuda?

Freddy olhou para Burke.

– Uísque? Burke assentiu.

– Uísque, – disse Freddy ao mordomo.

O mordomo assentiu com a cabeça, olhou tristemente para a porcelana quebrada, estremeceu e retirou-se, seguido pelos criados que levaram a viúva.

– Por que sua mãe odeia Kate? – Perguntou o marquês, quando recuperou o fôlego.

– Você é muito estúpido, – o conde falou desdenhosamente limpando o nariz com a manga do casaco. – Você sabe mesmo muito pouco sobre Kate!

Por um momento, Burke estava prestes a dizer o quanto ele a conhecia, mas conteve-se a tempo.

– Claro que eu a conheço. Pelo menos o suficiente.

– Eu pensei que tivesse feito algumas perguntas sobre sua origem antes de contratá-la.

Burke piscou para ele, sentindo que um clarão de raiva corria ainda em suas veias.

– Se está tentando me dizer que Kate é uma ladra, é você que não sabe nada sobre ela.

– Não, não é certamente um ladra. O ladrão era seu pai.

– Seu pai?

A porta abriu e o mordomo entrou com uma bandeja em que estava uma garrafa cheia de líquido âmbar e dois copos. Vendo que a mesa foi derrubada durante a luta, ele ajoelhou-se e colocou a bandeja no chão ao lado do conde. Em seguida, removeu a tampa e despejou dois dedos de uísque em cada copo de vidro.

– Obrigado Jacobs – disse Bishop – Minha mãe está bem?

– Continua desmaiada Milorde. A criada está colocando saís nela.

– Tudo bem, Jacobs, deixe a garrafa.

– Certamente, Milorde – disse o mordomo.

Antes de fechar a porta lançou um último olhar triste aos pastores decapitados.

– Nós estávamos falando sobre o pai de Kate, – lembrou Burke após esvaziar metade do seu

copo.

Com um ou dois dentes soltos, Bishop tomou o líquido com mais cuidado.

– Certo. Você quer me dizer que não sabe quem era o pai de Kate?

Burke inclinou a cabeça para trás contra o papel de parede florido. Eles estavam sentados sob uma janela e lá fora, um pássaro começou a cantar.

– Não.

– O nome de Peter Mayhew diz alguma coisa?

– Peter Mayhew? Acho que sim.

– É claro que você conhece, porque está na boca de todo mundo há sete anos. Pelo menos na última década.

– Por que? – Burke perguntou ironicamente. – Também divorciou-se de uma esposa infiel depois de atirar pela janela seu amante?

Bispo olhou-o enojado novamente.

– Certamente que não. Peter Mayhew era um importante banqueiro em Londres. Ele morava com sua esposa e filha em Mayfair.

– Mayfair? – Burke disse, as sobrancelhas levantadas.

– Sim, Mayfair, em Pall Mall na casa ao lado da minha. Burke assentiu.

– Então, Kate e você cresceram juntos.

– Exatamente, – disse Freddy, derramando um segundo dedo de whisky no copo - – Seu pai tinha muitos clientes, inclusive meus pais. Oito anos atrás, Mayhew teve a infelicidade de encontrar um jovem que dizia possuir uma mina de diamantes na África, mas esta mina não podia operar por falta de fundos. Eu não conhecia este cavalheiro, mas Mayhew parecia confiar nele, a ponto de incentivar seus amigos e vizinhos a investir na mina de diamantes.

– Mina que não existia, – falou Burke.

– Claro que não. O cavalheiro em questão levou o dinheiro de todos os clientes do Sr. Mayhew incluindo a maior parte da fortuna dele e fugiu com ela. Pelo menos essa é a versão dada por Mayhew.

– Houve alguma razão para duvidar de sua palavra?

– Digamos que o suficiente para que uma série de investidores afetados, incluindo o meu pai processarem Mayhew.

Burke lambeu os lábios, notando pelo seu sabor salgado que estava sangrando.

– E então? Quem ganhou?

– O quê? Você não sabe? – disse Bishop surpreso – Kate não contou? Burke respirou fundo, profundamente irritado.

– Não. Kate não me disse nada.

– A questão nunca foi a julgamento porque o homem que foi convocado a comparecer, Peter Mayhew, morreu um dia antes do julgamento.

– Morto? O incêndio?

– Ah! Então Kate falou alguma coisa sobre isso.

– Só me disse que seus pais morreram em um incêndio.

– Sim, foi isso o que aconteceu. Eu estava na faculdade nesta época, mas os funcionários ainda falam sobre isso. As chamas subiram a vários metros de altura. Os empregados e Kate conseguiram escapar. Mesmo a condenada da sua gata sobreviveu. O fogo foi contido em uma ala da casa. Os novos proprietários reconstruíram da mesma maneira. Na verdade, apenas o quarto dos pais dela foi destruído. Estranho não é?

Burke fez uma careta.

– O que está insinuando?

– É estranho que um incêndio tão violento não tenha se propagado pela casa toda, mas ele concentrou-se em um ponto apenas, antes de espalhar-se lentamente. Realmente não foi difícil de dominar.

– O que você está tentando me dizer? Eu não posso perder tempo, Bishop. Fala de uma vez, maldição!

– Tudo bem. Sempre gostei de fuçar o lixo, Traherne, então aqui vai: Houve suspeitas. Dizia-se que o incêndio foi provocado. Do entulho saía um forte cheiro de óleo, muito forte para ser só de uma das lâmpadas.

– Você está insinuando que alguém assassinou os pais de Kate?

– Deus, não! Não, só acharam que Peter Mayhew provocou o fogo, para evitar a humilhação de um julgamento.

– Um suicídio?

– Bem, para mim, nunca foi tão evidente. Duvido que sua esposa tivesse alguma coisa a ver com a coisa toda. A descobriram na cama, bom, o que restava dela. Ela não teve tempo de acordar.

– Senhor – Burke suspirou com os dedos fechados em torno do copo, – eu não sabia nada disso.

Freddy, não conseguia beber o uísque tão facilmente porque estava mantendo a gravata no nariz para estancar o sangue, então destampou a garrafa e bebeu diretamente do gargalo.

– Kate nega-se a falar sobre isso, eu compreendo. Na minha opinião, está tentando esquecer tudo. Creio que nem os seus patrões, nem os criados deles, nunca souberam quem ela era. E houve um tempo em que ela gozava dos mesmos privilégios daqueles que hoje a empregam.

Burke pegou a garrafa e tomou um gole generoso de uísque.

– Depois daquela noite, quando os criados a encontram inconsciente nas escadas e a levaram para a rua, nunca, mas nunca mais foi a mesma. Ninguém sabe como ela foi parar nessa escada. Alguns acreditam que foi seu pai quem a levou antes do início do incêndio, para garantir que fosse salva. Mas Kate...

James cravou nele seus olhos verdes.

– Sim?

– Kate sempre disse que as coisas aconteceram de outra forma. Você tem que entendê-la. Não é bom pensar que seu pai suicidou-se levando com ele sua esposa para evitar a prisão e a humilhação. Assim, ela inventou uma história e acabou ficando convencida de que é a verdade.

– Que história? – Perguntou Burke certo de já conhecer a resposta.

– Bem... alega que o jovem que inventou a existência da mina de diamantes, apareceu no meio da noite e ateou fogo na casa para evitar o depoimento de Peter Mayhew. Porque, claro, Peter Mayhew tinha a intenção de provar a sua inocência com a ajuda de seus advogados e depois ia atrás da pessoa que fugiu com seu dinheiro.

Daniel Craven. Não poderia ser outra pessoa. O que ela respondeu quando eu perguntei a ela porque estava tão afetada pelo aparecimento desse homem? Ela disse: Eu estava com raiva por ele não ter assistido aos funerais dos meus pais, ou algo assim. Senhor! Que estúpido havia sido! Ela suspeita que Craven assassinou seus pais. Agora entendo porque ficava tão pálida quando ele estava por perto.

E ele, um idiota e tanto, suspeitou na época, que Kate estava flertando com esse homem. O mesmo homem que havia queimado vivos os pais dela.

Burke olhou para o conde. Os dois estavam meio bêbados, porque acabaram bebendo uma garrafa inteira de uísque e era apenas meio-dia. Fosse o que fosse, não explicava o sentimento de tristeza que foi crescendo lentamente em seu interior.

Tentou esclarecer suas ideias e falar de forma pacífica.

– Bem, vamos recapitular. O pai de Kate não era um ladrão propriamente dito.

– Não, era apenas um idiota.

– Um tolo, mas também um cavalheiro.

– Um cavalheiro estúpido.

– Mas em última análise, um cavalheiro, – disse Burke – Então, Kate é filha de um cavalheiro.

– Sim, – disse Bishop, depois de alguma consideração. Mas a palavra saiu parecendo: "*chhiiim*".

– Mas qual é a diferença? – perguntou. – Filha de um cavalheiro ou não, um homem é obrigado a tratar adequadamente uma mulher.

Burke olhou para ele.

– Você está dizendo que eu não a tratei como merecia? Isso é o que ela diz em sua carta?

– Não. Ela só disse que não poderia mais ficar em Londres e pediu-me para enviar suas coisas. Ele pegou a garrafa e tomou outro gole.

– Isso é tudo o que eu sou para ela, um lugar para deixar os seus pertences. Ei!

– Então, o conde estreitou os olhos. – Como é que a chama de Kate? Para você deveria ser "*senhorita Mayhem*, " Traherne. A menos que ela tenha deixado sua casa por uma razão desconhecida...

– E para onde pediu que enviasse suas coisas? – Perguntou Burke esforçando-se para adotar um tom neutro.

Freddy levantou a garrafa rindo de modo estúpido.

– Você acha que eu sou um tolo, Traherne? Você acha que eu vou dizer? Embora ela não tenha dito claramente, na verdade, mas eu não diria mesmo que soubesse. E você pode me matar com golpes, mas não vai mudar as coisas.

Burke riu junto com ele.

– É claro que você me dirá, Bishop, porque agora nós somos bons amigos e sei que estou sinceramente interessado em Kate.

– Não, isso não é verdade. Eu sei porque eu sinto o mesmo interesse. Com a diferença que eu quero casar-me com ela, claro.

Burke olhou para ele.

– Como você sabe que eu não quero casar-me com ela?

– Você? – Freddy riu. – Casar com Kate? Impossível!

– Por que, maldição?

– Todo mundo sabe que depois de seu divórcio jurou nunca mais casar com ninguém. Kate sabe disso.

Burke examinou-o cuidadosamente.

– Como é que Kate sabe, pode fazer o favor de me dizer? Eu nunca disse isso a ela.

– Eu mesmo disse. Conteí que a deixaria quando estivesse cansado dela. Bishop quase deixou cair a garrafa quando voltou-se para o seu parceiro bêbado com expressão acusadora.

– Não foi por isso que ela foi embora? Você já a arruinou, seu bastardo? Burke foi incapaz de responder. A verdade é que ele realmente a arruinou, mas naquele momento não parecia. E, claro! Por esse motivo fugiu. Mas não admitiria isso para o Conde de Palmer. Ele não estava totalmente errado. Não fez planos para o futuro de Kate, sem falar sobre casamento? Ele havia proposto viver em pecado, em vez de se casar com ela.

Mas como ele poderia saber que ela era filha de um cavalheiro? Ela nunca contou a ele sobre seu passado.

Obviamente isso não era desculpa. As mulheres não poderiam ser tratadas da maneira que

tratou Kate, fosse ou não a filha de um cavalheiro. Mas ele desistiu de qualquer ideia de casamento há dezessete anos e naquela noite ainda não havia pensado nessa possibilidade.

Agora, ele percebeu seu erro. Se ele tivesse sido mais esperto, não estaria aqui, sentado no meio de um salão destruído, bebendo uísque em plena luz do dia, imaginando como era possível um homem que não tinha coração poderia estar tão certo que o seu estava quebrando.

Capítulo vinte e dois



Caro Lorde Wingate, dizia a nota.

Bem, é claro. O que ele esperava? Que ela o chamasse pelo seu nome de batismo? Apenas uma vez ela o pronunciou e isto só porque ele havia pedido. Ela não quis dizer na carta, que nunca mais o veria novamente.

Caro Lorde Wingate

Eu sei que deve estar muito zangado comigo, mas tive que partir. Eu teria gostado de ser a sua amante, mas não sirvo para isso. Tudo que teríamos conseguido é que nós fôssemos infelizes. Espero que me perdoe e não me odeie por ter solicitado a lorde Palmer para entregar esta carta. Seria melhor não ouvir falar do senhor por um tempo. Assegure a Lady Isabel todo o meu carinho, tentando explicar a razão da minha partida, sem dizer a verdade. E evite a fuga dela para casar-se com Saunders. Que Deus o abençoe. Sou e sempre serei sua amiga.

Sinceramente.

Kate Mayhew

Claro que a nota foi escrita em papel onde poderia ser encontrado em qualquer parte. Escrita sem cabeçalho ou qualquer sinal que indicasse a sua provável origem.

Ele leu a carta várias vezes, mas a mensagem era clara e não dizia nada nas entrelinhas.

Nenhuma recriminação. Nenhuma culpa. Nenhum vestígio de lágrimas sobre a tinta. Quantos rascunhos foram escritos até chegar a carta final? Não deixou escapar nenhum indício que permitisse localizá-la e em nenhum momento deu a entender que ela queria ser encontrada.

Bem. Afinal estava recebendo o seu merecido castigo. Nem mesmo esperava receber uma carta dela. Ele ficou realmente surpreso quando Bishop bêbado e ensanguentado, de repente a tivesse na mão, quando eles se separaram. Na verdade, no início ele achou que era uma fatura feita às pressas, com o valor dos estragos que havia causado na sala de sua mãe.

– É uma carta de Kate, – disse Freddy, com a voz abafada pelo pano que mantinha sob seu nariz. – No início eu não queria entregar, mas depois... bem, eu acho melhor você ler.

A primeira coisa que Burke fez foi verificar o lacre de cera e Bishop riu.

– Não fique preocupado, eu não a li. A verdade é que eu não sei o que aconteceu entre você e ela e nem quero saber.

James concordou com ele sobre esse ponto. Ele também não queria saber. Pelo contrário, ele também queria esquecer tudo o que havia acontecido desde que eles se conheceram em uma noite de nevoeiro.

Assim, seis horas após sua luta com Freddy, entrou no escritório e não na biblioteca. Não foi possível decidir entrar lá novamente desde a noite em que ele e Kate fizeram... Isso também queria esquecer.

Por isso, estava em seu escritório onde estava lendo e relendo a carta enquanto bebia seu próprio uísque. Certamente não era a melhor maneira de esquecer a jovem, mas ele não conseguia largar a única coisa que restava dela. Bem, exceto sua camisola e o robe, que pegou na biblioteca antes dos servos descobrirem, e os conservava embaixo do travesseiro.

– Sentimental? Sim. Como um bebê chorão bêbado? Totalmente.

Em todo caso, não ia separar-se das três recordações nem por todo o ouro do mundo.

Com a louca esperança de que, como se por magia, talvez alguma linha mudasse, ele ia começar a ler a carta pela milésima vez, quando a porta do escritório abriu-se.

– Desculpe-me, mas se a porta está fechada é por uma boa razão. – Falou sem olhar.

– Eu abri por um bom motivo, – disse Isabel.

Parou diante dele com o seu vestido de noite e os olhos brilhantes de lágrimas. Os cabelos puxados para trás, surgiam como uma explosão de cachos na cabeça dela. Kate nunca a deixaria com um aspecto tão pouco favorecedor.

– Eu acabo de entrar no quarto da senhorita Mayhew para deixar o livro que peguei emprestado, o que você sabe o que descobri?

Burke ergueu a taça e bebeu o que restava do uísque. Não importava, ao seu lado havia uma garrafa inteira.

– Ela se foi – exclamou Isabel, com lágrimas nos olhos, – Papai, ela se foi! Seus livros não estão mais lá! A senhorita Mayhew se foi!

– Sim, – disse servindo-se de outro copo, – eu sei.

– Você sabe? O que quer dizer, você sabe?

– A senhorita Mayhew soube que seu parente, que está doente, precisa mais dela do que nós, por isso resolveu ficar com ele.

Ele olhou sua filha para ver se sua mentira havia funcionado. Parecia que sim. Isabel estava pálida, com lágrimas penduradas em suas longas pestanas negras, mas não parecia irritada. Pelo menos, não ainda.

– Mas eu não entendo, – Isabel sacudiu a cabeça. A explosão de cachos na parte de trás da cabeça dela tremeu. – Papai, a senhorita Mayhew não tem família. Ela me contou. Quem é esse parente doente?

Burke bebia em pequenos goles. O uísque o entorpecia. Ele levantou-se pela manhã com dor de cabeça e isso foi o suficiente para começar a beber outra vez e a dor de cabeça desapareceu.

– Espere um minuto. – Disse Isabel, de repente, olhando para ele com seus olhos verdes

perigosamente entrecerrados.

Mas Burke estava bêbado demais para perceber o perigo.

– Espere um minuto, – ela repetiu: – Você está mentindo. Burke levantou uma sobrancelha.

– Perdão?

– Você ouviu-me perfeitamente, papai. Você está mentindo. A Senhorita Mayhew não tem um parente doente.

– Eu não sei o que você está falando, Isabel. Mas eu acho que ela deixou uma carta.

– Ela também estava mentindo. Ninguém escreve que tem um "*parente doente*". Diz que "a minha tia" está doente, ou "meu primo" ou "a mulher do irmão do meu avô" está doente. Mas as pessoas nunca dizem "um parente".

Burke descansou a cabeça no encosto da cadeira.

– Isabel...

– Diga-me! Quero saber! Eu não sou uma criança. Sou uma mulher prestes a casar-se.

– Não! Estará prestes a casar-se quando eu disser.

– Tudo bem, – reconheceu, – mas eu sou adulta e exijo que diga-me a verdade. Onde está ela papai?

Burke olhou para o teto.

– Eu não sei, – respondeu ele simplesmente. A voz de Isabel subiu uma oitava.

– O que quer dizer, você não sabe? Param onde você mandou os seus livros?

– Para a casa de lorde Palmer. Ele cuidará de enviá-los para onde quer que ela esteja.

– Onde ela está? Então você não sabe onde ela está?

– Não. Eu acabo de dizer. Não me informou sobre nenhum lugar. Vendo a expressão sombria de sua filha, estendeu a mão.

– Sinto muito, Isabel.

– Você está arrependido?

Sua voz se tornou mais aguda e a emoção que lutou para conter a dominou.

– Você está arrependido? O que você fez com ela, papai? O que você fez? Incapaz de responder com a verdade, ele apenas balançou a cabeça. Então, para sua surpresa, Isabel caiu a seus pés e deixou escapar um soluço de cortar o coração.

– Você fez alguma coisa, – disse dando golpes nos joelhos de Burke com os punhos. – Naquela noite, quando o Senhor Craven apareceu, você fez alguma coisa. Você estava bravo com ela, não é? A culpa é sua, ela sumiu! Seu....

Ela balançou a cabeça com tanta força que os cachos soltaram-se das fitas que os prendia e caíram sobre os ombros dela como espuma em ebulição, enquanto lágrimas escorriam pela sua face sem cessar.

– Como você pôde fazer isso, papai? Burke a olhava tristemente.

– Isabel, eu realmente sinto muito.

Ela enxugou o rosto com as costas da mão, como fazia quando era uma garotinha.

– Claro que você sente! – bufou diante dele antes de fitá-lo com mais atenção.

– Você está triste, papai? Você parece triste.

O que estava acontecendo é que estava completamente bêbado, mas não podia admitir isso, e também não podia revelar o verdadeiro motivo para a saída de Kate.

– Pobre papai, – sussurrou ela, acariciando o rosto de Burke. Mas, retirou a mão de repente, como se tivesse sido picada.

– Papai, desde quando você não faz a barba?

– Eu não tenho ideia.

– Está muito desorganizado, – ela foi até ele, para ajustar sua gravata. E como você fez essa ferida perto do olho? Andou brigando?

– Sim. – Ele admitiu com um encolher de ombros.

– Você está errado, meu pai, muito errado, – ela o repreendeu limpando a ferida com um lenço. – Nem é capaz de cuidar de si mesmo. O que diria a senhorita Mayhew caso retornasse nesse momento e o encontrasse nesse estado?

– Mas ela não vai voltar, Isabel. Ela estalou a língua.

– Isso veremos. Isso é o que ela diz, porque está com raiva de você, e com razão. Você fica terrível quando está irritado. Mas a senhorita Mayhew ama você, papai. É claro que ela vai voltar.

Burke inclinou-se e ansiosamente agarrou-a pelos ombros.

– Ela disse? Ela disse que me amava?

– Não.

Ele a soltou e caiu para trás da cadeira. E então eles riram.

– Vamos, papai, não precisa me dizer. Qualquer um com metade de um cérebro teria notado que ela estava apaixonada por você. Quase tanto quanto você está por ela.

Afundado em sua cadeira, Burke a olhou atentamente.

– O que faz você pensar que eu estou apaixonado pela senhorita Mayhew? – Perguntou calmamente.

Isabel revirou os olhos.

– É óbvio! Todo mundo sabe disso.

– Quem é todo mundo? – Rosnou ele.

– Pelo amor de Deus, – disse Isabel, ela jogou o lenço ensanguentado de lado, pegou a bacia de seu vestido e levantou-se.

– Você está tentando me dizer que não está apaixonado pela senhorita Mayhew? Porque se

assim for, será um grande prazer para eu dar uma dúzia de detalhes que mostram o contrário, começando com o salário enorme que você ofereceu para ter a certeza de que ela viesse para nossa casa.

– Isso foi porque você estava me assustando, constantemente quando repetia:

– Eu quero a senhorita Mayhew para ser minha dama de companhia. Por que não pode ser ela minha acompanhante? Você não me deixou nenhuma escolha.

Enquanto falava, ele levantou-se e colocou alguma distância entre sua filha e suas acusações.

Isabel cruzou os braços e olhou-o com um pequeno sorriso.

– E como você explica o fato de que logo após contratá-la, passou a ir a todos os bailes onde estávamos, quando sei que odeia esse tipo de coisa, com o único propósito de colocar-se em um canto para espionar.

Burke refugiou-se ao lado da janela.

– Não a espiava, vigiava a sua segurança. A senhorita Mayhew é de uma ingenuidade desconcertante quando trata-se de homens.

– Pai, por favor, reconheça. Você a ama. Por isso age como um leão enjaulado desde que ela se foi e rosna para todos, por isso você não faz a barba, não tomou banho e nem mesmo mudou de roupa desde esta manhã. É por isso que está bebendo tanto. Você a ama e sabe que é por sua culpa que ela foi embora, destroçando seu coração.

Burke tentou recuperar alguma dignidade, depois que sua filha mostrou a verdade. Realmente não havia raspado a barba, tomado banho ou trocado de roupa. E estava consideravelmente bêbado.

– Eu não posso ter um coração partido porque eu não tenho coração.

– Sim, sim, eu sei. Você não tem coração, porque mamãe o quebrou há 17 anos atrás. Mas eu não penso assim. Você tem um coração que agora dói muito, e você merece porque tenho certeza que comportou-se muito mal com a senhorita Mayhew. Mas garanto que ela voltará novamente. Tem que voltar.

Burke olhou para a filha intrigado.

– Por quê?

– Porque, se ela o ama tanto como a ama, não conseguirá ficar longe de você por muito tempo.

Com um sorriso brilhante, Isabel virou-se e saiu da sala, deixando seu pai com esse consolo insatisfatório.

Capítulo vinte e três



Freddy Bishop, nono conde de Palmer, amava o seu clube, um lugar exclusivo onde só admitia membros escolhidos. Apenas os nobres, os nascidos em famílias mais antigas e ilustres, pisaram o chão dos salões com paredes revestidas de madeira maciça, reuniam-se ali para almoçar. Políticos e intelectuais eram estritamente proibidos, as conversas giravam em torno de temas como esportes, charutos e... esportes. As pessoas eram tão escolhidas, que Freddy sentava em um dos sofás de couro da enorme sala, em frente a lareira e ninguém o incomodava nunca.

Para um homem que vivia com uma mulher como sua mãe, era um privilégio muito significativa.

Então, ele ficou surpreso quando um funcionário aproximou-se dele e inclinando-se, sussurrou:

– Peço desculpas, Milorde, mas um homem no corredor...

– Bem, o que tem a ver comigo?

– Ele insiste em vê-lo, Milorde. Diz que do contrário ateará fogo no clube. E deixou fora de combate três funcionários que tentaram livrar-se dele. É realmente determinado, Milorde, e... se assim posso dizer, eu acho que está um pouco bêbado.

Curioso para descobrir quem poderia ter se livrado de três funcionários, que foram contratados justamente para livrar o clube de pessoas mal vistas, Freddy saiu do sofá e seguiu o homem.

Descobriu então que era o Marquês de Wingate, completamente determinado a destruir o clube levantando os funcionários pelo pescoço e atirando-os contra as paredes. Os retratos dos fundadores proeminentes balançavam-se perigosamente. Um baronete agachava-se atrás de uma pata de elefante em forma de guarda-chuva e um duque ficou atrás de uma samambaia que estava em um pote. Parecia que os dois tentavam fugir, sem atrair a atenção do marquês.

– Pelo Amor de Deus – disse Freddy, enquanto Burke levantava um funcionário de pelo menos um metro e oitenta do chão, com a ideia de jogá-lo sobre um corrimão. – É realmente necessário quebrar sempre tudo em seu caminho?

O marquês olhou para cima.

– Bom senhor! – Freddy disse: – Você está irreconhecível, Traherne. Parece um pobre diabo. Deixe o rapaz e venha até aqui...

Então, diante dos olhos atônitos dos funcionários, Freddy acrescentou relutantemente:

– Bem, sim, eu o conheço. Vendo-o assim, é difícil de acreditar, mas é um marquês. Deixe-o passar, e, pelo amor de Deus, tragam algo para beber.

Burke foi imediatamente escoltado até uma pequena sala privada, onde os sócios costumam receber suas amantes ou seus fabricantes de rapé. Ele foi convidado a sentar-se e acomodou-se em um confortável sofá de couro, que parecia cercar o contorno do seu corpo com um abraço macio. De repente, sentiu-se exausto e fez um esforço para não ceder ao conforto de sua posição. Foi definitivamente um truque para esquecer a razão da sua visita.

– Bem, – disse Palmer reunindo-se com ele, tendo nas mãos uma garrafa e dois copos – Beba isso.

Burke olhou com desconfiança o copo grosso, que o conde deu.

– Isso não é whisky – rosnou.

– Não. É conhaque. Mas quem se importa? Depois de tudo amigo, é álcool, e parece que é o que está necessitando.

Relutantemente, Burke tomou o enorme copo no qual havia uma quantidade minúscula de líquido e bebeu tudo em um gole só. Conhaque. Sim, é isso que ele estava bebendo. Um calor conhecido queimou sua garganta.

Bishop estava certo: aquilo ainda era álcool. Ele entregou o copo vazio.

– Tudo bem, tudo bem, – disse Freddy servindo mais – Mas... não tão rápido, de acordo? Eu é que terei que pagar esta garrafa de conhaque de 20 anos.

Burke tomou um longo gole.

– Espero que não vá me odiar por dizer isso, – continuou Bishop sentado no sofá em frente, – mas você tem que parar de enviar para o ar quem fica no seu caminho. Eu pensei que depois da última vez que nos encontramos, tivesse se acalmado. Dois meses atrás, certo? Como você pode ver, meu nariz sarou bem. Desde então, todos o notam, mas você sabe o quê? Eu gosto disso. Meu rosto era horivelmente feminino, antes de você quebrar meu nariz. A verdade, Traherne, é que me fez um favor... Mas estou desapontado ao ver que em você não ficou nenhuma cicatriz, mas parece tão miserável o suficiente para eu querer fazer algumas.

Ele tomou um gole de conhaque.

– Bem, eu acho que vai dizer porque você está aqui. Se veio perguntar onde está Kate, me desculpe, mas é inútil. Ainda não estou autorizado a dizer.

– Ela foi embora. – disse Burke, com a sensação de que seu coração encolheu pelo menos metade do seu tamanho.

Era como se um punho invisível o apertasse sem deixar entrar o ar. Bishop pigarreou.

– Ehhh, é claro que foi meu amigo. Eu acho que nós conversamos sobre isso na última vez que nos vimos.

– Não, Kate – falou Burke– ...É... Isabel....

– Isabel? – Bishop disse: – Lady Isabel? A sua filha?

Burke levantou-se da cadeira confortável com um salto e aproximou-se da lareira onde o fogo crepitava. Ainda estava frio na rua. Pelo menos ele não sentia mais frio.

– Obviamente, ela é minha filha, caramba! Ela foi embora. Eu fui abandonado.

Bishop assobiou.

– Parece que é o costume delas, não é amigo? Me refiro a abandoná-lo.

Um segundo depois se arrependeu de ter sido tão corajoso. O marquês tomou seu pescoço e o levantou de sua cadeira.

– Vai me dizer onde ela está, – disse Burke tão calmamente como podia.

Os pés de Bishop ficaram suspensos vários centímetros acima do solo. Ele viu com tristeza, como ficava longe a sola de couro.

– Eeeee, Traherne– disse: Como diabos sei onde está sua filha?

– Isabel, não. Kate. Bishop olhou.

– Francamente, Traherne... ehh não vê...

Ele parou de falar quando o marquês apertou os dedos.

– Ela se foi, – repetiu Burke com uma espécie de grunhido selvagem. – Isabel fugiu com aquele porco Craven!

– Cra...Craven... – explodiu Bishop– Daniel Craven?

– Você conhece mais alguém?

– Mas... enfim... e Saunders?

– Saunders? Enquanto ele estava ali, mantendo no ar um homem de noventa quilos, Burke voltou a pensar na noite passada, quando Isabel apareceu em seu escritório.

Ele sentou-se em frente a lareira, como fazia todas as noites há algum tempo, com um copo de whisky na mão e uma garrafa cheia ao lado. Não estava preparado para o confronto que ocorreria mais tarde.

Isabel estava sendo muito gentil depois – pelo menos é assim que Burke via - da fuga de Kate. Ele pensou que estava ali para confortá-lo, para aconselhá-lo a cortar o cabelo como fez um par de vezes antes. Ele não esperava que ia chamá-lo de porco.

– Bêbado de novo, – disse para ele olhando com asco para o copo meio vazio. Isso não era nada grave, porque Vincennes, sempre que convocado, enchia seu copo.

– É esta a nova vida que você escolheu? Você decidiu passar o dia bebendo até morrer?

Ele olhou para ela com olhos vermelhos. Ela estava preparada para sair.

– É a única coisa que me ocorre no momento. Você tem uma ideia melhor?

– Sim. Acontece que sim. Por que não levanta a bunda desse sofá e começa a procurar Kate?

– Por favor, não use essa linguagem em minha casa.

– O que você vai fazer se eu não deixar de falar?

– Bater em sua bunda.

Isabel começou a rir, mas era um riso desagradável, cheio de desprezo.

– Eu gostaria de ver. Não está em condições de levantar uma caneta. Há quanto tempo não come decentemente? Ou simplesmente respira um pouco de ar fresco?

Burke olhou para o fogo com uma carranca. Não pretendia dizer que toda a comida parecia cinzas e o ar, tanto dentro como fora da casa, cheirava mal.

– Eu ainda sou capaz de retirar a sua mesada.

– Certamente. Mas então tudo que eu preciso fazer é levar sua carteira enquanto você cai ao chão bêbado. Que, parece é o que em breve acontecerá.

– Isabel, – disse ele com impaciência: – O que você quer? Dinheiro? Vejo que você está saindo.

– Exatamente. E sozinha. Porque eu vou sair sem a companhia de uma dama de companhia, e será o maior escândalo da temporada por algum tempo, graças a você.

– Você quer dizer, graças a você. Não sou eu, que me pendurei no pescoço deste jovem chagal durante três meses.

– Deixe de insultar Geoffrey! Eu sei o que pensar sobre isso.

– Sim? Então porque eu tenho a impressão de que você não parou de vê-lo pelas minhas costas, apesar de tudo?

– Venha comigo esta noite e eu acho que você vai ficar agradavelmente surpreendido. Jovens como Geoffrey não me interessam mais.

Burke olhou para a filha e disse a si mesmo que não estava tão bonita como quando Kate cuidava de suas roupas e de seus cabelos. Sem ninguém para orientá-la. As jovens de dezessete às vezes tinham ideias infelizes. Por exemplo, hoje havia uma coroa de cachos em torno e na frente de Isabel. Talvez fosse o estilo da moda, mas para Isabel isso era ridículo.

– Não, obrigado, – disse ele voltando-se para o fogo.

– É mesmo papai? – disse ela, batendo os pés no chão. – O que está acontecendo com você? Eu me lembro que havia um tempo em que não permitia que uma mulher o tratasse dessa maneira. Por que ainda está preso nesta cadeira em vez de procurá-la?

– Caso você tenha esquecido, eu não sei onde ela está.

– Um homem tão rico como você, com seus contatos, não tem meios para descobrir?

Ele deu um longo assobio.

– Não sei por que devo procurá-la, quando deixou claro que não queria me ver novamente?

– Papai, ela estava com raiva quando escreveu essa carta. Agora ela já teve tempo para pensar,

tenho certeza. Claro que está sentada em algum lugar pensando que você não se importa, que você não está com vontade de vê-la novamente.

– E ela está certa, – rosnou James dando uma boa golada no uísque.

– Não. Se a senhorita Mayhew entrasse agora por aquela porta, cairia ao chão para beijar seus pés, – disse Isabel puxando suas luvas exasperada: – Olha, eu tenho medo de sua reação caso ela o encontre tão descuidado. Mesmo que faça a barba. Você até parece um selvagem. Daniel disse...

– Daniel. – Burke interrompeu olhando pela névoa de álcool: – Quem é Daniel?

– Daniel Craven, é claro.

De repente, Burke ficou sóbrio e saltou de sua cadeira.

– Isabel. Caso você se aproxime desse homem, vou torcer seu pescoço.

– Você está errado sobre ele pai, e também a senhorita Mayhew. Ninguém é mais encantador do que ele. Foi vítima de um lamentável mal-entendido. Lamento realmente...

– Eu não a quero perto dele, – determinou Burke. – Você nunca mais falará ou dançará com ele, nem sequer irá olhar para ele. Você me ouviu?

– Eu não preciso de sua permissão para vê-lo, papai, – respondeu a moça com frieza. Eu posso me casar com ele se quiser. Nem mesmo será necessário emitir uma proclamação. Bastará cruzar a fronteira...

Ele deu um passo em direção a ela, evidentemente sem qualquer intenção de pegá-la. Burke nunca fez isso e não pretendia começar a fazer naquele momento. Mas assim mesmo Isabel pulou para trás.

– Isabel! – Ele rosnou: – Se você voltar a ver esse homem, primeiramente vou matá-lo e em seguida, mato você.

Ela levantou a cabeça com desdém.

– Daniel me disse que você reagiria assim. Eu pensei que estivesse errado, mas parece que ele estava com razão. Você está ficando horrível. Eu o amo papai e vou casar-me com ele com ou sem a sua permissão.

Ao invés de esbofeteá-la, preferiu lançar um vaso contra a janela, que estilhaçou o vidro, espirrando cacos até o outro lado da rua. Isabel, agachou-se e depois levantou-se. Ela o olhou de uma forma, que ele nunca mais ia esquecer. Foi um olhar de profundo desprezo, misturado com grande compaixão, que a Burke teve o efeito de um soco no estômago.

– Isabel, – disse ele em desespero.

Mas era tarde demais. Ela virou seus calcanhares e saiu do escritório sem dizer nenhuma palavra.

Burke não voltou a vê-la. Na manhã do dia seguinte, a Sra. Cleary, em lágrimas, trouxe uma mensagem. Isabel tinha fugido com Craven para Gretna Green na Escócia. Quando ela voltasse,

seria uma mulher casada.

– Bem, – disse Bishop que ouviu apenas uma versão resumida da história. – Isso foi um golpe baixo, mas deixe-me no chão e vamos pensar juntos neste problema?

Burke o deixou cair sem muito cuidado.

– Eu pensei, – disse passando a mão pelos cabelos longos, – que a única solução seria encontrar Kate. Eu a levarei comigo para a Escócia. Isabel não fará caso de minha pessoa, mas dará atenção a Kate.

Bishop levantou os ombros várias vezes. Desde que Burke o agarrou pelo pescoço, a roupa ficou amarrotada.

– Sem dúvida, mas você esquece que ela não deseja que saibam onde ela está.

– É uma emergência.

– Provavelmente seja. Pelo menos para você. Mas deve entender que não tenho interesse.

Burke piscou para ele.

– Obviamente você a deseja.

– Bem, para ser honesto, ela não está muito disposta, mas acho que com o tempo...

– E a soprano? – Burke perguntou educadamente, ainda que a vida amorosa do Conde não interessasse nada para ele.

– Ah, sim! Claro, mas... Kate é uma mulher compreensiva.

– Não tanto quanto você pensa. Bishop lançou um olhar especulativo.

– Talvez. Eu não sei. Em todo caso, eu tenho as minhas mãos atadas. Eu dei minha palavra, você entende?

Burke respirou fundo.

– Bishop, minha filha tem apenas dezessete anos. Foi jogada nos braços daquele bastardo que pode bem ser um ladrão ou um assassino, responsável pela morte de duas pessoas que foram queimadas vivas na cama. E ele está para ser meu genro. O pai dos meus netos! Freddy franziu o cenho.

– Seria muito azar... – ele começou, mas Burke o interrompeu.

– Pense em Kate, no que ela dirá quando encontrá-la. Qual será sua reação quando souber que Isabel está nas mãos de Daniel Craven? O que pensará? E o que fará?

A expressão de Freddy, que era de indiferença mudou. Ele descruzou os braços.

– Meu Deus! Você está certo. Sim, amigo, desculpe. Claro, que vou dizer. Kate nunca me perdoará se eu calar a boca num caso como este.

Respirou fundo e disse:

– É na Regis Lynn. Sua antiga babá alugou uma casa lá. A casa é chamada de "*Casa Branca*". Não tenho aqui o endereço exato, mas se você esperar um momento, enviarei um criado...

As palavras de Freddy morreram em seus lábios, quando ele percebeu que estava sozinho.

Capítulo vinte e quatro



O caminho onde ficava a Casa Branca, parecia uma antiga estrada de pastores. Não havia uma alma viva, ao contrário das outras ruas de Lynn Regis, que apresentava muita diversão, apesar das nuvens amontoadas acima do mar. Como o próprio nome sugeria, a Casa Branca, era uma agradável casinha branca, onde pelas paredes escalavam a hera e as rosas trepadeiras. Burke foi forçado a agachar-se para passar sob o arco da vegetação que conduzia à varanda. Se estivesse mais calmo, teria parado para admirar o jardim e as jardineiras cheias de flores em cada janela. Em vez de quebrar a porta com o ombro, como de costume, teve que bater na porta.

Passou a mão pelo cabelo, que havia recusado a cortar antes de sair, apesar dos conselhos de Duncan, que pelo menos, foi capaz de convencê-lo a fazer a barba. O tempo era curto, em todo o caso e para Kate, pouco importava sua aparência.

Odiava-o, e isso era bem merecido, de modo que um corte de cabelo não mudaria as coisas.

No entanto, naquele momento, quando ele estava prestes a vê-la novamente, lamentou não ter seguido o conselho de Duncan.

Arrependimento insignificante em comparação aos outros que o consumiam... então, levantou o punho e bateu na porta. Uma voz que não era a de Kate, respondeu.

– Já vou!

Mas passou mais do que um minuto, durante a qual Burke olhou nervosamente para trás, em direção ao seu cocheiro, que estava ao lado da carruagem. O homem respondeu com o olhar, observando a menor ordem de seu mestre, acreditando que o marquês precisava de alguma coisa. Mas tudo o que faltava, o condutor não podia dar.

A porta abriu e uma mulher idosa apoiada em uma bengala apareceu, estreitando os olhos de cor azul desbotados.

– Ah! É você! – Disse depois de ver seu cabelo muito longo e a carruagem na frente da casa. – deve ter vindo por Kate.

– Sim, minha senhora. Ela está aqui?

– Senhora...

A velha senhora sorriu suavemente, mostrando que ela ainda tinha todos os dentes, o que era surpreendente na sua idade.

– Ninguém me chama de "senhora" há muito tempo. Eu sou Nancy Hinkle. Burke começou a pedir ao Senhor para livrá-lo desta mulher antes de sucumbir a um acesso de violência.

– Tudo bem, – disse ele tentando controlar sua impaciência – Senhora Hinkle, você se importaria de dizer se a senhorita Mayhew está aqui? Olha, é muito importante que...

– É senhorita Hinkle – corrigiu a velha senhora com um brilho nos olhos: – E eu garanto a você que ainda posso fazer com que um ou dois jovens virem a cabeça para mim, nas manhãs de domingo na aldeia.

Burke cerrou os punhos. Parecia que seu coração estava prestes a explodir.

– Senhorita Hinkle– conseguiu dizer em voz quase normal– Onde eu posso encontrar a senhorita Mayhew?

– Ali fora, – disse ela, indicando um local na parte de trás da casa. – Está colhendo as roupas. Vai chover sabe? Eu teria feito isso, mas meus pés doem e...

Sua voz foi sumindo. Não porque tenha ficado em silêncio, mas porque Burke já havia atravessado o jardim que cercava a casa. Atrás da Casa Branca, um tapete verde de grama chegava até o mar, que era da cor da ardósia por causa da tempestade que parecia eminente... Não muito longe, no meio do campo, em meio a duas árvores retorcidas, havia uma corda onde estavam penduradas fronhas e lençóis que movimentavam-se com o vento. Atrás deles, Burke percebeu a forma de uma mulher que carregava uma cesta. Sua saia cobria as pernas até o tornozelo. Estava com os braços levantados e ocasionalmente, ela ficava na ponta dos pés para remover os pregadores que seguravam as roupas.

Embora ele não pudesse ver seu rosto, imediatamente soube que era Kate. Burke caminhou até um lençol que ela estava tentando libertar do varal.

Quando ela finalmente conseguiu, o pano branco caiu.

Não mudou nada, além de estar mais bonita do que ele se lembrava. O vento tingiu de rosa suas faces. Até mesmo a surpresa de vê-lo aparecer de repente por trás do lençol, não a deixou pálida. Se ele esperou que Kate tivesse sofrido como ele sofreu, nesses últimos meses, teve uma decepção. Ela estava tão magra como antes, mas parecia ter adquirido mais vigor. Os olhos cinzentos brilhavam como diamantes escurecidos. Quanto aos lábios, aqueles lábios que o perseguiam incansavelmente, dia e noite estavam mais lindos e desejáveis do que nunca.

Eles se separaram depois de um longo momento de silêncio e com aquela voz ligeiramente rouca que ele conhecia tão bem, Kate murmurou:

– Você parece horrível.

Ele piscou. Durante a viagem interminável de Londres até ali, tinha imaginado o que ela diria ao vê-lo novamente. Imaginou várias possibilidades, inclusive uma em que ela corria para os braços dele.

Mas Burke nunca poderia imaginar esse comentário sobre sua aparência.

Foi incapaz de responder, como se de repente tivesse perdido o uso da palavra. Ficou

petrificado, procurando desesperadamente algo para dizer, enquanto a olhava de perto, observando que usava um vestido que nunca tinha visto antes, de algodão azul e branco com um lenço de lã verde, amarrado em torno dos ombros. Ela afastou os cabelos loiros que haviam escapado dos grampos pelo vento que soprava.

– Bem, – disse Kate avançando um passo e afastando uma mecha de cabelo dos seus olhos – Não fique aí, vai chover. Deixe-me levar a roupa para dentro.

Ela dedicou-se a remover os pregadores do próximo lençol...

Pode ter custado a falar com ela, mas ainda era capaz de mover-se, de modo que ajudou a retirar os pregadores que estavam muito altos para ela e dobrou os lençóis para ela. As rajadas de vento não facilitaram a tarefa e por vezes, seus dedos se tocavam. Então evitavam cuidadosamente a olhar um nos olhos do outro.

Enfim, para Burke, a cada vez que isso acontecia, era como recebesse um choque elétrico. Ao mais leve toque o fazia queimar, por causa dessas emoções intoleráveis que ele sentia por ela. Mas não podia fazer nada, além de rezar para Kate sentir a mesma coisa.

E assim foi com imenso alívio que percebeu que as mãos de Kate estavam tremendo. Não era pela temperatura fria. Sua indiferença era apenas superficial. Agora, ele só teria que fazê-la admitir isso. Mas como? Essa foi a pergunta.

Ela está com raiva, Burke pensou. A carta que escreveu, não possuía amargura, mas não refletiam o que ela estava sentindo naquele momento. Kate tinha o direito de estar com raiva, porque a insultou e a humilhou, propondo estupidamente que se tornasse sua amante. Sem mencionar o que ele havia insinuado sobre seu relacionamento com Craven.

– Eu sou perfeitamente capaz de levar a minha roupa, – disse ela quando Burke estendeu a mão para levantar o cesto.

Ele pegou assim mesmo.

– Não quando suas mãos estiverem tremendo assim como estão. Imediatamente ela escondeu as mãos, cruzando os braços sobre o peito.

– Estou com frio.

– Você quer o meu casaco?

Ela olhou em seus olhos e rapidamente parou de olhar como se não quisesse recordar o dia em que o havia desejado.

– Não, – ela disse suavemente: – Não é preciso, obrigada.

Ele não era forte o suficiente para suportar esta frieza, mesmo sendo só fingimento.

– O que você fez com Freddy para ele dar o endereço? – E acrescentou, olhando para o chão: – Ameaçou contar para sua mãe sobre a soprano?

Ele balançou a cabeça.

– Eu disse a verdade. Eu precisava de você.

Ele teria que ter parado ali, porque os olhos dela, tão cinzento e frios até agora como o mar que se estendia além deles, começou a suavizar.

Mas era demasiado novo para as questões de amor e muito imprudente para parar e pensar sobre o significado dessa suavidade.

– Trata-se de Isabel.

A suavidade deu lugar ao terror.

– Isabel? O que aconteceu? Ela está bem?

– Ela fugiu, Kate.

Ela olhou para ele sem preocupar-se com o vento que agitava o cabelo.

– Ela fugiu? Para onde?

– Para a Escócia. Com Daniel Craven.

– Daniel, – Kate repetiu com a voz neutra e a expressão de horror. – Como é possível? O que aconteceu...

– Você tem que me ajudar, Kate, – ele a interrompeu desesperadamente: – Você é a única que pode convencê-la a voltar para casa. Eu sei que não tenho direito de pedir isso... mas eu não sei mais o que fazer. Preciso de sua ajuda. Faça isso para ela.

Ela baixou os olhos.

– Sim, sim, claro.

Ela correu para a casa sem mais delongas.

Burke só entendeu uma coisa: ela havia concordado em acompanhá-lo. Não percebeu a dor que estava nos olhos nublados dela.

O que pensou? Kate perguntou a si mesma acelerando os passos. Demorou quase três meses para ele chegar e ele veio apenas porque sua filha estava com problemas.

Sérios problemas. Daniel Craven. Santo Deus! Daniel Craven...

O que ele queria de Isabel?

Burke a seguiu com a cesta carregada com roupas. Ela está com raiva, ele pensou. Mas eu vou explicar tudo, não é tarde demais.

Enquanto não estivesse casada com Bishop, teria uma chance. A senhorita Hinkle não parecia ser da mesma opinião.

– Então você! – disse ela, dez minutos depois quando Burke estava sentado na mesa da cozinha.

Kate informou para que ia pegar algumas coisas para viajar uns dias com o Marquês, porque teriam que cuidar de um assunto urgente. Mas em seguida estaria de volta.

Ao dizer estas últimas palavras lançou um breve olhar para Burke como esperasse que ele

fosse contradizê-la. Ele ficou com a respiração suspensa. Não tinha intenção de perdê-la de vista, agora que a encontrou.

Mas era muito cedo para dizer isso. Não estava com humor apropriado. Como vingança, optou a dar uma explicação mais ampla a senhorita Hinkle.

– A senhorita Mayhew é muito discreta, mas vou confessar uma coisa confidencial, senhorita Hinkle. Olha, trata-se de minha filha. Fugiu com um homem e a senhorita Mayhew precisa ajudar-me a convencê-la a voltar para casa.

Ela colocou diante dele uma xícara de chá e um prato de macarrão.

– Não vai dar certo. Sabe?

Burke deixou o chá esfriar. Ele não bebia whisky há 24 horas, mas apesar de não estar pronto para beber nada, precisava fazer isso.

– Temo não entender o que que você quer dizer.

– Acho que sabe muito bem, – ela colocou quatro colheres de açúcar em seu copo.

Para desgosto de Burke ele bebeu um gole com satisfação.

– Kate. Eu a criei nos seus primeiros dezesseis anos de sua vida, e eu nunca conheci ninguém mais teimosa.

Lá fora um relâmpago iluminou o céu. Logo após, desabava a tempestade. Burke olhou em volta. O lugar era bom, mas o teto estava um pouco baixo para alguém de sua estatura. Ficou tranquilo por saber que Kate viveu ali desde que o deixou, porque ele tinha imaginado as piores coisas. Mas ao contrário, disso, a anciã não era o tipo tão amável quanto aparentava à primeira vista.

Enquanto olhava divertido a gata cinzenta deitada feito uma bola, no cesto da roupa que havia deixado no chão, disse:

– Eu também sou muito teimoso, senhorita Hinkle.

– Não tanto quanto ela, do contrário você não estaria aqui.

A gata bocejou e, em seguida, começou a riscar os lençóis com as patas dianteiras.

– Mas ela virá comigo, certo?

– Para o bem de sua filha, – lançou a velha comendo o macarrão. Isso é tudo.

– Não, isso não é tudo, – respondeu irritado – Eu não acho que ela aceitou apenas por Isabel.

– Você é livre para acreditar no que quiser, Milorde. Ele olhou a senhorita Hinkle diretamente nos olhos.

– Senhorita Hinkle, não me afastará dela. Não se esforce.

– Bem, é uma pena sabe? Porque vai ter uma decepção...

– Nanny? O que você está dizendo? – Kate os interrompeu no topo da escada.

– Nada de importante, querida, – exclamou a velha senhora com uma voz surpreendentemente

forte para o seu corpo frágil.

Em seguida, baixando a voz, disse a Burke:

– Eu me lembro do escândalo provocado pelo seu divórcio nos jornais. Ele ficou tenso.

– O que você está insinuando? Que eu não sou bom o suficiente para ela? Ela olhou para Burke.

– Claro que você sabe sobre seus pais, certo? Surpreendido pela brusca mudança de assunto, concordou.

– Também foi um escândalo, – ela continuou: Saiu na primeira página dos jornais, assim como o seu divórcio. Todos os seus amigos, pessoas da alta sociedade como você, não mais falaram com ela. Não podia sair sem ser alvo de chacotas pelas mesmas pessoas que no dia anterior havia recebido na própria casa. Esse tipo de coisa deixa cicatrizes.

– Certamente, admitiu Burke.

– Mas Katie tem outro tipo de marca.

– Senhorita Hinkle, aonde quer chegar exatamente?

– Ela não voltará para você, – declarou ela, sem pestanejar.

Neste ponto da conversa, Burke adivinhou o que havia acontecido entre eles dois, bem como a proposta humilhante que havia feito. Mas ele pretendia corrigir. Recostado na cadeira, disse:

– Senhorita, eu acho que você me subestima.

– É você quem subestima Kate. Mas por que digo tudo isso? Eu sou uma senhora de idade e ninguém escuta uma velha.

Kate chegou com uma mala e um terno de viagem.

– Você tem certeza que ficará bem na minha ausência Nanny? Vou passar na casa da senhora Barrow para pedir que cuide de você. Não esqueça que o leiteiro vai passar amanhã...

Quando Kate entrou na cozinha, o rosto da mulher idosa tornou-se doce. Os olhos afiados e curiosos reservados para o marquês, desapareceram.

– Sim, – respondeu a babá levantando-se para pegar a maleta de Kate que pesava muito pouco. – Mas você está esquecendo Lady Babbie, querida.

– Eu vou voltar em poucos dias, Nanny - Kate respondeu, amarrando as fitas do chapéu. Nada mais.

Nancy Hinkle lançou a James um olhar triunfante antes de abraçar Kate. Deu a ela também uns pães embalados e em seguida, Burke pegou na mão dela e a beijou...

– Voltaremos, – disse ele, com mais confiança do que sentia, – para pegar a gata.

– Ela voltará! – Corrigiu a babá quando Kate a afastou-se um pouco.

– Acho que não.

– Bem. Você não terminou ainda de sofrer, Milorde.

Capítulo vinte e cinco



Não terminou ainda de sofrer... horas mais tarde, essas palavras ainda estavam ressoando nos ouvidos de Burke.

Era verdade que ele não tinha ideia do que essa mulher sabia sobre seu relacionamento com Kate, mas isso não a qualificava para fazer uma previsão como essa.

Mesmo sabendo que ela viu Kate nascer, ele a conhecia de outro ângulo. Sabia por exemplo, que quando conservava a boca fechada, como agora, sentada em frente a ele na carruagem durante horas, isso não significava que ela estava com raiva. Podia apostar um milhão que ela estava pensando em Daniel Craven.

Desde que haviam saído da casa de Nancy Hinkle, havia dito pouco, mas assim mesmo perguntou sobre as circunstâncias exatas que levaram à fuga de Isabel, ouvindo atentamente a versão abreviada e fatos parciais. Então Kate apontou que, se sua filha havia dito que eles dirigiam-se a Gretna Green, ela esperava encontrar seu pai antes de casar-se. Caso contrário não teria mencionado o seu destino.

Tinha certeza de que naquele momento estava a desenhar um plano para fazer Isabel chegar a razão. Podia-se ver claramente seu rosto, apesar das sombras. Com o céu coberto de nuvens escuras, parecia que estava ficando escuro, mas eram apenas quatro da tarde, como comprovou, dando uma olhada rápida para o relógio. Kate usava um casaco marrom com um chapéu que combinava com seus cabelos loiros.

Será que ela ficará quieta a viagem inteira? Perguntou-se ele. Bom, ela nunca tinha sido muito tagarela, mas ainda assim...

Claro, ele era o único culpado desta situação, mas teria que corrigir isso, caso contrário, ficaria louco.

– Sinto muito, Kate.

Ele teve que falar muito alto para que ela pudesse ouvi-lo sobre o barulho das rodas e cascos.

Ela parou de observar a paisagem, visivelmente surpresa.

– Perdão?

– Sinto muito, – repetiu – Eu sinto muito por aquela noite em Londres.... Pensei que você estivesse no jardim com Bishop. Eu não sabia que era Daniel Craven.

O rosto dela ficou vermelho e desviou o olhar.

– Por favor, esqueça isso, – disse alterada.

– Como eu poderia esquecer Kate? Como? Eu sempre penso sobre isso. Por que você não disse nada?

– Isso não muda muito as coisas, – disse ela voltando a olhar a paisagem.

– Pelo contrário, muda tudo. Você deveria ter falado um pouco sobre seu passado...

Ela finalmente virou a cabeça e o fitou por baixo do chapéu.

– Eu falei do incêndio.

Num segundo, Burke levantou-se e sentou-se ao lado dela.

– Mas você não me contou tudo, – disse ele tomando sua mão. – Não contou o que aconteceu e quem era você.

– Que diferença ia fazer? – respondeu ela, tentando soltar a mão.

– Eu saberia quem era seu pai...

Ela estreitou os olhos.

– Você está dizendo que no caso de eu ter falado que meu pai era um cavalheiro, você não teria...

– Não! Não, eu tenho certeza que teria acontecido de qualquer maneira. Mas caso eu soubesse disso Kate... eu teria perguntado antes.

– O quê?

– Se quer casar comigo, é claro!

Desta vez, seu rosto perdeu toda a cor.

– Solte-me, – ela ordenou com sua voz irreconhecível. Ele apertou suas mãos com mais força.

– Não. Ouça Kate.

– Eu já ouvi. Por favor, solte minha mão e volte para seu lugar.

– Kate, – ele começou novamente, com suavidade, percebendo que o tom da voz dela foi alterado pelas lágrimas, – eu sei que você está brava comigo e com razão. Mas eu acho que...

– Se não soltar minha mão e não retornar ao seu lugar, vou pedir ao cocheiro que me deixe no próximo cruzamento.

– Kate, você não está entendendo, eu...

– É você que não está entendendo, – disse ela, com agitação. – Mude para seu lugar ou vou abrir a porta e me atirarei por ela.

Por um momento, Burke pensou que seria ele quem ia atirar-se. Ou jogaria alguma coisa através da maldita porta. Mas isso não levaria a nada, então voltou ao seu lugar. Cruzou os braços e a olhou intrigado.

O que estava errado? Ele tentou consertar as coisas e ela reagiu como estivesse de novo propondo para que se tornasse sua amante. Entendia o motivo dela estar zangada com ele, mas porque ficou furiosa quando ele a pediu em casamento? As mulheres não davam mais

importância à proposta de casamento que aos diamantes? Talvez ela estivesse chateada porque faltou uma aliança... A verdade é que com o maior prazer compraria uma, mas no momento não tinha tempo. Antes disso, ele queria interromper o casamento de sua filha com um canalha.

Kate, por sua vez, virou a cabeça para ele não ver suas lágrimas. Nesse momento, chovia muito. Os relâmpagos iluminavam o céu, seguidos pelo estrondo de trovões. A água caía através do vidro e ela não poderia mais distrair-se olhando a paisagem. E a chuva não a deixava enxergar lá fora, ou eram as lágrimas? Isso significava que seus pensamentos não a deixariam em paz.

O que você fez, Kate? Este homem a pediu em casamento, isso é o que você queria desesperadamente há três meses atrás, e você disse não? Por quê? Por quê?

Ela sabia muito bem porque, é claro. Porque era completamente idiota. Ela havia sido idiota desde o princípio em que aceitou trabalhar na casa dele. Senhor! Bastava olhar para Burke! Não representava o que mais odiava? A riqueza, arrogância, autoconfiança...

Em seis meses, só agiu sabiamente uma vez: quando o deixou antes que seus sentimentos ficassem fortes demais para fazê-lo.

Não que ela estivesse a salvo agora. Quando ele apareceu por trás dos lençóis, teve a sensação de que sempre esteve ali. A única diferença é que parecia diferente, mais vulnerável e ferido.

Mas essa aparência devia-se a preocupação com Isabel. O desaparecimento de Kate não quebrou o coração de Burke como ela havia pensado por um momento. Precisou de sua força de vontade para não pular em seus braços e beijá-lo até que perdesse o fôlego, como sonhava todos os dias desde que deixou Londres.

Quando ela bateu na porta de sua babá, depois da noite maravilhosa – mesmo depois do final infeliz - que passaram juntos, ela só sentiu tristeza. Depois, passaram dias, semanas e meses sem que ele aparecesse. Então, percebeu o quão sortuda ela era, muito sortuda, porque escapou de um destino miserável, sem dúvida.

E eis que ele reaparece, como tivesse sido trazido pelo vento.

Mas quem o trouxe não foi o vento, ao contrário, foi Daniel Craven. O que estava tramando Daniel? Era impossível que estivesse apaixonado por Isabel. Homens como ele não eram capazes de amar ninguém além de si mesmos. Então, ele planejava alguma coisa. Isabel era rica sim, mas agora que a mina de diamantes estava produzindo, ele também era.

Por que havia levado Isabel se não era por amor nem dinheiro?

Quando Burke falou o nome de Daniel, um punho de ferro agarrou seu coração. Porque, no fundo, ela já sabia porque Daniel fez isso.

Gostaria de estar errada. Com todo seu coração. Mas não encontrava nenhuma outra explicação.

Mas não queria compartilhar seus temores com Burke. Ele já estava com problemas

suficientes. Era melhor pensar que Daniel queria casar-se com sua filha, porque caso Burke soubesse a verdade...

A verdade...Deus do céu!

Burke soube uma pequena parte sobre quem era seu pai. Depois, quando soube que ela era filha de um cavalheiro, propôs casamento, quando era algo que ele deveria ter feito mesmo que fosse a filha de ninguém.

Mas não iria casar-se com ele. Era impossível.

Ela teria que manter isso em mente, o que não seria fácil. Mesmo naquele momento, em que os olhos de jade olhavam fixamente para ela, não pode deixar de notar suas mãos sombreadas pelos pretos, como os braços, o tronco, a barriga... Ela era a única que sabia. Bem, junto com a metade das atrizes de Londres. Apesar disso, recordou o seu corpo nu e tudo o que tentou esquecer deliberadamente. Nunca sentiu-se tão viva como na noite que compartilharam. As coisas que ele a fizera sentir, ficaria para sempre gravado nela.

Kate chorou com mais intensidade.

– Kate, – ele disse, quase invisível por causa da chuva, que trouxe a escuridão antes que chegasse à noite.

A carruagem estava consideravelmente mais lenta devido à visibilidade reduzida e da lama que fazia o caminho ficar difícil.

Ela não respondeu, porque estava chorando em silêncio e caso falasse alguma coisa a voz a trairia.

– Há algo que eu não entendo, – ele continuou. – Era necessário fugir? Se não queria tornar-se minha amante, era suficiente dizer-me, Kate. Não a forçaria. Você não acha que eu cairia tão baixo, não?

Ela mordeu o lábio. A voz de Burke era terna e aveludada.

– Eu posso compreender sua raiva. Só peço que tente entender-me. Naquela noite eu não sabia o que dizer. Eu deveria ter dito que estava apaixonado por você. Eu percebi no dia seguinte, quando descobri que havia fugido.

Ele continuou falando por um longo tempo, mas Kate não estava mais ouvindo. Porque ele tinha dito que a amava. Amava.

Senhor! Por que ele disse a única coisa que poderia quebrar suas defesas? Burke disse que a amava, porque ela sabia que era a única coisa que poderia torná-la vulnerável. Como poderia proteger-se agora?

– Eu deveria ter percebido antes, confesso, – ele continuou, – Mas há tanto tempo que não sinto nada além de raiva, que não reconheci imediatamente. Kate, você sabe como meu primeiro casamento terminou. Eu não queria repetir esta experiência. Mas quando você fugiu, eu fiz tudo

que podia, para acabar com minha vida cansada e sem sentido.

Lembre-se. Pensou Kate tentando ressuscitar a sua indignação. Ele faz parte do mundo de seus inimigos, as pessoas que traíram seus pais e permitiram que o assassino ficasse impune. Não pode confiar nele.

– Um Phaeton preto com interior amarelo, – disse ela de repente.

– Kate!

Ele saltou do seu assento e foi novamente para o lado dela, mas desta vez não apenas para segurar sua mão. Ele a levantou nos braços como se ela não pesasse mais que uma pluma.

– O que eu posso fazer para que esqueça as coisas que falei? – Sacudindo-a gentilmente perguntou: – o que eu posso fazer? Isso?

E apoderou-se de seus lábios.

Apenas isso. E ela... bem, ela derreteu-se.

Burke Traherne beijava maravilhosamente. Claro, ela sabia, mas como queria assegurar-se de que não a havia esquecido, acariciou sua boca com a dela, embora com uma ligeira hesitação, como estivesse fazendo uma pergunta e que só ela tinha a resposta.

Ao perceber a língua dele dentro de sua boca, Kate percebeu que acabara de responder. Suas defesas desapareceram de repente. E agora o ataque chegou sem piedade.

Não foi um simples beijo, percebeu, e ela não estava no controle. Tentou resistir a este assalto cativante, mas como poderia libertar-se do encanto hipnótico de seus lábios? Dos braços de aço que a aprisionavam? Naqueles braços, ela ficava sem forças, era incapaz de controlar suas próprias mãos que moviam-se por si só e deslizavam em volta do pescoço dele, no pescoço e nos cabelos incrivelmente macios. Por que misteriosa razão, a presença da língua de Burke dentro de sua boca causava uma descarga elétrica entre as pernas dela?

Poderia dizer que ele compartilhava sua paixão. Burke apertou-se mais contra ela, gemendo contra sua boca, assim que ela colocou os dedos entre seus cabelos. O poder de sua ereção pressionava as calças apertadas. Ele a abraçou mais forte, mais possessivo, acariciando muito perto de seu seio, através do vestido. Se permitisse que a tocasse ali, estava perdida.

Perdida, sim... Seus dedos, incrivelmente fortes, mas sensíveis, fechados ao redor de seu seio, cuja ponta ficou instantaneamente endurecidas pelo toque. Kate conseguiu separar-se um pouco, colocando uma mão sobre seu peito e olhou com semblante acusador para ele, mas o que ela viu a fez perder o fôlego. Sua boca tremia de desejo e os olhos verdes transbordando de... do quê? Kate não podia dizer, mas sua expressão atemorizava e a emocionava ao mesmo tempo.

Precisava acabar com essa loucura.

– Burke... solte-me.

Como tivesse saído de um sonho, ficou atordoado e a fitou, entrecerrando os olhos, enquanto

a abraçava. Quando falou, sua voz estava rouca e com dificuldade em pronunciar palavras:

– Não! – disse:– A última vez que a soltei, você fugiu e eu levei três meses para encontrá-la.

Bem, e agora que ele emoldurava seu rosto com as mãos e aproximava-se dela até que seus lábios se tocassem? Quem poderia culpá-la? Como poderia fugir ou impedir que a tocasse? Bastava roçá-la para ficar enfraquecida. Ele a segurava firmemente, com os dedos, que não paravam de mover sobre seu seio, mas foram descendo cada vez mais, pouco a pouco... então...

Então, o cocheiro bateu na porta e os informou que a estrada estava tão cheia de lama que era impossível continuar a viagem. Perguntou se o marquês esperaria até depois da tempestade na estalagem onde estava estacionado.

Capítulo vinte e seis



Ela foi despertada por um trovão que abalou os vidros da janela.

Estava escuro e sentou-se na cama afastando um pouco a cortina; a chuva estava caindo. Devia ser muito tarde, porque as luzes de um pub do outro lado da rua estavam apagadas. A aldeia onde foram forçados a parar parecia estar dormindo, como estava todo o resto da Inglaterra.

Exceto ela.

O barulho da tempestade colocou ponto final ao sonho, aqueles horríveis, e ao mesmo tempo maravilhosos sonhos, que repetia todas as noites desde que surpreendeu o marquês sem roupa, no banheiro. O sonho não a poupou sequer uma vez, mesmo depois de sua partida. Um sonho que a deixava ofegante e invariavelmente, acordava com uma mão entre as pernas. Era incrível. Aquele não podia ser o comportamento de uma senhorita.

Não podia deixar de sonhar da mesma forma que não podia deixar de respirar. E assim, no final, ela foi forçada a desistir de tentar. Ela nunca se preocupava agora em colocar uma camisola, porque sabia perfeitamente que acabaria por cima da cabeça e emaranhada em sua roupa de cama pela manhã. E quando acordava com a mão entre as pernas, ela simplesmente a deixava lá. Melhor que ceder ao desejo de voltar a Park Lane e implorar ao marquês que a possuísse novamente.

Mas agora ele não estava em Londres, e sim muito perto. No quarto ao lado. E ele estava dormindo como um bom cidadão britânico. Durante o jantar foi muito atencioso, mas não tentou continuar com seus avanços, e nem reiterou a sua proposta. Certamente ele pensou melhor e percebeu que a decisão de casar-se com a filha do famoso Peter Mayhew, infelizmente não era muito inteligente.

E poderia culpá-lo?

Um clarão iluminou o quarto. Dez segundos depois, veio o trovão, mas com menos violência do que antes. A tempestade que os acompanhava desde Lynn Regis começou a diminuir. Com um pouco de sorte poderiam continuar a viagem pela manhã.

Seria melhor dormir, ela pensou. O caminho que a esperava era longo e desgastante.

Mal tinha fechado os olhos quando um ruído a alertou. Não foi produzido pela chuva, nem era um trovão. Sentou-se novamente tentando ver algo na escuridão. Teria sido um rato? Mas esta pousada parecia estar bem conservada em comparação com as outras. E ela observou que ali eles possuíam vários gatos. Mesmo assim, até Lady Babbie às vezes, deixava um ou outro. Esticou a mão em direção ao chão, pegou a bota e jogou em direção ao barulho.

– Ai!

Ai? Os ratos não diziam "*ai*". Ouviu outro som, sem dúvida, devido ao barulho da bota quando caiu no chão. Então veio a voz de lorde Wingate no escuro.

– Droga, Kate! Sou eu!

Terminou de abrir a porta que ligava os dois quartos e que ela não teve a precaução de fechar com chave. Ela insistiu em que ficassem em quartos separados e Burke aceitou sem questionar.

Agora ela entendia o porquê. Eles estavam em quartos separados, mas havia uma porta de comunicação entre os quartos.

Houve o som de um fósforo e o quarto iluminou-se. Burke trouxe uma vela e a levantou para olhá-la sob a luz da chama. Kate recordou-se tarde demais que estava nua e rapidamente cobriu-se.

– O que você quer?

Desviou o olhar ao ver que a camisa que ele vestiu apressadamente, mostrava seu peito nu.

– Pareceu-me ouvir que chamava.

– Não, não o chamei.

A verdade é que não estava certa de não ter feito isso, porque ela estava sonhando antes de acordar e era muito possível que tivesse gritado o nome dele no ponto de maior excitação.

– Kate, – disse ele depositando a vela na mesinha de cabeceira, – ouvi muito bem, eu estava lendo e...

Quanto mais ele aproximava-se da cama, mais ela cobria-se com os cobertores.

– Talvez, mas eu estava dormindo, – ela admitiu relutantemente. – Desculpe-me se o incomodei.

Ao invés de afastar-se e regressar ao seu quarto, ele sentou-se na beirada da cama, apoiando os cotovelos sobre os joelhos e cobrindo o rosto com as mãos.

– Não tem importância, afinal eu não estava dormindo– disse ele. – Com essa chuva, não vamos poder chegar a tempo, Kate...

Isabel. Foi por isso que ele estava lá. Para falar sobre Isabel.

– Não! Nós a encontraremos a tempo, – disse ela, com uma segurança que estava longe de sentir.

– Não. É muito tarde e ela será obrigada a casar-se com ele. Aninhado em si, parecia afundar sob o peso da culpa e da tristeza.

Comovida a despeito de si mesma, Kate colocou a mão em seu ombro. A situação era muito mais séria do que ele pensava, já que Daniel Craven nunca se casaria com sua filha.

– Não necessariamente. – Disse com falso otimismo– Isabel é muito teimosa, mas ela não é boba, lorde Wingate.

– Pelo amor de Deus, Kate! Chame-me pelo meu nome! Não estou suportando ouvi-la chamar-me de lorde Wingate. Parece muito frio e distante.

– Sim. – Admitiu Kate depois de uma hesitação, – Burke, você explicou para sua filha o que acontece... entre um homem e uma mulher?

– Claro que não. – Ele murmurou. – Eu pensei que você tivesse dito.

– Eu? Claro que não! Como você pode...

– Segundo Isabel, você falava com ela sobre tudo. A ensinou a vestir-se e a pentear-se. Pensei que...

– Lorde... Quero dizer, Burke. É o trabalho dos pais contarem aos filhos esse tipo de coisa.

– Bem, eu não fiz, certo?

Ele virou-se para ela. À luz da vela, suas feições pareciam mais viris do que nunca... e está masculinidade parecia irresistível.

– Nunca passou-me pela cabeça, – continuou ele. Fui eu que cuidei dela desde que era um bebê, eu a banhava, a vestia e a alimentava. Eu não podia fazer tudo. E você a conhece. Agora só posso dar a opinião, se o vestido que ela usa é adequado, de modo que mencionar um tema tão sensível... Enfim, ela nunca demonstrou a menor curiosidade sobre o assunto e eu pergunto quem poderia ter dito isso a ela. Algumas questões são difíceis para um homem falar com sua filha.

Ela estava prestes a retirar a mão do ombro para colocar no rosto dele, apesar de sua barba.

Lembre-se! Repreendeu-se a si mesma, e abaixou os olhos.

– Bem, vamos esperar de que, no caso de Daniel Craven tentar algo com ela, Isabel sintasse tão chocada que o abandonará.

Ela sentiu o olhar dele fixo sobre ela, mas não teve coragem de enfrentá-lo.

– Perdão?

– Naquela noite, no jardim. Era ele e não lorde Palmer como eu imaginava. Por que você não me alertou sobre este erro?

Kate engoliu com esforço, surpresa com essa mudança brusca de assunto.

– Isso não importa agora.

– Importa para mim, – ele insistiu. – Por que não me disse nada? Ela lambeu os lábios, que ficaram muito secos de repente.

– Eu estava com medo... Eu temia que fosse... matá-lo... Me pareceu que você não precisava de outro escândalo em sua vida.

– Você quis me proteger? – Perguntou incrédulo. – Você deixou que eu tivesse o pior pensamento para me proteger? A mim?

Ela cometeu o erro de olhar para cima.

– Você e Isabel. – O corrigiu para que não imaginasse que só havia feito por ele. Porque caso

contrário, poderia imaginar que era importante para ela. Isso não era verdade. Não. Absolutamente não.

Burke a fitava intensamente e ela duvidava que acreditasse por muito tempo. Seu olhar penetrante parecia atravessar a fachada de indiferença que Kate levantou com cuidado, assim como ele parecia ver através dos lençóis que estava erguido até o queixo. Kate sabia que isso não a protegeria contra o que esperava com nervosismo e impaciência, ao mesmo tempo.

– Então, Kate, você deve me amar um pouco, – murmurou com muita ternura. Quero dizer, se você quis me proteger do escândalo...

Por que não conseguia desviar o olhar? Agora que seus olhos pareciam tão perto, ela reparou que eles não estavam totalmente verdes, mas sim com pequenas manchas douradas.

– Certamente, – admitiu ela. – Eu precisava fazer isso.

– Mas agora não, – disse ele estendendo a mão para os lençóis que ela agarrava.

– Não, não, – disse ela, agarrando com mais força.

– Então porque você está aqui? Ele puxava os lençóis lentamente.

– Eu já disse. Por Isabel.

Ela não pode dizer mais nada, porque Burke cobriu a boca de Kate com um beijo completamente diferente do que havia dado esta noite na biblioteca. E também foi diferente dos demais, mais macio e prolongado, daqueles que deu mais tarde no quarto.

Nem poderia compará-lo aos que haviam trocado na carruagem. Ele não era comparável a nada que já tenha sentido. E enquanto Burke a beijava, ela compreendeu o que significava aquele beijo e que até então não tinha conseguido identificar.

Era a paixão causada pela separação.

Com certeza era isso, porque ela também sentia. Ele traduzia o desejo e a saudade que a dominou todo o tempo em que eles ficaram separados. Seu corpo tinha preservado a memória do cheiro, ternura e paixão que havia dado muito prazer a ela. E tudo que Kate queria, era repetir a experiência.

Por isso não protestou quando Burke puxou o lençol completamente e sua língua empurrou a barreira dos seus lábios. Ela estendeu a mão cegamente pousando em seu torso nu na abertura do robe que ele vestia... Acariciou esse peito musculoso e aveludado, enquanto ele agarrava um dos seios.

E é isso... Ela estava perdida.

Era tão fácil render-se a ele e ceder aos seus beijos cada vez mais exigentes. Muito mais fácil que lutar contra ele. Também o que adiantava lutar apenas para obter uma simples satisfação moral? Para quê? Quando seus dedos davam a ela um prazer tão intenso, quando apertavam suavemente os mamilos antes de descer para a barriga, arrancando dela, pequenos gritos muito

fracos de protesto? Ela estava sendo vítima de um assalto sensual, projetado para fazê-la esquecer tudo o que acontecera entre eles, independentemente do enorme prazer que ele deu a ela antes.

Reconheceu de novo seu inebriante e incomparável cheiro, que lembrava um pouco a musgo. Os toques maravilhosos de seus dedos...

Abriu mais seu robe para deslizar a mão e soltar o cinto que resistia. Ele, é claro, não teve dificuldades como ela, pois estava nua sob os lençóis. Agora, a boca de Burke desceu sobre sua garganta e colocou os dedos sobre os seios.

Ela não desistiu. Como ela não podia desfazer o nó do cinto, contornou o obstáculo dirigindo a mão ainda mais para baixo e fechando-a sobre o pênis. Burke, cuja língua estava ocupada com um mamilo, grunhiu suspirando antes de levantar a cabeça e os olhos. Então, ela aumentou a pressão da mão, só para ver o que acontecia.

Imediatamente, ele pegou sua mão e a imobilizou no travesseiro ao lado de sua cabeça.

– Quer que eu acabe antes de começar?

Kate, com a mão livre, tentou novamente soltar o cinto.

– Tire-o.

Sem fazer-se de rogado, ele livrou-se do cinto e da bata, colocando uma perna entre as de Kate para separá-las, enquanto suas mãos estavam retornando para cuidar de seus seios. Então apoderou-se de seus lábios com paixão, revelando a urgência de seu desejo, como se sua ereção não fosse suficiente para demonstrar a intensidade da sua paixão.

Mais uma vez, o corpo de Kate escapou de seu controle e reagiu instintivamente ao cheiro e a sensação do corpo que a esmagava como ela queria. Ela arqueou-se contra ele, para sentir melhor a união dos dois sexos.

Burke emitiu um som inarticulado e entrou tão profundamente quanto possível, perdendo-se em seu interior morno e quente, deliciosamente estreito. Ela ofegou, como da primeira vez e cravou as unhas em seus ombros, enlouquecida, agarrando-se a ele como um náufrago em uma tábua.

E possivelmente, essas unhas eram o único ponto de ligação com o mundo, de repente varrido pelo furacão do desejo. Ele começou a entrar e sair dela com um movimento que transformou os dois em loucos. Era como uma sucessão de ondas, impulsionada pela ressaca do mar, colidindo contra eles, avançando, afastando-se e voltando novamente...

A cada retorno da onda, Kate arqueava-se para ir ao encontro dele, que afundava-se mais e mais dentro dela. Mais forte e mais fundo. Mais e mais.

Não ficou preocupado se a força de suas estocadas estava assustando Kate e abandonou todo o confinamento que o prendia até então. Já não conseguia controlar a violência de seu desejo. Ela foi a primeira a atingir o orgasmo. Soltando os ombros, foi levada pela correnteza. Absorvendo

redemoinhos em uma espiral, antes de lançar-se novamente para a paz.

Permaneceu ali, ofegante, apenas consciente de que ele foi arrastado com ela e tentou recuperar o fôlego, o seu coração batendo furiosamente contra ele.

Quando abriu os olhos, a vela foi consumida. Deitada no escuro, ouviu a tempestade que trovejava na distância. A chuva havia parado de bater nas vidraças. A tempestade acalmou, tanto dentro como fora do quarto.

Como se tivesse acabado de tomar conhecimento desta paz, Burke saiu da cama e afastou-se. Kate estava prestes a protestar dizendo que sentia o ar frio em sua pele, mas um segundo depois, ele a cobriu com os cobertores e a colocou contra seu corpo, prendendo-a em seus braços.

Havia coisas que teriam que conversar, ela pensou, sonolenta. Teria que lembrá-lo de que, apesar do prazer que eles acabaram de compartilhar, ela não havia mudado de ideia...

– Shhh... – Sussurrou Burke em seu ouvido, como tivesse adivinhado o que ela estava pensando.

Ele soprou uma mecha de cabelo que caía sobre seu rosto e deu nela um beijo de boa noite.

Demasiado cansada para lançar o menor protesto, Kate fechou os olhos.

Capítulo vinte e sete



Burke estava sonhando. Ele sabia que estava sonhando, porque havia um peso sobre seu peito. Ele abriu os olhos. Kate estava dormindo ao seu lado com a cabeça apoiada em seu coração. Seu cabelo estava espalhado como uma cascata de ouro.

E uma mecha de cabelo fazia cócegas em seu queixo.

Não, não era um sonho, porque eles não estavam no seu quarto enorme em Park Lane, e sim em um pequeno quarto de teto baixo, em uma pousada da vila. Ele podia ouvir a mulher do estalajadeiro preparando o café da manhã no andar de baixo. Olhou através da pequena janela. Estava começando a amanhecer, ou pelo menos, era o que parecia, porque era difícil dizer com o nevoeiro que estava fazendo. A chuva havia parado, mas estava tudo muito cinza lá fora e aparentemente, fazia frio. O outono realmente chegou. Mais uma razão para ficar na cama.

Mas era impossível, porque teriam que procurar Isabel. Conforme o tempo passava, mais difícil ficava para encontrá-la. Embora, com uma névoa assim, não era muito provável que fosse a lugar algum tão cedo.

A impotência o consumiu, mas pelo menos ele tinha Kate.

Sua beleza não deixava de surpreendê-lo. Certamente não possuía a beleza clássica de Sara Woodhart. Com exceção de seu enormes olhos cinzentos, não poderia ser qualificada para responder ao conceito tradicional de beleza. Seu cabelo era de um loiro difícil de definir, era baixinha e magra, quando o que estava na moda eram curvas generosas.

No entanto...

No entanto, sua pele era perfeita, lisa e acetinada, pálida como um botão de rosa branca que tivesse acabado de abrir. Sua cintura era tão estreita que podia rodeá-la com as mãos sem problemas. Ela possuía longas pernas finas, os tornozelos finos e encantadores pezinhos. E entre suas pernas havia um triângulo de seda que o cativou mais do que qualquer um que ele já tivesse conhecido. Quando estava dentro daquele ninho quente e macio, não sentia vontade de sair.

E isso não era tudo. Suas mãos eram tão pequenas que desapareciam dentro das dele. Mãos de uma artista, bailarina ou musicista. Quando percorria seu corpo com elas, imaginava sempre que ia enlouquecer.

Quanto à sua boca, ele poderia desenhar o contorno perfeito dos lábios com os olhos fechados. Naquele momento ela estava dormindo tranquilamente ao seu lado. Passou a ponta do dedo por ela. E adorava estar ali com seus seios pressionados contra ele.

Inclusive, gostava muito porque ele sentia que seu sexo começava a aumentar de tamanho, sob o cobertor. Desta vez não ia levantar-se com o desejo insatisfeito. Decidiu resolver de imediato, mas em vez de ir para cima de Kate, teve outra ideia. Ele deslizou-a sobre ele até que ficou montada sobre ele. Claro, que ela acordaria com esse movimento. Levantou a cabeça e piscou os olhos para a luz da aurora.

– O que...

Ele colocou as mãos firmemente sobre sua cintura e entrou nela lentamente. Ela ofegou, como ela fazia todas as vezes que ele entrava nela.

– O que está fazendo?

Ele mostrou a ela, movendo os quadris para frente e ela respirou fundo várias vezes com espanto. Assimilou rapidamente as instruções movendo a pélvis e ganhou um grunhido como recompensa. Um grunhido selvagem reverberou ao redor das coxas e da cintura de Burke. Ele, sem se mexer, gostando tanto do vai e vem dela sobre seu eixo, de cima para baixo, de baixo para cima, como o espetáculo de seus cabelos caindo como uma capa gloriosa nas costas e seus pequenos seios apontando para o teto. Ele quis tocá-los, mas de repente não conseguiu ficar parado mais tempo. Ele agarrou os quadris de Kate, arqueando-se para ir ao encontro dela, encadeando uma série de investidas violentas, arriscando-se a parti-la em duas.

Mas Kate não era tão frágil quanto parecia. Respondeu a cada uma de suas estocadas, gemendo, arfando, maravilhada por encaixar-se perfeitamente ao corpo e ao ritmo dele, comovida por essas divinas sensações que ela nunca havia conhecido antes.

Logo, as ondas de prazer tomou posse dela. Tentou resistir, atrasar um momento. Sua mão procurou alguma coisa às cegas, algo pudesse mantê-la à beira do êxtase, mas era tarde demais. Arqueou-se jogando a cabeça para trás e os cabelos acariciaram os joelhos de Burke.

E abaixo dela, ele viu tudo, viu o seu clímax, deleitando-se com a forma como seus lábios entreabertos deixaram sair um grito suave, indefeso... então ele se reuniu com ela. Gemendo e tremendo dos pés à cabeça pelo efeito do prazer que corria através de seu corpo, enquanto a inundava com a sua semente.

Quando Kate voltou a si, estava deitada em seu peito. Ele olhou e viu seus cabelos espalhados à sua volta como um véu de seda. Burke estava sorrindo. Ela quis prendê-los, mas ele a deteve.

– Não. Eu adoro seus cabelos.

Ela respondeu com um longo beijo.

Meia hora depois, quando ele voltou depois de ir perguntar ao cocheiro sobre as condições da estrada, a encontrou na mesma posição que a havia deixado, mas com um humor completamente diferente.

Ele não sabia que durante sua ausência, ela sentiu uma náusea violenta, e não foi capaz de

aliviar-se porque não havia nada no estômago.

– Kate? Você não vai levantar?

– Vá embora.

Oprimido, parou no lugar, bem vestido e cheio de energia, enquanto ela continha com esforço, um novo acesso de náusea.

– Kate... – disse ele novamente com paciência. – Temos que ir...

– Vá embora – repetiu ela, apoderando-se da bota que atirou em Burke na noite anterior.

Ele recuou rápido e desceu para o desjejum perguntando que bicho havia mordido Kate e quanto tempo ela ia demorar para sair. O caminho para a Escócia, como disse o cocheiro, estava em más condições, mas não era impraticável... Caso viajassem rapidamente, chegariam ao seu destino ao anoitecer. Mas eles não conseguiriam se permaneceram na pousada.

Havia terminado de tomar café, quando ela apareceu. Ela sentou-se em frente a ele, sem dar qualquer explicação para seu comportamento estranho e rejeitou o prato de bacon e ovos mexidos que ele oferecia. Ela simplesmente pegou um pedaço de pão e uma xícara de chá. Tão logo terminou disse a Burke que estava pronta para ir, mas seu tom precisava de convicção.

Ele atribuiu esse comportamento estranho à vergonha pela noite que acabaram de passar. Afinal, fizeram amor sem inibições. A presença de outros clientes, só conseguiu aumentar o seu desconforto.

Apressou-se a pagar o senhório e trazer Kate para a carruagem para terminar com seu desconforto. Mas ficou decepcionado quando, sentado ao lado dela e colocando o braço sobre seus ombros, a sentiu tensa.

– Por favor, sente-se na minha frente. – Disse ela. Ele a olhou incrédulo.

– Kate, você não vai começar de novo, certo? Pensei que tivéssemos solucionado tudo.

– Solucionado? Não creio que tenhamos solucionado nada. Eu concordei em ir com você para ajudar sua filha, nada mais.

– Então porque você me chamou ontem à noite?

– Eu disse a você. – Então ela virou-se para a janela: – Eu estava sonhando.

– Bem, você deve pensar cuidadosamente sobre seus sonhos, Kate. Eles podem estar dizendo coisas que você não é capaz de dizer. Que me ama, por exemplo, e que concorda em casar-se comigo.

Ela balançou a cabeça sem dizer nada.

– Eu entendo que apesar de ontem à noite, para não dizer no que aconteceu esta manhã, ainda se recusa a casar-se comigo?

– De fato.

Nunca antes, ele teve tanta vontade de quebrar alguma coisa. Ele cerrou os punhos.

– Pequena hipócrita.

Ela finalmente virou a cabeça e o desafiou com seus olhos cinzentos.

– Hipócrita? – Perguntou.

– Esta é a palavra certa. – Respondeu com uma calma, que surpreendeu a si mesmo.

– Adequada para quê?

– Para definir o seu comportamento, Kate. Você diz que não quer saber nada sobre mim, mas quando fazemos amor, parece que você gosta. Uma vez que não pago a você para fazer-me esse tipo de serviço, deduzo que me queira pelo menos um pouco. Assim, sua atitude me parece hipócrita.

Nesta manhã, ela estava pálida, mas agora estava lívida. E em seguida ficou vermelha.

– Eu... é porque você... Se você não tivesse...

Furiosa por estar gaguejando, parou de falar e abaixou os olhos.

– É tudo sua culpa. Se você tivesse ido para a cama quando pedi... Como você quer que eu resista quando você é tão... tão... irresistível? – Terminou com um sussurro.

– Kate.

Seus punhos se abriram e o nó em seu estômago amenizou-se. Não foi o que havia confessado que o tranquilizou, mas sua maneira de dizer, com lágrimas na voz, o rosto corado, a incapacidade de encará-lo sustentando o seu olhar. De repente ele entendeu o motivo de sua raiva.

Queria segurar sua mão, mas absteve-se. Já havia conquistado uma vitória quando Kate fez esta confissão.

– Kate – repetiu. – Você dá-se conta do que acaba de me dizer? Se isso for verdade, como pensa em não casar-se comigo?

Para seu grande espanto, Kate deixou escapar um soluço. Virou a cabeça para escondê-la com a borda do chapéu, mas já era tarde demais. Os soluços sacudiam seus ombros.

Instintivamente, Burke correu na direção dela, mas Kate refugiou-se num canto, o mais longe possível dele.

– Pelo amor de Deus, fique em seu lugar e deixe-me em paz!

Burke obedeceu, mas apenas porque o comportamento de Kate não era normal. Ele voltou para seu lugar e ficou olhando, querendo saber o que poderia ter acontecido durante a noite ou pela manhã, quando ela foi deixada sozinha, para que a doce e razoável Kate, se tornasse tão irracional e imprevisível. Até hoje, ao contrário das outras mulheres que ele conheceu e até sua própria filha, Kate nunca teve mudanças de humor, nem costumava enfurecer-se.

A menos, claro, que tivesse uma boa razão para seu comportamento.

Era impossível reprová-lo ainda que apresentasse proposta para ela tornar-se sua amante.

Não só pediu desculpas, mas ele também havia pedido para ela casar-se com ele.

Não, a explicação teria que procurar em outro lugar. Mas onde? Não acreditava que ela fosse rancorosa. Se fosse, nunca teria concordado com ele em encontrar Isabel.

Bem, logo ficaria bem.

Quando tudo acabasse, quando, se Deus quisesse, Isabel recuperasse o bom senso antes de casar-se com Craven, ele ocuparia-se de consertar as coisas.

Capítulo vinte e oito



Era mais de meia-noite quando chegaram a Gretna Green. Kate dormiu por um tempo, um sono agitado e não acordou quando a carruagem parou.

Mas agora, uma mão em seu ombro a estava sacudindo novamente.

– Kate, acorda, – murmurou o marquês no ouvido dela. – Chegamos.

Ela virou as costas com mau humor, que não era uma tarefa fácil, considerando a estreiteza do banco e ao volume da saia. Mas ao menos ela estava mais confortável do que tinha sido durante toda a viagem.

– Eu não. – Respondeu: – Deixe-me dormir.

– Você não pode dormir na carruagem, Kate.

A voz de Burke mostrava algo indefinível, que através das névoas do sono, a ela soou como uma espécie de indulgência divertida.

Eu não sou uma criança, só estou cansada! Ela queria responder, mas estava comportando-se como tal. Por que não poderia deixá-la dormir?

Em seguida, Burke passou o braço em suas costas e o outro sob os joelhos, levantando-a e saindo da carruagem.

Kate acordou imediatamente. Nervosa porque ele a moveu, deu um soco no peito dele.

– Deixe-me no chão! Eu não sou uma inválida, eu posso andar. Ele olhou para o chão.

– Mas Kate...

– Estou dizendo para deixar-me no chão!

Burke suspirou e obedeceu. Kate imediatamente afundou até os tornozelos em uma grande poça de lama.

– Ah! – Disse levantando a barra do vestido e olhando seus pés molhados. Burke seguiu seu olhar enquanto ela mexia o tornozelo de um lado para outro examinando os danos à luz das janelas da estalagem.

– Eu tentei avisá-la. – Ele comentou divertido: – Mas você me bateu!

– Eu sei.

– Insistiu para que eu a colocasse no chão.

– Eu sei.

– Se o meu contato não fosse tão insuportável, eu poderia ter levado você até a pousada.

– Eu sei, – ela repetiu com os dentes cerrados. A lama era realmente gelada.

O marquês suspirou, abaixou-se e a levantou novamente nos braços.

Desta vez Kate não protestou. Rodeou o pescoço de Burke firmemente com os braços, enquanto ele atravessava o pátio do estábulo; ele subiu as escadas até a pousada, e entrou numa sala onde uma lareira proporcionava uma luz dourada.

Quando os jovens que estavam reunidos na taberna voltavam-se para olhar para eles, escondeu o rosto contra o peito de Burke. Ele começou a rir baixinho.

Bem, ela possuía o dom de diverti-lo! Não era algo espantoso?

– Não é engraçado, – resmungou, com o nariz escondido em seu casaco.

– É verdade, – admitiu ele começando a subir as escadas que conduziam aos quartos. – Mas você é

– Não, eu estou desconfortável e cansada.... E eu estou com fome, molhada e... e em um estado lastimável. Não tenho nenhum desejo de ver as pessoas.

– Não se preocupe. Pensam que estamos casados.

Ela levantou a cabeça imediatamente.

– Sêrio? Por quê?

– Bem, porque foi isso que eu disse quando me disseram que só havia apenas um quarto... Precisamente este aqui.

Ele abriu a porta e a deitou num sofá confortável na frente da lareira cujo calor foi feito para lembrá-la de que não só estava com fome, cansada e molhada, mas que também estava com frio.

– Agora vem o jantar, – disse ele tirando as luvas e o casaco. – Talvez não seja muito abundante a esta hora da noite, mas o proprietário falou que sua esposa sempre mantém uma ou duas tortas de carne reservadas. Enquanto não nos servirem está especialidade escocesa, tripa de cordeiro recheada... estará tudo bem,

Kate estava se aquecendo na lareira com inegável prazer, assombrada por receber tal luxo depois de todo desconforto anterior. Teria que tirar as botas, encharcadas de lama, mas levaria um tempo considerável para tirá-las, porque os cordões estavam molhados.

Bateram à porta.

– Deve ser o jantar, disse Burke.

Mergulhada em uma espécie de letargia, Kate bocejou. Afinal, não precisava preocupar-se com o fato de passar uma segunda noite na cama do marquês. Dormiria lá no sofá mesmo. Portanto, não seria necessário tirar as botas. Secaria diante do fogo ao mesmo tempo que seus pés.

– Beba a isto, – disse ele colocando um cálice embaixo do nariz de Kate e que exalava um cheiro delicioso.

– O que é isso? – Perguntou, tomando o cálice e preparando-se para molhar os lábios.

– Rum com manteiga quente.

Ela fez uma careta e devolveu o cálice.

– Você ficará melhor depois de beber isto, insistiu Burke.

– Eu me sinto ótima, mas eu não estarei amanhã, se eu tomar isso.

Ele levou a bebida com um olhar de desaprovação. Kate começou a relaxar quando Burke voltou. Desta vez, ele ajoelhou-se ao lado do sofá e pegou seu tornozelo esquerdo.

– O que... O que você está fazendo? – Disse ela dando um pulo.

– Você não pode ficar com botas molhadas, Kate.

Colocando o pé de Kate sobre a coxa começou a soltar o cadarço.

– Você poderá ficar resfriada, – disse ele.

Ele estava certo, depois de todas as coisas ousadas que havia feito. Mas, no entanto, ela estava ofendida....

– Você não pode...

Ao compreender consternada que estava falando alto o suficiente para acordar todo o hotel, baixou o tom de sua voz.

– Você não pode tirar minhas botas, como se nada tivesse acontecido.

– Eu acho que sim.

– Não. Também não pode dizer a todos que somos casados, quando você sabe perfeitamente bem que não é verdade.

– O que você gostaria de ter feito, Kate? – Ele perguntou com calma.

– Bem, certamente esta não é a única pousada em Gretna Green. Você poderia ter procurado uma que tivesse dois quartos disponíveis.

– Depois da meia-noite? Com este tempo? No meio da temporada de caça? Ele lançou a ela um olhar zombador e concluiu:

– Enfim, nós terminamos na mesma cama.

– Burke! Ontem à noite nós cometemos um...

– Erro. Sim, eu sei. E esta manhã também. Expressou seus sentimentos sobre isso muito claramente. Gire um pouco seus pezinhos, meu coração.

– Ah, outra coisa! Você não pode me chamar de "*meu coração*". Eu não sou "*seu coração*".

Ele já havia removido a bota e naquele momento estava deslizando a mão na direção de sua coxa.

– O que você está fazendo? – Perguntou Kate tentando remover o pé.

– Eu estou tirando sua meia. O seu tornozelo, está encharcado.

Ele estava certo. Ela não poderia contradizê-lo, mas ela inclinou-se para remover a meia. Obviamente, demorou um pouco para alcançar as ligas anexadas ao seu espartilho e a crinolina a mover-se em todas as direções. E ela estava muito cansada, e os dedos do marquês eram tão

quentes...

Sobre o que eles estavam falando? Ah, sim! Ela estava tentando entender como ele era estúpido para acreditar que poderiam ter um futuro juntos...

– Não sou seu coração – Acreditou por bem recordar, enquanto o marques tirava sua meia. – Sou a velha dama de companhia de sua filha e arruinou-me... e....

– Não a arruinei! – Ele interrompeu o que ele estava fazendo, – foi você que me arruinou.

Kate sentiu a respiração do marquês nas coxas dela através da calça de linho que a protegia, como o calor do fogo. Era um sentimento novo... desconcertante.

Com um orgulho inesperado em uma mulher distraída pela presença da cabeça de seu amado entre os joelhos, disse:

– Caso você tenha esquecido, eu era virgem. Por isso é impossível não ter arruinado nada.

Neste momento, ele estava enrolando a meia e acariciando a pele macia da perna.

– Que tipo de virgem era você, vagando pela casa à noite, vestida como você estava?

– Você está dizendo que eu não era virgem?

– Não, – ele disse removendo a meia. – Simplesmente que, para alguém que protege ferozmente a sua inocência, vestia uma roupa muito... sedutora.

Depositou o pé esquerdo descalço sobre uma almofada e tomou o direito.

– Sedutora! É a coisa mais ridícula que já ouvi na minha vida.

– A pessoa que arrasta a outra para o pecado usando sua sensualidade merece ser chamada de "*libertina*". O que faz você culpada, senhorita Mayhew. E não só é culpada de me levar a sua luxúria, mas principalmente por ter me abandonado no dia seguinte.

– Só fugi porque queria tornar-me sua amante.

– Além disso, quando eu pedi para casar-se comigo, sofri uma rejeição cruel, – ele continuou.

– Não me perguntou até descobrir que vim de uma família adequada.

Agora que já havia adquirido alguma experiência nesta área, ficou muito mais fácil desatar os nós dos cadarços e soltar os botões.

– Eu não queria ofendê-la, Kate, – disse ele levantando as saias para alcançar as ligas. – Mas, embora eu tenha certeza que amava seu pai e houve um tempo em que ele era um cavalheiro, morreu em circunstâncias um pouco... comprometedoras.

– Não é verdade. O que as pessoas disseram sobre ele não é verdade.

– No entanto, apesar dessas circunstâncias, eu ainda quero casar-me com você. Então diga-me como você explica isso?

– Porque você está louco.

Cada vez era mais difícil falar, pois os dedos de Burke estavam tocando novamente a parte interior de suas pernas. O toque a deixava mais quente, do que o calor das chamas.

– Mas eu estou saudável o suficiente para chegar à Escócia em tempo recorde.
– Só porque sua filha está prestes a sofrer a mesma sorte que eu.
– Não é verdade. Se você pensa que Daniel Craven ama Isabel metade do que eu a amo, aprovarei seu casamento.

Kate ficou subitamente muda. Ela limpou a garganta.

– É... é...

– É a verdade, – disse ele lentamente descendo a meia pela perna de Kate. – Você sabe que é verdade.

– Não. Eu não...

Ele a silenciou, quando colocou a boca onde suas mãos estavam momentos antes. Kate quase catapultou-se para fora do banco quando sentiu a mordida espinhosa de sua barba na altura da coxa, ficou tão assustada que quase caiu do sofá. Mas o toque dos lábios estava delicioso. Ela levantou a mão sem saber se queria impedi-lo ou pressioná-lo. Mas seus dedos deslizaram pelo cabelo de Burke, parecendo que o queria mais perto. Certamente não para afastá-lo.

– Burke...

O marquês em vez de parar, ficou excitado. Ele levantou as pernas de Kate ainda com metade das meias e sua boca movia-se sobre ela, beijando-a implacavelmente.

Seus dedos se moveram até à sua virilha e tocou no início como se por acidente, mas causando uma explosão de prazer que percorreu todo o corpo da jovem.

Então, ficou pressionando aquele lugar secreto que havia aguardado por tanto tempo, o seu toque. Ela crispou os dedos em seus cabelos. Não era mais capaz de pensar caso o estivesse machucando. A excitação a impedia de respirar e o coração parecia que ia sair do peito. Era sufocante.

A boca de Burke, em seguida, continuou onde suas mãos tinham parado e Kate percebeu que ela ainda tinha muitas coisas para descobrir. Nunca havia sentido nada parecido. Essa boca quente na parte mais sensível do seu corpo, esfregando sua língua no ponto mais vulnerável, o toque áspero de seu queixo contra a pele macia de sua coxa, tudo o que... era demais. Estava errado. Sim, o que ele fazia era tão maravilhoso que só poderia ser pecado.

Ela queria pedir que parasse. Além disso ainda tinha o chapéu. Senhor! Ter a boca de um homem entre as pernas quando seu chapéu estava ainda na cabeça, não podia estar certo.

Mas era difícil pensar com clareza quando essa língua e os lábios se moviam de forma que nunca imaginou ser possível. Parte dela queria afastar-se, fechar aquelas pernas vergonhosamente separadas e baixar a saia com expressão ofendida. Mas o outro, no entanto, só queria estar de novo no paraíso.

Ele tinha os braços em volta dos quadris, seus ombros largos preso entre os joelhos. Seu rosto

estava enterrado profundamente entre suas coxas. Ela agarrou o cabelo dele como uma âncora.

Então, quase desmaiou de prazer, Kate pronunciou o nome dele. Lentamente, em um sussurro. Mas ele ouviu. Enlouquecido, rendeu-se a esse apelo. Quando levantou a cabeça, o contato dele na sua pele queimava, estava prestes a fazê-la gritar de prazer.

Um segundo depois, levantou-a nos braços, com as saias em torno da cintura, e o coração batendo rápido. Sentiu que estava voando pelo ares e se agarrou aos ombros de Burke através das montanhas do tecido. Mas ele a depositou sobre a cama e colocou uma perna entre as dela. Através de uma névoa, viu que ele freneticamente desabotoava as calças, libertando seu sexo inchado de desejo.

Produzi esse efeito sobre ele... ela pensou.

Não foi possível ficar pensando, por que sem perda de tempo ele a penetrou. Ela suspirou, como se fosse a primeira vez. Com a potência de seu ataque, cortou a respiração de Kate. Depois de rápidos beijos, agora a possuía quase com violência, apoiando o seu peso sobre ela.

Era como se Kate estivesse esperando exatamente isso, preencher esse vazio com a sua masculinidade. Ele só tinha que entrar no seu corpo para levá-la a borda do êxtase. Foi por causa de seus lábios e da língua. Sim, foi por esse motivo e não porque ela queria. Não porque ele precisava.

Agora, sua boca estava em seu pescoço logo abaixo da orelha. Segurava suas mãos contra o colchão para que não o tocassem, como se fosse perigoso para ele. Ele afundou dentro dela mais forte, e ela arqueou-se para senti-lo melhor.

Bom, tudo bem. Ela o queria. Precisava dele. Desesperadamente.

As ondas do orgasmo a rodeavam, a sufocavam, e ela levantando seus quadris, soltou um grito. E então ele soltou seus pulsos, finalmente, e embalou seu rosto com as mãos, como seu corpo, e também, foi abalado com a liberação do clímax.

Quando, depois de um tempo, Kate recuperou o uso de sua voz, sentiu-se muito melhor do que havia sentido durante todo o dia.

– Eu nem sequer tive tempo para tirar o meu chapéu, – disse ela como se fosse o fato mais surpreendente de todos.

Burke levantou o rosto, que ainda estava esmagado no vão de seu pescoço, olhou os lábios inchados e os olhos cinzentos de Kate. Um fio de cabelos dourados escapou do chapéu, inclinou-se sobre o cotovelo e levou essa mecha de cabelo aos lábios.

– É indecente, – disse. – Da próxima vez eu vou ter que tirá-lo antes.

– Espero que sim, – disse ela, esquecendo-se que ela não queria pensar em ter um futuro com Burke.

Capítulo vinte e nove



A manhã do dia seguinte, Kate acordou sem saber onde estava.

Tudo que ela soube é que devia ser muito cedo, porque ainda não sentia-se enjoada. As náuseas sempre aconteciam lá pelas oito horas.

Ela esticou os braços buscando o pelo macio de Lady Babbie, mas encontrou algo mais áspero e abriu os olhos. Sua mão descansava no torso nu do marquês, que estava deitado nu em sua cama.

Na cama de qual dos dois?

Então ela lembrou-se de tudo o que havia acontecido na noite anterior e caiu sobre o travesseiro.

Estavam em Gretna Green procurando Isabel que queria casar-se com Daniel Craven e por isso havia fugido. O mesmo Daniel Craven que se apoderou de tudo o que era importante para ela e agora tentava fazer o mesmo com Burke Traherne. Os proprietários da pousada acreditavam que eles eram casados. Além disso, eles se comportaram como se fossem, supondo que todos os casamentos se dedicassem a estas...estas... Ela não podia imaginar nem por um segundo que seu pai e sua mãe fizeram...

Corando, ela decidiu pensar em outra coisa e naturalmente terminou pensando em Burke. Ele ainda estava dormindo, seu peito peludo subindo e descendo em seu sono pesado.

Burke. Era assim que ela pensava nele agora. Como Burke. Não como lorde Wingate. Como seu nome, Burke. Era um nome estranho, mais que um sobrenome de um nome cristão, e muito muito pequeno para o homem complexo que o mantinha. Burke.

Ela virou a cabeça na direção dele. Alguns fios brancos intercalavam entre os cabelos de sua cabeça e seu peito. Depois de tudo ele estava quase com quarenta anos. Sua filha já estava em idade de casar. Quantos anos ele tinha quando Kate nasceu? Treze.

Treze anos de diferença, não era muito, afinal de contas, e além disso, ele não parecia ter essa idade. Era tão alto e forte que parecia ter trinta anos. No entanto, com 36 anos não era velho e em qualquer caso, isso não o impedia de fazer... o que haviam feito várias vezes nos últimos dias.

Mas era necessário deixar de fazer, ela disse para si mesma tirando a mão do peito de Burke. Uma vez que encontrassem Isabel, não poderiam continuar fazendo. Não funcionaria. Ela não poderia casar-se com ele... Mesmo que estivesse morrendo de vontade.

Mais uma vez colocou a mão em cima dele. Possuía uma necessidade constante de tocá-lo, não

podia evitar. Por isso queria que ele permanecesse em frente ao seu banco durante a viagem. Quando estava ao seu lado, assim que a tocava, estava perdida. Ele a atraía irresistivelmente e essa atração poderosa a desconcertava.

Era patética.

Pensando que era melhor ficar longe dele, decidiu levantar-se, especialmente porque as náuseas não tardariam a fazer sua aparição. Não duravam muito tempo, de modo que se pudesse vestir-se sem acordá-lo...

Tarde demais. Acabou de colocar os pés descalços no chão gelado, quando ele abriu os olhos. Ele a segurou e de repente viu-se presa ao seu corpo e com as mãos entrelaçadas com as dele em cima da cabeça sobre o travesseiro. Burke olhou-a, segurando seu rosto a centímetros do dele.

– Você estava indo para algum lugar? – Perguntou calmamente, como estivessem em Park Lane e parados no corredor.

– Uhh... Não.

– Fico feliz em ouvir isso. Porque acho que esta é uma maneira bastante agradável para acordar, você não acha?

Kate não podia negar isso porque ele pressionou seu corpo quente contra o dela e começou a colocar uma perna entre as suas.

– Na verdade, é exatamente como eu queria acordar todas as manhãs. Com o polegar da mão livre, fez o contorno dos lábios de Kate.

– Quero dizer, em cima de você.

– Isso poderia ser...

Ele mudou um pouco de posição, ela percebeu que seu pênis já estava ereto, o que a surpreendeu e gostou ao mesmo tempo.

– Desconfortável. – Terminou ela de dizer.

– Desconfortável?

Ele colocou seus lábios nos dela, no lugar em que eles faziam uma charmosa curva.

– O que é tão desconfortável?

– Bem, você pesa um pouco.

– Ah, – disse ele beijando suas pálpebras, – eu posso remediar isso.

Um segundo depois, ele rolou para o lado e Kate viu-se montada nele sem saber como. Quando afastou o cabelo de seus olhos, viu que ela estava muito satisfeita consigo mesma.

– E agora? Você gostaria de acordar assim todas as manhãs? Em cima de mim? Ela sentiu sua ereção pressionada contra a sua barriga e para sua grande vergonha, uma onda de prazer correu pelo seu corpo. Aproveitando-se dessa reação mais do que bem-vinda, ele penetrou-a sem esforço.

– Ou, melhor ainda, comigo dentro. Como agora, – acrescentou levantando quadris para se

introduzir mais profundamente.

Kate estava prestes a lembrá-lo de que não estavam ali para fazer amor, e sim em busca de Isabel. Mas ela era incapaz de pensar de forma coerente.

Ele começou a acariciar seus seios enquanto movia-se em seu interior lentamente. Quando ele introduziu a mão pelo cabelo dela e a puxou para ele até que suas bocas se uniram, ela esqueceu todo o resto.

Sua língua forçou a barreira dos lábios forçando-os a se abrirem. Seu cabelo fazia cócegas em seus mamilos. Então ela começou a se mover sobre ele. Não muito. Sem dúvida, sem querer, mas o suficiente para fazê-lo deslizar as mãos sob as nádegas para incentivá-la a continuar.

Isso não era como ela tinha pensado em começar o dia. Será que este homem era insaciável?

Aparentemente sim.

E aparentemente, ela também. Porque estava agarrando-se a ele sem pudor, não só com as mãos e os lábios, e sim presa entre as coxas como estivesse montada em um garanhão.

Mas não era um cavalo normal, mas sim um cavalo alado. Ela sentia como estivesse voando cada vez mais alto, em direção as estrelas brilhando num céu de veludo preto e ela só teria que esticar seus braços para tocar nesse céu.

A ascensão acelerou-se fortemente e encontrou-se sob uma chuva de estrelas, uma cachoeira de diamantes difundindo ondas de prazer celestial. Ela abriu os braços para pegar tudo o que pudesse e riu com alegria.

Então ela abriu os olhos e percebeu que estava caída no peito de Burke e ele estava rindo. Ou pelo menos tentava rir, porque era difícil recuperar o fôlego pois seu coração batia com um ritmo frenético.

– Você está bem? – Ele perguntou.

Ela sentou-se como pôde, tirou o cabelo do rosto e fingiu surpresa.

– Claro que sim. Por que eu não deveria estar? Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo.

– Bem, você gritou tanto que eu achei que alguém fosse bater na porta pensando que você estivesse morrendo.

Kate saiu de seu lado indignada.

– Cuidado! – Ele protestou. – Quase destrói nossa chance de formar uma família.

– Não acho que devemos nos preocupar com isso, – disse ela secamente subindo os cobertores até o queixo.

Ele a agarrou pelos ombros.

– Kate, não vai me dizer que ainda se recusa a casar-se comigo depois do que aconteceu esta manhã?

Devia ser quase oito horas, por que Kate estava começando a sentir os primeiros sintomas de

náuseas.

– Não acredita que você deve pensar em encontrar sua filha, em vez de querer saber se eu quero ou não casar-me com você?

Ele abriu a boca mas não emitiu nenhum som. Então soltou-a e levantou-se. Kate estava piorando, mas não conseguiu impedir a sua admiração por este homem maravilhoso enquanto ele recuperava sua roupa e se vestia entre juramentos. Deixou o quarto sem dirigir um só olhar, e isso foi para ela muito bom.

Meia hora depois, quando ele retornou, Kate ainda estava deitada. Ele trouxe consigo um imenso tabuleiro, que desprendia um aroma de bacon e café, muito saboroso, em condições normais, mas terrivelmente desagradável para Kate naquele momento.

Burke fechou a porta com o pé.

– Venha comer Kate. É estranho, mas nunca pensei que você gostasse tanto de ficar na cama.

Ela cobriu a cabeça com os lençóis.

– Venha, venha, – ele insistiu; Não tenho o dia todo sabe? Eu tenho que achar Craven e não será fácil. A cidade não é muito grande, mas mesmo assim.....

A visão e o cheiro de bacon foram demais para ela. Tirando os lençóis e sentando-se na cama, inclinou-se para um lado da cama. Ela não conseguia vomitar porque não comeu nada até aquele momento, mas uma sucessão de espasmos sacudiu seu corpo e dobrou sua cintura com lágrimas de humilhação. Ainda mais percebendo que ele precipitou-se para ela, pousando uma mão fria em sua testa e afastando seus cabelos para trás, sussurrando palavras tranquilizadoras, enquanto Kate continuava a sentir espasmos.

Tentou afastá-lo, mas ele não se moveu.

– Relaxe. Sinto muito, Kate, não sabia...

Enquanto falava, ele afastava os cabelos de sua testa e de seu pescoço encharcados de suor e deixando-a com um pouco de ar fresco. Depois de algum tempo finalmente ela começou a ficar melhor. Passado alguns segundos, tentou novamente afastá-lo e ele caiu contra os travesseiros. Mas sentou-se ao lado dela, com seus belos olhos verdes escurecidos com preocupação.

– Por que você não disse nada, Kate? Ela balançou a cabeça sem responder.

– Eu devia ter percebido ontem, quando custou tanto a levantar-se. Ele olhou, sem qualquer simpatia neste momento, acrescentando:

– O que me faz dizer novamente: Porque não disse nada?

Kate tentou virar-se, mas ele estava sentado em cima do lençol. Então ela deu um puxão e ele afastou-se com um suspiro. Imediatamente, ela enrolou-se no lençol e virou para o lado. Era a única coisa que poderia pensar para suportar essa conversa que ela temia, desde o momento em que ele apareceu atrás do lençol pendurado na Casa Branca.

– Eu não queria dizer, – murmurou olhando para a parede.

– Porque, Kate? – Perguntou ele intrigado.

Ela gemeu impotente. Isso teria que acontecer, ela sabia. Se não tivesse dormido com ele, poderia esconder a verdade. Irritada com ela mesma, enxugou os olhos com as costas da mão.

– Você não entende?

– Não.

Sua voz ainda era delicada, mas estava cheia de incompreensão. Não fez um único de tocá-la e ela ficou ferida.

– Não, eu não entendo. Leva no ventre um filho meu e não pensava em dizer-me?

Ela foi incapaz de responder, porque se o fizesse, choraria.

– Será que ia me dizer ou não, Kate?

– Eu queria, mas... eu não podia. Porque eu não posso...

– Não pode o quê?

– Casar-me com você. É impossível, Burke.

Ele não parecia mais estar preocupado e sim completamente furioso.

– Mas por quê, diabos?

– Eu não voltarei.

– Para onde?

– Seu mundo. Para o mundo onde vivi antes.

– O meu mundo? Mas o que você está falando, maldição?

– A Londres. Você não pode saber o que foi quando acusaram meu pai de ter enganado esta gente. O povo, disse Kate, sacudindo a cabeça e olhando para a distância; Eles eram nossos amigos, ou assim diziam, mas nos deram as costas. Todos! Ninguém acreditou na inocência do meu pai. Ninguém pensou que fosse Daniel e não o meu pai que...

Ela parou segurando um soluço. Enquanto a olhava Burke então lembrou-se de que a senhorita Hinkle havia dito a mesma frase:

"Não voltará"...

Ele abriu a boca para dizer algo, mas ela continuou com um sussurro enfiado.

– E quando eles morreram... mesmo que o fogo tivesse sido declarado um acidente, todos acreditaram no boato de que meu pai cometeu o suicídio e matou a minha mãe ao mesmo tempo. Acreditaram que ele não podia suportar a vergonha. – Por fim, olhou para ele.

– Mas ele não fez nada parecido, disse ela com convicção; Não roubou o dinheiro e não provocou um incêndio. Eles não tinham o direito de acusá-lo! Entendeu Burke? Eu não posso nem consigo voltar a relacionar-me com elas. Foi necessário que você me oferecesse 300 libras para que eu aceitasse fazer isso para você. Mas agora... essa criança... eu penso sobre isso. Não

retornarei a esse mundo, mas eu sei que não posso pedir que o abandone.

– SÉRIO?

– Realmente. Eu prefiro criar meu filho sozinha, ao invés de fazê-lo rodeado por aqueles que permitiram que Daniel Craven...

Kate calou-se.

– Permitiram que Daniel Craven, fizesse o quê Kate? – Pediu suavemente. Quando ele voltou a olhá-la, não encontrou nenhuma frieza em seus olhos e nem raiva, apenas uma emoção muito parecida com o terror....

– Nada, – ela respondeu muito rapidamente.

– Kate, – ele insistiu que uma mão sobre seus dedos cerrados. – Diga-me. O quê permitiram que Daniel Craven fizesse?

Ela disse num sussurro, mas um sussurro que parecia rasgar o silêncio como se tivesse gritado.

– Cometesse um assassinato.

Capítulo trinta



Eles estavam andando por um caminho estreito. Para quem apenas observava, eles poderiam passar por um casal indo visitar amigos. Mas observando com mais atenção, poderia notar que o rosto daquele homem estava tenso e sua mandíbula apertada e a mulher segurava seu braço, nervosa.

– Aqui está! – Disse Kate olhando alternadamente, o papel em sua mão enluvada e os números de cobre pendurado acima da porta, sob a lâmpada de gás apagada. – Vinte e nove.

Burke pensou que a rua não era tão feia, mas também não era o tipo de rua onde esperava encontrar a filha e o amante.

Fosse esse amante ou não, um assassino.

Uma coisa o intrigava: tinha sido fácil demais encontrá-los. Para ser um homem acuado, Daniel Craven portou-se como se tivesse certeza de não passar despercebido. Kate estava falando com ele entre lágrimas, sobre ter sido Daniel Craven quem causou o incêndio que matou seus pais, quando lhes interromperam com uma batida na porta. O interlocutor era o homem a que Burke perguntou sobre as pessoas que tinham acabado de chegar ao povoado, enquanto pedia o desjejum.

O homem lembrou-se de que um casal que correspondia a descrição de Craven e Isabel, acabaram de mudar-se para uma casa perto dali.

– Eles acabam de alugá-la. – Disse Burke a Kate, que apressou-se em vestir, – e estão dentro da casa porque o leiteiro os viu há uma hora.

– Bem, – ela respondeu com uma coragem que estava longe de sentir. – Melhor irmos logo.

Mas agora ela estava muito menos corajosa. Quanto a Burke, estava com um desejo irresistível de quebrar alguma coisa.

– Suponhamos... – ele disse, olhando para a porta, – que ela se recuse a vir conosco.

– Ela virá, – disse Kate convencida.

– E se chegamos tarde demais?

Ela olhou para ele. Apesar da angústia que sentia, suas faces estavam rosadas e o nariz vermelho. A chuva havia parado de cair, mas o dia estava cinzento, frio e úmido.

– Se assim for, não irá matá-lo certo? Podemos estar na Escócia, mas existem leis de qualquer maneira. Você não pode cometer assassinato. Terá que pensar em Isabel, Burke.

Quando a ouviu dizer seu nome, teve o desejo de levantá-la em seus braços e cobri-la com

beijos. Um desejo louco de conter.

Mas lembrou-se da última conversa entre eles. Ela havia dito que estava grávida dele há dois meses. Dois meses! E caso Isabel não tivesse escapado, ele não tivesse ido buscá-la....

Kate tocou a campainha e o som ecoou dentro da casa. Após um minuto ou dois, ouviu-se o som de passos e a porta abriu-se, revelando uma criada muito jovem, com uma roupa grande demais para ela.

– Sim?

Burke teria gostado de falar, cuidar das coisas, mas só foi capaz de pensar no momento de esmagar o rosto de Daniel Craven contra o chão poeirento.

– Olá, – Kate disse gentilmente. – É a casa do Sr. Craven?

– Não, senhora. Voltou para Londres.

Burke não sabia até que ponto estava tenso até que sua companheira deu um grito de dor e ele tirou a mão que esmagava o antebraço de Kate.

– Voltou para Londres, – repetiu Kate contendo-se.

– Sim, senhora. Faz apenas meia hora. Não o viram por muito pouco.

Kate ficou aliviada com esta notícia e entendeu o quanto temia o confronto com Daniel. Burke entretanto estava assombrado.

– E a Sra. Craven? – Ela perguntou de novo, – também voltou para Londres com o Sr. Craven?

– A Sra. Craven? – Repetiu a moça perplexa.

– Não está acompanhado de uma moça?

– Ah, sim! Você se refere à Lady Isabel?

Kate sentiu um brilho de desprezo nos olhos da criada.

– Sim. A "a" Lady Isabel. Será que voltou para Londres com o Sr. Craven?

– Bem, claro que não! – Disse a garota, indignada, como se a ideia fosse tão absurda, como a de pensar que havia uma senhora Craven.

Kate começou a perder a paciência. Certamente não haviam contratado está garota por sua inteligência.

– Você pode nos dizer onde encontrar Lady Isabel?

A criada deu uma olhada rápida na escada estreita que estava atrás dela. Burke já não precisava pensar para tomar uma atitude. Ele empurrou a porta com violência, ignorando o clamor da criada e entrou sem cerimônia na casa.

– Onde ela está? – Rosnou olhando pelo feio corredor.

– Não podem entrar assim! Onde pensam que estão? O Senhor não vai sentir-se feliz, nada, nada...

Mas Burke já estava subindo dois degraus de cada vez. Kate o seguiu rapidamente apoiando-se no corrimão.

– Burke, espere!

O primeiro quarto parecia vazio. No segundo avistou um corpo caído em um sofá em frente à uma lareira cujo fogo estava quase no fim. Mal conseguia distinguir as suas características, com a luz escura das brasas. Mas os soluços que sacudia os ombros, só podia ser de Isabel.

No entanto, para surpresa de Kate, Burke não correu imediatamente para perto de sua filha. Ele ficou parado na porta, varrendo com os olhos o interior escuro do quarto. Vendo o olhar interrogativo dela, ele segredou:

– Eu não posso.

– Burke...

– Não. Ela não quer me ver. Você vai.

– Mas...

– Eu asseguro que é melhor.

– Burke, por favor...

– Nossa última conversa foi... um fracasso. Ela não quer me ver, eu garanto. Fale você com ela.

– Disse Burke.

Um brilho perigoso iluminou os olhos dele. Kate não insistiu mais.

Entrou no quarto lentamente tirando as luvas. Ajoelhou-se ao lado do sofá e colocou a mão sobre Isabel.

Esta deixou de soluçar e virou-se com os olhos inchados de lágrimas.

– Oh, senhorita Mayhew!

Ela pulou do sofá e lançou-se no pescoço de Kate, abraçando-a com tanta força que ela quase perdeu o fôlego, enquanto repetia seu nome entre lágrimas.

Kate alisou os cabelos emaranhados, tentando confortá-la o melhor possível. Depois de um instante, Isabel conseguiu falar, relatando sua experiência horrível, de maneira confusa.

– Quem dera a tivesse escutado, senhorita Mayhew! Mas ele era muito mais atento que Geoffrey e disse que me amava. Fiquei muito infeliz quando você partiu. Ele comportou-se como um cavalheiro, nós sempre estivemos em quartos separados. Mas não faz nem uma hora, ele anunciou que estava voltando para Londres sem mim. Não quis que eu o acompanhasse e disse que estava cansado das minhas exigências, que eu agia como uma criança mimada. Mas não é, senhorita Mayhew. Eu juro! Deixou-me aqui na Escócia! Graças a Deus você está aqui. Não sabia o que fazer. Papai nunca mais vai deixar que eu volte para casa depois que... Oh, senhorita! Como pôde, Daniel ser tão cruel? Por que ele fez isso?

Kate tentou tranquilizá-la, mas também perguntou-se a mesma coisa. Por que ele fez isso? Se

Isabel estava dizendo a verdade, o que ela não tinha nenhuma dúvida, dado o estado em que ela se encontrava, não só não havia se casado com ela, mas também não a tocou, pois eles não compartilharam o mesmo quarto em nenhum momento.

Ao contrário do que ela pensou, a atitude de Daniel Craven não foi nada "*cavalheiresca*", mas parecia suspeita. Daniel não era um cavalheiro. A princípio, ela pensou que talvez ele estivesse realmente interessada na jovem e não pelo dinheiro, e que a sequestrou porque esta era a única maneira de obter a mão de Isabel.

Mas não parecia ser o caso. Assim quais os motivos que o levaram a fazer tal viagem para finalmente deixar está pobre menina abandonada?

– Por que você acha que seu pai não quer saber de você? – Perguntou para

Isabel agitando-a um pouco. – Ele estava louco de preocupação. Isabel pegou o lenço que Kate deu e o passou nas pálpebras.

– Eu sabia que estava fazendo algo errado, mas não aguentava estar em casa com ele. Desde o momento que você partiu ele ficou como um leão enjaulado. Eu vi como ele comportou-se mal naquela noite, quando a surpreendeu no jardim.... com Daniel. Então, comportou-se pior comigo. Eu acho que ele a contratou para me encontrar, porque ele nunca mais vai querer me ver...

Consciente de que Burke estava ouvindo tudo, foi rápida a interrupção.

– Nada disso. Seu pai está aqui, na porta.

Com um arrepio no corpo, Isabel correu para a porta.

– Papai! – Exclamou atirando-se nos braços de Burke.

O reencontro foi tão feliz e emocionante que Kate optou por afastar-se para não interromper a intimidade entre pai e filha. Ela voltou ao saguão, onde a criada estava andando para trás e para frente furiosamente.

– Ouça, – disse ela: – Vocês não têm o direito de vir aqui desse jeito. Dan... Quero dizer, o Sr. Craven não fez nada de errado.

– Claro que não. – Respondeu Kate suavemente. – Ninguém aqui sugeriu algo parecido.

– Eu não sei o que ela disse, – continuou a outra, apontando para as escadas, – mas não é verdade. O Sr. Craven é um cavalheiro e não colocou um dedo em cima dela.

– Sim, é isso que eu entendi.

Kate ficou na frente de um espelho com uma moldura dourada, e colocou alguns fios de cabelo sob seu chapéu. Atrás dela, a criada pareceu relaxar um pouco.

– Então ela disse isso. É a verdade, não está interessado. Pelo menos não dessa forma.

Era óbvio que ela sabia a quem Daniel Craven preferia.

– Sério? – Kate perguntou virando-se, – eu acho que não me apresentei. Kate Mayhew.

A garota olhou para a mão enluvada que ela estendeu por alguns segundos antes de agitá-la

brevemente.

– Martha.

– Como está Martha? – Perguntou cutucando bolso como estivesse procurando algo.

– Eu estou bem.

– Não acha estranho que o Sr. Craven a tenha deixado tão repentinamente? Martha fez uma expressão altiva.

– Só foi a Londres para resolver alguns assuntos urgentes. Retornará no fim de semana. Ele prometeu.

Isabel não disse a mesma coisa.

– E lady Isabel também espera seu retorno?

– Ela? Claro que não! Ele disse que sua família estava chegando para apanhá-la e logo ela estaria fora...

De repente, percebendo que tinha falado demais, Martha fechou os olhos e fechou a boca com a mão, mas o pouco que tinha dito era suficiente para Kate. Ainda não sabia o que estava acontecendo com Daniel, mas o suposto sequestro escondia alguma coisa.

– Suba para pegar as coisas de Lady Isabel, por favor. Nós vamos sair assim que termine.

Martha, indecisa, balançou sobre seus pés.

– Então vocês são a família dela?

– Sim, nós somos a sua família, – concordou Kate.

Capítulo trinta e um



Fumaça.

Isso é o que acordou Kate naquela noite, anos atrás, o cheiro de fumaça. O cheiro a perseguia por vários meses e não só porque ela perdeu tudo o que possuía, ou pelo menos o que sobrou, que não queimou e o que os credores não levaram após a morte de seus pais. Tinha se tornado tão sensibilizada com o cheiro de fumaça que um simples bolo queimando, a fazia correr para a cozinha.

Mas agora, quando ela abriu os olhos, pensou que é muito difícil alguém estar assando bolos às três da manhã.

Porque essa era a hora no relógio da mesinha de cabeceira. Três da manhã. Tinha tido um sono agitado e não apenas por estar compartilhando a cama com alguém que estava roncando.

Não era o marquês de Wingate, não. Ele nunca roncou. Era sua filha, Lady Isabel.

Kate virou a cabeça no travesseiro perguntando a si mesma se devia acordar Isabel. Ela dormiu totalmente vestida, no meio de uma das muitas crises de lágrimas que tomou posse dela desde que ela foi encontrada. Ela possuía seu próprio quarto na pousada, é claro, mas parecia preferir o de Kate.

E a que se devia esse cheiro de fumaça? Era real ou um produto sua imaginação?

Ela tentou lembrar o que a manteve acordada muito tempo depois que Isabel já estivesse dormindo.

Não sabia o que era.

E não era o assunto sobre Daniel Craven. Burke já havia decidido a procurá-lo e enviá-lo para outro mundo. Kate tentou ressaltar que, apesar de seu comportamento imperdoável, não havia causado danos irreparáveis. Ele não mudou de ideia. Ia livrar-se dele uma vez que Daniel havia levado Isabel de Londres.

Kate não podia culpá-lo. Desta vez, Daniel ultrapassou o bom senso. Mas ainda não entendia por que ele havia fugido com Isabel. Ela não tinha ideia do que ele queria com a garota.

Bem, ela teve uma ideia, mas era tão ridícula, tão terrível, que ela recusou-se a pensar nisso.

Havia outra explicação, mais provável e mais fácil de suportar: Daniel queria ficar com a fortuna de Isabel, em seguida, renunciou a seus planos por algum motivo que só ele conhecia.

Mas por que incomodar-se com perguntas sobre o porquê de ter um homem como esse a ocupar sua mente, quando era outro que não a deixava dormir? Porque era Burke, que a impedia

de dormir.

O que ela faria?

Agora ela percebeu que eram realmente uma família, como havia dito a Marta. Ela não tinha como voltar atrás. Amava Burke tão desesperadamente quanto ele a ela e nunca poderia ser feliz sem ele.

Como poderia ela afastar-se do amor? Uma única coisa: sua relutância em enfrentar o seu meio, que agora parecia muito insignificante em comparação com um sentimento tão profundo e poderoso. Naquela época, ela não foi capaz de resistir ao sorriso zombeteiro, ao sarcasmo, aos olhos de desprezo. Ela agora iria com Burke até o final do mundo. Inclusive Isabel causava um carinho protetor e terno, quase como se ela fosse sua própria filha.

Então, desde que ficou consciente de tudo isso, ela percebeu que seu amor por Burke era mais forte que o ódio pela sua antiga vida, mas não conseguiu encontrar tempo para dizer a ele.

Depois que encontraram Isabel, não tiveram um só momento de intimidade e a atitude de Burke para com ela deixou de ser de um homem apaixonado. Ele era cortês e gentil, é verdade, mas nada mais.

Nem uma vez falou de sua proposta de casamento.

Como ele poderia ser culpado? Naquela mesma manhã, não contente em anunciar que estava grávida, ela disse que não queria casar-se com ele e disse a verdade sobre Daniel Craven. Uma verdade que recebeu com ceticismo. Mas, afinal, ninguém acreditou nem acreditava nela, então por que Burke seria uma exceção?

Ele não tornou a mencionar isso e só falava com ela o estritamente necessário. Toda a sua atenção estava voltada para Isabel, cujo fraco estado fez com que ficassem mais uma noite em Gretna Green. Retornariam a Londres no dia seguinte. Burke subornou o dono do hotel mais elegante da cidade para dar os três melhores quartos.

E nesse momento eram três da manhã e apesar do grande conforto do lugar onde estava, Kate não conseguia dormir. Ela comportou-se como uma tola e estava recolhendo os frutos da sua estupidez. Tudo que ela podia fazer era voltar para Lynn Regis, para a casa de Nanny Hinkle. O marquês forneceria os meios para atender às necessidades da criança e ela seria forçada a aceitar, porque ela não possuía meios de subsistência. Além disso, provavelmente ele ia querer ver a criança de vez em quando, e isso não a ajudaria a esquecê-lo.

Sentindo-se completamente infeliz, virou-se...

... E mais uma vez sentiu o cheiro.

Cheirava fumo. Desta vez, ela estava segura.

Isto não era cheiro de fogo, mas sim fumaça de cigarro. Alguém estava fumando nas proximidades.

Espantada, ela vestiu seu robe e levantou-se. Os três quartos que foram designados para o Marquês, ficavam no primeiro andar. Todos eles davam para um jardim e onde os clientes comiam quando o tempo permitia. A janela estava entreaberta e deixava entrar o vento frio do outono que trazia com ele o cheiro de fumo.

O coração de Kate pulou como um louco. Seria possível que fosse Burke, que foi para o terraço fumar um charuto, como ele gostava de fazer de vez em quando? Talvez ele não estava conseguindo dormir também.

Não hesitou mais e saiu.

A chuva havia parado de cair, mas o céu estava cheio de nuvens. Apesar de tudo, o luar estava clareando o suficiente para que Kate pudesse ver, embaixo no pátio, uma pequena mesa de ferro forjado e uma fonte.

Em qualquer caso, a origem do cheiro de tabaco era claramente visível, já que a ponta do cigarro brilhava no meio da noite e a fumante exalava, uma fumaça cinza azulada. Estava na porta de um terraço próximo, com os cotovelos apoiados no parapeito.

Não expressou nenhuma surpresa quando ela apareceu. Em vez disso, ele disse baixinho:

– Bem, é incrível. Eu estava pensando em como acordá-la sem perturbar a maldita criatura quando você aparece por si mesma. Bravo, querida!

Gelada até aos ossos, ela se agarrou ao casaco, mantendo-o fechado até o pescoço.

– Daniel... O que você está fazendo aqui?

A pergunta era desnecessária. Ela sabia que o motivo não tinha nada a ver com Isabel.

– O quarto do marquês é este: – ela disse rapidamente, sem saber se ela realmente estava dizendo que era o de Burke, ou que tinha sido atribuído a sua filha. – Ele está com raiva de você e o matará se encontrar você aqui.

– Eu sei, disse Daniel tranquilamente liberando nuvens de fumaça novamente.

– Certifiquei-me de que ele tivesse ido para a cama antes de vir. É incrível o que se escuta na cozinha de um hotel, – acrescentou ele, pensativo.

– Temos de reconhecer que você sabe como fazer isso. Tenho certeza de que Marta vai levar meses para recuperar-se de sua aparição em sua casa.

– Martha? Ah, sim, Martha! Uma pequena encantadora. Não tanto quanto a esposa do proprietário deste distinto hotel onde estamos, mas quase igual à do... gerente.

– Sim? Foi aquela mulher encantadora e acessível, que deu a chave do quarto ao lado do meu?

– Certamente, – Daniel falou descuidadamente. – Não foi fácil encontrá-la, Kate. Tentei contatá-la depois da conversa interessante que tivemos... quanto tempo agora? Três meses? Foi no baile de lady Tetmiller. Eu tentei continuar a conversa no jardim de lorde Wingate, mas... tive que abandonar abruptamente. Lorde Wingate não vê com bons olhos seus compromissos, não é

Kate? Como não tenho nenhum desejo de me tirem a pele e eu sabia que ele nunca poria fogo em você, eu escolhi mudar a forma de agir.

Kate o ouvia pensando que seu comportamento não devia surpreendê-la, mas sem dúvida ela estranhava um pouco.

Tudo é culpa minha, pensou ela. Tudo. Do início ao fim. Pobre Isabel...

Ela sentia um frio tremendo e não tinha nada a ver com a temperatura exterior.

– Era difícil saber o que tinha acontecido com você quando você desapareceu tão repentinamente de Londres, – continuou Daniel, – Não é elogio, mas eu não poderia deixar de me perguntar se a nossa pequena conversa e seu desaparecimento foram relacionados. Fugiu para evitar um confronto, mas por um longo tempo você desapareceu e então eu pensei que se fizesse amizade com Lady Isabel, talvez, eu soubesse algo mais sobre o assunto.

– Amizade? A seduziu. Chama isso de amizade? Basta...

– Meu Deus! Mude as suas palavras, certo? Eu nunca toquei na garota... bem um pouco. Em qualquer caso, "*sedução*" é uma palavra muito exagerada. Além disso, quando eu percebi que ela não sabia onde você estava, mas também não entendia por que você fugiu durante a noite, e percebi que tinha deixado Londres por minha culpa.

Kate não disse nada. Ela não tinha intenção de confessar que, de fato, depois daquela noite ela não pensou mais naquela conversa até que Burke apareceu para dizer que Isabel havia fugido com ele. Havia coisas mais importantes que a preocupavam.

– Então, eu criei um plano inspirado pelo ditado: *Se você não está vai para Deus, Ele vai a você* " Sabia o quanto gostava da filha de Traherne, essa insípida garota. E com certeza imaginou que ela poderia estar em perigo, e então correria para ajudá-la mesmo que a levasse a encontrar-se comigo novamente. E eu estava certo. Aqui está você, – falou ele com o sorriso malicioso que ela conhecia tão bem.

Todo o corpo de Kate tremia. Ela fez um esforço para tornar sua voz mais forte e pudesse responder.

– Pensa que vou ficar aqui ouvindo você em silêncio, como se nada tivesse acontecido? Francamente, acho que você deve estar louco e não tenho vontade de conversar com um porco. Boa noite.

Ela virou-se com a intenção de refugiar-se em seu quarto, mas não deu nem dois passos quando ele pulou a grade e agarrou o braço dela.

– Não tão rápido, – disse Daniel com um charuto entre os dentes.

– Me solta!

– Vamos, vamos. Onde você vai? Ainda não terminei de falar.

Ele falou baixinho, mas Kate pode ver o perigo oculto sob a aparente calma. Aquele homem

era como as águas calmas de um rio. Sempre devia desconfiar dele.

– Deixe-me ir, por favor Daniel, – ela implorou sabendo que era inútil tentar escapar. Tentou outra coisa.

– Me solta e não vou contar a ninguém que você estava lá, eu prometo. Ninguém acreditou em mim na primeira vez não é?

A violenta emoção alterou o rosto do homem.

– Na primeira vez? – Repetiu ele aproximando seu rosto a polegadas do dela. Kate aspirou o hálito quente de sua respiração em que predominava o cheiro de cigarro.

– Senhor! Não houve nada na primeira vez você sabe? Eu não tive nada a ver com o incêndio. Você entendeu? Nada! – Insistiu ele, a sacudindo com raiva.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Kate, mas ela nada sentia.

– É mentira, – atreveu-se a responder num sussurro.

Nada além da verdade a importava. E ela queria ouvir a verdade. Queria sair de uma vez fora das camadas do silêncio e das mentiras que a manteve amordaçada.

– Você sabe perfeitamente que estava lá, – acrescentou, – Eu o vi. Você estava lá e viu como eles foram queimados vivos.

Ela estava olhando para as sombras do passado. Já não estava no terraço e sim no corredor cheio de fumaça de sua casa. Tinha aberto a porta do quarto para descobrir com espanto, que embaixo da porta do quarto de seus pais saíam chamas enormes.

– Eu estava lá, – ela repetiu, – Na escada. E você segurava algo em suas mãos. Uma espécie de caixa de ferro branco, que exalava um odor fétido. Cheirava a óleo. Por um momento pensei que meu pai tinha quebrado a lamparina, mas isso não explica a presença de chama tão altas e repentinas. Tudo, absolutamente tudo estava em chamas. As cortinas do dossel ficaram pulverizadas, o tapete, tudo. Então eu tentei ajudar, mas você... você me impediu.

De repete, Daniel segurou o pulso de Kate, jogou o cigarro fora e começou a sacudi-la para que ela saísse daquela visão.

– As coisas não deveriam ter acontecido dessa maneira, – ele rosnou com uma expressão que Kate nunca tinha visto antes.

Desespero.

– Imaginei que você e sua mãe haviam deixado Londres. Seu pai quis enviá-las para o campo para protegê-las durante o julgamento.

– Minha mãe achava que isso seria considerado como uma fuga e um ato de covardia.

– E morreu, – gritou Daniel asperamente. – Tive que impedir seu pai de falar, entende? Ele possuía as provas de que eu sabia desde o início que as minas estavam vazias. Não podia permitir que provasse isto. Eu nunca quis machucá-la, nem a sua mãe ou você. Mas você estava lá.

Pronunciou a última frase sacudindo Kate em cada sílaba, mas ela não podia sair desse tipo de hipnose que havia penetrado. O assassino de seus pais estava diante dela e acabou de confessar isso. Ela não estava louca. Ela não havia sonhado. Ela realmente viu Daniel Craven em sua casa na noite do incêndio.

– Eu pensei que você estivesse inconsciente, – ele continuou em um tom muito semelhante ao esgotamento. Pensei que tivesse desmaiado. – Mas com certeza, eu escolhi partir. Por sete anos. Sete anos eu passei neste país miserável onde quase morri de calor. Eu não aguentava mais ficar ali. Eu pensei que depois de todos estes anos... Mas não. Nada! Você não esqueceu nada. Tal como os elefantes, caramba! Continuava me acusando.

Kate voltou a si de repente, com fogo em seus olhos.

O que ele estava querendo dizer? Que tudo aquilo foi apenas um acidente?

– Não acreditou seriamente que eu o perdoaria, não? Que eu poderia perdoá-lo por ter matado meus pais e destruir a minha vida?

Daniel respondeu com uma risada, enquanto apertava os ombros de Kate:

– Claro que não! Você acha que fiz tudo isso, que carreguei uma fedelha por todo o país, com a única finalidade de obter seu perdão? Claro que não!

Ela estreitou os olhos.

– Então o que quer...

– Eu só quero matar você também Kate, – disse ele calmamente.

Capítulo trinta e dois



– Eu devia ter deixado você morrer com seus pais– prosseguiu Daniel ante o olhar horrorizado de Kate, – mas era estupidamente sentimental nesta época. Eu salvei sua vida, em vez de tirá-la. Se eu soubesse que sete anos não foram suficientes para apagar está triste história de sua mente e que ainda continua me odiando....

– Como pode-se não odiar o homem que assassinou meus pais e ainda espalhou o boato de que meu pai cometeu suicídio, levando sua mãe com ele? Você tem a menor ideia do que foi para mim superar isso? E o funeral? E a investigação? Meu Deus! Eu até pensei que tivesse sido melhor que me deixasse morrer. Teria sido muito mais fácil. Mas você fugiu como um ladrão, como o covarde que você foi e sempre será.

– Esse é o tipo de atitude que não posso suportar.

Com uma velocidade que a apanhou completamente de surpresa, a pressionou contra ele, obrigando-a a virar-se e colocando o braço em volta do pescoço dela. Kate tentou soltar-se, chutou e deu uma cotovelada no estômago. Tudo em vão. Quanto mais ela lutava, mais ele apertava seu pescoço.

– Sabe de uma coisa Kate? Estou fazendo um favor a você. Não deveria ter uma opinião tão baixa a meu respeito.

Ela estava perdendo o fôlego, a vista começou a ficar nublada.

– O que tem sido sua vida desde então? Você foi obrigada a servir de dama de companhia a filhas insuportáveis de boa família, como Isabel Traherne... que vergonha! Você deveria me agradecer o final do seu sofrimento. Pobre Isabel. Quando ela encontrar você aqui amanhã, com o pescoço quebrado, lamentará profundamente que tenha causado tantos problemas.

Kate arrependeu-se por não ter dito que estava grávida. Talvez, ele poupasse sua vida. Parecia até que ele ficou chateado quando foi forçado a matar sua mãe.

– Pensei que você sofresse de sonambulismo, quando entrou no salão em meio a toda aquela fumaça. Você parecia um fantasma com sua camisola branca. Então começou a gritar e eu compreendi...

Kate estava lutando desesperadamente para respirar. Via estrelas em todos os lugares, mas com certeza era apenas uma ilusão, porque estava prestes a morrer...

Foi tudo sua culpa. Ela percebeu a armadilha desde que o marquês pronunciou o nome de Daniel Craven em Lynn Regis. Isso não impediu que ela caísse dentro da armadilha, quando sabia

perfeitamente que Daniel Craven levou Isabel com esse objetivo em mente.

E veio para cá porque Burke pediu a ela que viesse.

As estrelas dançavam diante de seus olhos. Estava morrendo. Não era tão terrível, afinal.

De repente, aconteceu um milagre. A pressão no pescoço desapareceu e estava livre.

Disparou para a frente e olhou o chão caminhando em sua direção assim como o ar gelado recarregava seus pulmões. As palmas de suas mãos e joelhos colidiram contra uma superfície dura e descobriu meio sufocada, que havia caído no chão.

Ouviu um estranho som abafado. Já não via as estrelas e naquele momento tudo estava escuro. Parecia que alguém estava dançando em suas costas, mas não ouvia música.

Então, percebeu o cheiro de fumaça. Novamente, como sempre. Fumaça. Mas não era o cheiro acre de fumo. Era outra coisa. Algo que não deveria estar queimando, mas estava.

A escuridão que a impedia de ver estava a desaparecendo e como iluminada por um raio, viu que as cortinas da janela-porta estavam sendo consumidas pelas chamas. Quando Daniel jogou o charuto, ele deve ter rolado para ali e ateou fogo nas cortinas.

E Isabel estava lá dentro.

Kate virou a cabeça. Agora ela podia ver. Ela estava deitada na varanda com as mãos e os joelhos esfolados. A garganta doía terrivelmente, e perto dela estava... Daniel.

Mas ele não estava sozinho. Alguém segurava pela garganta, do mesmo modo que ela foi pega um segundo antes. Burke. Era Burke!

Então ela lembrou-se do fogo. Isabel estava dormindo pacificamente em um quarto cujas cortinas estavam pegando fogo. Ela teria que salvá-la a qualquer custo.

Levantou-se como pôde, agarrou o corrimão e tropeçou na porta da varanda. Kate puxou a cortina com toda a força e ela caiu no chão úmido do terraço. A segunda cortina seguiu o mesmo caminho. Depois foi a vez do tapete. Pisou nele um pouco, mas como pegava fogo ela derramou um pouco de água da vasilha que estava em cima do lavabo. O resto da água derramou nas cortinas.

Através da espessa fumaça que subia para a noite, Kate distinguiu vagamente uma forma no terraço. Apenas uma. Estava escuro demais para distinguir os traços do homem que aproximava-se dela. Por um momento, enlouquecida, pensou que pudesse ser Daniel.

Quebrou a janela com o vaso e pegou um pedaço de caco do vaso quebrado e com ele fez um gesto ameaçador.

– Pare! – Tentou dizer ao homem que continuava avançando. Sim, ela tentou, mas só conseguiu emitir uma espécie de resmungo. Sua garganta doía muito.

Felizmente, ela ouviu uma voz familiar, uma voz muito querida.

– Kate, sou eu. Você está bem?

Encontrou-se abraçada no mais terno e mais maravilhosamente reconfortante braço.

– Burke! – Resmungou.

– Você está bem? – Ele repetiu afastando-a e olhando-a cuidadosamente. – Meu Deus, Kate, ele queria matá-la!

Ela não sabia se chorava e ria ao mesmo tempo. Não querendo chamar a atenção dele para seus ferimentos, agarrou as lapelas do casaco, mas Burke segurou as mãos dela e olhou para as palmas.

– Não é nada grave. Nem mesmo sai sangue. E sua garganta? Dói muito? Deus, seus dedos estão congelados. Vamos entrar.

– Burke! – Chamou agarrando-se a ele. – Isabel!

– Ah! – Disse ele virando os olhos para o que restava das cortinas como se as estivesse olhando pela primeira vez, Isabel não está no quarto. Ela acordou, quando ouviu que um homem estava falando com você sobre o balcão e correu para me buscar. Ela não sabia que era Craven.

Um enorme alívio inundou Kate. Pobre Isabel! Seria horrível para ela, quando soubesse a verdade.

Em seguida, correu para o terraço com um olhar interrogativo.

– Ele está morto Kate! – disse Burke em um tom que contrastava duramente com a ternura de seu rosto enquanto tirava alguns fios de cabelo de seus olhos. – Ele não vai mais incomodá-la.

Como essa resposta parecia não ser suficiente para Kate, ele fez um gesto, mostrando o corpo de Daniel, que estava com a cabeça torcida num ângulo nada natural.

Kate olhou para longe.

– Ele assassinou seus pais, e teria assassinado você e nosso filho caso eu não tivesse aparecido. Eu não estou arrependido do que fiz Kate.

– Não, – ela admitiu apoiada no peito de Burke...

Kate, com sua dor de garganta, não encontrou energia para dizer mais alguma coisa. Em seguida Burke a ergueu nos braços e atravessou o quarto cheio de fumaça para o corredor onde estavam os proprietários e muitos criados, segurando velas e com um olhar de espanto.

– Tudo bem, – disse Burke com sua franqueza habitual, – A senhorita Mayhew está bem.

– Papai! – Gritou Isabel com as roupas amassadas com os quais ela havia dormido, – eu estava tão preocupada! Tem certeza...!

– Todo mundo pode ir para a cama, – disse Burke– exceto você, – apontou para o proprietário. – Terá que limpar algo no terraço. E quando amanhecer terá que ir à procura das autoridades.

O homem entendeu imediatamente a que tipo de limpeza Burke referia-se, mas sua esposa olhava para Kate com preocupação.

– Temos que chamar o médico para a senhora. Kate sacudiu a cabeça vigorosamente.

– A senhorita Mayhew não precisa de um médico, – disse Burke. – Por outro lado, a senhorita Isabel com certeza gostará de regressar ao seu quarto.

O corredor esvaziou-se quando Burke, usando sua autoridade inata, convidou a todos para sair imediatamente.

Levou Kate para o quarto dele, uma sala confortável com uma decoração muito masculina. Sob a luz da lareira podia ser vista uma enorme cama de dossel.

Colocou Kate na cama sob as cobertas, depois ele conseguiu colocar algumas lenhas na lareira, gradualmente ela foi esquentado o ambiente.

Ignorando os protestos dela, lavou e cuidou dos arranhões e depois aliviou sua dor de garganta forçando-a a beber chá, como um amante ou um marido atencioso. No entanto...

No entanto, era necessário que ele soubesse que tudo aconteceu por culpa dela. A forma como Daniel seduziu Isabel, porque ele a "*sequestrou*" e a levou para o outro lado do país. Tudo. Se Burke não a odiava antes - e Deus sabe que ela merecia pela forma como o tratou anteriormente, agora havia bons motivos para fazê-lo.

Ia receber o que estava merecendo. Mas ele também tinha que saber que estava arrependida. Se fosse muito...

Ela abriu a boca...

Capítulo trinta e três



– Eu...

Não foi fácil dizer, sobretudo com aquele olhar penetrante fixos nela. E isso custou pensar coerentemente.

– Eu... eu...

Bem, foi um começo. Ela estava recuperando sua voz. O chá fez um milagre. O que estava dizendo? Ah, sim!

– Desculpe.

Isso mesmo. Perfeito.

Deixando de lado o fato de que agora Burke a olhava intrigado. Talvez... afinal, ele também não era tão perfeito.

– Lamento que Daniel Craven... Foi por minha culpa o que aconteceu entre Isabel e ele.

Burke abaixou a cabeça indicando que não estava ouvindo direito.

– Sua culpa. – Repetiu ele.

– Sim. Daniel percebeu que eu o vi naquela noite do incêndio. Ficou com medo de que eu contasse para alguém e resolveu matar-me. Mas não sabia onde eu estava e Isabel foi usada como isca.

– Mas você disse isso a muitas pessoas.

– Sim, por sete anos. Mas ninguém acreditou em mim.

– Craven não sabia. Kate fez uma careta.

– Na verdade, eu mesma estava com dúvidas. Freddy estava convencido de que eu estava imaginando coisas e por vezes, eu dava razão. Era mais fácil que admitir a verdade.

– Você está perdoada. – Disse ele baixinho.

– Perdoada? Eu?

– Claro que sim. Agora você mostrará a todos que eles estavam errados. Que foi Daniel Craven e não seu pai que desapareceu com o dinheiro. Foi ele quem ateou fogo à casa, como você sempre disse.

Ela sentou-se lentamente, assustada.

– Sim. Você está certo, mas... Eu não tenho nenhuma prova. Burke sentou-se na beirada da cama e encolheu os ombros.

– Um momento atrás, ouvi Daniel confessar ter feito isso.

– Você ouviu...

– Sim! Farei amanhã um comunicado. As pessoas terão notícias frescas para ler nos jornais de Londres. Quando encerrar a semana, o nome do seu pai vai estar tão limpo como o da rainha.

Kate sacudiu a cabeça em descrença. Ela não conseguia acreditar em sua sorte. Estaria tão pobre como antes, mas o nome de seu pai e sua reputação seriam resgatados e limpos. Isso era mais valioso do que todos os diamantes do mundo.

– Claro, que para você não mudará nada, – continuou Burke. Ela o olhou com espanto.

– Como? O que não vai mudar para mim?

– Que o nome de sua família seja reabilitado.

– Você está louco? Pelo contrário, vai mudar tudo. Tudo!

– Eu pensei que você não quisesse ter nenhuma relação com o meu mundo, – ele observou com um tom monótono:– Não é isso que você disse esta manhã? Que não queria mais? E que preferia criar seu filho sozinha, a ficar cercada por pessoas que condenaram seu pai, antes dele ser julgado, deixando Daniel Craven livre?

Kate sentiu-se corar e ficou surpresa ao notar que era capaz de fazer isso, depois de tudo o que ela experimentou com este homem. Aparentemente, ela ainda sentia vergonha de algumas coisas.

– Eu sei, Burke. Isso é o que eu disse nesta manhã. Mas antes mesmo que encontrasse novamente Daniel, percebi que eu estava errada. A única coisa que importa é...

– Será gratificante mostrar para todas as pessoas que estavam erradas, – interrompeu Burke. Eu teria gostado de fazer o mesmo em uma época da minha vida.

– Você? – Kate ficou surpresa.

– Sim, – ele respondeu, olhando para as mãos dela que estavam apoiadas nas pernas. – Você ouviu o que disseram sobre mim, Kate.

Ela assentiu.

– Claro que ouvi algumas coisas, mas eu nunca acreditei em rumores. Então eu quero que você saiba que...

– Às vezes, os boatos são úteis, sabe? Especialmente os que se referem a mim. Ele olhou para ela com uma expressão de amargura misturada com compaixão.

Kate desviou o olhar, desconfortável.

– Eu não sei o que você quer dizer, Burke.

– Claro que sim. Tenho certeza que seu amigo Freddy falou sobre o marquês de Wingate. Que era um ser insensível e jogou o amante de sua esposa pela janela e fez tudo que podia para impedi-la de ver sua filha. Não é isso que ele disse a você, Kate?

– Bem, talvez possa ter dito...

– Talvez não. Claro que disse. E eu prefiro que você esteja ciente destes rumores, porque eles são, por vezes, menos cruel que a realidade.

Percebendo a sua expressão de espanto, continuou:

– Eu nunca impedi a mãe de Isabel de vê-la. Eu atirei seu amante pela janela, tudo bem, mas o outro... Se Elizabeth tivesse manifestado o desejo de ver sua filha, eu a levaria para a Itália. Mas para Elizabeth a filha não fazia falta. Durante o julgamento de divórcio, discutiu apenas o dinheiro que teria que pagar. Isso era tudo o que importava para ela. Em nenhum momento mencionou o nome de sua filha.

– Por essa razão afinal, eu decidi que era melhor que Isabel ouvisse os rumores a mim dirigidos e acreditasse. E portanto, nunca a desmenti. Era melhor que as pessoas imaginassem que eu fosse um ogro do que dizer que minha ex-esposa não queria sua própria filha e nem se importava em vê-la.

– Eu entendo.

Ele a olhou com expressão ausente.

– Ai está, – ele continuou. – Você já conhece a minha história triste. Interessante não é? Você odeia as pessoas da alta sociedade de Londres por sua hipocrisia e sua propensão para a fofoca e eu gosto delas pela mesma razão.

Burke levantou-se de repente.

– Mas isso não muda as coisas. Você já tomou uma decisão e não há nada mais a dizer. É uma pena que nós não tenhamos encontrado um ponto comum entre nós dois, porque poderíamos nos divertir contando para eles um monte de coisas. Não, você está certa, é melhor assim. Agora, eu acho que tivemos bastante excitação para esta noite. Será melhor deixar você dormir, – falou caminhando em direção à porta.

Kate afastou os cobertores e levantou-se.

– Espere!

Ele voltou-se com um olhar indecifrável.

– Kate, você sofreu um grande choque e precisa descansar. Deite-se novamente.

– Não! – disse ela sem se mover, apenas torcendo os dedos nervosamente. – Será que você, por favor, pode sentar aqui alguns minutos?

Ele parecia prestes a dizer algo, mas mudou de ideia e sentou-se de novo no mesmo lugar onde estava antes. Os rostos de ambos estavam na mesma altura.

– Então? Eu estou ouvindo.

Ela encontrou dificuldades em manter seu olhar. Eles não se tocavam, mas sua proximidade a deixava nervosa. Era como se ele a estivesse abraçando. Só a visão de suas coxas poderosas e seu peito peludo através da abertura da camisa, fazia sua cabeça girar. E depois havia o cheiro, a

virilidade que emanava dele, tais como a força do sexo masculino e ao mesmo tempo a vulnerabilidade.

– Eu... – começou.

Mas o olhar de Burke era muito perspicaz. Ela olhou para baixo, que infelizmente acabou entre as pernas dele, no lugar onde o robe estava aberto. O que estava escondido ali não era visível, mas ainda o sentia em seu coração, aquele calor que só ele era capaz de provocar.

– Eu... eu peço desculpas.

– Você já fez isso, lembra?

Finalmente criou coragem e o olhou nos olhos, vendo algo que não conseguiu identificar. Um dia, há muito tempo, seu pai a presenteou com uma joia em seu aniversário. Uma esmeralda da mesma cor dos olhos de Burke. No centro da pedra notava-se uma fissura, e agora parecia vê-la também nos olhos dele. Nas profundezas da fenda avistava sua alma.

– Quanto a Daniel, sim, – disse colocando a mão nos ombros de Burke. – Não posso expressar o quanto lamento o que ele fez a Isabel. Mas eu também sinto muito pelo que eu disse esta manhã.

– Bem, eu também sinto muito. Mas isso não muda nada, não é?

– Provavelmente não, – ela murmurou.

Pronto. Ele acabava de reduzir suas esperanças em cinzas com uma facilidade desconcertante. Mas ela insistiu:

– Talvez... Eu tenha me apressado um pouco.

– Apressou-se... – repetiu ele com os olhos fixos nela.

– Recusando-se a...

Ele levantou uma sobrancelha.

– Você recusou-se a fazer o quê?

Não pretendia fazer as coisas tornarem-se mais fáceis. Ele sabia perfeitamente o que ela estava falando, mas parecia disposto a fazê-la sofrer um pouco antes de admitir.

Bem, ela merecia.

– Burke, – começou novamente com os dedos acariciando o roupão, – eu quero voltar a Londres amanhã com você e Isabel.

Ele levantou outra sobrancelha.

– Sério? Compreendo que é normal querer ouvir em primeira mão as desculpas de todos aqueles que deram as costas.

– Não é isso. Você acha que eu ligo para isso?

– Não? Mas foi isso que você deu a entender esta manhã. Ao contrário, nesse momento, a opinião das pessoas pareciam ser muito importantes para você. Mas de qualquer maneira, caso

– você queira voltar para Londres conosco, está certo. No entanto, se está pensando em voltar para assumir seu lugar como a dama de companhia de Isabel não espere por isso.

– Por quê? – Ela perguntou.

– Acredito que depois de sua fuga com Craven, já não irão convidá-la para qualquer evento. Sua reputação está completamente arruinada e não vai precisar de dama de companhia.

– Não, realmente, – admitiu Kate. – Mas ela ainda precisa de uma mãe.

– Você acha? E você tem candidata em mente para ocupar este posto?

– Burke, – ela disse lentamente. – Lamento muito não ter falado antes de... de nosso filho. E de haver dito que não queria casar-me com você. Eu me comportei como uma hipócrita....

Ele sorriu.

– Gosto muito das suas hipocrisias.

Então, não podendo conter-se por mais tempo, a segurou firmemente pela cintura e a colocou entre suas pernas, onde o robe estava aberto.

Sustentando seu olhar, ela permitiu que as mãos dele segurassem sua cintura e logo depois uma parte de sua anatomia, que despertava grande interesse nele.

– Eu também. – Ela admitiu não sabendo muito bem o que estava admitindo. Ela perguntou a si mesma o que Burke diria se ela desfizesse o nó do cinto que segurava suas calças. Certamente diria que era mais hipócrita do que nunca. Deve ter tocado em uma parte muito sensível, já que ele, estremeceu de repente e aumentou a pressão sobre a cintura dela. E nos olhos dele, ainda continuava aquela expressão indefinível, que já havia detectado.

– Kate... – iniciou ele.

Em vez de afastar-se, ela empurrou um dos lados do robe, e viu que o marquês estava nu como no dia em que foi surpreendido no banheiro. E aquela coisa que tanto a assombrou naquele dia, adquiriu proporções que a surpreendeu, até mesmo depois de tê-lo visto em diferentes situações.

– Kate...

Ela não o ouviu. Como num transe, colocou seus dedos no membro ereto. Pela primeira vez, foi Burke que prendeu a respiração. Ele soltou a cintura dela, agarrou seus quadris e a puxou com um grunhido inarticulado. Kate colocou a mão sobre seu peito, mas manteve a outra onde estava, mesmo quando ele capturou sua boca e enfiou a língua dentro dela.

Caíram de costas na cama em um emaranhado de rendas e cetim. Os longos cabelos de ouro de Kate criou uma espécie de refúgio em torno deles. Burke queria ficar em cima dela, mas Kate o deteve.

– Ainda não, – murmurou ela.

Seus lábios tomaram o lugar da sua mão no peito dele. Ela o beijava enquanto acariciava o

pelo dele com o nariz, antes de começar uma lenta descida para seu ventre.

Em seguida, ele foi forçado a interrompê-la.

Não é que ele não gostasse do que ela estava fazendo... colocando seus lábios no seu membro como ela secretamente sonhava em fazer há semanas. A verdade é que ele estava ardendo de desejo por ela, depois de ter estado à beira de perdê-la e já não conseguia mais pensar.

Kate não parecia estar disposta a render-se. Ela olhou para sua ereção impressionante.

– O que é bom pra mim, é bom para você não é?

Burke não respondeu, porque a boca de Kate já estava em seu sexo. A mesma boca que tanto o fascinava, estava agora no lugar onde sempre sonhou que estivesse.

Mas não por muito tempo. À beira do orgasmo, pegou o rosto de Kate entre as mãos e juntou seus lábios aos dela. Lentamente deitou-a na cama. Apenas poucas horas haviam passado desde a última vez em que fizeram amor, mas teve a sensação de que isso aconteceu há anos. Precisava entrar logo nela, senão morreria.

Ele levantou a camisola sem sair de seus lábios, e deslizou a mão entre as pernas de Kate acariciando a partir da coxa até o tornozelo, lentamente. Então, tomou um seio na boca e chupou avidamente através do tecido fino. De repente ele separou as pernas de Kate e a olhou nos olhos.

Então Kate pode ver o que estava no fundo de seus olhos, descobrindo um desejo cru e possessivo e também angústia e desespero. E acima de tudo, amor. Um amor tão profundo, tão infinito, que questionou-se como pôde tê-lo abandonado e como imaginou que seria possível viver sem ele.

Ele voltou a assumir sua boca. Ele não a beijava, e sim a devorava. Suas mãos deslizavam em suas nádegas levantando-as até que eles uniram os sexos.

A penetrou com um grunhido de prazer. Ela, como sempre, ficou sem fôlego, encolheu-se como se temesse que esse desejo a rasgasse. Mas quando viu que estava tudo bem, abriu-se para ele, o abraçou e permitiu que ele fosse mais fundo, pouco a pouco, como estivesse entrando em uma banheira cheia de água quente.

Burke queria estar totalmente imerso nela, perder-se nela. Interrompeu o beijo e olhou em seus olhos, introduzindo-se até o fundo.

Kate arqueou-se jogando a cabeça para trás e expondo seu pescoço de alabastro. Os seios inchados, cujos mamilos estavam endurecidos pelo desejo, esmagado contra o peito dele. Estava em chamas, embriagada de prazer, transmitindo todo esse ardor incomparável. Nunca! Nenhuma mulher jamais entregou-se a esse ponto, tanto física como emocionalmente. Nenhuma até então o havia enlouquecido com tanta paixão.

Kate compartilhava completamente seu desejo sincero. Ele começou seus movimentos. Teria preferido fazer mais devagar e com cuidado, mas perdeu todo o controle.

Hesitou quando de repente, ela o abraçou mais forte, enquanto seus músculos internos contraíam-se em torno de seu membro. Kate entregou-se ao orgasmo e era como o sol em um dia de verão, arrastando-o com ela, tremendo de prazer e emoção, até render-se ao fogo maravilhoso.

Burke ficou um tempo dentro dela e Kate não protestou. De qualquer forma não teria a força para fazê-lo. Enredada na camisa dele, esqueceu de vestir, parecia estar morta, mas ele sentiu seu coração batendo no peito, um sinal de que ela ainda estava viva.

Após um momento ele levantou a cabeça e a olhou.

Suas faces estavam coradas e seus olhos estavam com um brilho engraçado.

– Burke, queria perguntar uma coisa para você...

– Sim – ele respondeu esfregando os lábios dela com o seu. – O quê?

– Quer se casar comigo?

– Hmm... eu tenho medo que as pessoas murmurem se não nos casarmos, você concorda?

Ela mostrou que estava de acordo, de uma maneira que não deixou dúvidas.

Capítulo trinta e quatro



– Burke, são contos da carochinha. – Disse Kate, rindo.

Ela estava andando ao lado dele, segurando seu braço com uma mão e com a outra o carrinho da criança.

– De qualquer forma, não devemos correr qualquer risco. – Disse ele com uma expressão preocupada. – Ele é meu herdeiro.

– Mas isso é ridículo!

Usava seu novo chapéu, que havia sido enviado de Londres no dia anterior.

– Você já viu Lady Babbie perto do berço?

– Toda manhã, sentada ao lado dele.

– Sim, porque ela ama o seu filho. Mas você vai notar que disse sentado ao lado do berço não, não dentro dele.

– Apesar de tudo...

– No entanto, isso não é verdade. Pergunte a Nancy. Os gatos não deitam em cima de bebês enquanto eles dormem para afogá-las, Burke. Como você pode acreditar em tal absurdo?

Acenou para a menina que andava um pouco mais atrás, segurando o braço de um homem loiro.

– Você está pior do que sua filha. Burke seguiu seu olhar.

– A propósito, quanto tempo você vai deixar essa questão continuar? – Rosnou.

– O quê?

– Esse flerte... entre Isabel e Bishop.

Kate fez uma pausa e inclinou-se para acertar a posição da touca da criança.

– Francamente, Burke, eles estão muito bem juntos. Você devia estar feliz. Quando Isabel descobriu a verdade sobre Daniel Craven, eu pensei que nunca mais fosse olhar para outro homem. Ela chorou por dias, lembra-se? Agora já não é a mesma. Poderia ter sido pior.

– Pior? O que poderia ser pior do que ter o seu antigo pretendente, como genro?

– Geoffrey Saunders. – Disse ela levantando-se e deslizando seus dedos de volta para a curva do braço de seu marido.

Nesta ocasião, Burke estava empurrando o carrinho e eles continuaram a passear pelos caminhos de Wingate Abbey.

– Pelo menos Geoffrey Saunders era jovem o suficiente para ela, e Freddy poderia ser seu pai.

– Apenas dez anos mais velho que ela, Burke. Você mesmo tem treze anos a mais do que eu. E visível isso.

Ele olhou para ela.

– O que quer dizer exatamente?

A diversão brilhou nos olhos de Kate.

– Isso deve prepará-lo para o inevitável: Duncan terá de começar carregar coletes de flanela. Você começa a acreditar em contos da carochinha e ter ciúmes de Isabel. Não me surpreende que logo sofra de reumatismo. Então o que você acha de um copo de leite morno antes de dormir, Burke?

– A informo, Lady Wingate, que tenho a mesma necessidade de casacos de flanela como você de uma bengala. E eu não tenho ciúmes do admirador da minha filha, e sim do homem que foi um dos seus admiradores.

– Isso é história antiga, – disse ela indiferente – Tudo isso pertence ao passado, como a soprano. Jurou que agora o mais importante para ele, é Isabel.

Burke olhou ceticamente e ela se absteve de dizer que isso era uma reação típica de um homem de sua idade. Mas, com trinta e sete anos ele ainda estava em excelente forma. Burke mostrava todas as manhãs, que estava determinado a cumprir sua promessa de acordá-la fazendo amor;

– Além disso, se a ideia de ter Freddy como genro o desgosta, imagine o que deve sentir a senhora Palmer ao saber que serei a sogra de seu filho. Inclusive agora, quando todo mundo sabe a verdade sobre meu pai, ela ainda o acusa de ter apressado a morte de seu marido. Que desonra para ela ver seu filho aparentar-se comigo pelo casamento! Para não falar no que você fez na casa dela.

– Na sala de estar dela. – Ele corrigiu. – E além do mais ela falou coisas desagradáveis sobre você. Enfim, acho que você está certa, Freddy não é tão ruim. Afinal foi ele quem me disse onde você estava escondida certo?

Burke sorriu, abraçando seu filho:

– Oh, essas damas de companhia! São uma fonte de complicações. Pelo menos não vou ter que encontrar uma para você.

– Não, – admitiu Kate. – Mas um dia você poderá ter que encontrar uma para a irmã dele. Ou talvez duas.

Burke parou de abraçar seu filho.

– Oh, não! – Exclamou com espanto.

Kate começou a rir, apertando o braço dele.

– Oh, sim!

Sobre a Autora



Meg Cabot nasceu no dia 1º de fevereiro de 1967, sob o signo astrológico chinês do Cavalo do Fogo, notoriamente um signo azarado. Por sorte, ela cresceu em Bloomington, Indiana, onde muito poucas pessoas tinham consciência do estigma de ser um cavalo do fogo - pelo menos até Meg alcançar a adolescência, quando ela repetiu em Álgebra duas vezes no primeiro ano e decidiu cortar sua própria franjinha. Seis anos depois de se formar na universidade de Indiana (onde ela só entrou porque seu pai era professor de lá), Meg se mudou para Nova York bem no meio de uma greve dos funcionários da limpeza pública. Ela tentou seguir a carreira de ilustradora, mas isso não deu certo em absoluto, forçando-a a se voltar para o seu hobby favorito - escrever - para buscar alívio emocional. Ela passou por vários trabalhos para poder pagar o aluguel, incluindo dez anos de administração de um dormitório de 700 calouros na Universidade de Nova York, posição da qual Meg de vez em quando sente saudades.

Ela é autora de mais de 60 livros para jovens e adultos, muitos dos quais se tornaram best sellers, com destaque para a série "O Diário da Princesa", que foi publicado em diversos países, vendeu milhões de exemplares por todo o mundo e deu origem a dois filmes da Disney que foram sucessos de bilheteria. Meg também é autora da série "A Mediadora", dos livros "A Garota Americana", "Ídolo Teen", "Avalon High", vários livros históricos sob um pseudônimo que ela ainda espera que sua avó nunca descubra, uma série de livros inteiramente no formato de e-mails ("Garoto Encontra Garota", "O Garoto da Casa ao Lado" e "Todo Garoto Tem"), um livro de mistério ("Tamanho 42 Não é Gorda) e o chick-lit "A Rainha da Fofoca", sobre uma jovem que fala demais, o que é um traço de personalidade que não se aplica à Meg em absoluto.

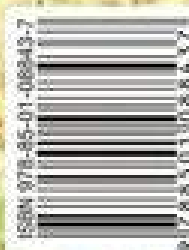
“*Não* que lorde Wingate não fosse bonito.

Ela o achava atraente, embora não propriamente belo. Freddy era muito mais bonito, com seus cabelos louros e as covinhas no rosto — era extremamente britânico, tanto na aparência quanto na cabeça vazia. Burke Traherne, por outro lado, tinha ar de cigano.

Não havia nada irregular em seus traços, mas eles não pareciam ter se constituído com a intenção de agradar. Ele tinha um rosto atraente — um tanto ameaçador, quase cruel —, mas certamente nada que provocasse suspiros.

Aqueles ombros, por outro lado...”

WWW.RECORD.COM.BR
/GRUPOEDITORIALRECORDOFICIAL
@EDITORARECORD
#GRUPOEDITORIALRECORD



[\[1\]](#) Dança polonesa; a música para este tipo de dança.

[\[2\]](#) Pessoa exigente, criador de casos. É como elas chamam o mordomo.